

As 2000 rs. Vergue de Abreu off. de ...

PADRE JOÃO MANUEL

*João
Cristóvão*

REMINISCENCIAS

SOBRE

VULTOS E FACTOS DO IMPERIO ^{2/4}
e da Republica



Bolívar & Companhia
Deposite de Livros Usados
Carimbos de Borracha
Misericórdia, 14 - Bahia

1894

TYP. DO «CORREIO AMPARENSE»

AMPARO

- SP



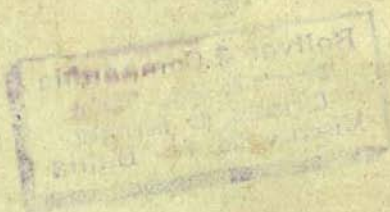
PAPEL 1000 MARBUI

REMINISCENCIAS

1898

VENTA EN LA TIENDA DE LA FARMACIA

DE LA FARMACIA



981.071

CAR



INTRODUÇÃO

Namais entrou em meus calculos a edição deste livro, que não se recommenda por titulo algum, a não ser pela sinceridade com que tracei os seus artigos e por certas curiosidades que ahí se encerram.

O *Jornal do Commercio*, do Rio, em uma de suas varias deu noticia de que estava eu publicando no *Correio Amparense* uma serie de artigos intitula los — *Reminiscencias* — sobre personagens e factos politicos do antigo regimen.

Depois dessa noticia recebi innumeradas cartas, em que se me pediam collecções dos numeros da folha, em que figuravam aquelles artigos. Não as possuindo eu, porque as edições se esgotavam, resolvi então reduzir as *Reminiscencias* a livro, que chegaria facilmente ás mãos dos que desejassem lê-las.

Como, porém, os 24 artigos que escrevi sob aquelle titulo davam apenas para um pequeno volume, entendi que devia addicionar-lhes outros artigos publicados tambem no *Correio Amparense* referentes a pessoas e factos politicos do novo regimen, afim de que ficasse bem conhecido meu juizo sobre certos homens que têm figurado na Republica.

Convém declarar que as *Reminiscencias*... foram escriptas durante o periodo do estado de sitio, em que a imprensa esteve amordaçada, não sendo licito externar pensamento contrario á tyrannia que se impunha pela violencia e pelo terror.

Sendo eu reductor-chefe do *Correio Amparense*, e tendo necessidade de encher suas columnas com materia original

fui obrigado a recorrer ás *reminiscencias* do antigo regimen para entreter a attenção dos meus leitores.

Reconheço que esse meu trabalho não tem merito litterario nem valor historico.

Posso, porém, assegurar que tudo quanto escrevi é a expressão da verdade, que poderá ser attestada pelos mesmos a quem os factos expostos se referem.

Sinto muito que, por incommodos de saude, não tivesse podido comprehender outros vultos importantes da politica, com alguns dos quaes convivi na mais honrosa intimidade.

Parece-me que devendo ser uma das minhas mais gratas *reminiscencias* o discurso que proferi na camara dos deputados a 11 de Junho de 1889, quando se apresentou ao parlamento o gabinete presidido pelo sr. visconde de Ouro Preto, não se me levará a mal que o colloque em primeiro lugar neste desprezencioso livro, que entrego ao juizo de meus concidadãos.

Eil-o :

«O SR. PADRE JOÃO MANUEL (*signaes de attenção*): — Sr. presidente, os ultimos acontecimentos politicos que todos nós temos testemunhado, si por um lado devem causar no espirito publico as mais sérias apprehensões e produzir a mais viva impressão no animo dos Brasileiros, por outro lado devem encher os do maior jubilo, despertando-lhes ao mesmo tempo as mais gratas esperanças pelos futuros destinos de nossa patria. Tudo está indicando evidentemente que este paiz fadado por Deus aos mais gloriosos destinos, em breve passará por transformações profundas e radicaes, e que as velhas instituições, que nos tem humilhado, tendem a desaparecer deste sólo abençoado, onde não puderam consolidar-se nem produzir fructos beneficos. (*Sensação.*)

Tudo é confusão e anarchia: confusão na ordem social, anarchia na ordem politica. Mas tenho fé em Deus que deste cahos medonho, em que se debatem inanes, se estorcem agonisantes os restos de uma monarchia moribunda (*apoiados e applausos*), ha de surgir a luz, essa luz suave e esplendida da liberdade e da democracia, que ha de incendiar todas intelligencias, illuminar todos os espiritos, inflammam todos os corações, cahindo no seio da patria como gottas de orvalho divine, vivificando-a, fecundando-a, como vivificam as flores os raios beneficos de um sol de estio.

Senhores, osapparelhos deste velho systema de governo estão gastos e imprestaveis. Os antigos partidos acham-se divididos, esphacellados...

UM SR. DEPUTADO :—Descobriu isto agora.

O SR JOÃO MANUEL :—Só tenho que dar satisfações á Nação que nos julgará.

Esphacellados pelos odios, annullados pela fraqueza, apodrecidos pela corrupção, estragados pelos vermes das dissidencias que os teem corroido e dilacerado. O senado e o conselho de estado, ende só deveriam imperar a razão e a calma, a reflexão, a prudencia e a sabedoria, teem perdido a sua seriedade (*apoiados e não apoiados*), desmentindo suas honrosas tradições, trahido o seu papel, desvirtuado a sua missão, pervertido os fins para que foram creados, tornando-se facciosos e revolucionarios.

O poder irresponsavel, cercado do prestigio da realeza, investido das maiores e das mais largas attribuições que se podem depositar nas mãos de um homem, abusando escandalosamente das augustas prerogativas que tão de boa fé lhe foram conferidas pelo legislador constituinte, e que tão generosamente foram reconhecidas e aceites pela Nação, esse poder, vós todos o sabeis e sentis, tornou-se o poder unico, supremo e absoluto, tudo avassallando á sua vontade, tudo amesquinhando, tudo abatendo, tudo mystificando, tudo corrompendo, invadindo, absorvendo e suprimindo todos os outros poderes constitucionaes.

Diante desta dissolução dos partidos, que se estragaram e se perderam, diante da anarchia e desmoralisação em que se acham as instituições com que os nossos paes procuraram felicitar-nos, não ha espirito, por mais indifferente, que não se entristeça contemplando os males, as ruinas e as miserias da patria, que é a unica sacrificada aos erros, ás ambições, aos caprichos e vaidades daquelles a quem teem sido confiados os seus destinos.

Si a historia politica de nosso paiz não fosse fecunda em factos que mostram e confirmam esta verdade, bastaria a organização do actual gabinete para desvendar-nos os olhos, tirar-lhes todas as cataratas, desfazer-nos todas as illusões, denunciando ao mesmo tempo, o segredo das intrigas e das conspirações palacianas.

O ministerio 7 de Junho é uma verdadeira monstruosidade (*não apoiados da bancada liberal*) ; nada representa e nada significa de grande, de nobre, de confessavel ; não é um governo da nação, porque vem attentar contra o

sentimento nacional; não é um governo nem ao menos partidario, porque nasceu divorciado do seu partido: é um governo ameaçador, que traz em seu bojo um pensamento sinistro, porque, digamos a verdade, elle é simplesmente um producto da vontade imperial.

O que estamos nós vendo agora de admiravel e de surprehendente?

Dissolve-se a situação conservadora, pujante de força, representada nesta casa por 90 deputados, e chama-se ao poder o partido liberal, que apenas pôde contar aqui com uma pequena minoria.

A quem se deve imputar ou attribuir a responsabilidade deste facto, que é a negação de todos os principios do systema parlamentar representativo...

O SR. JOAQUIM PEDRO:—Aos seus chefes.

O SR. JOÃO MANUEL:—..que é a inversão completa da ordem natural das cousas?

Como se poderá decentemente explicar esse phenomeno estranho de entregar-se o poder ao partido que se acha em minoria na camara dos deputados, em cujo seio reside expressa a vontade nacional?

Sr. presidente, tudo estava escripto, a sentença era irrevogavel!

A exposição de motivos feita pelo nobre ex-ministro do imperio relativamente á crise politica que se operou e cuja solução deu em resultado a queda do gabinete 10 de Março e ascensão do partido liberal ao poder, é de máxima importancia e gravidade, e derrama ao mesmo tempo muita luz sobre os acontecimentos que se deram.

Tenho o dever imperioso de fallar ao paiz com a maior franqueza e lealdade, dizendo tudo o que penso, tudo o que sinto. Não é a hora das recriminações pessoaes; pelo contrario é a hora solenne da coragem cívica e da verdade.

Senhores, vós ouvistes ler aquelle documento importantissimo. A corôa ficou patente, denunciou-se escandalosamente desta vez. Negando a demissão do gabinete, cujo chefe lh'a pedira por seis vezes, a corôa só teve um pensamento: accentuar cada vez mais a scisão do partido conservador. Era preciso fazer crer a este pobre paiz, sempre illudido, que o conselheiro João Alfredo, aquella grande alma e aquelle elevado character, não passava de um ambicioso vulgar, que agarrado ao poder como a ostra ao rochedo, solicitava insistentemente a dissolução da camara, para poder esmagar nas urnas a dissidencia conservadora.

Entrava sem duvida nos calculos imperiaes cavar mais fundo ainda o vallo que separava os chefes conservadores, tornando-os irreconciliaveis e impossiveis pela intriga, pelo odio e pelas paixões, de que se deixassem dominar.

Pois, senhores, não foi uma crueldade, uma crueldade revoltante, conservar esse gabinete longo tempo exposto aos ataques mais violentos, e atado ao posto da calumnia e da diffamação, que fazia parte de um plano perversamente preconcebido e subterraneamente concertado?

Mas em tudo isso, senhores, houve uma completa mystificação para castigo de todos que figuraram nesta comedia: foram todos mystificados.

O SR. FELIPPE FIGUEIRÔA :—Apoiado.

O SR. JOÃO MANUEL :—Mystificado, sinto dizê-lo, foi o nobre ex-presidente do conselho, que chegou a acreditar na sinceridade da corôa negando-lhe a demissão collectiva do gabinete, quando elle devia conhecer de ha muito o grande artista com quem lidava. (*Riso.*)

Mystificado foi o sr. conselheiro Paulino, chefe da dissidencia.

UM SR. DEPUTADO :—Esse não foi ouvido.

O SR. JOÃO MANUEL :—...que commetteu o gravissimo erro de alliar-se aos seus adversarios naturaes para combater um governo composto de membros do seu partido (*protestos*), acreditando, sem duvida, que o poder lhe iria parar ás mãos para realizar o programma de indemnização. (*Protestos.*)

Mystificado foi o sr. conselheiro Corrêa...

O SR. ALFREDO CHAVES :—O regimento é que está agora mystificado.

O SR. JOÃO MANUEL :—.. que recuou vendo-se entre a *espada* e a parede ou naufragou, indo de encontro ao *penedo* da sua preliminar.

O SR. PEDRO LUIZ :—Peço a palavra,

O SR. JOÃO MANUEL :—Mystificado foi o nobre visconde do Cruzeiro, que ainda deu-se ao incommodo de allegar motivo de molestia para não organizar gabinete.

Mystificado foi o nobre visconde de Vieira da Silva, que quiz fazer das fraquezas forças, pondo em contribuição o seu espirito elevadissimo e o seu patriotismo, suppondo poder formar um gabinete, quando o seu partido ainda não estava unido.

Mystificado foi o sr. conselheiro Saraiva, que acreditou submeter a corôa ao seu vasto programma de reformas, que levariam o paiz ás fronteiras da Republica, e que a

corôa aceitou sem restricções, dispensando-o ao mesmo tempo por cautela da incumbencia honrosa que lhe fôra confiada, á primeira escusa apresentada.

Mystificado foi ainda o nobre presidente do conselho, visconde de Ouro Preto, que acreditou galgar ao poder com um gabinete formado de accordo com os seus amigos, quando teve de submeter-se á vontade da corôa, que lhe impoz companheiros com quem não contava.

O SR. VISCONDE DE OURO PRETO (*presidente do conselho*):
—Não é exacto.

O SR. JOÃO MANUEL:—Mystificado foi o partido liberal, que sempre acreditou inaugurar a situação com um gabinete genuino, quando teve a dolorosa decepção de encontrar-se com um ministerio composto de aulicos.

Todos foram mystificados, até a propria coroa, que acreditou ter achado o seu homem capaz de matar a Republica, que surge ameaçadora, quando s. exc. não tem força para dar conta da obra que lhe foi encommendada.

O SR. CANDIDO DE OLIVEIRA (*ministro da justiça*):—
Tanto melhor para v. ex.

O SR. JOÃO MANUEL:—O nobre presidente do conselho sente-se satisfeito...

O SR. VISCONDE DE OURO PRETO (*presidente do conselho*):
—Não, senhor.

O SR. JOÃO MANUEL:—... por ver a sua ambição realzada; e ex. apresenta-se ao parlamento muito lampeiro, muito ancho e cheio de si (*riso*), radiante de jubilo e de felicidade...

O SR. VISCONDE DE OURO PRETO (*presidente do conselho*):
—Não, engana-se.

O SR. JOÃO MANUEL:—... suppondo-se sem duvida um triumphador.

O SR. VISCONDE DE OURO PRETO (*presidente do conselho*):
—Supponho-me uma victima.

O SR. JOÃO MANUEL:—Como se engana s. ex.! A sua victoria é uma verdadeira victoria de Pyrrho. (*Riso.*)

S. ex. preparou a seu geito uma escada para subir, mas por esses mesmos degraus escorregadios ha de rolar cahindo na praça publica execrado e coberto de maldições (*sensação*) porque nutre e afaga o pensamento sinistro de attentar contra as liberdades publicas e a soberania nacional. (*Oh! Oh!*)

Pouco importa que s. ex. appareça armado em guerra, procurando intimidar com a carranca das duas pastas milita-

res. (*Hilaridade prolongada.*) Senhores, vós comprehendéis perfeitamente que não tenho interesse em offender a ninguém, mas considero irrisório o intento de se pretender fazer do nobre ministro da guerra um espantalho para assustar a Republica, quando s. ex. não passa de um bom homem, um cidadão pacato e um militar inoffensivo. (*Oh! He! Riso.*)

A carranca do nobre ministro da marinha, sim (*hilaridade*), sim, esta é mais formidável e mais temerosa, porque s. ex. é homem de lucta e de acção.

Mas eu faço justiça á nobreza de seu character.

Não creio que o nobre barão do Ládario queira renunciar o seu passado de gloria, macular o seu nome honrado, prestando-se a servir de terror, sem pesar a grave responsabilidade do papel que lhe designaram.

UM SR. DEPUTADO :—Está refutando tudo quanto disse. (*Ha outros apartes.*)

O SR. JOÃO MANUEL :—Estou fallando para o paiz. (*Riso.*) Acredito mesmo que o nobre barão atordoado pela surpresa da escolha, não porque não a merecesse, mas por que não a esperava, não tivesse tempo para reflectir, e, obedecendo sómente aos impulsos do seu patriotismo, accceitasse o posto que occupa no gabinete: no momento, porém, em que s. ex. se convencer de que está servindo de instrumento inconfessavel para massacrar, para victimar os seus compatriotas...

UM SR. DEPUTADO :—Não creia que o sr. barão do Ládario seja capaz disso.

O SR. JOÃO MANUEL :—... estou certo de que s. ex. saberá assumir a attitude que lhe impõem o seu brio militar, o seu patriotismo e a sua dignidade pessoal.

O nobre ministro do imperio não é uma carranca (*riso*), é simplesmente uma careta. (*Hilaridade prolongada*)

O SR. PRESIDENTE :—Atenção! Cumpre me dizer ao nobre deputado que essa expressão não é parlamentar. (*Apoiados.*)

O SR. BEZAMAT :—O que admira é que v. ex. tivesse ouvido impassivel, sem reclamar, o que se tem dito contra o imperador.

O SR. JOÃO MANUEL :—S. ex. representa no ministerio o elemento puramente aulico.

O SR. AFFONSO CELSO :—Póde dizer o que quizer; não offende. (*Ha outros apartes.*)

O SR. JOÃO MANUEL :—Ha uma grande differença a at

tender, uns veem para aqui e renegam; eu venho para aqui e professo.

O SR. JOAQUIM PEDRO:—Isso não edifica nada.

O SR. JOÃO MANUEL:—Já se acham ali em jogo interesses do 3º reinado; é preciso destacar alguém para os arraiaes do partido liberal, afim de observar de bem perto o movimento dessas reformas, que se annunciam e se promettem, para impedil-as caso tenham de ser realizadas.

S. ex., portanto, representa no ministerio o olho aulico, esse olho providencial que tudo espreita e tudo vê para salvaguardar os interesses da monarchia.

No posto em que se acha s. ex. representa um papel que lhe é proprio, uma funcção que lhe é pessoal e que só elle pôde preencher e desempenhar. Entretanto não se pôde dizer que s. ex. seja um illustre desconhecido, porque já por mais de uma vez se tem feito notavel, pelas victorias conquistadas nas batalhas de flores. S. ex. representa ainda a imprensa, porque é o redactor chefe do *Correio Imperial*.

Fique certo, porém, o nobre presidente do conselho de que o povo brasileiro não tem medo de carrancas e muito menos de caretas.

S. ex. aventurou-se a uma empreza arriscada, temeraria, muito superior ás suas forças.

Fez-se crenas nas regiões olympicas que a permanencia do partido conservador no poder augmentava o numero de adeptos da Republica. Chegou-se mesmo a dizer que só o partido liberal podia salvar a monarchia do nau ragio a que estava exposta, e de todos os seus chefes foi escolhido o nobre presidente do conselho, como o mais capaz de, usando das proprias palavras que lhe são attribuidas, esmagar a cabeça da hydra republicana, afogando a idéa nova em vilipendios e em sangue.

O nobre presidente do conselho está muito enganado. S. ex. não tem força para conter esse movimento que se levanta possante, para abafar essa onda da opinião que cresce temerosa, que se avoluma, que sobe impavida e que ha de assoberbar e envolver a todos aquelles que ousarem oppor-lhes barreiras.

O seu orgulho e a sua ambição hão de ser castigados, porque s. ex. será esmagado debaixo da pedra que rolará da montanha, impellida pelas lufadas impetuozas do vento da liberdade.

Não nos iludamos, a Republica está feita.

Só lhe falta a consagração nacional. Ella existe de facto em todos os espiritos, em todos os corações brasileiros.

Seria arrojada temeridade ou rematada loucura pretender impedir essa torrente caudalosa da idéa nova, que invade todos os espiritos e se derrama pujante em todo o sólo da patria.

O apparato bellicoso com que o governo procura aterrar o espirito nacional, é desnecessario, porque a Republica não quer brigar.

A revolução é outra: a revolução pacifica, operada pela scintella do patriotismo, incendiando todos os espiritos e abraçando todos os corações brasileiros; revolução que terá o mesmo resultado benefico que teve o da abolição do elemento servil.

O emprego da força, da violencia e da compressão só poderão fazer victimas augmentando consideravelmente o numero de agitadores.

Cada brasileiro se imporá como dever sagrado defender a sua idéa, agitando a opinião publica, fallando á alma nacional, despertando-lhe todos os sentimentos, excitando-lhe todos os estímulos, movendo-lhe todas as fibras patrioticas, concorrendo para a grandeza e felicidade deste paiz, que ha de elevar se como um gigante, impondo-se á admiração e respeito das nações mais civilisadas, bafejado pelas auras puras da democracia.

Não se illuta o nobre presidente do conselho.

Abolida a escravidão, que nos envergonhava, é preciso abolir-se o poder que nos opprime e esmaga, esterilisan do todas as fontes de riqueza e estancando todas as forças vivas da Nação. Uma cousa é consequencia natural de outra.

Não tardará muito que os brasileiros, jubilosos, saudem com enthusiasmo o alvorecer da aurora brilhante da regeneração politica e social.

Não tardará muito que neste vastissimo territorio, no meio das instituições que se desmoronam, se faça ouvir uma voz nascida espontanea do coração do povo brasileiro, repercutindo em todos os angulos deste grande paiz, penetrando mesmo no seio das florestas virgens, bradando energica, patriotica e unanimemente: abaixo a monarchia e viva a Republica. (*Muito bem, muito bem. Apoiados e não apoiados. Applausos prolongados nas galerias e no recinto.*)

VOZES:—Ordem! Ordem!

O SR. PRESIDENTE—adverte ás galerias que não podem dar manifestações.»

XX O meu discurso, que determinou a immediata dissolução da camara dos deputados, assanhou as iras da imprensa monarchista que dirigiu contra mim os mais violentos ataques.

O orgão monarchista, porém, que mais se distinguio nessa campanha, foi o *Diario Mercantil*, de São Paulo, redigido pelo sr. Eduardo Salomonde, que me passou tremenda descompostura em artigo editorial pelo simples facto de haver eu feito minha profissão de fé republicana. Foi tambem nas columnas do *Diario Mercantil* que sahio publicado um telegramma-torpeza, que se figurou como tendo sido expedido do Rio.

Esse telegramma, que me causou profunda indignação, provocou o seguinte artigo que fiz publicar no *Correio do Povo*, de 14 de Setembro de 1889.

«O *Diario Mercantil*, de São Paulo, no dia 8 do corrente estampou em suas columnas o seguinte telegramma, expedido desta côrte:

«Consta que o padre João Manuel, que na ultima sessão da camara se declarou inesperadamente republicano, vae agora abjurar para casar.»

Não precisa ser muito atilado para comprehender o fundo de torpeza que encerra esse telegramma, expedido de encomenda para ferir meu melindre, expondo-me a commentarios desairosos e infamantes.

E' extraordinario, parece mesmo incrível, que a sangue frio, premeditadamente, sem provocação, sem proposito, sem motivo e sem necessidade, se ataque tão covarde e tão brutalmente a reputação de um homem que não se acha em luta com pessoa alguma, julgando-se por isso mesmo a salvo dessas aggressões violentas e grosseiras. Parece, porém, estar escripto que devo pagar bem caro o grave *attentado* que commetti no dia 11 de Junho ultimo, pronunciando-me francamente, em plena camara, contra a monarchia no Brazil.

Os rafeiros sulicos enraivecidos accommettem-me de modo desabrido, em todos os tons e em todos os sentidos procuram abocanhar-me, atassalhando minha honra, maculando o meu nome e enxovalhando minha pessoa com miseraveis embustes e torpes diffamações.

O vil calumniador trahiou-se na fórma que deu ao seu telegramma, dizendo que *inesperadamente* me declarei republicano e accrescentando que vou *agora* abjurar para casar.

Esses dois adverbios exprimem toda a baixeza de sentimentos de quem empregou-os calculadamente para desmerecer e desdourar o acto, que me nobilita e me desvanece na minha vida publica.

Esse desgraçado instrumento do aulicismo desconcertado, no empenho satânico de emporcalhar-me, apanhou esse punhado de lama no charco immundo em que se revolvem as almas apodrecidas, e atirou-m'a em publico, contando sem duvida com a tendencia natural que tem os espiritos facéis de acreditar as mais repugnantes infâmias, a que espiritos perversos dão curso e publicidade.

Logo após o meu discurso fez-se circular, ora em tom de indignação, ora em tom de espanto, ora de pezar, ora de commiserção, que eu só me declarara republicano para poder abjurar e casar me.

Esses rumores infames foram correndo de bocca em bocca, segredatos, cochichados, usando-se da formula usual dos calumniadores—*consta, diz-se, corre como certo, sabe-se de fonte pura, espalha-se* e outras miserias a que, para tisonar, se soccorre sempre a raça maldita dos linguarudos perversos.

Achava-me eu sob a pressão desses boatos que escapavam á responsabilidade pela fórma vaga e impessoal com que eram espalhados, quando o infeliz correspondente do *Diario Mercantil*, suppondo esmagar me com essa clava de lama, não teve escrupulo de atiral-os ao vento da publicidade. Agora sim, posso quebrar o dente venenoso da vibora que se escondia para morder-me, pulverisando a baixa calumnia e confundindo o vil calumniador.

Nas lutas mais irritantes e encarniçadas, a que tenho sido arrastado pelas paixões partidarias, ha sempre um ponto em que me considero seguro e invulneravel.

Meus precedentes repellem essa infame suspeita que a fria perversidade ousa levantar sobre a pureza do meu character sacerdotal. Bem cedo comprehendi que os adversarios dos padres procuram atacal-os de preferencia pelo lado moral.

Preparei-me para a luta, firmando nesse ponto o meu escudo, que ha de resistir a todos os botes da maledicencia, a todos os choques das paixões ruins.

Não consinto que impunemente os salteadores da honra me roubem o thesouro que tenho accumulado durante 23 annos de sacerdocio.

Provoco, desafio a todos os meus desaffectedos para que

esmerilhem minha vida particular — espreitem-me em todas as minhas relações, surpreendam-me em todos os meus actos, penetrem no mais intimo de minha existencia, sigam-me por toda a parte, acompanhem-me em todos os passos, não me percam de vista um só momento; e se encontrarem um acto que possa desdourar um homem de bem, não me poupem, não tenham pena de mim, denunciem-me como um padre relapso e sem consciencia!

Não tenho medo do inquerito o mais minucioso e ainda mesmo o mais perverso.

Vivo só, livre, desassombrado, sem o acanhamento de compadrescos illicitos e sem a perturbação de afilhadagem suspeita.

Minha vida é clara e transparente.

Não se me encontra em ponto algum, em que um homem honesto não possa achar-se. Não tenho esconderijos, nem ando por deveras tortuosas, nem por lugares escusos. Apresento-me sempre tal qual sou sem os biocos da impostura e sem a mascara da hypocrisia.

Julgam-me sem duvida pelas apparencias, porque não tenho a compostura hypocrita de um beato, nem tomo ares estudados de santarrão; julgam-me pelo meu trato social, pelo meu character franco, pela minha physionomia presenteira, pelo meu genio expansivo e muitas vezes brincalhão; condemnam-me finalmente por malignas conjecturas.

Miseraveis!

Bem sabem que no terreno das conjecturas não ha consciencia, nem character, por mais puros, que possam escapar illesos á sanha feroz dos calumniadores.

Quaes são os actos praticados por mim que possam escandalisar a sociedade!

Enquanto a maledicencia não articular factos que me envergonhem, restar-me-ha o direito de desprezal-a, tornando-me superior a seus ataques, porque nesse caso a presumpção será sempre a meu favor.

Pelo que se passa no lôro intimo da consciencia só devo ser responsavel perante Deus, a quem prestarei devidas contas; para com a sociedade, em cujo seio mereço lisonjeiro acolhimento, distinguido por sinceras affeições, corre-me o dever de respeitál-a, esforçando-me por corresponder ao favor com que me honra.

Tranquillisem-se, pois, os meus amigos.

Minha fé catholica é inabalavel. Fiz-me padre por ventade e inspirações proprias, quando podiam imperar em

mim paixões mais ardentes, e não será hoje que descambo para o occaso da vida, com a cabeça embranquecida pelos gelos da idade, que hei de commetter a infâmia de abjurar a religião de meus pais, de cujas verdades nunca duvidei, e cujas doutrinas são a consolação e conforto da minha alma. Adherindo á idéa republicana contrahi como padre deveres ainda mais sagrados, mantendo cada vez mais firme minha fé catholica e mais intransigente meu character sacerdotal.

Quando neste paiz o sopro da democracia fizer desmoronar as corôas e sceptros da realza rolando sobre as ruínas da monarchia, espero em Deus tomar parte nesse *laus perenne*, podendo no meio das multidões frementes de jubilo, illuminadas pelos vividos clarões da liberdade, elevar a hostia sacrosanta como symbolo purissimo e sagrado da verdadeira paz e da felicidade nacional.

Quando a proclamação da republica se fizer ouvir em todos os angulos desta terra abençoada, voando pelos ares a corôa imperial, confio no Altissimo que ainda conservarei intacto meu character sacerdotal e mantereii illesa minha fé catholica.

Tudo se desmoronará, mas estejam certos de que minha corôa ficará segura sobre a cabeça.»

Depois desse artigo que era um natural desabafo á minha justa indignação pela infame calumnia, que encontrou guarida nas columnas do *Diario Mercantil*, de que era principal redactor o sr. Eduardo Salamonde, hoje o mais exaltado dos republicanos, resolvi entrar de novo para a imprensa, collaborando effectiva e assiduamente no *Correio do Povo*, sendo neste posto surprehendido com a proclamação da Republica.

Lembrand-me então da campanha de diffamação que contra mim se tinha organizado para enfraquecer-me perante a opinião nacional pelo monarchismo desapontado por causa de minha profissão de fé republicana, fiz publicar o seguinte artigo sob o titulo—*duas corôas*—, em que desde logo estranhei a facilidade das adhesões ao novo regimen :

« Não ha ainda seis mezes era eu considerado um visionario, um despötado, um insensato, um louco, quando na camara dos deputados vaticinava a proxima quéda da monarchia, que já agonisava moribunda, e o auspicioso

advenço da Republica Brasileira, que começava a despontar no horizonte da patria, como todos a sonhavam, revestida de todas as galas nacionaes, adornada com todas as decorações da democracia, illuminada pelos vividos clarões do patriotismo, festejada, applaudida e endeusada pelas sympathias populares com en'husiastica effusão de jubilo e de felicidade.

Muita gente então me óvitava, como se eu fosse um reprobó, me condemnava como réu de crime de lesa-majestade, me repellia como um verdadeiro excommungado.

Os applicos, na impotencia de seu furor e no empenho satânico de matar a impressão que meu discurso pulesse causar no espirito publico, tudo inventaram para amesquinhar-me, abater me e desmoralisar-me.

Cobriram-me de injurias e de improperios, deprimindo meu character, atassalhando a minha honra, enxovalhando minha reputação, chegando a perversidade ao ponto de espalharem que só me declarei republicano para mais facilmente abjurar e casar-me.

Reagi energeticamente contra essa infamia, dando publico testemunho da integridade de minha fé catholica e da intransigencia de meu character sacerdotal.

Obedecendo aos impulsos do meu melindre pessoal, torpemente offendido, e de minha dignidade professional, vilmente ferida e justamente revoltada, prophetisei ainda com inquebrantavel firmeza e com uma fé viva e inabalavel que em breve a corôa imperial voaria pelos ares batida pelo sopro patriótico da democracia, mas que minha humilde corôa ficaria segura sobre a cabeça!

Tudo se realisou perfeitamente no dia 15 do corrente.

O throno imperial desabou apodrecido ao primeiro brado de *viva a Republica*; o sceptro despedaçou-se e a corôa rolou na praça publica por entre risos e flores e no meio de jubilosas expansões populares.

Tudo desfez-se em pó, tudo desmoronou ao sopro da liberdade, tudo cahiu aos pedaços envilecido pela corrupção, elevando-se brilhante sobre as ruinas das instituições monarchicas a imagem pura, esplendida da democracia triumphante!

E entretanto no meio desse cataclysmo, em que se submergiu e desapareceu o regimen execravel de privilegios, a minha pobre corôa vilipendiada pelos idolatras da realaleza, permanece segura e firme sobre a cabeça, attestando

a plenitude da minha fé catholica e a integridade do meu character sacerdotal.

E hoje, que tudo está radicalmente transformado, que uma nova phase se abre auspiciosa aos destinos da Patria, tenho a consolação de ver multiplicarem-se as adhesões, submettendo-se quasi todos ao novo regimen, até aquelles mesmos que me apedrejaram, que me repelliram, que me diffamaram, que me consideraram um visionario, um insensato, um louco, um excommungado!

No meio, porém, dessa podridão em que se desfizeram as velhas instituições, só um vulto ficou de pé, só um character se conservou puro e immaculado!

O nome do barão do Ladario se impõe ao respeito e admiração de todos que comprehendem e sentem os estímulos do brio, da honra e da dignidade.

Não se rendeu á voz do poder que elle ainda não conhecia.

Bateu-se como um heróe, não propriamente em defesa do principio a que estava servindo, mas em defesa da propria honra, da honra de seu posto, da sua honra militar, que é a sua vida, sua gloria e sua felicidade!

Todos os seus companheiros cahiram na lama, em que se deixaram envolver, só o nobre Barão do Ladario, o velho marinheiro, cioso de seu nome e de suas glórias, resistiu, preferindo ser abatido pela espada e pela bala, recebendo o baptismo de sangue, que purificou todas as suas culpas, e o restituiu cheio de brilho aos applausos da Patria, que apreciará sempre os seus filhos que se distinguirem pela coragem, pelo valor, pela honra, que são os característicos dos verdadeiros patriotas.

Até nesse ponto se realisou minha prophécia, declarando que o bravo chefe de esquadra era homem de acção e de luta.

Minhas homenagens de respeito, de admiração e de entusiasmo ao intrepido e heroico barão do Ladario!

Como agora louvavelmente se apressam a reconhecer e render homenagem ao novo poder, como quem busca fonte limpida, em que possa purificar-se de antigas maculas, como quem procura as aguas lustraes da liberdade para receber o baptismo da redempção social, ficando desaffrontados do jugo aviltante que os opprimia!

Como me devo felicitar vendo os que pareciam mais aferrados ás velhas instituições acompanhando de *tocha em punho* a marcha triumphal da idéa vencedora!

Como me apraz ver se accordarem todas as gerarchias sociaes, representadas pelo clero, nobreza, o povo, para dirigir protestos de adhesão à nova ordem de cousas, que tão brilhantemente se inaugurou no paiz!

Como cresce e se avoluma a onda das conversões, que vão engrossando as fileiras do partido nacional!

Não tardará muito que se veja formado o *grande partido dos adherentes*, ficando os que já eram absorvidos e nullificados pelos que são agora.

Seja, porém, como fôr, essas adhesões em massa, em grande parte hypocritas e fementidas, teem sempre o merito de denunciar que a monarchia, desapparecendo deste sólo abençoado, não deixou saudades, nem mesmo áquelles que mais tempo viveram á sua sombra e que mais largamente gozaram as suas graças.

E' muito commodo passar do regaço da realeza, a cuja influencia se viveu sempre saboreando as delicias da monarchia, para os arraiaes do novo regimen, começando logo a chupar o *tutano* da Republica, occupando os primeiros postos, os postos de confiança, que é de esperar sejam conferidos áquelles que combateram, que se expuzeram ás iras e furor da tyrannia ..

Não faltam agora entusiastas da causa republicana.

E o sr. D. Pedro de Alcantara tinha a simplicidade de crer que podia contar com adhesões sinceras, quando os factos estão demonstrando que ha muito o paiz já estava *republicanizado*, passando o ex-imperador pelo dissabor de ver virados *pelo avesso* os seus amigos e os seus servos.

Só nos consola e tranquillisa uma consideração, e é que a dynastia extinguiu-se para sempre, apedrejada pelos que mais a sugaram, e aviltada por quem mais pretendia explorar as suas minas.

Felizmente os ultimos actos do *principe consorte* matalram de uma vez toda idéa, toda presumpção, toda a esperança de restauração.

No meio da tremenda catastrophe que envolveu e esmagou a familia imperial, o sr. conde d'Eu não perdeu o instincto mercantil, que sempre o inspira e por onde pauta todos os actos de sua vida.

Certo de que lhe escapava o throno, que era principal objecto de suas torpes especulações, resolveu mercadejar a corôa imperial, avaliando-a em dous mil contos de réis, apresentando ao governo provisorio um rol de credores e

uma lista de necessidades a prover, com o que procurava justificar a exigencia daquella somma.

O governo achou que era barato e deu-lhe mais tres mil contos.

Aquella alma sordidamente metallisada, entorpecida pelos calculos inconfessaveis, obcecada pelas ambições criminosas, degradou-se ainda mais, tornou-se ainda mais vil e abjecta, apreçando a corôa no nome irresponsavel do ex-imperador, desse pobre velho inconsciente pela enfermidade, aggravada pelos annos, que sempre se mostrou limpo de mãos, superior ao dinheiro, primando pelo mais nobre desinteresse, não se deixando jamais envenenar pelos sentimentos azinhavralos que movem as almas sordidamente mercenarias.

Devendo estar atordoado com o fracasso da monarchia, o *principe consorte* não perdeu o equilibrio mercantil, mandando perguntar ao governo provisorio se considerava bons e validos os contractos matrimoniaes.

E o que é mais triste e mais vergonhoso é que ; quando recebeu o decreto concedendo cinco mil contos, em vez de dous mil, em que a sordida ganancia arbitrara a corôa imperial, mostrou-se commovido e profundamente grato, dizendo que nunca esperára outra cousa de um governo de que faziam parte os seus amigos Ruy Barboza e Quintino Bocayuva!

O sr. conde d'Eu, porém, tocou ao auge da miseria, chegou á ultima expressão do aviltamento, quando no officio que dirigiu ao governo provisorio, pedindo exoneração do lugar de commandante geral da artilheria, declarou imbecil e impudentemente que, si não fossem as circumstancias, que bem contra a sua vontade o obrigavam a sahir do paiz, *estaria prompto a continuar a servir debaixo de qualquer fórma de governo* á nação que por tantos annos o acolheu em seu seio.

E' o requinte da degradação !

O sr. conde d'Eu, nesse ultimo traço de sua vida no Brazil, descarnou todos os sentimentos sordidos, toda sua alma apodrecida nos charcos immundos dos interesses inconfessaveis.

Os festejos feitos para solemnisar as *bodas de prata* foram os verdadeiros funeraes da monarchia.

O baile da Ilha Fiscal foi um perfeito festim de Balhasar.

D. Pedro de Alcantara perdeu a corôa, o conde d'Eu

fez o seu negocio. Dispersou-se a camarilha que me apu-
pava, ficando eu com o direito e liberdade de exclamar,
afagando a minha *coroa* e repetindo o brado que soltei na
camara dos deputados:

VIVA A REPUBLICA !»

Depois do artigo que fica transcripto, publique outro
no Rio em dias de Dezembro de 1889, em fórma de mani-
festo, declarando que abandonava a vida politica para con-
sagrar-me ao meu ministerio sagrado.

Nesse tempo já estava assentada minha mudança para
o Estado de São Paulo, onde cheguei a 11 de Fevereiro de
1890. Os actos do governo provisório não me inspiravam
confiança, pois começaram por uns arranjos de familia, que
destoavam inteiramente do ideal republicano.

Quando se publicaram os primeiros actos desse governo
nefasto, disse eu a um amigo:—A Republica principiou pelo
genrismo.

Esta minha observação foi motivada pela nomeação do
dr. Godofredo Cunha, genro do sr. Quintino Bocayuva, para
o cargo de chefe de policia do Estado do Rio de Janeiro.

Não pertenco ao numero daquelles que condemnam a
eterno ostracismo os filhos e parentes dos chefes politicos.
A situação, porém, era especialissima, tornando-se por isso
altamente estranhavel que fosse aproveitado para cargo de
intima confiança um moço que até 15 de Novembro não era
republicano, e que só podia allegar o titulo de ser *genro de
seu sogro*, ministro das relações exteriores do governo pro-
visorio.

O dr. Godofredo Cunha era juiz municipal do termo de
Campos, na então provincia do Rio de Janeiro.

O governo conservador, presidido pelo sr. conselheiro
João Alfredo, tornou especial a comarca de Campos,
extinguindo-se o lugar de juiz municipal.

Um dos primeiros actos do gabinete Ouro Preto foi
repor a comarca de Campos no seu antigo estado, restabe-
lecendo o cargo de juiz municipal e encaixando de novo o
dr. Godofredo Cunha, que era declaradamente liberal,

Ora, com o ministerio do sr. visconde de Ouro Preto
cahiu a monarchia, e logo após a proclamação da Republica
o dr. Godofredo Cunha sahio do lugar de juiz municipal de
Campos, que exercia como liberal monarchista, para o

importante cargo de chefe de policia do Rio de Janeiro, sob o regimen republicano, sômente por ser genro do sr. Quintino Bocayuva.

E esse moço, protegido pelo governo do sr. visconde de Ouro Preto, no ominoso tempo do imperio, tornou-se em curto periodo um *cabide de empregos* nos felizes tempos da Republica.

Nomeado chefe de policia do Rio de Janeiro, foi em seguida nomeado juiz de direito da comarca de Santa Maria Magdalena, no mesmo Estado, depois juiz de direito da comarca de Santo Antonio da Patrulha, no Rio Grande do Sul, depois juiz de casamentos de Nitheroy, até que afinal foi encartado no cargo de juiz seccional do Rio de Janeiro.

Foi por isso que desconfiei logo em principio do regimen republicano, que começou pelo *geurismo*, acabando pela mais escandalosa e revoltante orgia administrativa.

O governo provisório parecia um bando de salteadores que tinham assaltado o poder para se locupletarem e aranjarem a parentela faminta.

Em vista de semelhante descabro republicano, não pude conter-me, entrando para a redacção do *Correio Amparense*, em cujas columnas verberei energicamente os crimes e escandalos desse governo despudorado, que tanto comprometteu os destinos da Republica.

Affrontei as iras dos que estavam no gozo de todos os proventos, achando magnificos e adoraveis todos os crimes que se commettiam e todos os escandalos que se praticavam á sombra da bandeira republicana, tão tristemente vilipendiada.

Pouco, porém, me importavam os doestos que me atiravam em defeza dos idolos, a cujas plantas se agachavam humildes e submissos. Desde que não me dominavam, nem o despeito, nem a impaciencia, pois nada tinha pretendido e não aspirava cousa alguma sob o novo regimen, obedecia sômente aos dictames da consciencia quando condemnava com toda a energia os desmandos escandalosos do governo republicano.

Tenho, porém, tido sempre minhas compensações.

Quando o marechal Deodoro, enjoado das mais degradantes bajulações, resolveu descartar-se de seus primitivos auxiliares, os mesmos que o applaudiam, que rojavam se a seus pés, que glorificavam o seu nome, que exaltavam suas virtudes, que o consideravam um grande estadista, fizeram

desencadeiar sobre sua pessoa uma tempestade de epithetos tremendos, uma horrorosa descompostura, reduzindo o a infimo papel nos destinos da Republica.

Estava eu vingado.

Na primeira eleição presidencial, o nome do marechal foi hostilizado subterraneamente, apesar de se terem feito declarações publicas de que devia ser empenho de honra suffragal-o, havendo até quem dissesse que o marechal Deodoro não devia ser eleito, mas sim aclamado primeiro presidente da Republica!

Todas essas miserias me convenciam cada vez mais de que o novo regimen estava sendo sacrificado pelos proprios que se inculcavam seus defensores e que se julgavam seus sustentáculos, usando-se dos manejos os mais torpes e das mais vis especulações.

O conflicto aberto entre o governo do marechal Deodoro e o congresso nacional deu em resultado o golpe de Estado de 3 de Novembro.

Confesso que applaudi na imprensa esse acto, que dissolvia um verdadeiro *ajuntamento illicito*, que tanto contribuia para desacreditar o regimen republicano.

Aquillo não era congresso nacional, mas sim um conluio de ambições sotregas e desconcertadas.

Quando o marechal Deodoro renunciou o poder a 23 de Novembro pelo movimento da armada dirigido pelo contra-almirante Custodio de Mello, continuei em opposição ao governo do sr. marechal Floriano Peixoto, cujas tradições não o abonavam, pois que *esteiro que faz um cesto, faz um cento, assim haja cipó e tempo*.

O nome do sr. Custodio de Mello era proclamado como o de um grande heróe, considerado o braço direito do marechal Floriano, o homem de acção, o inspirador de todas as deposições.

Quando, porém, a 6 de Setembro o contra-almirante Custodio se revoltou contra o governo, de que fez parte exercendo tanta preponderancia em seu seio, cobriram-n'o de opprobrios, chamando-o de pirata, de bandido, de tudo que mais podia amesquinhal-o.

Entretanto, mantive-me no mesmo posto, atacando o marechal Floriano e condemnando o contra-almirante Custodio de Mello.

Caprichei em ser sempre coherente nos meus juizos e correcto nas minhas hostilidades aos governos que se succediam e aos personagens que figuravam no scenario

politico do paiz. O que é verdade é que ainda não me enganei nos juizes que formo e nos prognosticos que faço.

Quando os idolatras da tyrannia batiam palmas ao marechal Floriano Peixoto, que consideravam o salvador da Republica, não modifiquei nenhuma das proposições que expendi sobre seu character re'alsado e seus instinctos ferozes, julgando-o capaz de todas as trações e de todas as perversidades para perpetuar-se no poder.

As denuncias vieram provar que eu tinha razão, estando hoje todos certos de que ninguém mais do que elle tramava contra as proprias instituições republicanas.

A mensagem do dr. Prudente de Moraes impressionou-me tristemente, desle que parecia identificar-se com o governo do marechal, que chegou a considerar gloria da America e benemerito da humanidade, quando intimamente devia estar convencido de que o seu antecessor premelitava ferir de morte a constituição federal, permanecendo no poder e firmando no paiz a detestavel dictadura militar.

Hoje, porém, que seus actos parecem indicar que tem o pensamento de mudar de rumo... *esperemos*.

A coherencia de minhas opiniões, a correcção de minha conducta, provocaram contra mim as mais desabridas manifestações.

Nada se tem soupado para enfraquecer-me no conceito nacional.

Tendo em algum tempo sido considerado *propheta da Republica*, cheguei a ser chamado *sebastianista*, porque não acompanhava o côro de hysannas que se entoavam em homenagem aos governos republicanos que se desmandavam.

No meio, porém, dessa saraivada de epithetos grosseiros, com que me mimisavam, praz-me agradecer as vozes amigas que se levantavam em meu favor.

Entre ellas peço licença para distinguir a de Henrique de Barcellos que tanto me penhora pela sua extrema generosidade, e que mantém commigo a mais estreita ligação, ajuais intima communhão de idéas e de sentimentos.

Ao pujante talento, ao estylo primoroso do eximio jornalista devo eu os seguintes conceitos publicados no *Correio de Campinas* de 12 de Dezembro de 1894, que muito me honram e ainda mais me desvanecem :

«O meu velho amigo Alfredo Ganzer, que ha dias regressou da Europa e a quem tive o prazer de abraçar, acostuma reunir, ao seu almoço, alguns amigos cuja conversação he serve de *mollo*, em linguagem caseira.

Genoud dá uns almoços dignos de Lucullo, abundantemente regados. Sempre jovial, tempéra tudo com perguntas patusticas. Mas tem um defeito o meu amigo. Quer que o conviva coma de tudo e, o que é mais grave, que beba de todos os vinhos e licores, cujas garrafas se perfilam como esquadões ante o conviva assustado...

Ora, ha dias, reviamos um livro de Historia na livraria Genoud, quando nos disseram que, lá dentro, ao almoço se achavam pessoas amigas, residentes fóra daqui. Entre estas estava o sr. padre João Manuel.

Gratas noticias nos deu elle. Os seus bellissimos artigos subordinados á epigraphie *Reminiscencias* vão ser enfeixados em volume. Precedel-os-á uma exposiçã da politica actual deste paiz. A casa Genoud será depositaria geral. E' facil prever que a edição de tres mil volumes será facilmente esgotada, porque o nome do illustre autor das *Reminiscencias* é conhecido no paiz todo.

A segunda nova, que recebemos com sincero alvoroço, consistia em que o nosso valente collega volta ao jornalismo. Abençoada resolução!

Batendo nos no hombro, com o seu fino sorriso, dizia-nos elle:

— Sabes, Henrique, é a minha *cachaça*, sabes?

*
* *

Ha uns quatro annos, na estação da Companhia Paulista em Campinas, um amigo apresentava-me a um passageiro que desembarcava, designando-o assim:

— O sr. padre João Manuel.

Prendeu-se-me a vista na pessoa que se indicava por aquelle nome já notavel na politica do paiz. Vão aqui, ao correr da penna, reproduzidas as impressões de momento.

O recém-chegado era um homem alto, a quem a severidade da batina preta accrescentava alguma coisa de solemne. Considerei-lhe a frente vasta que reflecte a vastidão do pensamento; o luminoso olhar prescrutador e perspicaz; os longos cabellos brancos que figuram de uma como auréola aquella frente; a bocca rasgada, simultaneamente risonha e grave, em que transparece um não sei que de ironico. Um conjuncto enfim que attrahe e que se faz respeitar; o preciso para angariar sympathias intelligentes e amedrontar as nullidades pretenciosas que temem os homens superiores.

Tal se me figurou, no primeiro momento, sempre um tanto incommodo, das apresentações, o homem cujo nome um anno antes fóra levado ás nuvens pelas entusiasticas acclamações do partido republicano.

Que fizera elle com effeito ?

Uma affirmação de principios que era, então, uma temeridade. Perante um ministerio poderoso, face a face, com a corôa imperial, aquelle deputado, um padre, que se inscrevera a contra-gosto da mesa da Camara, temido já, erguera este brado :

— Viva a Republica !

Os jornaes do tempo transmittiram a impressão profunda que este brado produzia. Houve quem litasse, esparvorido, aquella cabelleira branca, gloriosa na sua rebellião. Até então houvera cá por fora quem fizesse propaganda mansa ou convencionalmente desabrida na tribuna e nos jornaes. Mas chegar ao recinto da Camara, encarar o Poder ; quebrar as peias de um mandato ; despedaçar o passado e atirar-se, ás cégas, ás incertezas do futuro ; soltar aquelle grito, que era um suicidio politico ; só o padre João Manuel teve a coragem de o fazer até com espanto de seus correligionarios que então, ainda então, em sua maioria, esperavam nús com nodidades da *Evolução*.

Por essa epocha, em Minas, o dr. Stockler fez uma conferencia republicana muito applaudida pelos ouvintes. Entre estes achava-se o dr. Benjamin Constant. Foram relatar isto ao dr. Stockler, accrescentando que o futuro ministro da guerra lhe desejava falar. Confessou depois o dr. Stockler que esse convite o commoveu, e esperava algumas palavras elogiosas do dr. Constant.

Este, ao vel-o, disse-lhe mais ou menos isto :

— Muito boa a sua conferencia. Mas passou o tempo das palavras. Actos, eis tudo. Por meio de conferencias, a Republica não virá nestes cincoenta annos. Vá para o Rio e lá combinaremos o que se ha de fazer.

Estas palavras nos foram referidas por um chefe republicano.

Quem, antes de todos se animara, com tres palavras, a inscrever na historia brasileira o vertice do triangulo democratico ? Fóra esse padre João Manuel que, resignando o mandato, continuava, obscuro e humilde, na imprensa, completando o seu pensamento e o seu sentir em artigos escriptos a fogo !..

Evocada a Historia, ressaltam da revolucionaria epopéa franceza duas individualidades ás quaes podemos comparar o valente polemista brasileiro. Uma é o abbafe Grégoire; a outra é o cartuxo Dom Gerle. O primeiro sahio da sociedade elegante e autocratica para lhe combater os preconceitos. O outro, sahindo do fundo de um convento, abraçou as idéas revolucionarias, sem que o seu espirito vacilasse na crença em Deus. O abbafe foi um dos primeiros depois a propor a deposição do imperador Napoleão; o outro bebeu até ás fezes o calix da amargura por causa das suas crenças.

Ha procedimentos parallelos que são rumores fatidicos.

O brado do padre João Manuel na Camara de 1889, teve as mesmas consequencias demolidoras do juramento de Dom Gerle no Jogo da Pella. Um espaço de cem annos, pólo a pólo, deu em terra com duas instituições congeneres.

Proclamada a Republica, o padre João Manuel atravessando as brumas do futuro com o seu aquilino olhar, publicou um artigo famoso pelos seus eloquentes conceitos. Lembrou-se de que, antes de tudo, era ministro do Altar, onde a celebração de um inaudito sacrificio lembra ao padre o sacrificio de todas as ambições terrenas. E d'ahi, eil-o parcho, numa cidade do centro de um Estado, longe do bulicio impertinente e irritante das capitães...

Mas, da cadeira da Verdade, onde doutrinaava aos fiéis, pensou que podia ser util aos seus parochianos na bocca de jornalista. Eil-o no jornal.

Foi então que a sua penna admiravel fulgiu com os seus mordentes reflexos diamantidos. Nunca, em jornal paulista, foram lidos melhores artigos do que os do illustre redactor do *Correio Amparense*. Traçava-os um velho politico e elles sahiam a luz como se os houvesse escripto a mão nervosa de um moço entusiasta. Condemnados á vida ephemera do jornal, esses artigos não deixavam de ser primorosos escriptos *au jour le jour*.

E ao lel-os, os que se pre-umiã de jornalistas tinham de confessar que o mestre era elle, prestando-lhe a obediencia que deve o soldado ao general.

Que importava que a calumnia desgraçã e a inveja torpe tentassem deprimir o notavel polemista? Ah! são infalliveis esses deus reptis a rojar sob as fulgurações do talento. A Biblia, o Livro Eterno, nos mostra que não foi possivel á Caim encarar a luz que resplendia do alto.

Essa luz emanada da Justiça serve para illuminar a face dos justos e para desencovar os Cains do seu fojo...

*
* *

Quem leu as *Reminiscencias* não póde esquecer a galeria interessantissima de figuras do antigo regimen, verdadeiras phototypias, algumas das quaes nos appareciam até com os seus caccêthes especiaes, outras revolvendo-se nas más paixões que sóem suscitar turbações politicas. Lapidados pelo artista que se chama João Manuel, esses artigos, em livro, vão ser um acontecimento! Na tranquillidade de seu cerebro, sem a necessidade, por vezes cruel, de ter diariamente de apreciar o que faz de torto este mundo original, o valente polemista dar-nos á, estou certo, um primoroso livro.

Ainda bem que o não assaltou o desalento!

Os Prometheus repetem-se e os jornalistas são, no nosso tempo, a fiel imagem desse filho de Urano suppliciado no Caucaso, não lhes faltando a ave de rapina para lhes roer o coração!...

HENRIQUE DE BARCELLOS.»

Ha ahí um ponto em que o meu bom amigo equivocou-se, e que por lealdade preciso rectificar. Não foi a contragosto da mesa da camara dos deputados que me inscrevi para fallar na sessão em que se devia apresentar o gabinete Ouro Preto.

Ao contrario, o sr. barão de Lucena, que como presidente me dissera a principio estar completa a inscripção dos oradores, apenas soube que eu pretendia declarar-me republicano, accrescentou presenteiro: — Nesse caso fique tranquillo e certo de que lhe concederei a palavra para pronunciar-se.

E o barão de Lucena resistiu a todos os empenhos que se fizeram para que não me deixasse fallar.

Esta é a verdade.

Como eu e elle estavamos illudidos!

PADRE JOÃO MANUEL.

REMINISCENCIAS ...

I

O parlamento do antigo regimen soffreu muitas vezes estigmas picantes, mas engraçados, que, se de um lado incommodavam aos que dessa corporação faziam parte, provocavam por outro lado gostosas gargalhadas aos que eram simples espectadores.

Lembramo-nos agora de tres denominações, com que espiritos causticos fizeram conhecer as camaras dos deputados, que se succederam de 1873 a 1875, de 1876 a 1877 e de 1878 a 1881.

A primeira foi qualificada pelo sr. Silveira Martins de *camara de illustres desconhecidos*, a segunda de *camara dos Fagundes*, e a terceira pelo mesmo sr. Silveira Martins de *camara dos servis*.

O dr. Silveira Martins fôra pela primeira vez eleito deputado pelo Rio Grande do Sul em 1873, na eleição a que se procedeu em virtude da dissolução da camara obtida pelo gabinete de 7 de Março, de que era chefe o eminente estadista visconde do Rio Branco, depois de promulgada a lei aurea de 28 de Setembro, que considerou livres os filhos de ventre escravo, aos quaes apropriadamente se deu o nome de ingenuos.

O tribuno rio-grandense levava para o parlamento a mais brilhante reputação de orador, de vigoroso talento e de vasta illustração.

Além desses titulos que o recommendavam ao respeito da nova camara, ao desvanecimento de seu partido e á admiração do paiz, o dr. Silveira Martins sabia infundir temor pela violencia do ataque dirigido contra os adversarios, do-

minado por desmedido orgulho que o fazia suppor-se superior a todos os homens, exagrand'o extraordinariamente os seus meritos proprios e amesquinhando desdenhosamente as qualidades daquelles com quem convivia.

Foi assim que um dia, combatendo energicamente a politica do gabinete Rio Branco, sob cujo governo conservador se fizera eleger como chefe liberal pela legitima influencia que exercia em sua provincia, não teve escrupulo de invectivar a camara a que pertencia, pelo apoio que prestava ao governo, chamando-a com insolito desprezo—camara de illustres desconhecidos!

A segunda teve origem nas sessões preparatorias, em que se verificavam os poderes da camara eleita em 1876, na primeira prova da lei do terço.

Houve quem se lembrasse de convencer ao cidadão Fagundes de que houvera sido eleito deputado pela provincia de Goyaz, e para produzir o effeito desejado, entregou-se-lhe um diploma passado com as devidas formalidades.

O innocente Fagundes, acreditando-se eleito, depositou na mesa da camara aquelle documento, tomando assento na bancada da esquerda.

A pilheria que a principio despertou boas gargalhadas, assumiu depois um character serio que a todos poz em confusão.

O presidente não podia decentemente dar começo aos trabalhos da camara, porque um *intruso* se achava occupando uma das respectivas cadeiras.

O cidadão Fagundes por consideração alguma queria retirar-se do recinto, onde mantinha-se firme na convicção de que era realmente representante da provincia de Goyaz.

Arrancal-o á força parecia crueldade, porque o homem era um maniaco, com as faculdades perturbadas, um verdadeiro desequilibrado, um perfeito inconsciente.

Deixal-o conservar-se naquelle logar tornava-se impossivel, porque seria a mais tremenda desmoralisação funcíonar a camara tendo em seu seio o representante da troça, um deputado de pilheria, encaixado no recinto para provocar hilaridade.

Aquelle mesmo, porém, que se lembrou de eleger o Fagundes por meio de um diploma falso, forçicido sem duvida para provar que outros alli estavam nas mesmas condições com esperança de ser reconhecidos legitimos, occorreu a ideia de fazel-o retirar do recinto sem violencia e sem escandalo.

Combinaram-se todos, sahindo para os correlores e salas

da camara, deixando o Fagundes só repimpado em sua cadeira.

Vendo-se isolado, sem um companheiro nas bancadas, o falso deputado de Goiaz suppoz talvez que era *estyllo da casa*, abandonando tambem o recinto, onde não lhe foi mais permitido penetrar.

Venceu-se, é certo, a difficuldade pela tactica empregada pelo proprio autor da idéa, mas principiando assim sob tão formidavel ridiculo, essa camara ficou sendo conhecida pelo triste nome de *camara dos Fagundes*.

A terceira denominação foi dada pelo mesmo dr. Silveira Martins á camara unanimemente liberal eleita sob o governo do conselheiro Sinimbú, chefe do gabinete organizado a 5 de Janeiro de 1878.

O tribuno rio-grandense que fazia parte desse ministerio, occupando a pasta da fazenda, foi forçado a retirar-se por divergencia politica com o *resto* do governo ou antes com o seu chefe, que não quiz acceitar suas idéas sobre elegibilidade dos acatholicos por occasião da reforma eleitoral, que então se discutia na camara dos deputados.

Deixando a pasta da fazenda de accordo com o barão de Villa Bella, chefe liberal de Pernambuco, que na mesma occasião se demittira do cargo de ministro dos negócios estrangeiros, o dr. Silveira Martins despeitado por não ter sido acompanhado pela maioria da camara, que continuou a prestar apoio ao gabinete Sinimbú, em momento de exaltação e com a mais fogosa vehemencia, affrontou-a com a alcunha de *camara dos servís*.

Convém agora que os leitores conheçam, por alguns traços biographicos que vamos expor, quem foi o illustre personagem que deu seu nome á segunda das camaras a que nos temos referido.

Fagundes foi um typo que se tornou celebre na famosa historia dos privilegios.

Concebendo a idéa de explorar as fabulosas minas de ouro do Caiapó, levou cerca de trinta annos a requerer o respectivo privilegio a todos os governos e a todas as camaras, que durante esse longo tempo se succederam no paiz.

Póde dizer-se que não descansou um momento nessa faina ingrata, ora implorando, ora ameaçando com um grande e pesado *benjalão*, que com graça chamava o seu *poder executivo*.

Posto á porta da entrada da camara, abor dava a todos os deputados, que por allí passavam, pedindo a cada um o voto em favor de sua pretensão.

Todos lhe promettiam o voto, uns por pena, outros por espirito de opposição ao governo que então estava no poder, e muitos para se verem livres daquella constante *caceteação*.

Tantos annos consumidos nessa luta improficua, nessa constancia inexcedivel, nessa avides de riquezas collossaes, nessa labutação incessante de todos os dias, de todas as horas e de todos os instantes, deram ao Fagundes a mais extensa celebridade na cidade do Rio e talvez no paiz inteiro.

O povo começou a dar-lhe o expressivo titulo de Barão de Caiapó, pelo qual ficou sendo geralmente conhecido.

Afinal, depois de tantas amofinações, de tantas supplicas, de tantas ameaças, de tantos labores, sem ter um momento de desanimo durante uma vida inteira, o popular barão de Caiapó, já velho e quebrado, conseguiu privilegio para explorar as minas de ouro com que sonhava, acabando por ser victima da ganancia dos especuladores, que o conduziram para Londres onde ficou abandonado, reduzido á extrema miseria !

O *poder executivo* que o incançavel Fagundes brandia em momentos de impaciencia e irritação, foi sempre inoffensivo em suas mãos, porque realmente o imaginario explorador das minas do Caiapó nunca fez mal á pessoa alguma.

Conseguiu o que pretendia pelo poder da vontade, pela força da perseverança, tendo além disso a gloria de dar nome a uma camara, de que não fez parte, e ser conhecido por um titulo que lhe não foi concedido pela munificencia imperial.

Se ainda hoje vivesse, nestes tempos de pura democracia, seria sem duvida tratado por cidadão Fagundes, ex-barão de Caiapó.

II

Dentre os *illustres desconhecidos* que compunham a camara dos deputados de 1873, figurava um provector advogado do fôro do Recife, o qual se distinguia por esmerada cultura de espirito e por inquebrantavel firmeza de caracter.

Não era orador, mais por exagerada modestia do que por falta de talento.

Tinha invencivel aversão á tribuna aquelle que no gabinete sabia abordar e resolver importantes questões de direito, mostrando-se versadissimo nessa sciencia tão complicada, de que muitos se dizem apóstolos e em que infelizmente poucos são entendidos.

Não podia deixar de ser bom orador quem na palestra intima revelava tanta erudição, tanta agudeza de espirito, tão chistosos conceitos, tão profundas apreciações sobre qualquer assumpto, exprimindo-se correctamente, com precisão e clareza, em phrase castiça e elegante.

Além de que Moraes e Silva, como se chama o ex-deputado pela provincia de Pernambuco, possui abundante veia da critica fina e chistosa, que faz rir, mas não fere, que castiga, mas não offende.

Se, pois, o então representante da nação por Pernambuco evitava a tribuna, onde lhe seria facil conquistar a reputação de orador pelos seus primorosos dotes de espirito, era mais por acanhamento, por timidez, por exagerada modestia, do que por incapacidade, por faltar-lhe o dom da palavra, por não saber exprimir-se com precisão, clareza, correção e elegancia.

Moraes e Silva não pertence á classe tão extensa dos palradores inconscientes, que gaguejando phrases desconexas, em que não se sabe que mais admirar se a incorreção

e o desconchavo, ou se a fatuidade de quem as profere, consideram-se, entretanto, oradores consummados, aspirando as honras da fama e as glorias da immortalidade.

Nem todos, é certo, como José Bonifacio e Fernandes da Cunha, nascem feitos oradores, com accentuada vocação para a tribuna, com disposições para fallar em publico, electrizando as massas com as scintillações fascinadoras de uma eloquencia máscula e arrebatadora, levando a luz aos espiritos e o enthusiasmo aos corações com o brilho de um verbo inspirado.

Esse dom só é concedido por Deus ás almas privilegiadas.

Mas tambem não deixa de ser verdade que ha homens que, fugindo ás exhibições solemnes, occultando os seus meritos e não aproveitando os seus dotes, fazem-se oradores quando menos se espera arrastados quasi sempre pela força das circumstancias em que se acham.

Entre nós contam-se muitos casos desse phenomeno curiosissimo.

Silva Paranhos, o immortal visconde do Rio Branco, uma das mais vigorosas e pujantes cerebrações do nosso paiz, que soube elevar bem alto com as puras expansões de seu patriotismo, foi uma das mais brilhantes revelações na imprensa jornalística, illustrando as columnas do *Correio Mercantil* com as fulgurações de seu talento privilegiado.

Tomando, porém, assento na camara dos deputados como supplente pela provincia do Rio de Janeiro, passou desapercibido no meio da brilhante pleiade de oradores que naquelle tempo faziam successo, sem proferir um discurso que impressionasse, quando nenhum delles o excedia em intelligencia e illustração.

Somente passados longos annos, quando firmada sua reputação de jornalista, ninguem lhe reconhecia qualidades de homem de tribuna, que por isso mesmo raras vezes abordava, poude Silva Paranhos conquistar creditos de orador com applausos de seus amigos e confusão de seus adversarios.

Já nesse tempo o desconhecido deputado pelo Rio de Janeiro occupava no senado uma cadeira que lhe fóra confiada pela provincia de Matto Grosso que com tanto brilho soube representar no ramo vitalicio do parlamento.

Silva Paranhos, sendo conservador, fóra mandado por um governo liberal em missão especial ao Rio da Prata para tratar dos negocios da guerra do Paraguay.

Acceitando missão de tanta magnitude de um governo adversario, Silva Paranhos obedeceu antes ás inspirações de

seu patriotismo do que às suggestões de interesses incon-fessaveis.

Desejando prestar serviços reaes á sua patria, o emi-nente estadista brasileiro, estudando a situação que se desenhava no theatro da guerra, encaminhou suas nego-ciações no sentido de realisar, se não nos falha a memoria, o tratado da triplice alliança.

Quando, porém, chegou ao Rio de Janeiro a noticia des-ses ajustês diplomaticos, o gabinete presidido pelo conselheiro Furtado, no seio do qual occupava a pasta de estrangeiros o conselheiro João Pedro Dias Vieira, comprehendendo mal os intuitos patrioticos do diplomata brasileiro, não hesitou em demittir-o acintosamente do cargo de confiança que exer-cia no Rio da Prata com manifesto sacrificio de suas idéas politicas, abafando até seus sentimentos pessoases para com um governo de adversarios.

O golpe vibrado pelo gabinete contra o negociador da triplice alliança foi tão violento e tão rude, que chegou a des-pertar a colera do populacho, que em um movimento de in-dignação apedrejou a casa em que residia a familia do diplo-mata, arrebatando os vidros de suas janellas !

Regressando ao Brazil com a calma, serenidade e resignação de um verdadeiro patriota, sacrificado ás paixões politicas e ás intrigas partidarias, Silva Paranhos esperou a epocha dos trabalhos parlamentares para justificar-se perante o paiz da violencia brutal e da clamorosa injustiça com que fôra julgado pelo governo, que loucamente desconhecerá os relevantes serviços que em situação tão critica e tão melin-drosa estava prestando á sua patria.

Abrindo-se o parlamento, Silva Paranhos subiu á tribuna do senado em uma sessão que se tornou memoravel, fallando seis horas consecutivas, articulando uma defesa brilhante e esmagadora, comprovada oom documentos irrecusaveis, pro-ferida tão eloquentemente, em um tom tão accentuado de al-tivez e de dignidade, que arrancou ruidosos applausos do peito entusiasmado de seus amigos, levando a vergonha e confusão ao seio de seus adversarios.

Quando Silva Paranhos desceu da tribuna, duplamente laureado pela victoria do talento e do patriotismo, o senador Firmino Rodrigues Silva, seu amigo e correlligionario, exclamou por entre os vivos transportes da admiração e do jubilo :

— Não é somente um grande jornalista, é mais ainda um notavel orador !

José de Alencar tornou-se o vulto mais proeminente no mundo litterario brasileiro, impondo-se pela enormidade de

7-A

seu talento á admiração dos contemporaneos e conquistando a aureola da immortalidade.

Foi tudo que quiz ser, menos senador do Imperio, porque não dependia de sua vontade, occupando sempre o primeiro ou um dos primeiros logares no variado terreno de suas locubrações.

Foi eminente em tudo a que se propunha, no jornalismo, no romance, no drama, na politica, na jurisprudencia e na tribuna.

Entretanto, nos diversos ramos a que se dedicava, sobresahindo sempre pela superioridade de seu espirito, pela pujança de suas faculdades, pela masculidade de suas energias, pelos seus estímulos de gloria e pela sua perseverança no trabalho, é notavel que a ultima conquista de José de Alencar fosse a tribuna de parlamento, onde deixou uma reputação invejavel e um renome immortal, tendo primeiro passado por elle como qualquer *illustre desconhecido*!

Tendo feito na imprensa jornalística suas primeiras armas, creando o genero de folhetins politicos no roda-pé do *Diario do Rio de Janeiro*, abriram-se em seguida a José de Alencar as portas da camara dos deputados, por onde a sua passagem não foi assignalada por nenhuma peça de valor oratorio, como consta dos annaes do parlamento.

Foi sómente em 1869, quando José de Alencar voltou á camara dos deputados, sendo ministro da justiça do gabinete de 16 de Julho presidido pelo visconde de Itaboraay, que começou a formar e ao mesmo tempo firmar sua reputação de orador parlamentar, tornando-se tão notavel e tão celebre, tão respeitado e tão temido, tão applaudido e tão admirado, por todos aquelles que tinham a fortuna de assistir aos debates em que tomava parte.

José de Alencar, porém, foi propriamente um orador que se fez pelo esforço da vontade e pelo poder da intelligencia.

Na nova phase que se lhe offereceu, fazendo parte da camara de 1869, os seus primeiros discursos foram evidentemente recitados, productos de um trabalho artisticamente preparado, como de quem tinha medo de naufragar na tribuna, onde se desfizeram mais de uma vez tantas reputações firmadas e tantos louros conquistados.

E que a natureza fôra cruel e implacavel com aquella organização, dando um involucro tão pequeno a um espirito tão grande.

Dispondo de corpo fragil, de orgão de voz fraquissimo,

José de Alencar só poderia impressionar pela palavra, empregando esforço supremo para se fazer ouvir.

Não obstante, porém, as desvantagens físicas com que lutava, a debilidade da sua voz, a pequenez do seu vulto, completa ausência de predicados que recomendam o orador ás sympathias do auditório, José de Alencar, assenhoreando-se da tribuna, desvendando os segredos da eloquencia, assumia proporções gigantescas, prendendo, dominando e arrebatando os seus ouvintes pela exaltação de suas energias patéticas, pelas sonoras vibrações de seu verbo inspirado, pela incomparavel belleza de sua forma artistica, pela grandeza de seus pensamentos, pelas scintillações de seu talento privilegiado!

Lembram-nos ainda vivamente impressionado daquellas justas da intelligencia, em que se batiam José de Alencar e Silveira Martins, atrahindo á camara dos deputados homens illustres que iam admirar os deus gigantes da tribuna parlamentar, deg'aliando-se em uma arena vasta, em que os pygmæos não podem ajustar-se e contender.

Conservamos ainda bem vivas essas *reminiscencias* do passado!

III

Moraes e Silva que figurou na primeira parte de nossas *reminiscencias* de hontem, nos dissera um dia em tom grave e de profunda convicção: não ha nada mais suave e mais commodo para o deputado governista do que as *questões de gabinete*.

E como lhe oppuzessemos algumas restricções a respeito, fazendo sentir que nem sempre era commoda e suave a posição do deputado amigo do governo nas *questões de confiança*, podendo dar-se profunda divergencia de opinião sobre o assumpto sujeito a debate, Moraes e Silva accrescentou então com ar malicioso: nas *questões de gabinete* o deputado não tem trabalho de pensar, nem de reflectir, nem de estudar para proferir o seu voto com firmeza e segurança, porque o governo, estabelecendo a questão no terreno da confiança, dispensa ao amigo todos os processos laboriosos e pacientes que se costumam empregar para illustrar o espirito e instruir a consciencia a fim de se poder formar uma opinião esclarecida e proferir um voto consciencioso.

O governo nesse; casos substitue-se ao deputado, ou antes o absorve e o annulla, poupando-lhe o incommodo de pensar, que é tão difficil e tão penoso.

Em troca da liberdade de opinião, de que o deputado governista fica privado nas *questões de gabinete*, lhe é plenamente garantida a commodidade de abdicar em quem lhe mereça inteira confiança, a faculdade de pensar e de resolver.

Em regra o governo sabe o que faz, não cabendo ao deputado que lhe presta apoio, o direito de divergir de suas opiniões, nem de contrariar seus intuitos, nem de pensar de modo diverso.

É esta a maior belleza do regimen parlamentar, em que não ha outro criterio no voto da maioria, a não ser a completa submissão á vontade e ao pensamento do governo, que sabe tudo e sempre quer o melhor.

As *questões de gabinete*, porém, foram para o deputado maranhense, dr. José da Silva Maia, o mais pesado dos sacrificios, a mais dura e mais terrivel das imposições.

Nos annaes do parlamento do Imperio não se encontra um discurso, uma phrase, nem mesmo os classicos *apoiado e não apoiado*, ou *muito bem*, pronunciados por aquelle homem politico que se tornou notavel pelo *silencio systematico*, em que se acastellou durante sua longa vida parlamentar.

As votações nominæes eram o principal traço característico das *questões de confiança* para delinir as posições, descreminando-se o campo de acção e conhecendo-se individualmente aquelles que apoiavam ou combatiam o governo.

Unicamente nessas occasiões solemnes, que felizmente não se repetiam a cada passo, se ouvia no recinto da camara a voz do dr. Silva Maia, respondendo *sim* ou *não*, conforme era amigo ou adversario do gabinete que então governava.

Esse homem que desde 1869 até 1889 occupara uma cadeira na camara dos deputados pela influencia legitima de que dispunha e pelo prestigio real, de que gosava na sua provincia, impoz-se como norma o mais impenetravel *silencio*, que só fôra interrompido nas votações nominæes, e n'que era obrigado a proferir *sim* ou *não*, obedecendo á formula regimental.

De modo que, se todos os deputados que formassem uma camara, procedessem como o dr. Silva Maia, haveria a maior economia de tempo, votando-se e decidindo-se todas as questões que interessam á causa publica, muitas vezes sacrificada pelos interminaveis debates que se abriam, e em que se pronunciavam discursos longos, fastidiosos e estereis.

Não houve, entretanto, quem pudesse descobrir ou adivinhar a causa verdadeira do *silencio obstinado*, a que se condemnou o deputado maranhense, ignorando-se ainda hoje se era filho de um capricho, resultado de uma exaustice, ou talvez manifestação de orgulho.

Conhecemos um homem, cujo nome não nos é licito declinar, que possuia tão desmedido orgulho que fingia de estúpido, quando realmente era dotado de talento superior.

Fallando como *preto mina*, exprimindo-se em termos rasteiros e ridiculos, voltava-se ás vezes para os que o ou-

viam, dizendo desdenhosamente: — eu tambem sei fallar como os doutores, mas não fallo porque não quero!

E continuava na sua enfadonha lenga-lenga, quando dispunha de grandes qualidades de orador.

Tive nos occasiões de ouvi-lo varias vezes, ou rastejando no terreno das vulgaridades, descaindo para o ridiculo, ou elevando-se á regiões sublimes, electrizando o auditorio e em os rasgos de uma eloquencia arrebatadora.

Quando, porém, ne ses dias felizes, nesses momentos de bom humor, algum o saudava ao descer da tribuna pela belleza da peça oratoria que acabava de proferir, o *exquisitão* respondia sarcasticamente: e dizem por ahí que sou *burro!*

Não admira, pois, que o dr. Silva Maia, obedecendo às mesmas tendencias, fingisse pertencer á sociedade dos *silenciosos da Persia*, para assim conquistar essa ingloria celebridade.

Pensamos deste modo, porque sabemos que o *deputado silencioso* era uma capacidade profissional, uma notabilidade na medicina, attestadas por brilhante titulo academico e confirmadas pelos triumphos obtidos na sua longa vida clinica.

O dr. Silva Maia tinha o que se chama dedo medico, com que sondava todos os segredos do organismo humano, e cujo tacto lhe dava segurança nos seus diagnosticos, confiança nas suas indicações e quasi certeza nos seus prognosticos.

Formado na Faculdade de Medicina de Paris, deixou alli a merecida reputação de estudante de primeira ordem, prometendo, pelos louros academicos que conquistou, vir a ser, como realmente foi, ve dadeira notabilidade em seu sacerdocio.

O dr. Silva Maia que no parlamento se celebrou pela nudez a que se condemnou, foi incontestavelmente um perfeito apostolo da sciencia a que se consagrou, derramando o balsemo da consolação no seio de parte da humanidade soffredora com a immovel desinterresse, inextinguivel despreendimento e evangelica abnegação.

Tanto teve de estéril, de inutil e de imprestavel na vida politica, como de notavel, de fecundo e caritativo na profissão medica.

Dahi proveio sem duvida a enorme popularidade que o cercava na terra natal, respeito por todos e abençoado pela pobreza que merecia os seus cuidados.

Tão *silencioso* no logar onde se fallou, e tão *eloquente* nos beneficios que em *silencio* derramou no seio dos infelizes.

O dr. Silva Maia foi uma celebridade em sua *mudez parlamentar* e uma notabilidade no exercício de sua profissão.

Muito mais feliz do que outros que não são nem uma nem outra coisa !



IV

O paquete brasileiro que em 1º de Agosto de 1868 seguiu do Rio para o norte, conduzia a seu bordo grande numero de homens politicos, que se retiravam para as provincias, uns como presidentes do novo governo, outros senadores e muitos ex-deputados da camara dissolvida por decreto de 18 do mez de Julho.

Como se sabe, cahira a situação chamada progressista, subindo os conservadores ao poder, organisando-se o gabinete de 16 de Julho presidido pelo visconde de Itaborahy, que succedera ao ministerio de 5 de Agosto sob a presidencia do conselheiro Zacharias.

A escolha do conselheiro Salles Torres Homem para o cargo de senador pela provincia do Rio Grande do Norte, considerada pelo então chefe do gabinete um *desacerto da corôa*, foi a causa efficiente ou occasional da mudança da situação politica operada a 16 de Julho de 1868.

Era, pois, natural que no paquete que immediatamente a esses acontecimentos politicos seguisse para o norte, tomassem passagem os homens que nas suas provincias exercessem influencia para tratar das eleições marcadas para Novembro do mesmo anno.

Não obstante as divergencias partidarias que separavam os passageiros divididos entre conservadores e liberaes, formavam elles a bordo uma familia de amigos e camaradas, embora fossem em politica adversarios intransigentes e irreconciliaveis.

Entre os ex-deputados dissolvidos, lembramo-nos do coronel Izidoro Jansen, chefe prestigioso do partido liberal da provincia do Maranhão.

Era um desses typos que á primeira vista impressam e atraheem pela despretenciosidade de seus modos e pela physionomia aberta, de expressão franca e franca.

Nua das occasiões da palestras que a bordo se dão em diversos grupos que se formam, alguém pergunta ao coronel Jansen e voltava para o Maranhão disposto a pleitear as eleições para fazer-se novamente eleger deputado.

Nem uma, nem outra coisa, respondeo promptamente o coronel.

A primeira não se dá á, porque tenho o dever de obedecer ao pensamento dos chefes supremos do meu partido, que talvez vão acceitar completa abstenção no proximo pleito eleitoral.

A segunda torna-se impossivel não só por essa razão, como tambem porque assentei de pedra e cal nunca mais ser candidato em minha vida.

Dizendo-se-lhe, porém, que não era licito renunciar ella em tempo opportuno á suas legittimas aspirações pela força e prestigio politico da que dispunha em sua provincia, respondeo com honra ao chefe liberal com um tom de sinceridade e convicção que encantavam ao seu interlocutor:

Nunca mais voltarei ao parlamento, sejam quaes forem as condições em que me achem.

Acabo de conhecer por experiencia propria quanto vale um deputado sem capacidade, que no recinto da camara se amesquinha a seus proprios olhos, tendo consciencia do triste sino populo que representa em uma assemblea, onde ha muitos homens de merito real, sobre ahindo pela lentidão e illustração.

Isidoro Jansen era coronel da antiga guarda nacional, dos tempos da nefanda, sabendo apenas ler e escrever, assignando o seu nome com orthographia.

Tendo aquirido legitima influencia no seu partido, da qual os amigos o aclamavam chefe, embora se obstinasse em dizer-se simples soldado, gozando de grande prestigio e dispondo de força real, o coronel Jansen tambem se em 1863 de apresentar-se candidato e fazer-se eleger deputado pela provincia do Maranhão.

Acreditou sem duvida em sua ingenuidade que iria receber na camara as mesmas considerações que se lhe dispensavam na terra onde era conhecido como chefe de partido.

Enganou-se, porém, racionadamente o velho coronel, como e confessou com a mais enfeitadora simplicidade, continuando a exprimir-se assim:

Não pode haver cousa mais humilhante do que a posição de um chefe politico em uma camara fazendo figura de *creado mulo*, alvo de todos os olhares que sobre elle se cravam indicando-o como representante da nullidade pretenciosa.

Na minha idade, na minha condição de chefe, sinto-me entristecer e envergonhar, quando vejo um deputado moço, erguer do-se de sua cadeira, despertando movimento de attenção, para discorrer eloquente e brilhantemente sobre o assumpto que se acha em debate.

O parlamento, accrescentava, decididamente não é logar para *burros*, mas sim para aquelles que sabem dizer o que pensam e o que sentem, concorrendo com as luzes de seus talentos e de sua illustração para a felicidade da patria.

Os que, como eu, vivem cercados de certo respeito no circulo dos amigos, sendo ouvidos nos negocios publicos, que quasi sempre resolvemos sob o ponto de vista partidario, não devem renunciar essas vantagens que se gosam na provincia para exportar-se ao papel ridiculo, á figura tristissima, que se representa occupado no parlamento uma cadeira, que pertence aos homens de verdadeiro merecimento intellectual.

Objectando-se lhe que para promover o bem publico, bastam as inspirações do patriotismo e o senso pratico, responden vivamente o coronel:

Não creia, meu caro, em patriotismo de *burro* politico, que nada comprehende, que só se deixa inspirar pelos interesses de campanario, que só entende de politicagem, como nós provincianos sabemos perfeitamente.

Seja, porém, como fór, disse elle, se não abri a bocca na camara porque reconheço que só poderia dizer asneiras, pelo menos abriam-se-me os olhos para vêr quanto vale realmente um chefe politico que tem a insensatez de occupar uma cadeira no parlamento em attitude de *boi que olha para palacio*.

Quando algum dia o meu partido puder enviar seus representantes ao seio da camara dos deputados, escolherei um moço de talento para elege-lo em meu lugar, proporcionando lhe ensejo para fazer figura brilhante no mundo politico, a que quasi sempre não tem accesso pelo tolo egoismo e pela lamentavel inconsciencia dos chefes de seu partido.

Assim terminou o velho coronel Isidoro Jansen, que cresceu admiravelmente aos olhos de quem o ouvia discorrer sobre a incompetencia dos analphabetos para tomarem parte nos corpos deliberativos, onde é preciso fallar para discutir, discutir para esclarecer e esclarecer para deliberar.

O unico analphabeto que neste paiz teve o privilegio de se fazer ouvir no parlamento no mais profundo silencio e com a mais respeitosa attenção, foi o immortal duque de Caxias, que pelo seu genio militar, por uma notavel intuición de tudo que é grande, pelo seu enorme prestigio, tornou-se uma verdadeira gloria nacional.

Os mais estão condemnados a representar o papel nada invejavel de *cavalheiros de triste figura*.

Quando um dia na antiga camara dos deputados viu-se o barão da Estancia erguer-se para fallar, houve um movimento geral de espanto e de estupefacção !

Ninguem queria acreditar que aquelle homem fosse tão inconsciente de sua incapacidade, affrontando assim o decoro de seu partido, que se sentiria humilhado diante do *quadro vivo* da ignorancia e da estupidez, que em seu nome tão arrojadamente se manifestavam !

E o barão assignalado, muito ancho, cheio de si, calmo, imperturbavel, sultou o verbo... para só proferir asneiras !



O commendador Sobral representou varias vezes na camara dos deputados a provincia de Alagoas, donde era natural e onde residia.

Conhecemos-o já velho, adiantado em annos e cada vez mais atraído em politica.

Ouvimos dizer que o commendador Sobral explicava por *um erro geographico* sua nomeação de consul para Loanda.

Acreditavamos que por pilheria lhe attribuissem essa explicação que nos parecia anedoctica.

Em Abril de 1874, porém, fomos companheiros de viagem do norte para o Rio.

Em um dia, depois do jantar, achando nos na palestra usual entre passageiros, o nosso bom amigo Moraes e Silva, deputado por Pernambuco, insinuou-nos com certa malicia que perguntássemos ao commendador Sobral porque razão tinha sido nomeado consul de Loanda.

Adivinhando o pensamento de Moraes e Silva, a principio hesitámos em dirigir ao bom velho aquella pergunta, que parecendo-nos a repetição de uma pilheria, que não nos julgavamos autorisado a reproduzir, poderia molestar o melindre pessoal, creando gratuitamente uma indisposição que por prudencia deviamos evitar.

Moraes e Silva, porém, insistiu prelibando sem duvida o prazer que teria de experimentar com a resposta dada.

Não podendo, pois, resistir ao espirito tentador do nosso *companheiro* de viagem, formulámos a interrogação já com a intenção de verificarmos por nós mesmos aquillo que tantas vezes tinhamos ouvido, e que a nossos olhos não passara de simples anedocta.

O commendador Sobral, repimpado em sua cadeira preguiçosa, saboreava um delicioso charuto da Bahia.

Respondendo á nossa pergunta com certo *ar de sufficiencia* e em tom de profunda convicção disse que sua nomeação para o logar de consul em Loanda fô a devida simplesmente a um *erro geographico*.

Ficámos pasmo com essa afirmação cathgorica, que nos desencertou ao passo que fez rolar nos labios de Moraes e Silva um riso expressivamente malicioso.

Estando nós habituado a respeitar o velho Sobral, que pelos seus modos e sua bnhomia nos merecia consideração, não nos animámos a dirigir-lhe mais pergunta nesse sentido, dispensando a explicação desso *erro geographico*, que nos parecia uma coisa enorme, inextelivel, superior a tudo quanto se puzesse imaginar!

Moraes e Silva, porém, venho escapar-lhe a presa, não se conteve, e revestindo-se de certa sisudez e gravidade, perguntou por sua vez ao commendador:

— Como foi que se deu semelhante *erro geographico*?

— E' facilimo de explicar, respondeu o simplorio commendador, representante da nação pela provincia de Alagoas. E assim discorreu:

— Cançado das lutas partidarias, que encarniçadamente se travavam na provincia, resolvi seguir para o Rio alim de solicitar do governo uma collocação ó a do paiz.

Nesse tempo occupava a pasta dos negocios estrangeiros o conselheiro Bemvenuto Augusto de Maranhães Tajués, meu amigo velho, a quem fiz sentir minha resolução pedindo-lhe um logar de consul em qualquer ponto onde puzesse repouso das fadigas politicas.

Respondendo o ministro que os melhores logares estavam preenchidos, autorizou-me a ver na secretaria os que se achavam vagos, escolhen-do o que me fosse mais conveniente.

Entre poucos nessas condições, encontrei e de Loanda, que não me desagradou, embora não conhecesse bem sua posição geographica.

Procurei então um mappa, examinei-o com cuidado, verificando que Loanda ficava muito proxima á Lisboa.

Calculei bem as vantagens que me adviriam de exercer o cargo de consul naquella bella cidade das possessões portuguezas.

Tinha uma filha em idade de receber educação.

Mettendo-a em um collegio de Lisboa, me seria facil ir de Loanda visital-a todas as semanas.

Não havia mais duvida: a capital do reino de Angola me servia perfeitamente.

Procurei immediatamente o conselheiro Taques, a quem declarei que desejava ser nomeado consul de Loanda.

— De Loanda? perguntou o ministro como que admirado!

— De Loanda, sim, respondi eu com segurança, accrescentando ter achido o lugar que mais me convinha.

O ministro nada mais me disse, mandando immediatamente livrar o decreto de nomeação.

Em seguida parti para Lisboa, em companhia de minha querida Chica, que não tardou em entrar para um collegio de confiança.

Colloca-lo assim o mais caro penhor de meu coração, tomei passagem para Loanda em um navio de vela, que teve 52 dias de viagem para chegar ao porto da sua destino!

Fiquei perplexo, experimentando a mais tremenda das decepções.

Nunca imaginei que a cidade de Loanda, que no mappa geographico estava tão proxima de Lisboa, se achasse tão distante em uma viagem por mar!

E eu que pretendia ir todas as semanas visitar minha querida Chica no collegio de Lisboa, fiquei cruelmente separado della por espaço de dois annos, quando luto de saudades resolvi pedir demissão do cargo para libertar-me.

Foi então que comprehendí o ar de surpresa e de admiração que manifestou o meu amigo conselheiro Taques, quando preferi o lugar de consul naquelle cidade, que á primeira vista pareceu-me na certa corresponder perfeitamente aos meus desejos.

Como se vê por esta minha exposição, minha nomeação de consul para Loanda foi simplesmente devida a *un error geographico*.

Durante essa explicação dada com tanta ingenuidade, não afastá-nos um momento os olhos d'aquelle homem, que occupava uma cadeira no parlamento enviado por seus correligionarios para decidir com o seu voto dos destinos do paiz.

Não nos convinha desviar a vista do ex consul de Loanda, principalmente para não encantar o companheiro Moraes e Silva, que ouvindo aquella narração pittoresca, devia revelar na expressão de seu semblante o prazer intimo que lhe ia n'alma, vendo confirmado pelo proprio velho Sobral o que a seu respeito me havia assegurado.

Não se comprehende que possa haver um politico, que se anime a representar o paiz em um parlamento, quando por

si mesmo reconhece que commetteu um *erro geographico* solicitando o logar de consul em Loanda, por ver esta cidade bem perto de Lisboa no mappa geographico !

Entretanto é preciso confessar que o commendaador Sobral era mais innocente do que burro, mais simplorio do que pretencioso, referindo aquella *erro geographico* como quem alluza a um triumpho academico, sem alterar-se, sem commover-se, sem perturbar-se.

Mais intoleraveis do que elle, são muitos outros que figuram em politica, como por exemplo o commendaador Malvino Reis, que sob o actual regimen já foi commendaante de brigada, no mesmo logar onde é bem conhecido pelo enorme ridiculo que cerca sua individualidade.

Candidato eterno, tanto no novo como no antigo regimen, o coronel Malvino tem a pachorra de remunerar largamente um secretario para escrever as circulares que costuma dirigir ao eleitorado e as ordens do dia de sua brigada.

Quantes *erros geographicos* não tem elle commettido em suas constantes excursões pelo mundo politico ?

Quanto aos *erros orthographicos*, de alguma fórma está salvo o coronel Malvino, porque assigna de cruz o que os outros escrevem.

E ainda assim quer ser deputado ou senador, tendo já figurado no Estado do Rio de Janeiro onde proferiu discursos *monumentaes* !

Triste de quem não se conhece !

VI

No antigo regimen poucos foram os homens que conseguiram legitimar no parlamento a reputação de oradores que haviam conquistado nas provincias.

Só se pôde explicar esse phenomeno pelas proporções exageradas que a imaginação costuma dar a tudo que se ouve elogiar, e que sempre parece menos do que se dizia, quando se exhibe a nossos olhos.

E' assim que seguidos de fama extraordinaria e muitas vezes merecida, os vultos que de longe se nos afiguram gigantescos, como que se amesquinham ao aproximarem-se, porque realmente não correspondem ao ente de imaginação que formavamos a seu respeito.

Quanto a oradores, a artistas, a quantos se tem de exhibir em publico, pôde tambem explicar-se pela preocupação que naturalmente os domina, procurando em theatro mais vasto firmar na estrêa a reputação que fizeram em meio mais acanhado.

Tanto estudam, tanto se preparam, tanto se esmeram, tanto se apuram, tanto capricham que muitas vezes as idéas se perturbam, se confundem, se baralham, se transtornam, despenhando-se fatalmente do Capitolio á Rocha Tarpêa... do *fiasco*.

Isso acontece, pôde dizer-se, em todas as relações da vida, sempre que alguém é chamado á mostrar em publico as suas habilitades, os seus dotes, os seus predicados, as suas especialidades.

Tomamos a liberdade de reproduzir, como exemplo, um facto que ha annos se deu connosco.

Achavamo-nos na estação de Parabybuna da Estrada

Central, hospedado em casa do nosso amigo dr. Jorge Moreira da Cunha, casado com uma senhora respeitabilíssima por suas virtudes e por sua fina e esmerada educação.

Alli appareceu para visitar-nos um cidadão por nome Córtes, que era compadre tanto nosso como dos donos da casa.

Estávamos todos á mesa de jantar, quando a conversa cahiu naturalmente sobre iguarias, sobre bons pratos, sobre quitutes, enfim sobre cousas que interessam ao estomago.

O compadre Córtes, animando-se na conversação, disse com ar de desvanecimento que ninguem era capaz de preparar *café com leite* com sua mulher.

Realmente, acrescentou a dona da casa, é uma especialidade, uma cousa deliciosa; nunca tomei *café com leite* igual ao que faz a comadre Córtes.

E tão entusiasmado ficou o compadre ouvindo esses elogios que nos convidou a todos para no dia seguinte almoçarmos em sua casa.

Quando, porém, á hora aprasada nos preparavamos para seguir, tive nos a lembrança de dizer á senhora do dr. Jorge da Cunha: ao almoço do nosso compadre decididamente não teremos *café com leite* porque a comadre no empenho de mostrar sua pericia, se ha de esmerar tanto que não sahirá cousa que preste.

Fiquemos certos, acrescentámos, de que sem duvida acontecerá algum desastre.

Chegámos á casa dos compadres á hora convenionada.

As horas porém, passavam-se com uma lentidão acabrunhadora, as exigencias do estomago tornavam-se cada vez mais imperiosas, o compadre Córtes não parava, andando de um lado para outro, sem que apparecesse signal do almoço appetecido.

Decorrido longo tempo, sendo quasi meio dia, apresentou-se-nos o compadre contrariadissimo, dizendo com ar abatido e triste: parece uma fatalidade, nunca nos aconteceu cousa semelhante—o *leite talhou!*

O almoço está prompto, mas infelizmente não temos *café com leite!*

Assim succede a quantos se preparam para exhibições em que tenham de confirmar creditos reconhecidos e exaltados por seus admiradores.

O dr. Vicente do Nascimento Feitosa era um nome feito e merecidamente repatado na provincia de Pernambuco, tendo-se tornado notavel como tribuno, jornalista e jurisconsulto.

Eleito deputado geral em 1863 pelo novo partido denominado progressista, que se formara de conservadores e liberaes moderados, sob o *ministerio das aguias* presidido pelo marquez de Olinda, era de esperar que o dr. Feitosa fizesse a mais brilhante figura na camara dos deputados.

Parece, porém, que se preoccupou tanto com o successo de sua estrêa, tanto se emmerou em architectar uma peça de eloquencia que impresionasse, confirmando sua nomeada de tribuno, que foi victima do maior e mais triste desastre cahindo redondamente na tribuna da camara dos deputados.

Sendo chefe liberal na sua provincia, tendo adherido á liga para formar o novo partido progressista, e querendo salvar suas crenças e os principios da escola liberal, que sempre sustentara na tribuna e na imprensa, propoz-se a explicar a constituição do partido com a *autonomia dos elementos*, ficando conservador quem fosse e conservador e liberal quem fosse liberal.

Essa distincção não agradou e nem podia agradar no momento, porque geralmente se acreditava que na formação do partido progressista fundiam-se os elementos moderados de ambos os partidos com um mesmo programma e sob uma nova bandeira.

Acosado, porém, por apartes que choviam e se cruzavam de todos os lados da camara, o dr. Feitosa repetiu tantas vezes as palavras *autonomia dos elementos* que se tornou fastidioso e insupportavel, sendo em seguida esmagado completamente pelo conselheiro Saraiva, que subindo á tribuna desfecho-lhe golpes mortaes aos ruidosos applausos de toda a camara, que phreneticamente victoriava o orador!

A estrêa, pois, do tribuno pernambucano, tão festejado na provincia, foi um verdadeiro desastre, de que nunca mais se rehabilitou em sua vida politica.

Na camara de 1869, o dr. Mello Mattos, talentoso e illustrado, que na tribuna judiciaria da antiga côrte e na assemblea provincial do Rio de Janeiro, tinha conquistado a merecida reputação de orador, como deputado geral pela provincia de Goyaz teve tambem o mais lamentavel e mais triste fracasso na tribuna da camara.

Discutia-se alli o projecto sobre o elemento servil.

Pertencendo ao grupo dirigido pelo conselheiro Paulino de Souza que ferozmente combatia aquella reforma humanitaria e patriotica, o dr. Mello Mattos preparou-se para tomar parte no renhido debate.

Subiu á tribuna, proferio algumas palavras, engasgou-se

com um terrível *caroço*, passou a mão pela frente como quem procura afagar e coordenar idéas, tirou do bolso algumas tiras de papel, que cahiram sobre o scalho, empallideceu, desconcertou-se, (lhou desconfia lo para todos os lados e afinal sentou-se sem articular mais uma palavra.

Quando o grande Fernandes da Cunha entrou para o senado, deixando vaga sua cadeira na camara de 1872, foi eleito deputado em seu lugar o dr. Eunapio Deiró, que na Bahia era justamente conhecido como distincto orador e jornalista emerito.

Sua estréa, porém, na camara dos deputados foi infelicissima.

Discutindo-se o projecto que autorisava o governo a conceder jubilação ao professor de theologia moral do Seminario de Olinda, conego Manoel Thomaz de Oliveira, o deputado Deiró levantou-se para justificar uma emenda estendendo aquelle favor ao professor do Seminario da Bahia, frei Raymundo da Natividade.

Descrevendo os serviços e exaltando as virtudes do religioso bahiano, fazendo sentir á camara que tambem tinha *envergado a sotaina de seminarista*, terminou o seu discurso de estréa parlamentar, exclamando: dai ao frade *otium cum dignitate!*

Quando se elegeu a camara de 1878, conhecida depois por *camara dos servis*, dizia-nos o dr. Frederico Rego, deputado pela provincia do Rio de Janeiro, que bonitos talentos oratori s abrilhantavam a camara liberal.

E mencionando os que mais se deviam distinguir na tribuna, tecia os mais pomposos elogios ao dr. Theodomiro eleito representante de Minas Geraes.

Quando chegou a epocha da reñnião do parlamento, tivemos occasião de assistir á estréa do tão preconizado orador.

O dr. Theodomiro que é um typo de *pretó retincto* ao subir á tribuna, despertou immediatamente a mais curiosa attenção pela fama que se espalhava de ser um talento de primeira ordem, um orador eloquentissimo.

O seu discurso de estréa, porém, foi uma desgraça, repetindo por milhares de vezes a phrase *se por ventura* e mostrando-se digno representante de sua raça, que, em abono da verdade, tem dado bem poucos homens de letras.

Desses oradores que naufragaram na camara dos deputados, quando eram precedidos de vantajosa reputação, o unico que conseguiu rehabilitar-se, foi o dr. Eunapio (Deiró,

que dispondo de grande talento proferiu notaveis discursos, que figuram nos annaes do antigo parlamento brasileiro, contrastando com a celebre estréa do ex-seminarista da Bahia, que pedia para o frade *otium cum dignitate*.

Outros são ainda mais felizes, porque não podem cair, pois entram para o parlamento de *quatro pés*, sobre que se sustentam, fazendo as delicias dos que os admiram em tão eloquente attitude parlamentar.

Um dia, discutindo-se o orçamento do ministerio da guerra, viu-se com surpresa levantar-se o barão de Penalva para expender *suas idéas* sobre o assumpto, em que se presumia entendido por ter prestado serviços na guerra do Paraguay, donde voltou no posto de brigadeiro honorario.

Ao vel-o na tribuna, o dr. Gusmão Lobo exclamou nos transportes da surpresa e da admiração :

— Santo Deus ! Isto é fim de mundo !

VII

Houve tempo em que no Rio de Janeiro era uma especie de mania fazer conferencias politicas.

Dentre innumerables que se realisaram, só tivemos occasião de assistir a tres, para nós sempre memoraveis, sendo a primeira por Quintino Bocayuva, a segunda pelo dr. Alberto de Carvalho e a terceira pelo *Principe Natureza*.

Se não nos falha a memoria, foi o sr. Quintino Bocayuva quem iniciou as conferencias politicas, que desde então se repetiam de modo prodigioso e assustador.

Nesse tempo ainda o sr. Bocayuva não havia conquistado o titulo de *principe da imprensa*, que merecidamente lhe foi conferido pelos confrades em homenagem aos seus raros talentos e inspirada vocação para o jornalismo.

Já se vê que foram principescas as conferencias, a que tivemos a honra de assistir, porque o dr. Alberto de Carvalho podia tambem ser considerado *principe do pedantismo*.

A noticia da conferencia do sr. Quintino, que havia pouco voltara do Rio da Prata, despertou a maior curiosidade, porque sabia-se que o seu fim e proposito eram fazer sobre-sabirem os progressos, a grandeza, a prosperidade da Republica Argentina, confrontando tudo isso com o atraso, o abatimento e miserias do imperio do Brazil.

Se, porém, quem o ouvia elogiar tão entusiasticamente o adiantamento moral e material daquelle povo admirava a eloquencia do orador, não podia deixar de entristecer-se quando se referia elle á nossa patria, amesquinhando-a, deprimindo-a, desmoralizando-a aos olhos do estrangeiro e de seus proprios concidadãos.

Não se pôde formular mais tremendo libello diffama-

torio contra uma nação, em cujo solo se viu pela primeira vez a luz do dia.

A esse confronto attentatorio de todos os principios, exaltando-se com fervor os progressos phosphorescentes de uma nação desaffecteda e deprimindo-se com desdem os creditos de um povo de irmãos, presidiu um silencio condemnavel, sem que se protestasse contra tão revoltante ingratição e diremos mesmo tão clamorosa injustiça.

D'ahi em diante começou o sr. Bocayuva a ser considerado *argentino*, sendo isto talvez a causa de se terem contra si levantado tão graves suspeitas sobre a negociação do tratado das Missões.

Depois dos applausos que cobriram as ultimas palavras que o orador proferiu no palco do theatro *Gymnasio*, sahimos com a alma de brasileiro profundamente amargurada, resolvido a não mais assistir a conferencias politicas que como aquella de triste recordação, podiam ferir o melindre nacional.

Sucedendo se, porém, as conferencias nos theatros, em que tanta gente muitas vezes mal caracterisada se exhibia para representar o seu papel, perguntou-nos um amigo se não gostavamos desse genero de diversão.

Á nossa resposta negativa, filha do proposito em que nos achavamos, accrescentou elle com vivacidade :

—Mude de resolução, não ha cousa mais interessante, nem mais curiosa, nem mais divertida. Vamos no domingo apreciar o Alberto de Carvalho, que se faz ouvir no theatro *S. Luiz*. Asseguro-lhe que não se arrependerá!

Á vista dessa instancia feita por um homem de espirito, não podemos resistir á tentação, achando nos ao lado do amigo no logar, dia e hora annunciados.

Apparecendo no palco o dr. Alberto de Carvalho com seus bigodes enormes, sua cabelleira artistica e seu respeitavel *casacão*, foi recebido ao som de estrepitosas palmas.

Começou fazendo a apologia da idéa republicana, de que se mostrava fervoroso adepto, sendo logo interrompido por constantes e energicos apartes que perturbavam o orador, cortando-lhe o fio das idéas.

Perguntavam-lhe uns se queria republica pela evolução ou pela revolução.

O conferente, entalado com essas interrogações imperitinentes, sentia-se *entre a espada e a parede ou entre a cruz e a caldeirinha*.

Calava-se para deixar passar a onda que se encapelava,

Muitos, porém, gritavam ao mesmo tempo: define-se: quer a evolução ou a revolução?

Quando de novo se fazia silencio no palco e na platéa, um garoto exclamava: ande o bonde!

E seguia-se a mais estrondosa hilaridade, que vibrava em todo o recinto, atordoando os ouvidos do orador, que conseguia a attitude de victima resignada.

Serena la a tempestade, o dr. Alberto de Carvalho recommençava sua apolojia republicana, sendo novamente interrompido de todos os lados por um chuveiro de perguntas no mesmo sentido, até que um dos ouvintes poz-se de pé, gritando comicamente:

— Não sahirá daqui sem definir-se, declarando peremptoriamente se é pela evolução ou pela revolução.

E quasi todos numa confusão horrivel bradavam: define-se!

O dr. Alberto não se animando a explicar-se, afagava sua basta cabelleira, torcia seus enormes bigodes sem proferir mais uma palavra.

Fazia-se então no recinto novo silencio, que era quebrado pela repetição da gaiatada:

Ande o bonde!

No meio dessa treça tremenda, em que a idéa republicana era sacrificada, ridiculamente envolvida num *casacão indefinivel*, soltamos boas e gostosas gargalhadas, bemdizendo a insistencia com que o amigo nos fizera ir assistir áquella farça, que tanto nos divertiu pela figura burlesca do artista que tão tristemente se apresentava em scena tornando-se o alvo de ditos os mais picantes e de piheries as mais engraçadas.

Passados tempos vimos nos jornaes do Rio annuncio de que o *Principe Natureza* ia fazer uma conferencia politica no *Recreio Dramatico*.

No dia e hora marcados o theatro achava-se repleto de espectadores, que movidos pela curiosidade não podiam deixar de ir assistir áquella pittoresca representação.

Lá nos achavamos tambem.

O nome do conferente era um attractivo irresistivel.

Poucas pessoas não conheciam no Rio o *Principe Natureza*, que se dizia descendente da *nobreza africana*, e que se tornou celebre pela sua estupidez e pelo seu idiotismo.

Foi o capitão-tenente José Carlos de Carvalho quem se lembrou de com essa *molecagem* lançar supremo ridiculo sobre as conferencias politicas que tanto estavam em moda.

Antes de levar o preto á scena, o capitão-tenente Carvalho industriou-o na arte oratoria, ensinou-lhe umas tantas cousas, preparou-o para o grande espectáculo, collocando-se atraz dos bastidores para servir de ponto ao orador.

No centro do palco estava uma pequena mesa, sobre que se collocára um copo com agua.

Quando o *Principe Natureza* surgiu em scena, rompeu uma fremente manifestação por parte dos espectadores, que festejavam o seu apparecimento com a mais ruidosa rola de palmas.

Esse movimento foi o mais espontaneo, porque não havia *claque* organizada.

Todos que alli se achavam, comprehendiam perfeitamente o fim da conferencia pela triste celebridade do orador, um preto idiota, que só fallava de sua *nobre linhagem*, dos seus *titulos principescos*, do *sanjue azul* que lhe corria nas veias.

Não podia haver mais expressiva parodia, nem caricatura mais perfeita, nem ridiculo mais picante, relativamente á conferencias politicas que se celebravam nos theatros do Rio de Janeiro.

Quando o *Principe Natureza*, assumindo a attituda de orador conferente, despejou as primeiras palavras, pareceu que o *Recreio Dramatico* ia abaixo pelos estrepitosos applausos que irrompiam de todos os peitos naquella *momento solemne*:

Ouvia-se distinctamente a voz do tenente Carvalho, que por traz dos bastidores soprava ao *Principe Natureza* o que este devia dizer.

As vezes, porém, o orador não comprehendia bem e calava-se.

Então o tenente Carvalho, para salvar a situação ou para accentuar melhor o ridiculo, dizia:

Beba agua!

E o *Principe Natureza* pegava no copo solemnemente, e bebia agua, como fazem os oradores para refrescar a garganta ou para retomar o fio das idéas.

Não é possível descrever ao vivo, reproduzir com todas as cores, o que se passou nessa memoravel conferencia, que o tenente Carvalho inventou com a fertilidade de seu inexgotavel humorismo, para desfechar golpe de morte sobre todas as conferencias politicas, com que tantos outros *principes* se haviam celebrisado.

Decorridos longos annos, sendo convidado para tomar parte no sacrificio de um *perú recheiado*, tivemos occasião

de ouvir um *orador de sobremesa*, erguendo brindes bestialógicos, feitos em tom tão solemne e tão emphaticamente, dizendo tolices e despropositos com o desvanecimento de quem estivesse proferindo perolas, que nos lembrámos do idiotismo do *Principe Natureza*, que tanto fez rir na celeberrima conferencia realisada no theatro *Recreio Dramatico*.

Entre ambos havia só esta differença: é que um era preto e outro branco.

VIII

Era um bom e excellente homem o conselheiro José Bento da Cunha Figueiredo, que falleceu ha pouco tempo conhecido pelo titulo de visconde do Bom Conselho.

Era natural da provincia da Bahia, mas residiu longos annos na de Pernambuco.

Figurou notavelmente nas letras, na administração e na politica, tendo sido lente cathedratico da faculdade de direito do Recife, presidente de provincias, ministro de Estado, deputado geral e senador do Imperio.

Por muito tempo conhecemos por tradição o conselheiro José Bento, que só muito depois de figurar elle no scenario administrativo e politico do paiz, tivemos o prazer de conhecer pessoalmente.

De tudo que tinha escripto, o primeiro trabalho que lemos foi um folheto que publicou sobre a demissão que soffrera do cargo de presidente de Minas Geraes.

Experimentámos uma certa decepção com a leitura desse occurrento, que inteiramente destoava dos creditos de intelligente, illustrado e sagaz, de que gosava o seu autor.

Até então suppunhamos que um lente de faculdade devia reunir titulos superiores, possuir grande capacidade, affim de poder ensinar a moços de talento que tivessem de ouvir suas lições de mestre.

Nunca nos passou pela mente que por filhatismo ou interesses de politicaçem pudessem penetrar no templo da sciencia verdadeiras nullidades, que amesquinham e demoralisam o magisterio superior, que por isso mesmo deixa de ser um elevado sacerdocio para tornar-se um simples emprego publico.

Convém notar, em homenagem á justiça, que o conselheiro José Bento não podia propriamente ser considerado uma nullidade.

Pela leitura, porém, do folheto a que já nos referimos, começámos a desconfiar dos grandes dotes de espirito que lhe attribuíam.

Estava elle na presidencia da provincia de Minas Geraes quando se deu mudança de ministerio.

Em lugar, porém, de seguir as praticas estabelecidas, enviando ao novo governo seu pedido de exoneração, o conselheiro José Bento deixou-se ficar tranquillo no exercicio do cargo de confiança, sem procurar saber se a mercècia ou não em face da nova ordem de cousas.

O governo, sem duvida, esperou que o presidente de Minas, como fizemos das outras provincias, solicitasse sua demissão, facilitando assim os planos e intuitos da nova administração do paiz.

Comprehendendo então que o conselheiro *amoitado* não pretendia mover-se, o gabinete presidido pelo marquez de Olinda, se não nos mente a memoria, resolveu despartal-o, enviando-lhe successor, tendo a *delicadeza* de conceder-lhe exoneração com a clausula—*a pedido*.

O conselheiro José Bento, porém, que nada tinha *pedido*, sentiu-se ferido no seu melindre, protestando energicamente contra o *acto arbitrario* do governo, que sem causa conhecida ousava demittir-o de um *emprego publico*, que exercia a contento de todas.

Ora um professor de faculdade de direito, que considerava *emprego publico*, na aceção commum da palavra, o cargo de presidente de provincia, de quem não podia ser exonerado por um governo que não o tinha nomeado, sem motivo provado, sem causa justificada, devia-se nos afigurar pelo menos como um *excentricidade*.

Foi sob esta extranha impressão que dahi em diante o acompanhámos na vida politica, até vel-o entrar para o senado em 1869 representando a provincia de Pernambuco.

Ahi o conhecemos nós pessoalmente a pronunciar discursos vulgares, sem despertar interesse e sem produzir impressão no animo de quem os ouvia.

Sem ter jamais sido ministro, apesar de seus pronunciados desejos, foi aproveitado para a pasta do Imperio, no gabinete organizado a 25 de Junho de 1875 pelo inlyto duque de Caxias, que succedeu ao de 7 de Março de 1871, sob a presidencia do immortal visconde do Rio Branco.

Verdadeiro posto de sacrificio foi reservado ao conselheiro José Bento, que passou pelas mais cruéis torturas, occupando o cargo de ministro, que sempre foi um de seus sonhos dourados.

No antigo regimen não houve ministro tão estrondosamente ridicularizado.

O dr. Duque Estrada Teixeira, representante da *flor da gente* do municipio neutro, declarando-se em opposição ao ministro do Imperio do gabinete Caxias, flagellou-o no carnaval de 1877, preparando-lhe uma troça horrivel, apparecendo diversos mascarás perfeitamente caracterizados, figurando um o ministro carregando a pasta, e outros apresentando ao publico esta legenda ridiculamente esmagadora: *larga a pasta, Zé Bento!*

Não se conheceu ridiculo mais formidavel lançado sobre um ministro de Estado.

O velho não podia resistir á vaia carnavalesca, que provocara tanta hilaridade a uma população avida de escandalos, que sem espirito de partido se deleitava com as desgraças do proximo.

Ainda assim o conselheiro conservava-se agarrado á pasta que nem a pau queria abandonar.

Os collegas deram-lhe por vezes a entender a conveniencia de sua retirada do gabinete, mas o conselheiro José Bento fazia ouvidos de mercador, caprichando em não deixar o posto.

Viram-se, entretanto, forçados a accentuar a crise, que não fora aceita apezar dos termos claros e precisos, em que foi estabelecida, declarando positiva e cathegoricamente que não *largava a pasta!*

Obstinado em manter-se nessa posição impolitica e insustentavel, o conselheiro José Bento, suppondo-se seguro pelo apoio que acreditava merecer da Princeza Regente, quando menos esperava, foi surprehenhido com a detenção do cargo de ministro do Imperio sem a clausula—*a pedido*, que tanto o tinha escandalizado quando foi exonerado de presidente da provincia de Minas Geraes!

Cabiu assim o bom velho ingloria e tristemente!

Entretanto, força é confessar, o ministro do Imperio do gabinete Caxias tinha recursos impagaveis na tribuna parlamentar.

Um dia discutia elle na camara dos deputados o orçamento do seu ministerio.

A opposição liberal interpellou-o sobre a vaga de mi-

nistro que ainda não tinha sido preenchida desde a organização do gabinete, que ficara incompleto sem ministro da fazenda.

Levantou-se para responder aos oradores opposicionistas, exprimindo-se assim :

«A illustre opposição mostra-se impaciente desejando saber quando se completa o gabinete preenchendo-se a pasta da fazenda».

Antes de tudo devo dizer-lhes que isto é um *pensamento recondito* do nobre presidente do conselho, em cujo animo é difficil penetrar.

Entretanto, o que posso assegurar á illustre opposição é que essa vaga se ha de *preencher ou mais cedo ou mais tarde.*»

Interpellado ainda uma vez sobre a questão religiosa, procurando se saber qual o meio que tinha o governo para resolvê-la, respondeu que só com o auxilio da *Providencia Divina* poder-se-hia conseguir a solução de tão importante questão que profundamente agitava o paiz.

Tocando nesse ponto, lembramo-nos do mais interessante episodio que se deu na vida parlamentar do visconde do Bom Conselho.

Tendo sido demittido do cargo de ministro do Imperio, sem haver resolvido a famosa questão religiosa, o conselheiro José Bento apresentou-se um dia no senado sotraçando uma volumosa pasta, que depois collocou sobre a balaustrada de frente de sua cadeira.

Levantando-se para fallar, teve occasião de referir-se á questão religiosa que ainda se agitava no paiz.

Tenho aqui, disse elle batendo sobre a pasta, um projecto que formulei para resolver essa questão de modo definitivo, mas que não tive tempo de apresentar como governo, por ter sahido do ministerio.

O senador Zacharias, com o espirito casto que o caracterisava, disse rapidamente como costumava fallar :

Deixe ver esse projecto.

Está aqui, accrescentou o conselheiro José Bento, batendo ainda sobre a pasta volumosa, e posso garantir que elle resolve decisivamente a questão.

O senador Zacharias insistiu :

Desejo ver o projecto.

E dizendo isto, passou da cadeira em que estava para outra que ficava mais proxima ao orador.

O conselheiro José Bento, vendo aquelle movimento,

teve a cautela de puxar a pasta mais para junto de si, bitendo com força sobre ella e dizendo : está aqui.

Nisso o senador Zacharias levantou-se, tomando a direcção do ponto em que o conselheiro José Bento fallava, e dizendo com voz accentuada :

Hei de ver esse projecto.

Quando, porém, chegou a esse apuro, o orator, vendo-se perdido, agarrou a pasta e metten-a rapidamente debaixo do braço, exclamando convictamente : está aqui o projecto !

E nem o senador Zacharias, nem pessoa alguma poudo saber o que continha aquella pasta volumosa, dentro da qual se dizia estar um projecto que cortava de uma vez a questão religiosa !

Quantas vezes nos temos lembrado dessa pasta mysteriosa do conselheiro José Bento, quando se fallava de *certos canudos lacrados e sem lacre*, cujo real conteúdo se ignora, guardando-se sobre elle impenetravel reserva para que escape completamente ás *vistas profanas* !

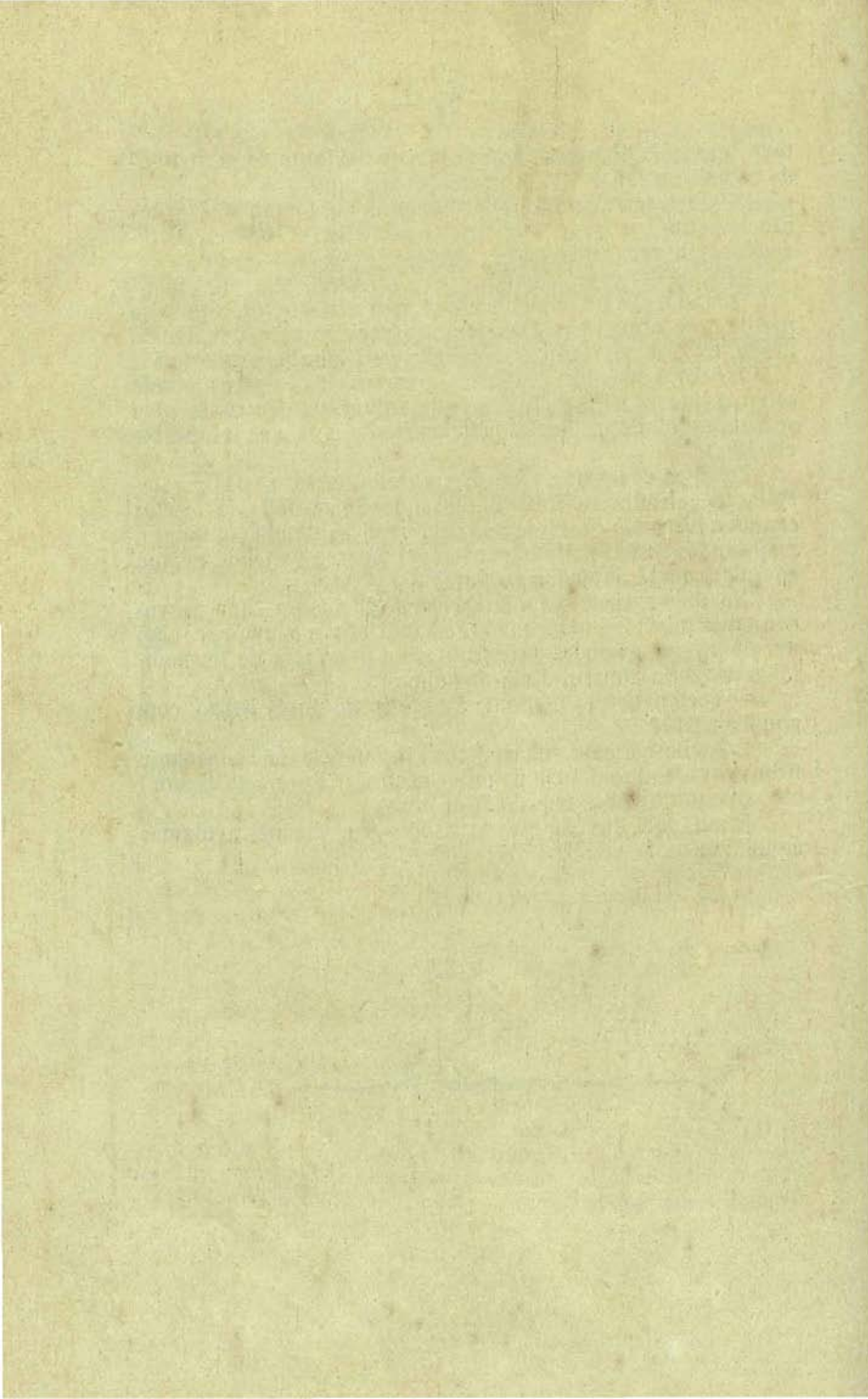
No dia seguinte áquelle irrisorio incidente, que provocou tanta hilaridade no senado, estando nós a conversar com um amigo que tambem representava a provincia de Pernambuco naquella camara, disse-nos elle :

—Você assistiu hontem á scena do José Bento com aquella pasta ?

O Zacharias com sua maligna insistencia só conseguiu ficar provado que dentro daquillo não existia projecto algum !

Que triste lembrança do José Bento !

Eram, sem duvida, *papeis velhos* que faziam avolumar aquella pasta !



IX

Um dos vultos mais notáveis na politica do Imperio foi incontestavelmente o conselheiro Zacharias de Goes e Vasconcellos.

No senado constituiu-se o terror dos governos conservadores, que trazia num verdadeiro cortado, pedindo-lhes empunhando a ferula contas a cada momento e flagellando-os com o agulhão da critica a mais severa e implacavel e com as argucias de seu espirito essencialmente caustico.

O conselheiro Zacharias era orgulhoso, altaneiro e... máu.

Sentia prazer satânico quando feria um adversario, expondo-o ao ridiculo ou á odiosidade publica.

Nesse seu papel, entretanto, prestou serviços reaes á causa nacional, fazendo muitas vezes impedir o mal, não por amor ao bem, mas para cevar seus instinctos naturaes.

Caprichava em amesquinhar tudo, reduzindo todos a infimas proporções, para que sua personalidade pairasse em esphera superior, olhando-os de cima para baixo.

Era uma natureza exquisita, uma organização excepcional.

Propenso ao mal, só fazia bem quando era obrigado, e ainda assim fazia-o sempre com *mau modo*.

Quando chefe do gabinete de 5 de Agosto, tratava a camara dos deputados com um desdém e desprezo irritantes, denominando-a *confraria de pelintés*, da propria tribuna em que fallava.

Não apertava a mão a deputado algum como quem entrava em uma fazenda de escravos, fazendo apenas uma leve inclinação de cabeça.

E, entretanto, teve sempre maioria que o sustentasse no poder, cabindo somente na occasião que escolheu, sem ouvir e sem dar satisfação aos chefes do partido que representava no governo. ?

Cahiú, porém, *de pé*, tendo a altivez de considerar *desacerto* a escolha da corôa, do conselheiro Salles Torres Homem para o lugar de senador pela provincia do Rio Grande do Norte.

Era dotado de notavel talento e possuia vasta illustração, mostrando-se entendido nos variados ramos da alta administração.

Todas essas qualidades, porém, eram grandemente prejudicadas pelo seu genio, que sacrificava tudo a uma phrase de espirito mau, em que era fertil e inexgotavel.

Quando os ministros deputados iam ao senado discutir os seus orçamentos, o conselheiro Zacharias divertia-se com elles, aleunhando-os malignamente e procurando reduzi-los á ultima expressão.

Um dos mais victimados pelos causticos que o senador bahiano lhe applicava, foi o conselheiro Antão, ministro do gabinete 16 de Julho, ao qual chamou um dia *de capitão de bandeira*, porque não tinha forças para demittir o conselheiro Capnema do cargo de director geral dos telegraphes, em cujo exercício atacava o proprio ministro nas columnas do *Jornal do Commercio*.

Encontrou, porém, mais de um que lhe apartava os golpes ferines que sobre elles desferia, rebatendo-os energicamente.

Quando o conselheiro José de Alencar, que tambem fazia parte do ministerio de 16 de Julho, apresentou-se no senado para discutir o orçamento da justiça, bateu-se galhardamente com o formidavel adversario.

O senador Zacharias, no empenho de amesquinhar o ministro da justiça, denominou-o *fanadinho*, procurando tirar partido da debilidade physica, que era o envolvero de um grande espirito.

José de Alencar, porém, não se deixou esmagar pelo ataque dirigido contra sua pessoa, nem intimidar ante a catadura aterradora do senador bahiano, que se tornára o flagello de quantos ministros tinham de ir áquella camara no cumprimento de seus deveres.

Subindo á tribuna do senado, o *ministro fanadinho* mostrou-se um perfeito athleta, vibrando sobre o adversario golpes mortaes, discutindo com proficiencia todos os assumptos e dirigindo-lhe allusões as mais cruéis.

Dizendo a principio que era mau o espirito do conselheiro Zacharias, não devemos deixar de referir um facto que vem em abono da nossa proposição.

Exerceu elle por longos annos o importante cargo de provedor da Santa Casa de Misericordia no Rio de Janeiro.

Na respectiva secretaria existia como empregado um excellente moço, que era conhecido pelo nome de *Machadinho*, irmão do nosso amigo Horacio Machado que ha pouco esteve nesta cidade hospedado em casa do seu digno cunhado Francisco Teixeira.

Sabendo o conselheiro Zacharias que o *Machadinho* havia contractado casamento, mandou dizer-lhe por intermedio do chefe da repartição Francisco de Sá, que o demittiria do cargo se chegasse a casar-se.

O moço, recebendo esta intimação, ficou naturalmente contrariado e triste, sem saber o que fizesse, resolvendo afinal sujeitar-se ao sacrificio da demissão, com tanto que não faltasse á sua palavra empenhada.

Realizado o casamento, o chefe Francisco de Sá aconsellhou ao *Machadinho* que fosse com sua esposa complimentar o conselheiro Zacharias, explicando-lhe a situação e pedindo-lhe desculpas por havel-o contrariado.

O novo casal foi recebido gentilmente pelo provedor da Misericordia, que tratou-o muito bem em sua casa, ouvindo-o nas suas explicações, dando o braço á senhora ao descer a escada, quando ambos se retiravam satisfeitos e cheios de esperanças.

No dia seguinte, porém, bem cedo ainda na occasião em que o chefe da repartição ia, como costumava, receber as ordens do provedor, entregou-lhe este a portaria já assignada, demittindo o *Machadinho* do emprego que exercia na secretaria da Santa Casa de Misericordia!

O conselheiro Zacharias que figurou tão notavelmente na politica do Imperio, tinha dessas *descabidas* lamentaveis!

O mundo é assim mesmo!

Uma das cousas mais interessantes e pittorescas é ouvir certa gente discorrer sobre assumptos de que não entende.

Maus *musicos de orelha* repetem sempre de modo diverso o que pescaram em conversas, trocando nomes, inventando factos, baralhando ideias, confundindo personagens, creando situações impossiveis, fallando com *ar de sufficiencia* e em tom cathedratico.

A guerra do Paraguay, por exemplo, se foi para o Brazil um sorvedouro de dinheiro e de vidas, não deixou tambem de ser um manancial fecundo de casos engraçados, de notas comicas e de episodios interessantissimos.

Naquelle tempo felizmente nem havia ainda telegrapho nem o boato, elevado á altura de um principio e da *chapa* tinha sido arvorado em arma de guerra.

Entretanto, cada um vivamente interessado pelo desenlace da questão de modo favoravel ao exercito brasileiro, pela simples leitura dos jornaes formava os mais extravagantes entes de imaginação, figurando planos de batalha, cantando victorias, estrangulando-se o inimigo, dando-se como certa a terminação da guerra, que tão tristemente depauperava as forças do paiz, absorvendo-lhe todos os recursos e devorando-lhe tantos milhares de vidas.

Dizia-se—*morreu o Lopes*—com a mesma facilidade, com que até hoje se diz—*morreu o Neves*!

Repetia-se a cada passo, correndo de bocca em bocca, os nomes dos mais famosos generaes do exercito da triplice alliança, assim como os dos mais celebres cabos de guerra que dirigiam as forças paraguayas.

As victorias alcançadas pela esquadra e exercito brasi

leiros celebravam-se com o mais ardente enthusiasmo, porque principalmente pareciam prenunciar a conclusão dessa luta desastrosa e fetal para todas as nações que se achavam nella empenhadas.

Havia quem descrevesse ao vivo o formidavel combate naval de Riachuelo, em que a esquadra brasileira representou o mais glorioso papel, conquistando a mais brilhante victoria, ficando inscriptos em letras de ouro no livro da historia patria os nomes dos heroes glorificados naquelle feito immortedouro.

Fallava-se com enthusiasmo do insuccesso da abordegem da Painshyba, das *bicadas* do Amazonas, do encalhe do Jequitinhonha que resistia heroicamente ás baterias de terra, que despejavam vivo fogo sobre esse vaso de guerra brasileiro.

Havia, porém, quem tendo ouvido referir estes feitos heroicos, os repetisse estropiadamente, chamando Arcozello em lugar de Riachuelo, almirante Barradas em vez de almirante Barroso, e outros despropositos em que são ferteis os que se mettem a fallar sobre aquillo que escapa ou excede á sua comprehensão.

As vezes revelava-se em alguns uma certa ingenuidade na apreciação dos vults e dos acontecimentos da guerra do Paraguay.

Para espiritos abstractos dava-se horrivel confusão entre os nomes que se repetiam de Lopes, Caxias, Osorio, Porto-Alegre, Pelydoro, Argollo, Mitre, Flores e outros generaes que figuraram naquella memoravel campanha.

Recordamo-nos de um facto que se deu na cidade do Natal, quando a guerra do Paraguay já se achava em seu periodo agudo.

Chegára alli o paquete do sul, esperado com anciedade, agglomerando-se á porta do correio grande multidão avida de noticias sobre o theatro da guerra.

Recebidas as folhas do Rio, foram alguns lèlas na casa de negccio do major Pelinca em frente ao correio.

Importantes successos relatava o *Jornal do Commercio*, cuja leitura se ouvia com maxima e religiosa attenção.

Entre os ouvintes achava-se um homem graduado em lettras, professor de lingua franceza do Atheneu Rio-Grandense.

O leitor imprimia á sua voz um tom enthusiasfico, referindo os acontecimentos em que eram envolvidas as forças alliadas e as de Lopes, cujo nome se repetia muitas vezes,

Lopes para aqui, Lopes para alli, Lopes para acolá, por Lopes toda a parte.

Nisso o professor de francez, sem duvida impressionado com a repetição daquelle nome que lhe parecia estranho, fez quebrar o silencio e interromper a leitura, dizendo:

— Queira desculpar a interrupção, pois desejo esclarecer-me: — esse Lopes de quem tanto se folla, è *por nós ou contra nós*?

Outros, porém, menos simplórios e mais pretenciosos, imaginando planos de batalhas, asseveravam que o dictador do Paragnay estava se fortificando, preparando-se para resistir ás forças inimigas, que infallivelmente seriam estranguladas ao encontro da formidavel *esquadra de terra* que se tinha organizado em Assumpção.

Quando na guerra das cordilheiras a lança do *Chico Diabo* atravessou o coração de Lopes no *Aquidaban*, os *entendidos* proclamavam esse feito heroico como tendo sido acontecido nas margens do *Quindibá*.

Haverá cousa mais engraçada do que ouvir certa gente a ler com enthusiasmo noticias sobre guerra, pronunciando *projectis* em lugar de *projectis*, *holóphotes* em vez de *holophótes* e outras muitas barbaridades?

Pois são esses mesmos os augures das revoluções, determinando os dias de seu estrangulamento, figurando *esquadras de terra* com seus *Quindibás*, seus *projectis* e *holóphotes*.

Que ditosa gente!

Que bemaventurado paiz!

XI

Como são vivas e profundas as saudades que experimentamos, quando nos recordamos daquelles bellos tempos em que ainda creança assistiamos aos exercicios e paradas da guarda nacional de nossa terra !

Acompanhavamos embevecido, com a alma radiante de prazer e felicidade, os movimentos, as manobras, que se executavam com tanto garbo e com tanta distincção, como se os officiaes e soldados pertencessem a corpos de linha bem disciplinados.

Quando viamos aquelle *arreganho militar* com que todos se impunham, provocando enthusiasmos e despertando emulações, pediamos a Deus que nos fizesse *crescer e apparecer em fórma* para realisarmos nossas mais nobres e mais arden-tes aspirações.

Como nos encantavam aquellas fardas curtas, de *covado e meio* de panno, que davam tanta graça aos mais sacudidos e desempenados !

Ficavamos embasbacados ao contemplar tanta gente uniformisada com seus bonets de couro envernizado e suas barretinas de plumas multicores.

O fardamento daquelle tempo, embora demasiado simples, ainda assim nos attrahia, fazen lo nascer em nosso peito desejos irresistiveis de nos ligar um dia áquellas fileiras occupadas pela *flor da gente* de nossa terra.

Sentiamo nos transportar a mundos desconhecidos, quando, nos dias de grande gala, festas religiosas e procissões, viamos figurar a guarda nacional, que naquelles tempos costumava fazer as guardas de honra.

De todos os officiaes que commandavam essas guardas,

havia um que mais nos impressionava pelo seu porte, pelo seu enthusiasmo, pelo seu desempenho, pelo timbre de sua voz marcial, por um conjuncto admiravel de predicados que notavelmente distinguiam sua pessoa talhada para o serviço das armas.

E' pena que os leitores não tivessem conhecido o tenente Focio Machado do Rego Barros á frente de uma guarda de honra acompanhando alguma procissão.

Era para fazer toda a gente ficar boquiaberta pelo garbo com que commandava sua força.

Quando alguma autoridade superior lhe passava proximo e o tenente Focio possuido de seu papel, gritava = *apresentar armas* - não havia quem deixasse de electrizar-se, sentindo correrem *formiguinhas* por todo o corpo.

Vejam, porém, como são as cousas do mundo.

Apezar do enthusiasmo que nos despertava a figura seductora e imponente do tenente Focio, e do deslumbramento que me causavam os galões de toda aquella luzida officialidade, nossa vocação pronunciada para as armas, nossas tendencias mavorcias oscilavam entre os postos de corneta e cabo de esquadra.

Propendiamos naturalmente mais para o primeiro, que, depois de algumas experiencias mal succedidas, se tornou uma impossibilidade, porque desgraçadamente nos faltava a principal condição, que é a *embocadura*.

Sem *embocadura* é impossivel tocar-se instrumentos de folego.

Como nos soava agradavelmente aos ouvidos esta phrase pomposa, que por si só equivale a um grito de guerra—*corneta mór!*

Perdida, pois, a esperanza por esse lado, ficou assentado de pedra e cal que, quando chegassemos á idade de ser alistado guarda nacional, resumiriamos toda a nossa aspiração em pretender o sympathico posto de cabo de esquadra, *cujas razões* caviámos repetir a cada passo como expressão da mais profunda sabedoria.

Não salemos porque aquellas duas fitinhas no braço esquerdo tinham para nós inexprimivel encanto, attractivo o mais irresistivel.

O que é certo é que, quando em nossos sonhos de creança nos imaginavamos cabo de esquadra, nos consideravamos um grande homem, porque é sempre grande todo o homem que attinge ao ponto culminante de suas aspirações.

O conselheiro Paulino de Souza, entrando para a politica

conduzido pela mão de seu progenitor, visconde de Uruguay, foi proclamado *marechal do futuro*, e como esse título lhe fosse concedido mais por adulação do que por merecimento, experimentou elle as mais tremendas derrotas em todas as campanhas em que se empenhou, sendo a mais estrondosa a que soffreu na questão do elemento servil.

Comnosco, entretanto, não se dariam os mesmos insuccessos, porque sendo *cabo de esquadra do futuro*, saberíamos honrar no presente esse nobilissimo posto.

Infelizmente, porém, não pudemos gozar o prazer de figurar na guarda nacional do nosso tempo, porque nem tínhamos *embocadura* para corneta, nem nos quizeram acceptar para cabo de esquadra.

Que horrivel desillusão!

Como se desvaneceram tantas esperanças de corneta e se desfizeram tantos sonhos de cabo de esquadra!

Em 1872 foi que experimentámos o horror dessa tremenda decepção.

Temavamos parte na sessão solemne da abertura do parlamento ao lado do marechal conde de Porto-Alegre, deputado pela provincia do Rio Grande do Sul.

Aproximado-se o visconde do Rio Branco, presidente do conselho de ministros, carregado de gran-cruzes de diversas nacionalidades, disse o conde de Porto-Alegre: estas honras e distincções chegam sempre tardias, na idade em que essas cousas já nos encontram indifferentes sem o calor do enthusiasmo, que nos inspira a mocidade.

E o marechal accrescentou:

— Nunca na minha vida me julguei tão grande, nem experimentei tão ineffavel jubilo, nem me enchi de tanto desvanecimento, como no dia em que deitei nos panhos os galões de alferes. Passei por todas as ruas da cidade, mirando-me, cheio de mim mesmo, suppondo que todo o mundo me admirando invejava a minha sorte, que todas as moças apaixonadas disputavam a minha mão. Tirei o retrato fardado para offerrecer aos meus companheiros e amigos com dedicatorias as mais expressivas e enthusiaslicas.

Posso dizer, concluiu o marechal conde de Porto-Alegre, que só tive um dia de gloria e de felicidade na vida, que foi quando recebi a promoção ao posto de alferes!


Uma nuvem de tristeza se estendeu sobre nosso semblante, quando ouvimos as expansões do glorioso general riograndense, lembrando-nos de que a sorte adversa nos privou da felicidade de experimentar essas doces e gratas emoções,

deitando em nosso braço as seductoras divisas de cabo de esquadra, nossa aspiração suprema [na guarda nacional !

Desculpem, porém, a immodestia, que nos faz crer que a patria perdeu mais do que nós, sendo roubada nessa *nota característica* do nosso valor patriótico.

Para pensar assim, temos motivos os mais intimos, verdadeiras *razões de... cabo de esquadra.*

10 de Novembro de 1893.



XII

Em officio dirigido ha poucos dias ao governo pelo conselheiro Paulino de Souza, na qualidade de Provedor da Santa Casa de Misericordia do Rio de Janeiro, vimos que o ex-presidente do senado do Imperio resolveu abandonar a politica recolhendo-se á vida particular.

O que, porém, não nos quiz dizer o illustre conselheiro foi se o seu *Paulininho* está satisfeito com o posto de general, a que foi promovido, sem ter merito e sem haver prestado serviços nem ao partido, nem ao paiz, nem á republica, nem á cousa alguma.

Parece que o *filhote* vai seguindo os mesmos passos do pai, que foi elevado ás mais altas posições do Estado por *direito de successão*, aclamado no berço *marechal do futuro*, sem ter ainda *fé de officio*, e tornando-se celebre pelas successivas derrotas que experimentou em todas as campanhas em que se achou envolvido.

O sr. Paulino de Souza, que teve a felicidade de ser filho do visconde de Uruguay e sobrinho do visconde de Itaboraay, fez carreira politica de modo facil, commo e rapido.

Póde dizer-se que o filho de seu pai e o sobrinho de seu tio propriamente *não subiu*, mas *escorregou para cima*, na phrase pittoresca de antigo jornalista.

Aclamado *marechal do futuro*, fez-se commandante em chefe das forças conservadoras, sem ter *sargenteado companhia*.

Não foi necessario o esforço proprio para mostrar os seus talentos, porque o pai se incumbiu de fazer a propaganda, exaltando-lhe os meritos e proclamando sua illustração.

Conta-se que o visconde de Uruguay, na roda dos intimos,

fazia a apologia do filho do modo o mais engenhoso e original.

Dizia elle em tom de surpresa e admiração : os moços de agora são um verdadeiro prodigio pelos enormes progressos que revelam em todos os ramos dos conhecimentos humanos !

Ao passo que nós velhos levamos uma vida inteira a estudar para saber alguma couza, a mocidade dos nossos dias brilha e se impõe por sua illustração variadissima.

Quando, depois de ter eu lido uma obra moderna de sciencia, apresso-me a chamar para ella a attenção do meu Paulino, este responde-me com ar de desvanecimento que ha muito tempo já fez a sua leitura !

E' admiravel !

De modo que eu já velho quasi sempre me envergonho de andar tão atrasado, quando o meu Paulino joven ainda se mostra tão familiarizado com autores que me eram inteiramente desconhecidos.»

Ora quem ouvia a um homem notavel como o visconde de Uruguay pronunciar-se tão lisonjeiramente sobre os meritos do filho, ficava naturalmente formando deste o mais elevado juizo.

Foi sob esses auspicios que o conselheiro Paulino entrou para a politica, achando o terreno preparado pelo proprio progenitor, que era autoridade e um dos oraculos no seu partido, que em 1866 elegeu o *marechal do futuro* para representar a provincia do Rio de Janeiro na camara dos deputados.

Ahi o vimos nós pela primeira vez na sessão legislativa de 1868.

Já tinhamos, porém, lido um discurso proferido por elle no anno anterior, no qual o orador fizera uma pausa mostrando-se artisticamente commovido quando se referiu á memoria de seu venerando pai.

Tornava-se notavel que do pequeno grupo de conservadores que faziam parte daquella famosa camara, era o sr. Paulino de Souza o menos activo, frequentando rarissimas vezes a tribuna, que não se dignou occupar uma só vez na sessão de 1868.

Emquanto Fernandes da Cunha, Sayão Lobato e Pereira da Silva trovejavam no recinto da camara, combatendo vigorosamente a situação progressista e condemnando os erros do gabinete 5 de Agosto presidido pelo conselheiro Zacharias, o *marechal do futuro* como que recolhido ao *quartel de inverno* conservava se impassivel em sua barraca, á distancia respeit-

vel, inteiramente alheio e indifferente aos combates que se feriam.

Bem comprehendia o *maço-velho* que, se a *palavra é prata o silencio é ouro*, e ainda que não têm mais razão os que mais fallam, nem que merecem mais os que mais se esforçam.

Tudo isso se verificou nesse mesmo anno de modo admiravel.

Quando, desmoronando-se a situação progressista, organisou-se o gabinete 16 de Julho, surgiu o sr. Paulino de Souza como ministro do Imperio, sendo seu tio vi conde de Itabaly ministro da Fazenda e presidente do conselho.

De facto o chefe do gabinete era o sobrinho do seu tio, dirigindo a politica geral do paiz, tornando-se arbitro supremo do partido conservador.

O conselheiro Paulino levou para o governo *novos moldes*, a que applicou certo grupo de amigos sempre promptos a tiral-o das difficuldades, quando abordado por algum deputado importuno,

Affectando uns modos graves, umas reservas circumspcetas, uns sorrisos benevolos, uns ares de protecção, o conselheiro Paulino mesmo assim tornava-se inaccessivel pelo tom magico e mysterioso que envolvia sua individualidade.

Quando, porém, algum deputado meos tímido resolvia abordar o ministro do Imperio para tratar de negocios relativos á provincia que representava, o director politico do governo nem lhe dava as costas nem o repellia.

Pelo contrario fingia ouvi-lo com maxima attenção, esfregando as mãos, endireitando os oculos, fazendo rolar nos labios uns sorrisos favoritos, inculcando o mais vivo interesse e esforçando-se por occultar o seu enfado.

O pobre deputado, julgando por essas exterioridades atrahentes, acreditava sem duvida que seria bem succedido em suas pretensões, quando de subito apparecia um terceiro, como no *conto do vigario*, pedindo licença para interromper a conversa pela necessidade que allegava de fallar sobre assumpto urgentissimo.

O ministro então, voltando se muito delicada e amavelmente para o primeiro, pedia mil desculpas, concluindo sempre assim: tenha paciencia; conversaremos depois.

E lá se retirava acompanhando o ultimo, que não era mais do que um dos *amigos promptos*, que nada queria, a não ser livrar o ministro das garras de um importunente.

Nesse tempo ainda os importunos não eram conhecidos por *cacetes*, modernissima classificação, de que tanto hoje se

abusa, applicando-a a todos os casos, o que não deixa de ser uma verdadeira *caceteação*.

O que, porém admira é que esse homem obedecendo a *novos moldes*, que estabelecera no governo, tivesse depois na opposição grande numero de adeptos, que lhe deram tanta força no seio do partido conservador.

E' certo que o conselheiro Paulino de Souza inscrevera na bandeira opposicionista a legenda da escravidão, abrigando á sua sombra todos os que se oppunham á grande reforma nacional.

Não fóra esse estandarte negro que tremulava no acampamento dos inimigos da abolição, e estamos certos de que ninguem supportaria o tom ceremonioso, o formalismo, a etiqueta, com que o chefe escravocrata recebia e tratava aos seus mais dedicados amigos que jamais gozaram de sua intimidade.

Uma vez nos dizia Ferreira Vianna: o Paulino tem um caracter perfido, essencialmente perfido.

Aquellas rugas precoces que assignalam a sua fronte, e que parecem filhas da meditação e do estudo, são o resultado d'aquelle caracter perfido, essencialmente perfido!

Nem tanto e nem tão pouco.

Antes de tudo, achamol-o pretencioso, frivolo, tolo e ridiculo.

Disso deu elle irrecusavel prova, quando na dia 16 de Novembro de 1889, já havendo governo republicano organizado, marchou solememente para o antigo senado, onde não pôde penetrar por estar postado á sua porta um guarda, que impediu a sua entrada.

No dia seguinte o conselheiro Paulino, em artigo firmado com o seu nome, declarava pelo *Journal do Commercio* que só não cumpriu o seu dever como presidente do senado, porque o guarda que alli se achava não consentiu o seu ingresso!

Depois reflectindo melhor, resolveu adheir á nova fórma de governo, da qual acaba de *desatherir*, recolhendo-se á vida privada.

E' pena que não leve o *Paulininho* em sua companhia!

Esta raça de *marechaes do futuro* não tem sido bem succedida nos seus planos de batalhas.

A bem da republica e da patria convém rebaixal-os a cabo de esquadra.

11 de Novembro de 1893.

XIII

Ia typos que por assim dizer constituem uma raça, que se encontram em toda a parte, que deixam após si uma lembrança indelevel no lugar em que fazem sua epocha, durante muitas gerações que se succedem.

Ide, por exemplo, ao Recife e lá ouvireis referir as historias, as anedoctas, em uma palavra, as mentiras chistosas e inoffensivas do major Quaresma, que fazia as delicias da mocidade academica, que nas horas vagas se entregava satisfeita e feliz a essa diversão innocente, apreciando no meio de gostosas gargalhadas a fecundidade inexgotavel daquella imaginação caprichosa e engraçada!

Tão cedo não se extinguirá no espirito popular do Rio de Janeiro o nome historico do cidadão Fagundes, que se tornou celebre pelo seu privilegio da exploração das minas de Caiapó, e ainda mais pelos *nós* de seu formidavel *bengalão*, com que costumava ameaçar a quem se oppunha ás suas pretensões, e que denominava *poder executivo*!

Ainda hoje todos naquella cidade se lembram do famoso negociante de objectos velhos o popularissimo Freitas que consumiu boa fortuna com a publicação de artigos do *Jornal do Commercio*, nos quaes, em estylo unico e incomprehensivel, se occupava do *mal das vinhas, das bisnagas e de outras cousitas mais que o estimulavam a fallar*!

Esse escriptor ficou sendo conhecido pelo nome de *Mal das Vinhas*, assim como o Fagundes pelo titulo de *barão de Caiapó*.

Quando se riscará da memoria da mocidade academica de S. Paulo, nas gerações que se succederem, o nome festejado do celebre *Trinta Kilos*, ha pouco tempo eliminado do nu-

moro dos vivos, indo repousar na morada eterna, livre das garras dos *trocistas* implacaveis ?

Essas encarnações typicas do ridiculo formam uma especie de familia que se espalha por toda a parte, perpetuando a sua fama, que se transmite a todas as gerações pelos jornaes e pela tradiçãõ.

Em nossa terra conhecemos tambem um representante dessa raça cosmopolita.

Chamava-se *Thiago Moisinho*.

Depois de ter occupado o posto de cabo de esquadra do corpo policial da provincia, sendo distinguido com a escolha para servir como ordenança dos presidentes, resolveu-se a estudar grammatica portugueza para propor-se a uma cadeira de primeiras letras.

Agarrou-se ao *Coruja* com o furor de quem deseja aprender para fazer-se professor em pouco tempo.

Afim de que o estudo não se lhe tornasse enfadonho e insupportavel, Thiago Moisinho interessou a *cara metade* nesse empenho, obrigando-a a decorar as regras grammaticaes do *Coruja*, exercitando-se ambos nesse jogo, nessa gymnastica de memoria.

Só fallavam *grammaticalmente*, applicando a regra a cada phrase que proferiam, procedendo á minuciosa analyse grammatic e correndo ao *Coruja* para tirar as duvidas que se suscitavam.

Quando um dizia qualquer cousa, era obrigado a declarar ao outro o sujeito, o verbo e o complemento da oração, para mostrar o progresso que estava fazendo no estudo da grammatica.

A pobre mulher de Thiago Moisinho era apenas uma victima, condemnada ao sacrificio de acompanhar o marido nesse *furor grammatical*, já *madurona* e sem disposições para metter-se nestas funduras.

Entretanto, para não plantar a desharmonia no seio do casal, sujeitava-se a coitada a esse ingrato estudo no louvavel empenho de concordar com o *sujeito em genero, numero e caso*.

Infelizmente, porém, pouco tempo durou essa *concordancia grammatical*, pois que a senhora Moisinho separou-se para sempre daquelle, que á fina força pretendia encaixar-lhe na cabeça regras superiores á sua conformação.

Thiago Moisinho ficou inconsolavel, chorando duplamente a perda de sua companheira de vida matrimonial e de estudos grammaticaes.

Vendo se só, sem a sua cara metade, como uma oração sem complemento, Moisinho resolveu mudar-se da capital para o interior, onde logo tratou de completar-se, escolhendo para esposa uma joven, que não concordava no numero de annos que já elle contava.

Defronte da capital, na margem opposta do rio, ha um lugar chamado *Corôa*, onde os viajantes vindos do interior deixam os seus animaes.

Um dia nos encontrando com Thiago Moisinho na cidade lhe perguntámos se andava passeiando e quanto tempo se demorava entre os amigos.

Respondeu-nos com presteza :

—Cheguei agora e hoje mesmo volto, tanto que deixei o meu cavallo *á corôa*—e accrescentou *grammaticalmente*: este *á* é carregado.

Em seguida nos disse: Entre homem pobre, e pobre homem ha enorme differença, porque homem pobre é o *escasso de fazenda*, e pobre homem é o *baldo de espirito*.

E accrescentava com desvanecimento: Eu sou um homem pobre.

Então, Thiago, perguntámos nós, como vai no seu novo estado?

—Assim, assim, respondeu elle com certo ar de tristeza,

—Não posso esquecer-me de minha primeira mulher, que me comprehendia perfeitamente, que tinha gosto pelo estudo da grammatica, que concordava commigo em *genero, numero e caso*.

Oh! jamais me esquecerei da minha *cara grammatica*!

Ainda não consegui que a segunda se dedica-se com proveito ao estudo da grammatica, para que possa fallar correctamente a nossa lingua.

Por mais que a advirta, não pude corrigil-a dos erros que commette dizendo sempre *mas porém, havera, pro mode* e outros despropositos grammaticaes.

Alimentei grandes esperanças, porque casei-me com uma moça bonita, de boa familia, nova e que até não é má.

Infelizmente, porém, dá-me sempre um desgosto profundo, que sinto dentro d'alma: na terceira pessoa do singular, do tempo presente, do modo indicativo do verbo *viver*, não é capaz de dizer *vive*, só diz *veve*!


Se minha segunda mulher soubesse grammatica como a primeira, seria incomparavel, porque outros dotes não lhe faltam.

Aquelle *veve*, porém, me tortura e mata me!

Para Thiago Moisinho, pois, que em tudo era grammatico, as primeiras nupcias foram uma conjuncção copulativa, e as segundas uma terrivel disjunctiva.

Feliz de quem vive grammaticalmente no casamento, concordando as partes da oração matrimonial em genero, numero e caso.

14 de Novembro de 1893



XIV

Não é possível descrever e muito menos reproduzir fielmente a impressão que experimentámos, quando a 19 de Fevereiro de 1868 vimos pela primeira vez a ruidosa cidade do Rio de Janeiro!

Era uma especie de *novo mundo* que surgia e se impunha á nossa vista de provinciano avido de conhecer pessoalmente as grandezas da arte e as maravilhas da civilização, de que tanto se nos havia fallado com o mais vivo interesse e o mais ardente enthusiasmo.

Não nos propomos certamente a fazer a apologia da grande cidade sob os seus variados pontos de vista, mas unicamente assignalar a época e determinar o lugar, em que tivemos a felicidade de ver de perto e admirar a estatura de um dos vultos mais notaveis que figuraram na politica do Imperio.

Em dias do mez de Maio de 1868 um amigo teve a gentileza de apresentar-nos ao dr. Fernandes da Cunha, que na camara dos deputados representava a provincia da Bahia, abençoado berço de tantos estadistas famosos, de tão distinctos poetas e oradores, que com seus raros talentos não somente se tornaram o ornamento brilhante de sua terra natal, mas tambem se constituiram verdadeiras glorias nacionaes.

Quando o amigo no acto da apresentação declinou o nosso humilde nome, que havia pouco tempo, surgindo da obscuridade começara a figurar modestamente no grande mundo politico, o dr. Fernandes da Cunha, com a franqueza e lealdade que o caracterizam, mostrou-se admirado de sua realidade, porque, como disse, pensava que fizesse simples pseudonymo firmando artigos naquelle tempo publicados no *Correio Mercantil* sobre assumpto politico da mais palpitante actualidade.

Dando-nos diploma de *illustre desconhecido*, na chistosa

phrasede Silveira Martins, o deputado bahiano não sacrificava a verdade nem feria o nosso amor proprio, que pelo contrario sentia-se lisonjeado com aquella manifestação de sufprezza e admiração diante de nossa pobre e obscura individualidade.

O vulto de Fernandes da Cunha, que tinha uma reputação gloriosa no paiz inteiro, cresceu cada vez mais aos nossos olhos, que embebedos e extaticos se fixavam na contemplação daquelle notavel orador parlamentar, que com os fulgores deslumbrantes de seu verbo inspirado e com a impetuosidade caudalosa de sua eloquencia arrebatadora, impressionava os auditorios, que fascinados se transportavam a mundos ideaes e até então desconhecidos.

Fernandes da Cunha occupava a bancada da camara, que naquelle tempo se chamava a *montanha*, por ser a mais elevada e tendo apenas duas cadeiras.

Quando nos encontramos com elle pela primeira vez, tinhamos ainda vivissima a impressão que nos produsira a leitura do vigoroso discurso proferido pelo grande orador na sessão legislativa do anno anterior.

Combatendo energicamente a situação progressista, condemnando os erros commettidos pelo gabinete de 5 de Agosto presido pelo conselheiro Zacharias, autopsiando a politica de mystificações que se inaugurára no paiz com a formação de um partido hybrido composto de elementos heterogeneos que se destruiam, Fernandes da Cunha, não podendo conter sua indignação patriotica, deixára escapar de seu peito estas memoraveis expressões :

«Quando me convencer de que no paiz desapareceram inteiramente todas as garantias de ordem e de liberdade, que o direito é uma burla, a justiça uma mentira, a vontade popular uma mystificação, o arbitrio é a lei, a soberania popular uma irrisão, o governo substituindo-se à nação e resumindo em si todos os poderes, vendo perdidas todas as esperanças de reivindicações constitucionaes, nesse caso procurai-me no meio dos conspiradores.»

Foi sob a impressão ainda viva desse discurso pronunciado por Fernandes da Cunha em uma das sessões legislativas de 1867, que tive a ventura de ouvir o grande orador no anno seguinte.

Representavamos então o *Correio Mercantil*, importante órgão conservador, na qualidade de redactor incumbido de extraher os debates na camara dos deputados.

Quando o festejado orador bahiano se levantou para fallar,

camara

1867

nos encontrou ao pé da *montanha*, de cuja ermenia devia trovejar sua voz autorizada e fascinadora.

Ficámos abysmados diante da catadupa de eloquencia, que se desprendia de seus labios inspirados e se despenhava harmoniosamente do alto daquella *montanha* illuminada pelos clarões do talento e do patriotismo!

A realidade excedeu immenso á nossa expectativa!

Nunca ouvimos fallar com tanta eloquencia!

A' correccão da phrase, á elegancia da forma, á vehemencia do sentimento, ao timbre harmonioso da voz, á impetuosidade torrencial da palavra, ás vibrações de indignação patriótica, a tudo isso alliava-se a energia masculina de um caracter inquebrantavel e immaculado, que imprimia ao seu discurso o cunho respeitavel de autoridade moral, impondo-se a todos os espiritos com a força irresistivel e indisputavel prestigio das convicções sinceramente patrióticas.

Fernandes da Cunha é um dos types mais perfeitos do homem de bem, distinguindo-se em sua vida publica por actos nobilissimos de altivez e independencia, que crearam-lhe uma reputação invejavel e um nome purissimo no meio das fraquezas e podridões, com que tantos se assignalam nos elevados postos que occupam e nos altos papeis que desempenham no mudo politico.

Lembramo-nos de um facto caracteristico.

No anno de 1870 era elle deputado e fazia parte de uma lista triplice para senador por sua provincia, dependente da escolha imperial.

A camara trabalhava em sessão nocturna.

Dava-se entre o barão de Cotegipe e José de Alencar um *ajuste de contas* por antigas divergencias havidas no seio do gabinete 16 de Julho, do qual o segundo fôra despedido por influencia do primeiro.

José de Alencar despeitado por não haver sido escolhido pela provincia do Ceará, fizera allusões ferinas ao *poder pessoal* do Imperador, condemnando sua intervenção inlebita em todos os actos do poder executivo.

O barão de Cotegipe procurando ferir o seu contendor, insinuára que elle como ministro da Justiça fôra *pedir licença* ao chefe do Estado para apresentar-se candidato á senatoria pelo Ceará.

José de Alencar, explicando o facto, disse que não *pedira licença*, mas simplesmente communicára ao Imperador que se apresentava candidato á senatoria por sua provincia natal, obe-

F. de A.

7. A

decendo aos *estyllos* seguintes por todos que sendo ministros tinham semelhante pretensão.

Ao ouvir esta confissão por parte do ex-ministro da Justiça do gabinete de 16 de Julho, Fernandes da Cunha brafeou energeticamente do alto da *montanha* :

—E' preciso acabar com esses *estyllos* !

E o nome do deputado bahiano, que assim condemnava o *estyllo* dos ministros communicarem ao chefe do Estado suas pretensões politicas como para obterem seu beneplacito, estava incluído numa lista senatorial dependente ainda da escolha do Imperador !

Entretanto é esse mesmo homem, que não frequentava o Paço, que não mendigava graças imperiaes, que não admittia *estyllos* de submissão á vontade suprema, que jogava uma cadeira no senado por uma expansão de altivez, que sem quebra de dignidade poderia conter, é esse mesmo homem que ainda hoje conserva intactas suas crenças monarchicas, rejeitando como um vilipendio á sua honra, uma affronta á sua pobreza e uma humilhação ao seu caracter a penção que o governo provisório lhe offereceu, uma especie de indenização pelo subsidio que perdeu como senador do Imperio !

Não nos surpreendeu essa repulsa digna, elevada e nobre, dada por Fernandes da Cunha á *esmola* com que o governo provisório pretendia ampara'lo na sua honradissima pobreza, por ser o unico meio de manter com toda a sua integridade e pureza aquelle caracter superior e inquebrantavel.

Nem foi aulico nos *ominosos tempos da nefanda*, nem é um *converso*, um *adhesista* no regimen republicano !

E' hoje o que foi sempre em todos os tempos e será até ao ultimo dia de sua honestissima existencia: um grande talento, um grande orador, um grande caracter, um grande homem, ativo em sua honradissima pobreza, que é o seu brazão e a sua gloria.

15 de Novembro de 1893.

XV

Mais de uma vez temos tido a felicidade de morrer de... mentira.

Este genero de morte, entre muitas vantagens, tem a de ficar a gente conhecendo quem lhe vota verdadeira estima, embora nessas occasiões se derramem muitas *lagrimas de crocodilo*.

Das diversas *mortes de mentira* que soffremos, a mais notavel foi a que se deu a 24 de Março de 1887 por occasião do naufragio do paquete *Bahia*, da companhia brasileira do norte.

Amigos que residiam no Recife, Bahia e Rio de Janeiro, sabiam que deviamos tomar aquelle paquete no porto do Natal, onde então nos achavamos.

O presidente da provincia, dr. Pereira de Carvalho, foi o instrumento providencial que concorreu para evitar o perigo que nos aguardava, insistindo, instando, exigindo e até impondo como amigo que nos demorassemos mais tempo alli, encarecendo exageradamente a necessidade de nossa presença na provincia, de que eramos representante na camara dos deputados.

Infelizmente nesse tempo ainda eramos politico, attendendo às conveniencias e sujeito á disciplina de partido, de cuja tyrannia nos libertámos a 18 de Novembro de 1889, depondo a penna de jornalista partidario, e cujo pesado jugo sacudimos a 24 de Dezembro do mesmo anno, declarando pela imprensa de modo positivo e peremptorio que abandonavamos para sempre a vida politica.

O que, porém, é verdade é que ficámos extremamente contrariado com a especie de *imposição* feita pelo presidente

para que mais tempo permanecesse nos na provincia, deixando nós de realisar a viagem, quando já estavamos de malas arrumadas e despedidas feitas.

Nossa conferencia com o dr. Pereira de Carvalho teve logar em palacio no dia 22 de Março, o paquete *Bahia* passou para o sul a 23 á tarde, e na noite de 24 deu-se o sinistro entre Parahyba e Recife, abalroando o vapor *Pirapama* da companhia pernambucana com o *Bahia* da companhia brasileira, sendo este mettido a pique por aquelle, que era de proporções muito inferiores.

Quando o *Pirapama* voltou para o Recife, donde havia sahido, espalhou-se a aterradora noticia do naufragio do paquete *Bahia*, em que se acreditava irmos como passageiro.

No boletim affixado á porta da redacção da *Gazeta de Noticias* figurava o nosso nome entre os dos naufragos fallecidos a bordo do *Bahia*.

Parece que não é immodestia de nossa parte mencionar que muita gente boa chorou sinceramente a nossa morte, o nos fez vencer de que não fomos e nem seremos *defuncto sem choro*.

Isto, porém, não quer dizer que deixasse de haver quem entendesse que não devia *gastar sua cera com tão ruim de functo*.

São opiniões.

O que entretanto excede a tudo quanto se possa imaginar sobre a manifestação de pesar ou de regosijo por occasião da morte real ou ficticia de qualquer individuo, foi o que aconteceu depois de verificado que realmente não tinhamos morrido.

Quando se deu o naufragio do paquete *Bahia*, em que houve tantas victimas a lamentar, estava funcionando em seus trabalhos legislativos a assembléa provincial de Pernambuco.

Os deputados da opposição liberal, na sua primeira sessão util, agitaram da tribuna a questão do naufragio, condemnando a imprevidencia do governo e estigmatizando a relaxação das companhias pernambucana e brasileira.

Sentia-se, porém, na linguagem desses *lycurgos* um certo *que* de contrariedade e de indignação, que procuravam disfarçar affectando zelo e interesse pharisaicos pela vida do proximo, confiada aos paquetes dessas companhias.

O debate sobre o naufragio foi se acalorando, apimentando-se, até que se desmascararam as baterias da opposição

liberal, que descobriu-se, passando-nos tremenda e *revere* n-dissima *decompostura* por não termos effectivamente morrido!

Quando lemos no *Diario de Pernambuco* esse curiosissimo debate, em que a paixão partidaria chegou ao excesso de se *descompor* uma pessoa por não ter morrido, sentimos a mais profunda e mais pungente tristeza.

Lembrámo-nos então do que ouvimos referir sobre o administrador do cemiterio de Goyanna, em Pernambuco, o qual vingava-se de seus inimigos, *esbofeteando-lhes* os cadaveres quando alli iam ser enterrados.

A selvageria que teve para conosco a opposição liberal da assemblea provincial de Pernambuco, descompondo-nos por não termos morrido, nos fez convencer de que, se desgraçadamente se tivesse dado a nossa morte nesse naufragio, não haveria quem deixasse de correr ás praias proximas ao sinistro, para assistir ao curioso espectáculo que se devia offerecer aos seus olhos, vendo dar à costa o nosso pobre cadaver, afim de por vingança *esbofeteal-o*, como fazia com os seus inimigos o administrador do cemiterio da cidade de Goyanna.

Entre todas as paixões, de que o homem se deixa accometter e dominar, a mais terrivel, mais selvatica, mais brutal e mais assanhada, é a paixão partidaria que obceca os espiritos, desvirtualisa os sentimentos, embrutece os corações, embota as consciencias e arrasta a todos os excessos.

A paixão partidaria faz extinguir no homem o sentimento humano, que substitue pelo instincto de fera.

Rarissimos são os que, pertencendo a uma grey partidaria, não se deixam contaminar daquelle *virus rabido*, que desnatura o ser humano, infecciona-lhe o organismo, desvirtua-lhe a alma, perverte-lhe os sentimentos, brutalisa-o até à inconsciencia e á *damnção*.

A paixão partidaria levada ao excesso é o mesmo furor hydrophobico, que se apodera do homem, tornando-o um animal feroz, que investe contra os que mantendo a sua *forma*, não obedecem ás suas tendencias, procurando merdel-os para *damñifical os*.

A opposição liberal de Pernambuco, que sem duvida regosijou-se com a noticia de nossa morte, enfureceu-se depois desandando contra nós tremenda *decompostura* por não termos realmente morrido.

E seria capaz de bestializada pela paixão partidaria, se o facto fosse verdadeiro, procurar o nosso cadaver para es-

bofeteal-o, vingando-se da impenitencia do vivo na insensibilidade do morte.

Felizmente temos mais de uma vez morrido... de mentira, para podermos conhecer de verdade os que sinceramente sentem a nossa morte e os que nos descompõem quando não encontram o nosso cadaver para *esbofeteal-o*, como fazia o administrador do cemiterio de Goyanna.

48 de Novembro de 1893.

XVI

Foi no anno de 1868 que pela primeira vez tivemos occasião de assistir á sessão solemne da abertura do parlamento brasileiro.

Aquella apparatusa encenação nos feria a vista e impressionava o espirito de provinciano, que, desejando cohecer tudo e todos de perto, se vê transportado do pequeno theatro, em que nasceu, viveu e foi educado, a um vasto centro de extraordinaria actividade, em que figuravam os grandes vultos da politica e se exhibiam os altos personagens da côrte com a phosphorescencia de suas fardas bordadas, que tanto attrahiam aos *democratas do futuro* deslumbrados então pelo brilho dos *ouropeis da realeza*.

A uma hora da tarde do dia 3 de Maio S. M. o Imperador penetrava solemnemente no recinto do senado, assentando-se sob o docel que ali estava preparado e recebendo das mãos de um moço fidalgo da casa imperial a *falla do throno* que devia ler perante a assembléa geral legislativa.

A figura do Imperador nos causou a mais estranha impressão, além da verdadeira surpresa que experimentámos ao ver um homem vestido tão exquisitamente de calções de seda bem justos mostrando umas pernas finas, que contrastavam com a corpulencia, com seus sapatos de seda branca, seu grande manto coberto de *papos de tucano*, tendo pesada corôa sobre a cabeça e empunhando o sceptro imperial.

D. Pedro II, quando se revestia d'aquelles paramentos que só appareciam nas sessões solemnes de abertura e encerramento do corpo legislativo, assumia accentuado tom de magestade possuido da *preeminencia da realesa*.

Em todo o caso achámos tudo aquillo antiquario, ana-
chronico, enormemente ridiculo e eminentemente irrisorio.

Quando Sua Magestade proferiu as primeiras palavras
da *falla do throno*—*augustos e digníssimos senhores represen-*
tantes da nação—instinctivamente estremeceamos ao ouvir
aquella voz fina, allautada, desharmoniosa, que não parecia
sahir de corpo tão volumoso e opulento.

Finda a leitura do documento, que, segundo o antigo re-
gimen, corria por conta e sob a responsabilidade do gabinete,
retirou-se o Imperador com as mesmas formalidades do es-
tylo, caminhando magestosamente tendo aos hombros o manto
de *papos de tucano*, sobre a cabeça a corôa e na mão o sce-
ptro imperial.

Era sem duvida um especta ulo novo, que se offerecia
aos olhos de um pobre provicciano, acostumado a ver so-
mente gente do povo, que vive modestamente em toda a sua
encantadera simplicidade.

Não sabemos porque nos mostrámos indifferentes ao bri-
lho de lumbrante da côrte, se pela humildade de nossa ori-
gem, se pela obscuridade de nossa condição ou se pelo im-
pulso natural da nossos sentimentos.

O que, porém, é verdade é que jamais apeteceamos as
fraudulagens nem nos deixámos impressionar pelos ouropéis
da realesa.

Vivemos durante vinte e um annos no Rio de Janeiro,
ignorando completamente o caminho de S. Christovam, sem
mendigar honras, nem solicitar graças, nem farejar empregos
publicos, occupando unicamente posições conferidas pelo voto
popular ou exercendo cargos confiados por nossos chefes
hierarchicos.

Quando fizemos profissão de fé republicana, expondo-nos
ao furor e sujeitando-nos á vindicta do poder arrogante, não
tivemos o trabalho de renunciar brasões nem alijar titulos
outhorgados pela munificencia imperial.

Somos hoje o que fomos desde o principio, simples filho
do povo, presando a honra sem pretender honras, tendo figu-
rado na politica do Imperio sem aspirar graças imperiaes,
vivendo na côrte e sem depender da côrte, republicano pro-
fesso a 14 de Junho de 1889 depondo a penna de propagan-
dista 3 dias depois de proclamada a Republica, sem depen-
dencias de ordem alguma com os seus governos, sem ter vio-
sitado ministro, nem pretendido posições, nem solicidad-
empregos, andando sempre de frente erguida, sobranceiro,
superior a tudo, sem paixões, sem impaciencias, sem despei-

tos, sem contrariedades, sem sustos, sem temores, sem humilhações.

Nossa *fé de officio* como republicano é felizmente limpa, sem precedentes que nos desdorem e sem notas que nos envergonhem.

Se a proclamação da Republica nos apanhasse no seio dos partidos monarchicos, por mais sympathias que nos inspirasse o novo regimen, nem nos submetteriamos immediatamente pelo decoro que se deve ás proprias ideias que no momento se seguem, nem conspirariamos obdecendo ás inspirações do patriotismo.

Só haviamos de adherir francamente ás novas instituições, quando ellas por sua seriedade se tornassem dignas do respeito nacional.

Fôra disso preferiríamos ficar sendo estrangeiros no seio da propria patria, sem sacrificarmos a dignidade aceitando bruscamente ideias que jamais commungamos, e sem concorrermos com meios reaccionarios para a perturbação da paz e da felicidade publicas.

Conservamos ainda hoje as mesmas impressões que sentimos ao ver o Imperador a ler a *falla do throno*, com que abriu a sessão do parlamento no dia 3 de Maio de 1868, com seus calções de seda, sua corôa, seu sceptro, seu manto de *papos de tucanô*, sua voz desafinada, sua corte ridicula e irrisoria.

Nós que pertencendo a um dos partidos monarchicos, nada fizemos para merecer honras e titulos imperiaes, tornando-nos republicano antes de 15 de Novembro, nada tendo pretendido e nada absolutamente aspirando sob o novo regimen podemos dizer que somos republicano na Republica como fomos monarchista no Imperio—superior aos mesquinhos interesses pessoaes.

19 de Novembro de 1893.

XVII

Ninguém despreze os avisos e conselhos dos homens práticos, que por experiencia conhecem o mundo em todos os seus desvios e a natureza humana em todas as suas contingencias.

Ainda hoje conservamos gravado na memoria o que nos disse um homem sem lettras e sem sciencia, porque tudo quanto ouvimos se realisou perfeitamente durante os 24 annos de vida politica, em que consumimos infructiferamente o precioso tempo de nossa mocidade em luctas estereis, votada a improbos sacrificios e a trabalhos inglorios.

Em dias do mez de Abril de 1869, incorporado a grande numero de amigos assistiamos ao embarque do dr. Francisco Gomes da Silva, que do Natal seguia para o Rio afim de tomar parte nos trabalhos legislativos na qualidade de deputado geral pela então provincia do Rio Grande do Norte.

Quando chegámos a bordo do paquete costeiro da companhia pernambucana, ahi encontrámos o nosso distinctissimo comprovinciano e amigo o dr. Irineu Brasileiro de Carvatho e Silva, que ia de passagem do Aracaty para o Recife em companhia do seu futuro sogro, o sr. barão de Mecejana.

Nós e o dr. Irineu abraçamo-nos estremecidamente, por entre os vivos transportes do prazer e da surpresa, que nos causára aquelle inesperado encontro.

Depois das expansões de sincera e affectuosa amizade, o dr. Irineu voltando-se para o barão, que assistia risonho a essa scena de alguma sorte interessante, disse: — Tenho a satisfação de apresentar-lhe o meu bom amigo padre...

O barão de Mecejana acolheu-nos com extrema amabilidade, e depois dos cumprimentos do estylo, perguntou :

— E' vigario desta parochia ?

— Não senhor, respondemos nós.

Um amigo, porém, que se achava presente, accrescentou : — O padre é politico.

— Politico !... exclamou o barão, que já parecia interessar-se pela nossa sorte, sem duvida por ver a estima que votavamos ao seu futuro genro.

Não faça tal, continuou elle ; a politica em nosso paiz é para os bachareis, que monopolizam todas as posições, e que se mostram ciosos do privilegio que se attribuem.

Na hora do perigo, no mais renhido do combate, elles designam ao padre os pontos mais arriscados, estimulam a sua coragem, applaudem a sua tenacidade, tecem-lhe pios elogios, batem palmas com phrenetico enthusiasmo. Couseguida, porém, a victoria, no momento de dividir os despojos opimos, não se lembram mais do padre, que é atirado á margem, porque, como dizem, deve ser o typo do desinteresse e da abnegação.

O dr. Luiz Antonio Ferreira Souto, nosso amigo de infancia, ouvindo as palavras proferidas pelo barão de Mecejana, disse accentuadamente : — Isto, porém, não se applica a um padre como este, referindo-se a nós.

— Não creia nisso, meu padre, atalhou com vivacidade o barão, accrescentando : no momento em que sahido do papel de simples instrumento, que serve para elevações alheias, manifestar mais altas aspirações no scenario politico, o dr. Souto que se exprime assim a seu respeito, será o seu maior adversario pela ousadia de pretender invadir os dominios dos bachareis.

O barão de Mecejana, pronuncian-do-se por esse modo, não vaticinava sómente o futuro que nos aguardava, mas tambem affirmava o nosso recentissimo passado.

A ascensão dos conservadores ao poder a 46 de Julho de 1868 teve como causa efficiente ou occasional a escolha senatorial do conselheiro Salles Torres Homem pela provincia do Rio Grande do Norte,

Vimos d'alli expressamente para o Rio de Janeiro com a missão ardua e espinhosa de defender a lista trijlice resultante de uma eleição complicada, cheia de duplicatas, em que era interessado o dr. Amaro Bezerra, um adversario formidavel pelo talento e pela audacia.

Cnegado ao Rio a 49 de Fevereiro daquelle anno, rom-

pemos o fogo ao 1º de Março nas columnas do *Correio Mercantil*, que nos foram franqueadas por tratar-se da eleição senatorial de um dos vultos mais notáveis do partido conservador.

Era nosso companheiro de luctas o dr. Gomes da Silva, a quem já nos referimos.

O combate foi renhido desde aquelle dia até a queda da situação progressista e inauguração da conservadora.

Deu-se a dissolução da camara dos deputados, marcando-se, ao mesmo tempo, o dia das novas eleições.

Parece que naturalmente estavam indicados os dous candidatos pelo partido conservador do Rio Grande do Norte. Pois, foram escolhidos, o dr. Gomes da Silva, que merecia pelos serviços prestados, e o dr. Octaviano Cabral, politico poltrão, que, enquanto nós luctavamos expostos ao furor do inimigo temeroso, se deixára ficar na provincia recolhido a quartéis de inverno ou *gozando as delicias de Capua*.

Esta preterição, porém, não diminuiu nossa dedicação ao partido, nem arrefeceu nosso enthus asmo.

Contando então apenas 28 annos de idade, confiavamos no futuro que conquistariamos pelo esforço, pela perseverança no trabalho.

Na futura legislatura fomos francamente candidato á deputação geral, sendo hostilizado pelo *elemento nobre* do partido, que não tolerava que um simples plebeu ousasse representar a provincia no *concilio da razão nacional*.

Oh! palav as propheticas do barão de Mecejana!

D'ahi em diante os drs. Souto e Gomes da Silva, nossos amigos, se constituiram os nossos mais encarniçados adversarios!

Quando entendemos que deviamos subir mais alguma coisa na escala politica, desenvolveu se contra nossas aspirações a mais desabrida hostilidade por parte dos mesmos que se diziam amigos, fazendo-nos lembrar o vaticinio que o barão lançára a bordo de um dos pequetos da companhia pernambucana em dias do mez de Abril de 1869!

Isto, porém, se dava nos *ominosos tempos da nefanda*.

Quando a 11 de Junho de 1889, vinte annos depois, no seio da camara dos deputados, em face do gabinete liberal que se propunha a suffocar o movimento republicano, tivemos o arrojo de soltar o grito de *abaixo a monarchia—viva a republica*, que echoou em todo o paiz, o nosso nome foi cantado em prosa e verso, exaltado, glorificado, sendo-nos até conferido o pomposo titulo de *propheta*!

O dr. Americo Lobo, irmão do actual ministro do Interior, ex-senador federal pelo estado de Minas Geraes, nos dedicou uma poesia, em que fomos comparado ao sacerdote que celebrou a *primeira missa no Brasil*.

No anno seguinte, no mesmo mez de Junho, o governo provisorio fez publicar o projecto de constituição, em que o *padre* não tinha o direito nem de votar nem de ser votado!

Felizmente já nesse tempo não tínhamos mais aspirações politicas, não deixando por isso de sentir pelo *jacobinismo* feroz o mais profundo e solemne despreso.

Depois de nossa profissão de fé republicana que nos valeu tantos encomios entusiasticos por parte da propaganda, passámos, a instancias do dr. Sampaio Ferraz, a escrever no *Correio do Povo*, orgão fluminense do partido republicano.

Assistimos, nós e o dr. Alfredo Madureira, á conferencia em que os fundadores do *Correio do Povo* resolveram suspender sua publicação pelos consideraveis prejuizos que inutilmente estavam soffrendo.

Eram esses os drs. Chagas Lobato e Sampaio Ferraz, a quem o dr. Madureira pediu que adiassem até o dia seguinte a effectividade da resolução, que, como nós dissemos na occasião, era de pessimo effeito naquellas circumstancias.

O dr. Madureira, depois de conseguir de nós a promessa da mais assidua collaboração, tomou a si a parte da empreza pertencente ao dr. Chagas Lobato, fazendo sociedade com o dr. Sampaio Ferraz, como redactor-gerente.

A *chronica politica* sob o pseudonymo de *Desmoulins*, publicada diariamente nas columnas do *Correio do Povo*, revela a constancia do nosso esforço e a sinceridade da nossa dedicação em favor não somente da causa republicana como tambem da empreza jornalística do partido.

O general Francisco Glycerio, sendo-nos apresentado na redacção do *Correio*, disse-nos: — O senhor, escrevendo as *chronicas politicas*, contrahiu com a propaganda um compromisso de honra, não podendo mais abandonar esse posto.

Estas palavras lisonjeiras e animadoras foram proferidas pelo chefe propagandista de São Paulo pouco tempo antes da proclamação da Republica.

No anno seguinte, quando já nos achavamos aqui, celebrou-se o anniversario da fundação do *Correio do Povo*.

O dr. Sampaio Ferraz, que então era chefe de policia da capital federal, sob o governo provisorio, sendo um dos fundadores daquelle orgão republicano, dirigiu um brinde a

todos que haviam concorrido para a sua prosperidade, declinando o nome dos redactores e mais auxiliares, lembrando-se até do preto *Thimoteo*, que foi o primeiro entregador da folha. O nosso humilde nome, porém, não figurava nessa lista de benemeritos.

Recordando-nos do que ouvimos dos labios propheticos do barão de Mecejana, soltámos uma gargalhada. Em seguida dirigimos ao chefe de policia do Rio a seguinte carta :

« Meu caro dr. Sampaio Ferraz. — Li no *Correio do Povo* o brinde que v. fez aos que concorreram para a prosperidade dessa folha.

Que inveja tive do preto *Thimoteo*, cujo nome não foi esquecido no momento solemne da celebração do primeiro anniversario da fundação daquelle órgão republicano !

V. lembrou-se de todos os nossos bons e laes companheiros de campanha, declinando o nome de cada um, inclusive o do preto *Thimoteo*, sem fazer a mais leve referencia ao seu *caboclo velho*, que ajudou-o a impedir a morte do *Correio* com a maior dedicação e desinteresse... »

Convém notar que eramos nós o unico redactor, que formalmente recusou e jamais recebeu remuneração alguma pelos serviços prestados na imprensa.

Bem razão teve o barão de Mecejana para dizer que ao padre se designava sempre no combate o ponto mais arriscado, sendo atirado á margem depois de obtida a victoria. Quer nos *ominosos tempos da infancia*, quer sob o regimen republicano.

Depois de haver sido proclamado *propheta da Republica* passa a ser equiparado ao mendigo, privado do direito de votar e ser votado.

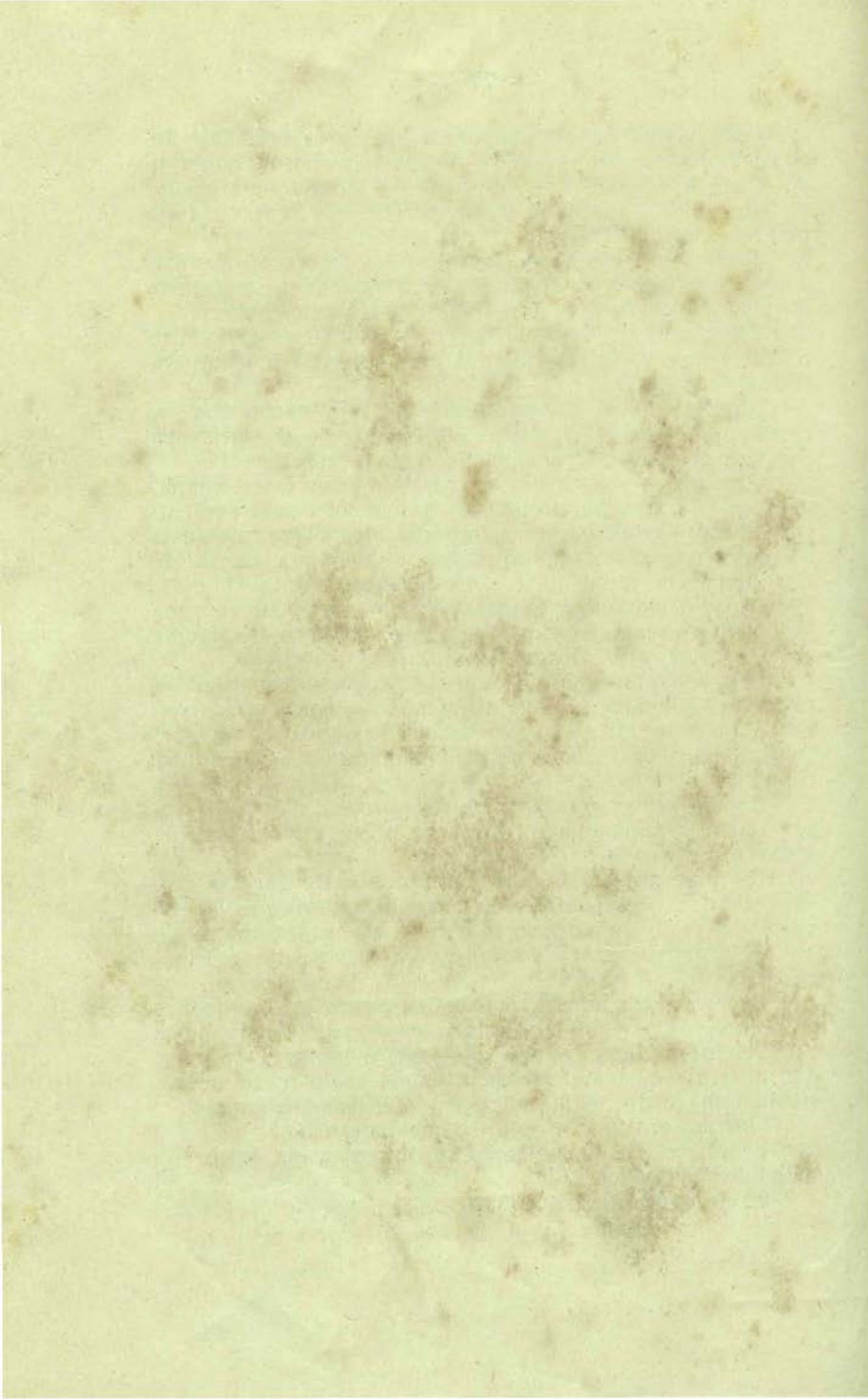
Na imprensa tendo tido a honra de pertencer ao *club dos caboclos*, como entre si eram conhecidos os que formavam a redacção do *Correio do Povo*, fica o padre abaixo do preto *Thimoteo*, que foi o primeiro entregador do órgão *resuscitado*.

Agora principalmente que condemnamos tudo o que se tem feito como o mais lamentavel desvirtuamento do ideal republicano, *pintam o padre*, que não é tão ruim como se diz, dirigindo nos nomes feios, negando-nos o titulo honrosissimo de cidadão, e até chamando-nos de *sebastianista* !

Ora vejam lá que injustiça e que ingratidão !

Beindicta seja a memoria do nunca assaz lembrado barão de Mecejana !...

22 de Novembro de 1893.



XVIII

O anno de 1868 foi para nós o de mais surprehendentes novidades e de mais profundas e gratas impressões.

Ainda simples estudante de humanidades já nos preocupavamos com a marcha politica do paiz.

Liamos com interesse os debates do parlamento, devoravamos com anciedade todos os jornaes que nos chegavam ás mãos, e por isso nos fora facil tomar conhecimento dos vultos mais proeminentes que figuravam no grande scenario politico do imperio.

Sentiamos ardente desejo de nos aproximar dessas notabilidades para contemplar de perto a sua estatura e melhor apreciar o seu valor real.

O poder da imaginação sempre exagera as proporções dos vultos, cuja fama a tradição nos transmite e cujos meritos nos faz conhecer de longe.

Formamos ás vezes idéaes que em nada correspondem á realidade, suppondo que um orador notavel pela sua eloquencia mascula e brilhante deve ter estatura gigantesca, quando pelo conhecimento pessoal se verifica que um grande espirito se encerra em debil e pequenino envulcro. José de Alencar e Tavares Bastos, celebres pelos seus grandes talentos, gigantescos pelas suas glorias litterarias, colossaes pelos seus triumphos oratorios, eram, entretanto, e uelmente desfavorecidos pela natureza que se tornou implacavel para com elles, dando-lhes um physico mesquinho, que contrastava com a granjeza e vastidão daquellas intelligencias privilegiadas.

De todos os vultos que conheciamos pela leitura dos jornaes ou por outro meio de tradição, só um correspondeu

perfeitamente ao typo que imaginavamos, reconhecendo-o á primeira vista como se estivessemos familiarisado, com sua physionomia.

Como já tivemos occasião de dizer, na sessão legislativa de 1868, representavamos o *Correio Mercantil*, importante orgão do partido conservador, como redactor dos debates na camara dos deputados.

Entrando alli pela primeira vez, sendo-nos designada uma das tribunas destinadas aos representantes dos grandes orgãos de publicidade, pudemos contemplar de um ponto mais elevado todos os deputados que occupavam os seus logares na sessão de 4 de Maio, em que se devia proceder á eleição da mesa, fortemente disputada pela numerosa opposição, com que já contava o Gabinete Zacharias.

Rarissimos eram os deputados por nós conhecidos pessoalmente.

Vivamente impressionado diante do espectáculo que pela primeira vez se offerecia a nossos olhos, movido por natural e justa curiosidade, lançámos a vista sobre aquella assembléa, composta de grande numero de homens notaveis que tradicionalmente conheciamos, percorrendo uma a uma todas as physionomias dos que se achavam presentes.

Quando os nossos olhos se fixaram sobre o deputado que occupava a cadeira na extremidade da segunda bancada, que ficava em frente á mesa, sentimos certo estremecimento de surpresa e de prazer como se tivéssemos deparado com uma individualidade nosa conhecida.

Demorando a vista algum tempo sobre aquelle vulto que decididamente não nos parecia estranho, continuámos a examinar todos os outros que lhe estavam á esquerda.

Concluido esse processo, voltámos de novo a contemplar aquella figura imponente que tanto nos impressionára.

Não ha duvida, dissemos intimamente, é elle mesmo.

E descendo da tribuna em que nos achavamo, dirigimo-nos ao collega da direita, perguntando: — Aquelle deputado que occupa a extremidade da segunda bancada, será o conselheiro José Bonifácio?

— E' elle mesmo, respondeu-nos a pessoa, a quem havíamos interrogado.

Não nos tinhamos enganado.

Aquella physionomia angelica, aquella cabeça artisticamente conformada, séde da mais pujante mentalidade, aquella fronte espaçosa illuminada pelos vividos clarões do mais privilegiado talento, aquelle todo despretenciosamente singelo

José Bonifácio

e ao mesmo tempo encantador e attrahente, correspondiam fielmente ao typo que havíamos imaginado sobre a notavel individualidade do grande orador academico.

Tivemos depois a felicidade de ouvir o em um dos seus dias mais felizes, fallando de improviso, sem achar-se preparado para o debate, a instancias de Tavares Bastos, que já tinha esgotado as vezes determinadas pelo regimento e que não queria ficasse sem resposta immediata o discurso que um membro do gabinete estava proferindo.

Calculadamente dissemos ter tido a felicidade de ouvir José Bonifacio fallar de improviso, porque dias antes havíamos surprehendido uma conversa, em que pessoa que lhe era muito chegada, asseverava que elle era incapaz de subir á tribuna sem longa preparação, recitando discursos decorados, para que pudessem impressionar.

José Bonifacio, porém, em uma das sessões da camara em 1868 desfez tão mesquinha e odiosa imputação, occupando a tribuna a pedido instante de seu amigo Tavares Bastos, fallando com eloquencia e brilhantismo admiraveis.

Affonso Celso, ministro do gabinete Zacharias, pronunciava vigoroso discurso defendendo o governo por ter libertado escravos para serem aproveitados no serviço das armas na guerra do Paraguay.

O deputado mineiro era bem joven ainda quando foi chamado aos conselhos da corda, sendo-lhe confiada a pasta da marinha. Dictado de grande talento, soube elle legitimar a posição que galgara sem ser bem conhecido no paiz.

Justificando o governo por ter aproveitado libertos para o serviço do exercito, o ministro da marinha recorria á historia para reforçar os seus argumentos.

Em mais ou menos tres horas da tarde, quando José Bonifacio costumava systematicamente retirar-se da camara.

Tavares Bastos, que não podia mais tomar parte no debate, dizia com o mais vivo interesse: — Fica, José, para responderes ao Affonso Celso.

José Bonifacio, porém, reluctava, porque era chegada a hora de ausentar-se da camara. E, com effeito, chegou a subir da bancada, collocando-se atraz da cadeira em que Tavares Bastos se achava.

— Entra, José, repetia este com instancias; vem combater as heresys historicas, proferidas pelo Affonso Celso, que afinal concluiu o seu discurso.

Quando o ministro da marinha essentou-se, José Boni-

facio, entrando rapidamente para o recinto, exclamou : — Peço a palavra !

Ao assomar á tribuna, houve geral movimento de attenção, fazendo-se ao mesmo tempo o mais profundo silencio.

Que cousa estranha e admiravel !

Não tendo tomado uma nota, o orador abordou todos os pontos do discurso pronunciado pelo ministro da marinha. Combateu vantajosamente todos os seus argumentos, fallando brillantemente, com prodigiosa eloquencia, em estylo elevadissimo, phrase scintillante, citando factos historicos, como se os tivesse lendo em livro aberto.

Ficámos embasbacado !

Como era bello contemplar aquella figura encantadora e imponente, sublimando-se em rasgos de oratoria arrebatadora ! Que graça especial achámos no *sotaque paulista*, que muitos consideravam como defeito !

Um talento soberbo, uma illustração variadissima, um prodigio de eloquencia, uma verdadeira notabilidade ! Que cerebração superior, que character purissimo, que alma angelica, que consciencia immaculada, que grandeza de espirito, que elevação de sentimentos, que typo humano excepcional !

Feliz de quem teve occasião de ver e ouvir a José Banifcio, que pelos esplendores de seus talentos peregrinos, pela inspiração de sua palavra, pela grandeza de seus pensamentos, pelos primores de sua eloquencia torrencial, pela pureza de sua vida e pela excellencia de seus meritos, tornou-se o orgulho de sua geração e a gloria do seu paiz !

23 de Novembro de 1893.

XIX

Já tivemos a honra de ser considerado *general de... mentira*, por um dos vultos mais eminentes de paiz.

Imagine-se o desvanecimento de que nos possuímos, quando nos foi conferido esse titulo depois de uma campanha eleitoral, em que concorremos com o nosso esforço para a victoria do candidato apresentado em opposição ao do governo progressista do conselheiro Zacharias de Góes e Vasconcellos.

O nosso conterraneo, dr. Francisco Gomes da Silva, residia no Rio de Janeiro quando abriu-se a vaga de senador pela provincia do Rio Grande do Norte com a morte do grande parlamentar D. Manuel de Assis Mascarenhas, fallecido no anno de 1867.

O dr. Gomes da Silva, que contava com elementos politicos na provincia, teve a feliz lembrança de offerecer-se ao conselheiro Francisco de Salles Torres Homem para advogar sua candidatura á senatoria, que considerava viavel, com grandes probabilidades de triumpho, não sómente pelas condições favoraveis em que se achava a opposição na sua provincia, como tambem e principalmente pelo prestigio do nome do candidato, que se impunha aos seus proprios adversarios, sendo por elles aproveitado para elevados cargos da alta administração do paiz.

O conselheiro Torres Homem, vulto notavel do partido conservador, havia sido nomeado naquele anno pelo governo progressista para exercer as importantes funcções de conselheiro de Estado e de presidente do Banco do Brasil.

Quando o dr. Gomes da Silva lhe offereceu a candidatura, o conselheiro Torres Homem respondeu com a accentuação

grave e solenne que lhe era peculiar: — Uma cadeira no sendo é cousa que não se rejeita.

Acceito, portanto, o offercimento, combinado o plano de batalha, partiu o dr. Gomes para o Rio Grande do Norte, onçe nos encontrou arregimentado nas fileiras do partido opposicionista.

Travou-se então combate renhido, formidavel, decisivo, em que as forças de ambos os lados se empenharam com ardente enthusiasmo, disputando palmo a palmo a victoria, que afinal nos sorriu auspiciosa, assignalada pelo mais brilhante e esplendido successo em nosso favor.

Conseguindo nós incluir na lista triplice dous nomes da nossa chapa, o adversario não se deu por vencido, procurando illudir o nosso triumpho por meio de duplicatas e actas falsas, que forgicou como arma de guerra em situação critica e desesperada.

No arriscado posto que nos foi confiado, esforçámo-nos por cumprir o nosso dever, merecendo elogios em ordem do dia do quartel general.

Achando-se, porém, complicado o trabalho que fizemos, pela tactica do adversario que se empenhava em baralhar as cousas para ver se conseguia fazer burlar o nosso triumpho, tivemos de sujeitar nos a enormes sacrificios acompanhando a lista triplice até ao Rio de Janeiro, onde a verdade devia ser definitivamente apurada.

Chegando alli fomos apresentado ao conselheiro Salles Torres Homem, que nos recebeu de braços abertos, rememorando, com phrases lisonjeiras, os serviços que lhe haviamos prestado na campanha eleitoral, em que o seu nome sahira vencedor.

Sabendo o grande orador parlamentar que desejavamos discutir pela imprensa a eleição senatorial, deu nos a seguinte carta dirigida ao gerente do *Correio Mercantil*:

« Meu caro sr. Raphael José da Costa Junior. — Apresentando-lhe com prazer um dos mais valentes *generaes*, que em meu favor fizeram a campanha eleitoral na provincia do Rio Grande do Norte, rogo-lhe o favor de franquear as columnas do seu jornal á defesa e sustentação de meus direitos contestados, pelos adversarios da lista triplice em que figura o meu nome.»

Sendo promovido assim por *actos de bravura* ao alto posto de *general de... bobagem*, não se nos leve a mal que nós nos sentissemos desvanecido e até mesmo lisonjeado em nossa vaidade.

Não fomos, é certo, algum Gumercindo ou Juca Tigre, fazendo proesas nos campos de batalhas, mas também, ponto de parte a modestia, não tivemos necessidade de recorrer a telegramma para estrangular o inimigo, que realmente foi derroado na bocca... das urvas.

O conselheiro Torres Homem, mettendo-nos em *fôfas de general de... mentira*, quando tínhamos apenas 27 annos de idade, concorreu sem duvida para que aos 53 não passassemos de simples *cabo de esquadra reformado* sem soldo e sem etapa

Não foi preciso que nos fossem cassadas aquellas honras por decreto dictatorial como pena inflingida ás nossas rebeldias, porque tivemos o cuidado de renunciá-las com muita antecipação a fim de que não estivéssemos sujeitos á tyrannia humilhante da disciplina, que impõe obediencia passiva aos que *juram bandeira* nas fileiras do *exercito consolidador*

Em todo o caso, porém, restou-nos sempre a consolação de que um dia já fomos promovido por *actos de bravura eleitoral* ao elevadissimo posto de *general de... bobagem!*

30 de Novembro de 1893.

XX

Em nossa ultima *reminiscencia* fizemos sentir como fomo^s promovido ao posto de *general de... mentira* pel^o grande financeiro, notavel publicista e inspirado orado^r parlamentar, conselheiro Francisco de Salles Torres Homem, que por acto de munificencia imperial ficou sendo conhecido pelo titulo de visconde de Inhomerim.

Ao aproximar-nos desse eminente vulto que com tanto brilho e com tão meracida fama figurava na política do antigo regimen, sentimo-nos abalar profundamente, experimentando a mesma impressão que domina o pygmeu quando se vê em presença de um gigante.

A physionomia de Salles Torres Homem era mais repulsiva do que attrahente pela imperfeição dos traços que a caracterisavam.

A' primeira vista o seu todo inspirava aos que se aproximavam, um mixto de surpresa, de admiração, de medo, de antipathia e de repulsão, que se desfaziam pouco a pouco com a frequencia e continuidade das relações, que chegavam a ser estreitas e affectuosas, mas nunca intimas e familiares.

Não podia deixar de sentir a mais estranha impressão aquelle que, conhecendo pela mais brilhante nomeada e a tradição, mais honrosa, essa notabilidade do paiz, via-se diante de um personagem de estatura abaixo de mediana, quasi rotundo, de cabelleira postiça, um formidavel par de beiços grossos, óculos de ouro com vidro de chrystal, *cara de poucos amigos*, carrancudo, apumado, teso, parecendo respirar orgulho, vaidade e impostura, encarar o resto da humanidade com o mais soberano desprezo, caminhando com o passo lento e firme, sem olhar para os lados, sempre

empavesado, trajando caprichosamente, com apuro irreprehensível, suppondo talvez que elle fosse o *unico mulato do mundo*.

Quando, porém, se o communicava mais de perto, ouvindo-se-lhe os sabios conceitos, sentindo se-lhe as suaves irradiações de uma grande alma os deslumbramentos produzidos pelas vividas scintillancias de um espirito superior, proferindo phrases de animação para os fracos, dispensando prudentes conselhos aos inexpertos, encorajando aos tímidos, ensinando aos ignorantes, exercendo a mais benéfica e irresistível influencia sobre todos que se lhe aproximavam, sem abatel-os, sem humilhá-los, sem fazer subir-lhes o rubor ás faces, convertendo a palestra em conferencia instructiva, as advertencias de amigo em preleções de mestre, o lar domestico em academia, sem affectação, sem pretenciosidades, sem impertinencias: quando de seus labios grossos se desprendiam as refulgencias de seu verbo inspirado, de seus olhos scintillantes os vividas claiões de seu talento peregrino, aquelle todo tão physicamente repellente se transfigurava em foco de luz, que illuminava os espiritos e inflamma os corações.

Ninguem se sentia mal ao lado desse homem excepcional.

Descendente de origem a mais humilde, sendo de condição a mais obscura, Salles Torres Homem, pelo seu proprio esforço, conquistou os postos mais eminentes, subindo ás mais elevadas culminancias da vida publica.

Alguns desaffectedos suppunham amesquinhar os seus grandes meritos, desvirtuar as suas conquistas, lançando-lhe em rosto a subalternidade de seu nascimento, dizendo-se que era filho de uma preta quitandeira, que estacionava no largo do Rosario para fazer seu negocio.

Tolos e insensatos que não comprehendiam que o vicio de origem não affectava a nobreza do caracter, nem a impureza do sangue maculava a fidalguia do talento.

Como são varios e curiosos os destinos humanos!

Salles Torres Homem, tendo por mãe uma pobre quitandeira, por berço um tiboleiro, por pai um desconhecido, tornou-se uma notabilidade do seu tempo, merecendo a mais brilhante celebridade no seu paiz pelo pujante vigor de seu talento phenomenal, quando nobres de sangue, fidalgos de nascimento, venho a luz do dia sob tectos de sumptuosos palacios, envoltos em sedas e brocados, adormecido em berços dourados, acalentados ao som de canticos entoados

em honra á sua ascendencia privilegiada, abysmavam-se nas trevas da ignorancia sendo apenas conhecidos pela creadagem que os serve e pelos bajuladores que os lisonjeiam.

E Salles Torres Homem, se não era fidalgo de nascença, o fôra por temperamento ou por intuição.

Distinguia-se pela correcção de seus modos, pela delicadeza de seu trato, por acções cavalheirescas, pela nobreza de seus sentimentos, pela superioridade de seu espirito e pela fidalguia de seu enorme talento.

Um dia nos dizia Salles Torres Homem na mais ingenua expansão de sua alma :

— Ha quem pense que sou orgulhoso e impostor, julgando-me pelas apparencias. Não ha tal, accrescentou com accentuado tom de sinceridade, sou hoje o que fui sempre; este meu todo, este meu porte, este meu ar são os mesmos dos tristes tempos, em que era obrigado pela necessidade a lavar eu mesmo na vespera o unico lenço, de que tinha de servir-me no dia seguinte.

Quem assim fallava, referindo-se á epocha de suas privações, era um homem que não sabia o que era modestia, porque occupando-se poucas vezes de sua p'ssoa, quando era forçado a tratar de si, exprimia-se sempre com vantagem a seu respeito.

Em uma occasião) estavamos a conversar em sua casa, nós, elle e o commendador Angelo Thomaz do Amaral, que alludia a uma serie de libellos politicos que estavam sendo publicados no jornal *A Republica*.

Mostrando desejos de ler esses artigos, Salles Torres Homem accrescentou :

— Se os tem á mão, peço que m'os traga sem incommodo e sem sacrificio. Não faço grande empenho nessas cousas, achando-me resolvido a não dobrar uma esquina para ler artigos dessa natureza. Só ha um libello politico que fez carreira neste paiz. Os que vierem depois não terão o mesmo valor e nem despertarão o mesmo interesse.

Salles Torres Homem alludia ao *Libello do Povo* escripto por *Timandro*, que era elle mesmo, no qual a dynastia de Bragança recebeu os mais tremendos golpes, ficando reduzida á ultima expressão.

Dizia-se que o auctor do *Libello do Povo*, implorando misericórdia pela violencia com que atacara a familia bragantina, se prostrara humilde aos pés do Imperador, exclamando de joelho :

— Senhor para grandes crimes só grandes perdões !

Naquella momento, porém, ouvindo nós o *Timandro* referir-se com tanto desvanecimento á obra que lhe deu renome e celebridade, convencemo-nos de que Torres Homem não seria capaz de ajoelhar-se aos pés de D. Pedro II para pedir-lhe perdão do seu maior padrão de gloria.

Uma vez tivemos de pregar na capella imperial á exigencias do respectivo inspector, que era monsenhor Felix de Albuquerque, nosso bom amigo e desvelado protector.

A essa solemnidade deviam assistir toda a côrte e grandes do Imperio.

Quando subimos ao pulpito, lançando a vista sobre o auditorio, deparou-se-nos a figura de Silles Torres Homem mettido em sua farda de conselheiro de Estado.

Sua presença alli nos fez estremecer, porque tinhamos de ser ouvido por um eminente mestre da eloquencia

Fazendo, porém, das fraquezas forças, demos o nosso recado conforme Deus nos ajudou. Descemos do pulpito profundamente impressionado, ignorando o juizo que aquelle grande luminar da tribuna tivesse formado a nosso respeito.

Dias depois, indo nós á sua casa, Silles Torres Homem aborçou-nos fazendo referencia ao sermão que tinha ouvido.

Como se trata de *reminiscencias*, não se nos levará a mal que reproduzamos fielmente o que se deu, afim de que a narração fique completa, embora alguém possa pensar que ha immodestia de nossa parte.

— Tive o prazer de ouvi-lo pela primeira vez, disse Torres Homem, permitindo que lhe externe com franqueza todo o meu juizo...

— E' uma honra que v. exc. nos faz, dissemos immediatamente.

— O senhor, accrescentou elle, possui dotes de orador, mas tem um grande defeito, falta-lhe escola.

— Reconheço que tudo me falta.

— Falta-lhe escola, insistiu elle, imprimindo á phrase, com extrema delicadeza, o mais pronunciado accento de convicção. Consinta que lhe dê um conselho, que pôde aproveitar-lhe. Quando entendi que devia proferir *discursos notaveis* no parlamento, procurei na leitura dos grandes oradores da antiguidade o typo com que mais me afeiçoasse, e que felizmente encontrei. Identifiquei-me com o modelo, assimilei-o completamente, e desde então começaram os meus triumphos oratorios.

Sem que nos dissesse qual o orador da antiguidade que mereceu as suas sympathias, continuou o mestre :

—Em vista dos meus successos na tribuna parlamentar, dizem por ahí que pronunciei discursos decorados, com o fim de diminuir o seu merito e o seu valor. Não ha tal, não decoro discursos, medito-os. Quando subo á tribuna, sei o que vou dizer, pelo estudo que faço, meditando sobre o assumpto de que tenho de occupar-me. Adopte o mesmo processo, lendo os oradores sagrados de maior celebridade e identificando-se com aquell, que lhe inspirar mais sympathias.

« Não falle nunca sem estar bem preparado.

« Meditando os seus discursos, sabendo o que vae dizer, o pensamento se revestirá facilmente de fórma apropriada, construindo-se naturalmente a phrase que se desprenderá de seus labios com espontaneidade e precisão.

« Não se aventure a improvisos, que em regra são o escolho dos oradores. Rarissimos são os improvisos bem succedidos, porque rarissimos são os momentos de verdadeira e feliz inspiração. Os oradores que sem preparação se arriscam a fallar, confiando nos recursos da intelligencia, cahem sempre nos logares communs, tornando-se forçosamente vulgares.»

Tivemos a ventura de ouvir duas vezes o consummado mestre da eloquencia pronunciando discursos monumentaes, dous verdadeiros e brilhantes successos oratorios, um sobre o elemento servil e outro sobre a eleição directa.

Nos annaes do antigo parlamento figuram essas peças, que por si sós fazem a reputação de um orador, que como Salles Torres Homem dispondendo de pujante talento e de vastissima illustração, e reunindo outros titulos não menos illustres, deixa os vestigios os mais luminosos em todos os estadios que percorre.

Francisco de Salles Torres Homem, além de fulgurante orador, foi grande financeiro, notavel publicista, estadista consummado,

E era filho de uma preta quitandeira !

E' este o seu mais bello titulo de gloria !

6 de Dezembro de 1893.

Amor

XXI

A carta, com que o conselheiro Salles Torres Homem nos apresentou ao gerente do *Correio Mercantil*, foi por assim dizer a chave que nos abriu as portas do grande mundo politico, porque nos poz em contacto com os vultos mais eminentes do partido conservador, os quaes reuniam-se diariamente na sala de redacção daquelle importante órgão de publicidade.

O *Correio Mercantil* tinha sua historia curiosa e interessante.

Fundado por Muniz Barreto, que lhe assegurara rapida e feliz carreira pela sua incontestavel competencia na imprensa jornalistica, o *Correio Mercantil* tornou-se naquelle tempo a escola pratica da mocidade liberal, que em suas columnas fazia as primeiras armas, habilitando-se a conquistar as mais elevadas posições quer no parlamento, quer no governo do paiz.

Entre muitos que alli se educaram, convém destacar duas individualidades que se distinguiram notavelmente na politica do regimen decahido—Silva Paranhos e Francisco Octaviano.

Este para mais identificar-se com o *Correio Mercantil*, contrahiu nupcias com a sra. d. Eponina, gentilissima filha do proprietario da folha, que elle tanto illustrára com as refulencias do seu bellissimo talento.

Diz a chronica do tempo que foi no escriptorio de redacção do *Correio Mercantil* que Honorio Hermeto Carneiro Leão, depois marquez do Paraná, fez a brilhante conquista do grande talento de Silva Paranhos, que filiado então ao partido liberal publicava nas columnas daquelle

orgão as *cartas do amigo ausente*, em que atacava valentemente a politica conservadora.

Honorio Hermeto, eminente chefe do partido conservador, acabara de presidir a provincia de Pernambuco, no tempo em que as provincias eram governadas por homens capazes, experimentados, de provada competencia, com responsabilidade propria na politica e na alta administração do paiz.

Quando chegou ao Rio de volta de Pernambuco, Honorio foi escolhido pelo gabinete de então para ir ao Rio da Prata em missão especial afim de tratar de elevados interesses nacionaes.

Precisando de um secretario que o acompanhasse, o atil-do estadista não quiz procural-o nas fileiras do seu proprio partido, estendendo a vista aos arraiaes adversos.

Tinha talvez necessidade ou conveniencia de dar uma prova de seu tino diplomatico para acreditar-se aos olhos do governo que o distinguira com a investidura de uma missão da mais alta confiança.

Espirito eminentemente pratico, perfei-o conhecedor dos homens, perspicaz em suas vistas, tactico em seus planos, estrategico em suas manobras, o marquez do Paraná, superior ás suggestões do egoismo, empenhado em augmentar as forças de seu partido com a aquisição de novos talentos para o seu seio, calculou, mediu, pesou todas as consequencias que podiam resultar do passo arrojado que pretendia dar, e não hesitou um só momento, seguindo immediatamente para o escriptorio de redacção do *Correio Mercantil*, onde entre a pleiade de moços liberaes que alli preparavam-se nas nobres pugnas da imprensa para as conquistas do futuro, se achava em seu posto illuminado pelas irradiações de seu talento de escolha, José Maria da Silva Paranhos, conhecido depois pelo titulo de visconde do Rio Branco.

O marquez do Paraná, penetrando naquelle reducto formidavel, onde seus adversarios com tanta valentia e intrepidez assestavam as baterias contra as phalanges conservadoras, despertou em todos que alli estavam a maior surpresa e estranha curiosidade.

Dirigindo-se a Silva Paranhos, que, segundo a chronica, estava escrevendo uma das *cartas do amigo ausente*, pediu-lhe uma conferencia particular, na qual sem mais rodeios fallou-lhe francamente do fim que o levára á sua presença.

— Sabe, disse o marquez, que estou nomeado pelo

governo para ir ao Rio da Prata como ministro plenipotenciário em missão especial.

« Precizando de quem me ajude nessa melindrosa e difficil empreza e percorrendo os talentos da nova geração que mais se distinguem, lembrei-me do seu nome já tão laureado pelos esplendidos triumphos conquistados no jornalismo, vindo agora convidá-lo para ser meu secretario, podendo continuar no seu partido, mantendo as mesmas crenças politicas que na la perdem como grande e importante serviço que vai prestar não sómente à mim pessoalmente como tambem e mais ainda à causa nacional.

Silva Paranhos, ouvindo-o com religiosa attenção, calculando, meditando e pensando todas as consequencias que podiam resultar de sua decisão, respondeu simplesmente:

— *Com v. exc. irei até para o inferno!*

Desde esse momento, em que se abriu uma nova phase na vida publica do joven e festejado jornalista, rasgaram-se mais largos e mais vastos horisontes na carreira politica de Silva Paranhos, que tornou-se um dos mais illustres e mais proeminentes chefes do partido conservador, e que, em vez de *ir para o inferno* como na mais arrojada figura de rethorica se mostrára disposto, conquistou a gloria e a immortalidade!

Passados depois longos annos tivemos a ventura de conhecer em 1868, no mesmo escriptorio da redacção do *Correio Mercantil*, o conselheiro José Maria da Silva Paranhos, honrando as suas columnas com o prestigio e autoridade de seu nome, sendo já nesse tempo senador do Imperio e membro do conselho de Estado.

E' que aquella folha que por largos annos fôra órgão do partido liberal, entrára fatalmente no periodo de decadencia, privado dos seus melhores auxiliares.

Seu proprietario, o velho Muniz Barreto, não podia mais dirigi-lo por achar se cego e impossibilitado de trabalhar.

A Francisco Octaviano, seu genro, batido pelas enfermidades, não era mais possivel illustrar as columnas com as fulgurações de seu talento brilhantissimo e invejavel.

Reorganizando-se em 1867 o partido conservador que se preparava para subir ao poder, formou-se uma sociedade anonyma, que adquiriu a propriedade do *Correio Mercantil*, convertendo-o em órgão dos conservadores, sob a gerencia de Raphael José da Costa Junior, a quem fomos apresentado por carta do conselheiro Salles Torres Homem, que a elle nos recomenloa como um dos *valentes generaes*, que em

seu favor haviam feito a campanha eleitoral na provincia do Rio Grande do Norte.

As relações que se travaram entre nós e o nosso sempre lembrado Raphael, deviam constituir o assumpto desta *reminiscencia*.

A digressão, porém, foi mais longe do que pensavamos e pretendiamos.

A esse verdadeiro *mestre da vida* consagraremos referencias especiaes, pelo muito que nos quiz, pelo bem que nos procurou fazer e pela enorme gratidão que devemos á sua saudosa memoria.

8 de Dezembro de 1893.

XXII

A sala de redacção do *Correio Mercantil* em 1868 era o ponto, em que se reuniam diariamente as summidades do partido conservador.

A politica era o assumpto obrigado das palestras com que se entretinham esses chefes que tanto se preocupavam com os destinos de seu partido e da... patria.

Alli naquelle centro tivemos occasião de conhecer pessoalmente os vultos conservadores mais notaveis pelos seus talentos e pela alta posição que occupavam no scenario politico do paiz.

Imagine-se o grau de curiosidade e o ar de estupefacção, com que olhavam para aquelles personagens, que eram em quasi sua unanimidade por nós conhecidos tradicionalmente, e ter-se-ha com toda a sua exactidão o typo do provinciano, que se vê como por encanto transportado do estreito circulo em que viveu a um *novo mundo* de surpresas e de maravilhas.

Como já dissemos, a carta com que fomos apresentado ao gerente do *Correio Mercantil* pelo conselheiro Salles Torres Homem, foi a chave que nós abriu as portas do grande mundo politico.

Entre nós e o nosso bom Raphael José da Costa Junior estabeleceu-se uma corrente de sympathias, que naturalmente se converteram na mais affectuosa amizade.

Tinha elle por nós cuidados e carinhos verdadeiramente paternaes, a que correspondiamos com o mais sincero e profundo reconhecimento.

Todo o seu empenho era que todos os chefes politicos que frequentavam aquella casa de trabalho, nos

conhecessem favoravelmente, merecendo nós a sua estima e protecção.

Sempre que nos apresentava a algum alto personagem, fazia-o com extrema generosidade, proferindo a nosso respeito phrases as mais lisonjeiras com que cada vez mais penhorava nossa gratidão.

Costumavamos trajar com certo abandono, que erronea e vulgarmente se chama *philosophia*.

Fazíamos a barba uma vez por semana, nossas botinas rarissimas vezes supportavam as impertinencias de escova, nosso fato quando não era *sovado*, tornava se sempre perfeito *guarda-pò*, uma figura emfim vulgarissima e exquisita.

Não passavamos então de um ridiculo sectario da *philosophia* do desleixo e da *porcaria*.

Em uma occasião, em que tinhamos *apurado* o nosso *systema philosophico*, tivemos de ser apresentado pelo bom Raphael ao conselheiro José de Alencar, ante quem nos viamos pela primeira vez.

Notámos que dessa vez o nosso disvelado amigo carregou a mão nos elogios que nos fez, exagerando os predicados que generosamente nos emprestou.

Nesse dia havia sido publicado no *Correio Mercantil* um artigo de critica theatral tendo como assignatura as iniciaes J. M.

Sabendo o conselheiro que o artigo fôra escripto por nós, teve a amabilidade de dizer que quando acabara de lê-lo, vendo as iniciaes, chegou quasi a acreditar que era de sua lavra, porque elle chamava-se *José Martiniano* de Alencar.

Nesse artigo tinhamos feito ao grande litterato as mais merecidas referencias honrosissimas, e por isso quiz elle mostrar sua gratidão dirigindo-nos aquella fineza.

Depois de mais um *dedo de prosa* a mais apreciavel, retirou-se o conselheiro Alencar para o seu escriptorio de advocacia, deixando-nos viva e gratamente impressionado pela admiravel lucidez de seu grande espirito encerrado em um corpo tão *fanadinho*.

Depois que elle sahiu da sala em que nos achavamos, o bondoso Raphael voltou-se para nós, dizendo em tom amigavelmente reprehensivo :

— Grande trabalho me dás para convencer a quem te apresento de que vales alguma cousa! Teu modo de vestir te compromettê horrivelmente.

« Não ha quem acredite que és o que eu digo, quando te encaram e te contemplam.

« Fica certo que a boa *encadernação* senão exprime o valor real da obra, pelo menos desperta a curiosidade de lê-la.

« O homem que traja correctamente, com gosto apurado e aceio irreprehensivel, tem em seu favor um bom titulo de recommendação.

« Se fosses mais cuidadoso contigo, apresentando-te barbeado, com botinas engraxadas, feto escovado, cabello bem cortado, perfeitamente arranjado, terias certo ar de distincção, que daria nas vistas de quem te visse pela primeira vez, despertando desejos ou curiosidade de saber quem tu eras.

« Imagina tu a facilidade que eu teria em recommendar-te ao bom conceito dos altos personagens que frequentam esta casa, se elles vendo-te, me perguntassem com interesse: quem é ?

« Já era meio *caminho andado*, porque nesse caso eu poderia dizer tudo quanto eu sinto a teu respeito, certo de que seria acreditado.

« Assim, porém, como andas, como estás agora, desalinhado, com *cara de convalescente*, com *ares de mendigo*, é muito difficil fazer crer que vales alguma cousa ! »

Dahi em diante Raphael exerceu sobre nós a mais rigorosa fiscalisação, assumindo uma autoridade paternal, observando-nos com sollicitude e obrigando-nos muitas vezes a corrigir a *philosophia*, a que commodamente estavamos habituado.

Era elle um homem intelligente, de espirito pratico, brando, lhano, engraçado.

Sua palestra era a mais interessante pelo bom senso que revelava e pelos ditos chistosos com que sabia temperal-a.

Esse homem providencial foi por muito tempo o nosso verdadeiro *anjo da guarda*, velando sobre nosso destino com disvelo e sollicitude inexcediveis, exercendo sobre nosso espirito a mais benefica influencia.

Aos 27 annos de idade não passavamos diante d'elle de uma simples creança, ouvindo os seus prudentes conselhos, submettendo-nos ás suas sabias prescripções e curvando-nos á sua autoridade paternal.

Um dia estavamos no largo da Carioca sentado em

uma cadeira com o pé estendido sobre a caixa de um *engraxate*, que procurava lustrar com a escova nossas botinas.

Raphael vendo-nos naquella posição aproximou-se, cumprimentou-nos meigamente, ficando de frente de nós até que o *engraxate* acabasse a operação.

Quando nos levantámos muito ancho, suppondo que tínhamos correspondido á sua expectativa, deu-nos elle o braço e seguimos com direcção á rua de São José.

— Não sejas charlatão, nos disse Raphael em tom brando e affectuoso.

« Que necessidade tens de te expor á vista de todos, engraxando as botas no meio da rua, sentado em uma cadeira? »

— Faltam-nos recursos para ter creado, respondemos promptamente.

— Olha, accrescentou o Raphael, é muito melhor que compres uma lata de graxa, uma escova, engraxando tu mesmo as tuas botas.

« O mundo vive de simples apparencias.

« Quando te virem com as botas bem lustrosas, não haverá quem deixe de pensar que tens muito bons creados dispensando-te por isso mesmo mais consideração.

« A pobreza é já por si um grande infortunio, que se torna ainda maior, quando todos a conhecem.

« É muito triste o ser-se pobre, mas é mil vezes mais triste saber-se que a gente é pobre, de quem os favorecidos da sorte costumam fugir para evitarem alguma *facada*.

« O homem, por mais criticas que sejam as suas condições, deve aprasentar-se em publico correctamente, com ar prasenteiro e fronte erguida, apparentando serenidade, seguro na paz da sua consciencia, para que os fatuos não se riam de suas penas nem procurem evitar sua aproximação.

« E engraxa, pois, as tuas botas em casa, e todos acreditarão que esse serviço foi feito pelos teus creados. »

Raphael, verdadeiro pratico da vida, perfeito conhecedor do mundo e dos homens, sempre tinha para nós uma advertencia amiga, um conselho paternal, uma lição de mestre.

Oh ! Como somos grato á sua memoria, e como nos

lembramos saudoso do muito que nos fez e nos procurou
fazer!

Deus o tenha em seu reino de gloria!
15 de Dezembro de 1893.

XXIII

Nestes trabalhos despretenciosos jamais nos passou pela mente escrever biographias nem desenrolar a historia dos acontecimentos politicos do antigo regimen.

Nosso fim é evidentemente mais modesto, limitandonos apenas a recordar certos factos que nos parecem mais curiosos e a alludir a alguns personagens que se distinguiram pelos seus meritos ou que se celebrisaram pelas suas exquisites ou pelo ridiculo a que se expuzeram.

O que, porém, podemos garantir é que tudo quanto referimos tem o mais perfeito cunho de verdade, unico valor de nossas pobres e despretenciosas *reminiscencias*...

Um dos homens mais calumniados de quantos figuraram no scenario politico do Imperio, foi incontestavelmente o eminentissimo pernambucano, conselheiro João Alfredo Corrêa de Oliveira.

O partidario infrene, nos seus crueis desabrimentos, no seu odio implacavel e em suas satanicas inspirações, chegou ao ponto de negar ao conselheiro João Alfredo todos os titulos de benemerencia que ornam o seu character puro e immaculado.

Nada se lhe concedia, nem intelligencia, nem illustração, nem honestidade, nem importancia na politica, nem prestigio no seu partido, nem patriotismo.

No empenho de diminuir seu real valor, chamavam-n'o desdenhosamente *ministrinho*, *estadista de Goyanna*, *filhote do visconde de Camaragibe*.

Não podia haver juizo mais temerario, nem injustiça mais clamorosa, nem pronunciamento mais revoltante. Conhecemos pela primeira vez o conselheiro João Alfredo,

fazendo parte da camara dos deputados de 1869 como representante da antiga provincia de Pernambuco. Enviado ao parlamento nacional, não podia dizer-se um *illustre desconhecido*, visto ter-se revelado entre seus conterraneos um espirito superior e um caracter integerrimo.

Apenas deixou os bancos academicos, foi laureado pela faculdade de direito do Recife, defendendo theses e conquistando o grau de doutor em sciencias juridicas e sociaes naquelles tempos em que, ao contrario de hoje, não se barateavam esses louros, nem tão facilmente se conferiam esses premios de honra e distincção sómente destinados ao verdadeiro merito.

Antes de pertencer á camara de 1869, que o dr. Ferreira Vianna chamara o *concilio da razão nacional*, o conselheiro João Alfredo se fizera conhecido no fóro e na imprensa do Recife como notavel advogado e emerito jornalista, propugnando pelos interesses do direito e da justiça, e defendendo valentemente a causa do partido conservador, a que desde academico estava filiado.

Organisando-se novo gabinete a 29 de Setembro de 1870 sob a presidencia do inlyto marquez de São Vicente, o nome de João Alfredo foi indicado e acceto para a pasta dos negocios do Imperio.

Um dos seus primeiros actos nesse ministerio foi dar novo regulamento para os exames a que se tinha de proceder nas diversas faculdades do paiz,

Os academicos, sentindo-se contrariados pelo rigor que se devia observar nesses processos, protestaram, mas não foram attendidos, rebellaram-se, mas foram contidos pela energia e severidade do ministro que não se intimidou, nem cedeu uma linha, nem transigiu com a rebeldia, nem sacrificou o principio de autoridade, submettendo-se ás exigencias e imposições da *estudiantada*.

Os jornaes que desde aquelle tempo já fomentavam o espirito de indisciplina nas corporações academicas, atacavam o acto do novo ministro do Imperio, gritando os respectivos vendedores nos pontos mais publicos do Rio de Janeiro :

— Uma folha quarenta réis ; traz o *espiche do João Alfredo* !

O ministro, porém, conscio de sua autoridade e de seus deveres, manteve-se firme e intransigente no seu posto suffocando os movimentos academicos, suspendendo os cabeças do motim e fazendo valer o seu regulamento.

Desde então começou o conselheiro João Alfredo a

gozar com razão e justiça os fôrças de energico e decidido. Quando o gabinete 29 de Setembro, enfraquecido por divergencias intestinas que incompatibilisavam alguns de seus membros, que não se entendiam sobre o ponto capital de seu programma, que era adiantar a solução do problema da emancipação do elemento servil, teve de renunciar o posto ao sempre lembrado visconde do Rio Branco, que organisou ministerio a 7 de Março de 1871, o marquez de São Vicente, recommendou ao seu successor o nome de seu ministro do Imperio como capaz de auxiliar-o vigorosamente na grande e difficil empresa que tomava sobre seus hombros.

Foi assim que o conselheiro João Alfredo passou no mesmo character do gabinete 29 de Setembro para o 7 de Março, indicado pelo experimentado marquez, que tomando-lhe o pulso em tão curto periodo de administração, reconheceu no seu ministro provados dotes e aptidões de governo, que brilhantemente se manifestaram na nova phase de sua vida publica.

Aberto o parlamento em Maio de 1871 e apresentado pelo gabinete 7 de Março na camara dos deputados o projecto sobre elemento servil, scindiu-se a representação nacional no seio da camara unanimemente conservadora, desencadeando-se tremenda opposição contra o governo que ousava propor uma reforma attentatoria de pretensões e direitos de propriedade.

As glorias provenientes da lei aurea promulgada a 28 de Setembro daquelle anno, pertenceram quasi inteiras ao venerando visconde do Rio Branco, chefe immortal do gabinete 7 de Março.

Não seremos nós quem regateará ao eminente estadista brasileiro os encomios que lhe são devidos; os louros que lhe competem, as homenagens a que tem direito, pela passagem dessa lei, sustentada na tribuna com os fulgores de sua intelligencia privilegiada, que importa na glorificação do seu nome e que constitue a mais virente e mais brilhante coroa de sua immortalidade.

O que, porém, muitos ignoram é que na elaboração dessa lei, que tão viva e formidavel opposição provocou no seio da camara dos deputados, foi o conselheiro João Alfredo o braço direito, o braço forte do visconde do Rio Branco, que sem o concurso vigoroso, tenaz, inabalavel, ininterrupto, patriótico do seu ministro do Imperio, teria naufragado irremediavelmente nos baixios creados astuciosamente pela colligação de todos os interesses que se chocavam, levan-

tando-se como barreiras quasi insuperaveis para inutilisar os esforços patrioticos e os empenhos humanitarios em favor da santa causa da liberdade.

Era o ministro do Imperio do gabinete 7 de Março quem arregimentava as forças libertadoras, quem se entregava a esse trabalho de propaganda, surdo, invisivel, subterraneo, afanoso, perseverante, incançavel, de todos os dias, de todas as horas, de todos os momentos, animando a uns, promettendo a outros, persuadindo a todos, empregando todos os recursos licios, jogando todas as armas honestas, fazendo a estatistica dos fieis, vigiando os suspeitos, facilitando concessões possiveis, ageitando pretensões rasoaveis, visitando deputados, abraçando-os, tratando-os com familiaridade, em confabulações constantes e intimas, para conserval-os firmes no mesmo pensamento, inabalaveis nas mesmas ideias, identificados nos mesmos sentimentos e resolutos ao n'esso fim.

Eram precisos, indispensaveis, 61 deputados para constituirem casa e votarem os encerramentos da discussão, que se procurava protelar indefinidamente.

O ministro do Imperio conseguiu pela sua tactica manter esse numero á hora regimental, disposto a tudo, a *dar e apanhar*, sem arredar-se de seus postos, inutilizando o recurso da *parede*, requerendo e votando encerramentos no meio de uma saraivada de insultos, de remoques, de improperios, que irrompiam tremendos das bancadas opposicionistas, que ameaçavam, quebrando as balaustradas não escolhendo epithetos injuriosos para atirarem á ace, dos amigos do governo.

Era o conselheiro João Alfredo quem sabia inspirar ás phalanges emancipadoras essa coragem, essa constancia, essa abnegação, essa imperturbabilidade para sugentarem-se a todos os sacrificios, affrontando impavidamente todas as tempestades que se levantavam nos mares encapellados dos interesses feridos e contrariados.

Todos comprehendem quanta habilidade e quanto esforço são necessarios para arregimentar uma maioria firme, compacta e irreductivel, em uma collectividade sujeita a seduccões, a temores, a vacillações em frente a elementos de resistencia organisados com poderosos recursos e formidaveis meios de acção.

E' preciso que um espirito superior se lhe communique inspirando confiança afim de que não se quebre a cohesão, não desfalleça e não se dissolva.

Foi este o papel que coube ao conselheiro João Alfredo na elaboração da lei de 28 de Setembro.

Emquanto o chefe do gabinete occupando a tribuna discutia com brilhantismo a reforma do elemento servil, despertando e instruindo a consciencia nacional, o ministro do imperio assegurava o seu successo com fesse trabalho paciente de alimentar o fogo sagrado da ideia redemptora no espirito e coração dos amigos que o ouviam e o acompanhavam.

Se, porém, nessa campanha estava reservada ao conselheiro João Alfredo pequeno quinhão de gloria pela sua cooperação na passagem da lei aurea de 28 de Setembro, a Providencia, como veremos, lhe destinara proeminente papel na obra grandiosa da completa redempção dos captivos.

Admiravel effeito da consoladora lei das compensações!
10 de Janeiro de 1894.

XXIV

A vida do ministerio de 7 de Março foi agitadissima ainda mesmo depois de vencida a gloriosa campanha do elemento servil com a promulgação da lei de 28 de Setembro de 1871, conriderando livres os fructos do ventre escravo.

Encerrado o parlamento, dispersos os representantes da nação pelas diversas provincias em que residiam, o gabinete teve necessidade de reorganisar-se, exonerando-se do cargo de ministro da justiça o conselheiro Sayão Lobato e do da guerra o conselheiro Domingos Jaguaribe.

Passando o conselheiro Duarte de Azevedo da pasta da marinha para a da justiça, foram nomeados o deputado Junqueira ministro da guerra e o deputado Gomes de Castro ministro da marinha, aquelle presidente da antiga provincia de Pernambuco e este da de Maranhão.

Não acceitando, porém, o dr. Gomes de Castro a pasta da marinha, foi nomeado em seu lugar o senador mineiro Joaquim Delfino Ribeiro da Luz.

Ao abrirem-se as camaras em Maio de 1872, os amigos do governo não foram sollicitos em comparecer às sessões, deixando-se muitos ficar nas provincias, augmentando assim as difficuldades com que já luctava o gabinete, que não poderia continuar sem contar com apoio franco de uma maioria respeitavel pela sua firmesa e dedicação.

Houve sessões em que seria facil á opposição derrotar o ministerio em questão de confiança dispondo de maioria, embora occasional.

Nessa luta desesperada em que o governo se debatia sem elementos para debellar a crise que o ameaçava, vendo-

se abandonado pelos amigos que se mostravam tímidos e esquivos, e hostilizado fortemente pela opposição escravocrata que crescia e se avolumava, acudiu ao espirito do conselheiro João Alfredo a ideia de dissolução da camara dos deputados, recurso extremo facultado pela constituição, para consultar-se o paiz depois de reforma tão importante que havia causado a scisão nas fileiras do partido conservador, cujo representante e interprete no poder acreditava ser o gabinete 7 de Março.

O visconde do Rio Branco, porém, vacillava, mostrava-se hesitante, propendendo mais a resignar o governo nas mãos dos seus adversarios de momento do que solicitar da corôa o emprego do recurso extremo da dissolução da camara dos deputados.

Ao conselheiro João Alfredo repugnava o pensamento de renuncia do poder antes de exgotar todos os meios constitucionaes, ponderando que o presidente do conselho dispunha de grande talento para convencer á corôa de que era caso de consulta á nação para ver se esta condemnava ou approvava a reforma social que sob os auspicios do governo havia passado em ambas as casas do parlamento.

E foram taes a insistencia e tenacidade com que o ministro do Imperio fazia valer sua opinião, que o glorioso chefe do gabinete resolveu-se a pedir á corôa a dissolução da camara, justificando a conveniencia desse acto politico com razões convincentes e irrefutaveis.

Em seguida á exposição dos motivos magistralmente feita pelo visconde do Rio Branco, o Imperador que durante todo esse tempo se entretinha fazendo com o *lapis fatidico* garatujas inintelligiveis em meia folha de papel, que tivemos occasião de ver, levantou-se rapidamente, dizendo :— Lavre-se decreto de dissolução.

O ministro do Imperio, porém, que o levava prompto em sua pasta, pediu venia para apresental-o á assignatura imperial.

Foi uma verdadeira bomba que estourou nss arraias da opposição conservadora, que já prelibava o goso da posse do poder, suppondo que seria recusado pela corôa o recurso da dissolução que o governo se animara a impetrar sem confiança em ser bem succedido.

Na eleição a que se procedeu em virtude da dissolução da camara, merecemos a honra de ser eleito deputado para representar a então provincia do Rio Grande do Norte.

Tomando logar nas fileiras governistas, proporcionou-se

nos ensejo de apreciar de perto o vigor da intelligencia, a energica força de vontade, a austeridade de principios, o fundo de probidade, o espirito de justiça, a inteireza de caracter do conselheiro João Alfredo, que já se havia revelado na gerencia da pasta do Imperio um perfeito homem de governo, inspirando confiança á seus amigos e infundindo respeito á seus adversarios.

Entre muitos recordamo-nos de um facto caracteristico que se deu entre nós e o primeiro ministro do Imperio do gabinete 7 de Março, antes de sermos eleito deputado geral.

No concurso aberto para preenchimento de uma das cadeiras de mathematicas do então collegio Pedro II apresentaram-se candidatos os drs. Luiz Pedro Drago e Joaquim Guimarães.

Quando se aproximava o dia em que devia realisar-se o concurso, o dr. Drago, nosso amigo, nos disse vivamente impressionado: — Na difficil situação em que me acho, sou forçado a recorrer á sua intervenção para me salvar.

E accrescentou: — O ministro fazendo as nomeações de examinadores, escolheu o dr. Benjamin Constant, que é concunhado do meu competidor!

Ouvindo denuncia tão grave corremos pressuroso á secretaria do Imperio para entender-nos com o respectivo ministro.

Introduzido no gabinete onde este se achava, perguntámos sem mais rodeios:

— V. exc. já effectuou as nomeações de examinadores que têm de servir no concurso, a que se vai proceder para preenchimento de uma das cadeiras de mathematicas do Collegio Pedro II?

— Já, respondeu o ministro, declinando o nome dos nomeados.

— E sabe v. exc., tornámos nós, as relações que existem entre um desses examinadores e um dos candidatos?

Absolutamente não, disse o ministro: foi a secretaria quem me indicou esses nomes.

— Pois fique agora sabendo, continuámos nós com grave accentuação, que o dr. Benjamin Constant é concunhado do dr. Guimarães, casados ambos com filhas do finado conselheiro Claudio, que foi veador da casa imperial e um dos validos de S. M. o Imperador.

O conselheiro João Alfredo ouvindo-nos com ar de surpresa, ficou algum tempo pensativo, dizendo-nos:

— Vou examinar, e depois resolverei.

Nesse mesmo dia, immediatamente depois de nossa retirada, o ministro verificando a mystificação de que ia sendo victima, tornou de nenhum effeito a nomeação do dr. Benjamin, escolhendo para examinador o respeitavel dr. Carneiro, integro e illustrado lente da Escola Polytechnica.

Foi por isso que, conhecendo nós esse facto, cuja veracidade ninguem ousará pôr em duvida desde que o affirmámos sob palavra de honra, não sentimos a minima surpresa quando o dr. Benjamin Constant, occupando a pasta da guerra no governo provisorio, no espaço de anno mais ou menos promoveu duas vezes seu proprio irmão aos postos de tenente coronel e coronel do exercito, accetando elle mesmo a celebre promoção ao posto de brigadeiro, sendo simples tenente-coronel, feita por meia duzia de cajetes sob a inspiração do sr. Serzedello Correia no saguão do palacio Itamaraty!

Entretanto, apesar de haver feito tudo isso, depois de ter pretendido ser juiz em um concurso em que o proprio concunhado era parte interessada, mereceu os pomposos e retumbantes titulos de purissimo, immaculado e impecavel, com que o mais desfructavel dos genros o proclamava incessantemente da tribuna da camara dos deputados do Congresso Nacional!

O conselheiro João Alfredo, desfazendo esse *arranjo de familia*, elevou-se mais ainda aos nossos olhos que já o reputavamos um perfeito homem de bem!

Sua gestão na pasta do Imperio foi a mais fecunda em melhoramentos que perpetuam o seu nome nos fastos administrativos do paiz, primando pela severa economia, pela mais rigorosa moralidade, pelo mais consummado escrupulo na applicação dos dinheiros publicos.

Sem ter arrebetado uma verba de seu orçamento, sem recorrer a creditos extraordinarios ou supplementares, como fizeram todos os ministros que o antecederam e lhe succederam, tanto no regimen antigo como no actual, o conselheiro João Alfredo deixou em sua passagem pelas regiões do governo os mais assignalados e mais brilhantes traços de sua alta capacidade administrativa.

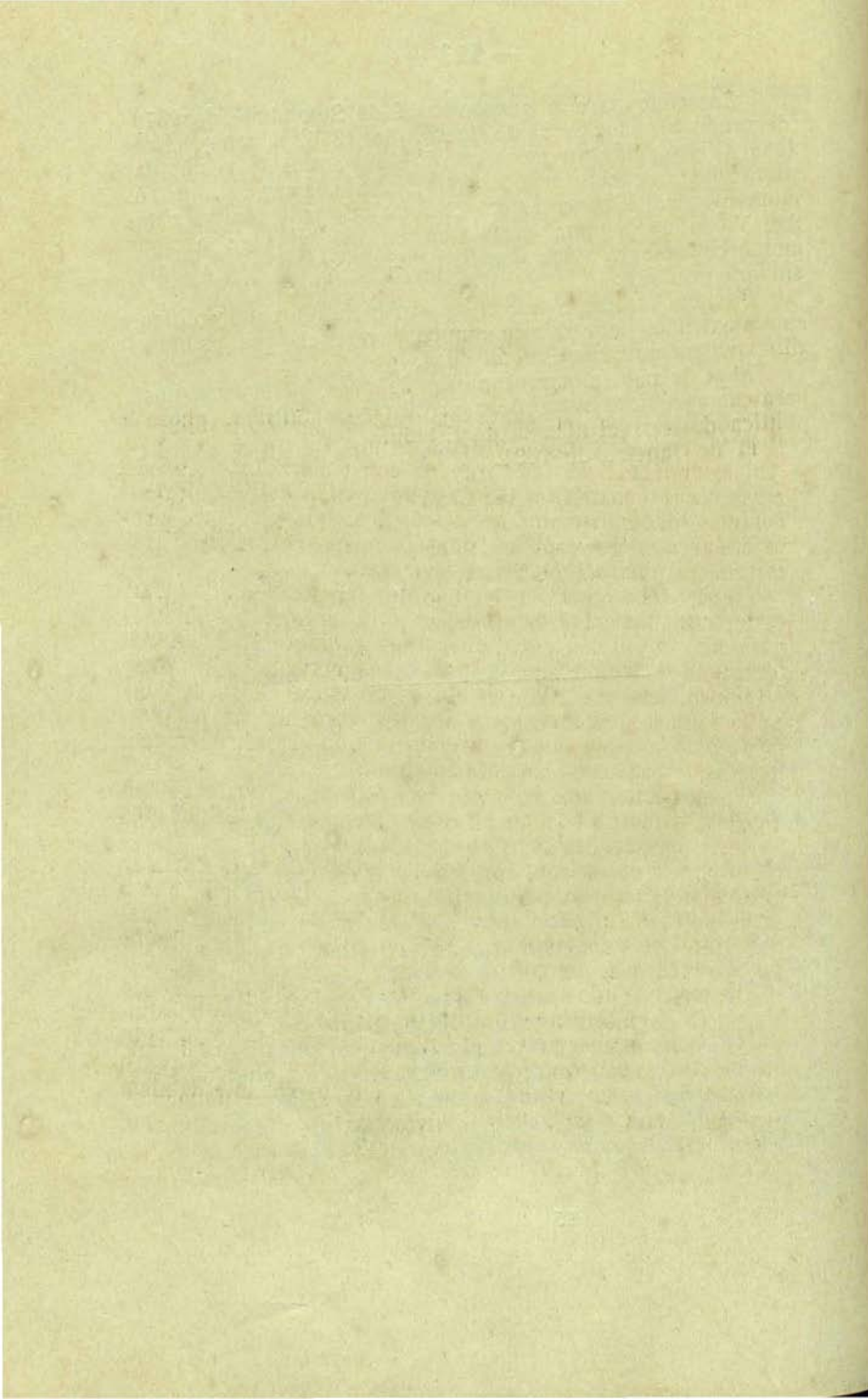
Alli estão para attestarem o seu merito e proclamarem a sua gloria, o ajardinamento do campo da Proclamação, os edificios destinados a escolas publicas, verdadeiros palacios erguidos a instrucção do povo, além de muitos outros documentos de seu extremado zelo e de seu nunca desmentido patriotismo.

Entrando para o governo a 29 de Setembro de 1870 deixando o poder a 24 de Junho de 1875, o conselheiro João Alfredo, durante esses quasi cinco annos de gestão da pasta dos negocios do Imperio, não desmentiu um só momento o alto conceito em que era tido pelo marquez de São Vicente, a quem tanto venerou em vida e a cuja memoria consagra ainda o mais profundo respeito e a mais sincera gratidão.

Cuvimol-o sempre referir-se a esse grande vulto politico com a extrema delicadeza e summa reverencia que os bons filhos votam aos pais estremecidos.

Afim de não fatigar os nossos leitores, reservamo-nos para na seguinte *reminiscencia* tratar da ultima phase politica do notavel homem de Estado.

11 de Janeiro de 1894.



Estadista mais de acção do que de palavras, tendo a mais nitida comprehensão dos altos deveres e da grave responsabilidade de seu cargo, o conselheiro João Alfredo raras vezes occupava a tribuna para evitar que se prolongassem indefinidamente as discussões, quasi sempre procrastinadas pelo espirito opposicionista e muitas vezes fastidiosas pela *verbiagem parlamentar*.

Entendendo que a economia de tempo é um dos mais poderosos factores na solução dos grandes problemas politicos, o ministro do Imperio do gabinete 7 de Março poupava o tempo quanto podia, esquivando-se a *fazer rethorica*, a exercitar-se na gymnastica dos debates parlamentares, a empenhar-se nos torneios da palavra, preferindo as votações e dizendo o que era estrictamente necessario para o seu esclarecimento.

Esta norma, este systema, esta estrategia, valeram ao honrado estadista os mais picantes remosques, as insinuações as mais perfidas por parte de seus adversarios.

Lembra-nos de que uma vez o deputado Silveira Martins, pretendendo fazer espirito, disse com ar de desdem que o conselheiro João Alfredo, pelo retrahimento a que systematicamente se condemnava, parecia pertencer á *sociedade dos silenciosos da Persia*.

Gravissima injustiça, porém, fazia o tribuno rio grandense á capacidade intellectual do illustre estadista pernambucano. Ainda não conhecemos quem dispuzesse de faculdade intellectiva mais apurada e em mais alto grau do que o conselheiro João Alfredo, que é dotado de intelligencia prompta, clara, vasta, lucida, inexcedivel.

Além disso, possui um talento rarissimo de assimilação, digerindo o que lê com maxima facilidade, aprehendendo todo o pensamento do auctor, reproduzindo com fidelidade e precisão toda a doutrina, todas as theorias, todas as opiniões, sem escapar-lhe a menor particularidade.

Tem mais ainda ao serviço dessa intelligencia tão prompta e tão lucida uma memoria felicissima. Jaa lhe facilita a conservação de larga somma de conhecimentos, que possui, adquiridos e accumulados em menor espaço de tempo do que commummente é necessario a muitos que de corpo e alma se entregam às vigílias do estudo e á profundidade da meditação.

Dotado de tão inestimaveis predicados, o conselheiro João Alfredo, dispondo de palavra facil e fluente, conhece tambem os segredos da arte de fallar na estrutura da phrase, que lhe brota dos labios espontanea, correcta, incisiva, muitas vezes caustica e esmagadora.

Se não é um orador de effeito espectacular, que impressione e fascine pelas flores de rethorica e pelos deslumbrantes rasgos de eloquencia arrebatadora, não se lhe pode contestar o merito de saber impor-se a quem o ouve pela elevação de pensamento, pela sabedoria de conceitos, pela largueza de vistas, pela energia de sentimentos, pela influencia de linguagem, pela precisão de argumentos, pela pureza de ideias, pela altivez de character, pela correcção de phrase e pelo esmero de fórma litteraria que imprime em seus discursos convincentes e persuasivos.

Aos adversarios que, de preferencia a outro qualquer membro do gabinete, o atacavam violentamente no empenho de destruir aquella força que contrariava seus calculos no seio do governo, o conselheiro João Alfredo respondia de prompto, cheio de altivez, vibrante de energia, conciente de seu papel, eloquente, calmo, sereno, desassombrado, digno, nobre, elevado, sem temer as ameaças, sem comprometter as conveniencias, sem sacrificar a dignidade do cargo, sem intimidar-se, sem vacillar, sem transigir, sem submitter-se!

Em Maio de 1873 o dr. Henrique Pereira de Lucena administrava a então provincia de Pernambuco, quando uma horda de vandaes, excitados pelo espirito de seita, commetteu no Recife os maiores excessos, quebrando e incendiando uma typographia catholica e invadindo o collegio dos padres jesuitas, espancando-os barbaramente e espatifando todos os moveis do estabelecimento!

No dia seguinte ao em que se praticaram semelhantes actos de selvageria, o dr. José Mariano pretendia realizar um *meeting* no largo do palacio para concitar o povo à perpetração de novos attentados.

O dr. Lucena, presidente da provincia, mandou que o commandante das armas, general Wanderley, fosse em pessoa infimar a dissolução do *meeting* por interesses da ordem publica.

Quando o general se aproximava do lugar, nem tempo teve para fazer a intimação, sendo recebido ao som de estrondosa vaia, que o atordou, voltando immediatamente a palacio afim de referir ao presidente o que lhe havia acontecido. O dr. Lucena, porém, depois de ouvir a triste exposição feita pelo commandante das armas, disse-lhe com accentuado tom de energica decisão:

— Um general, que em cumprimento de seu dever, dispõe de força, não se deixa vaia impunemente, porque nesse caso lhe é licito empregar o sabre e a pata de cavallo para fazer-se respeitar e obedecer.

O general Wanderley, accetando aquella lição e sentindo-se com as *costas quentes*, tornou ao lugar do *meeting*, respondendo á apurada com que novamente foi recebido, desbaratando tudo a golpes de sabre e a patas de cavallo.

Nesse tempo ainda não funcionava o telegrapho entre o Rio e Pernambuco. No dia em que o paquete chegou do norte, trazendo a noticia daquelles acontecimentos passados no Recife, o deputado Martinho Campos, subindo á tribuna na sessão da camara á hora do expediente, dirigiu ao governo a mais vehemente interpellação, tornando-o responsavel por tudo quanto se havia dado na cidade do Recife.

O conselheiro João Alfredo, ministro do Imperio, ignorava completamente esses successos por não ter ainda recebido a correspondencia official. Passando, porém, a vista sobre o *Diario de Pernambuco*, que alguem no momento lhe offerecera, e em que estavam minuciosamente relatados todos os factos, levantou-se para responder ao deputado interpellante, exprimindo-se mais ou menos nestes termos:

— Na ausencia completa de informações officiaes por não haver ainda recebido minha correspondencia, só me é licito julgar dos lamentaveis acontecimentos passados no Recife e denunciados á camara pelo nobre deputado de Minas Geraes, pela rapida leitura que acabo de fazer do

Diario de Pernambuco devido á obsequiosidade de um amigo que m'o facilitou.

« Se, porém, são verdadeiros os factos descriptos por este respeitavel orgão de publicidade, devo declarar desde já ao nobre deputado, á camara e ao paiz que approvo inteiramente o procedimento do presidente de Pernambuco, porque achando-me em seu lugar, dadas as mesmas circumstancias, eu procederia do mesmo modo.»

A enérgica e cathégorica resposta dada pelo ministro com tanta firmeza e decisão, fez desconcertar no momento os planos da opposição, que acreditava poder abalar o governo, diminuindo a sua força e comprometendo o seu prestigio, tornando-o responsavel pelos deploraveis e tristissimos successos do Recife.

A opposição, porém, não desanimou, e tomando por thema, como arma de hostilidade, o espadeiramento do povo ordenado pelo presidente de Pernambuco e executado pelo respectivo commandante das armas, não cessou um só dia de lançar todos esses excessos á conta de incapacidade do governo, que affrontando a consciencia nacional, se identificava com o auctor desses attentados, conservando-o acintosamente no posto, que com tão revoltante abuso do poder havia deshonrado.

O gabinete, incommodado diariamente com essa matizada opposicionista, em uma de suas conferencias resolveu arredar de seu caminho essa pedra de escandalo, fazendo retirar o dr. Henrique de Lucena da presidencia da provincia de Pernambuco.

O conselheiro João Alfredo, porém, que se achava presente, ouvindo a resolução tomada por seus collegas, disse apenas sem alterar-se :

— Nada tendo que oppor á decisão dos membros do ministerio, vivendo nós sob o regimen em que deve prevalecer a opinião da maioria, resta-me sómente dizer que antes de ser lavrado o decreto de demissão do dr. Lucena de cargo de presidente de Pernambuco, me será concedida a exoneração do de ministro do Imperio, porque eu não me sujeito a referendar a desmoralisação de um amigo, que sabe cumprir os seus deveres, para satisfazer as exigencias e imposições dos adversarios.

E o que é verdade é que o dr. Henrique de Lucena só deixou a administração da provincia de Pernambuco, quando bem lhe aprouve, sendo-lhe, por acto da mesma data, conferidas como premio de seus serviços as honras

de desembargador, designando-se-lhe em seguida, para ter exercicio, a importante comarca de Santo Amaro do Jaboaão. O conselheiro João Alfredo, pois, por tantos e tão repetidos actos de energica intransigencia, tornou-se a *espinha de garganta* da opposição que o não poupava de se indo-lhe os mais tremendos golpes.

Uma vez teve de ir ao senado discutir o orçamento do seu ministerio. O senador Silveira Lobo, que tinha contas antigas a ajustar com o illustre chefe pernambucano, recebeu o ministro de arma em riste, atacando-o de modo violento e desabrido. O visconde de Jaguaray, presidente do senado, consentiu que fosse insultado por um membro da corporação o ministro do Imperio, que em cumprimento de um dever constitucional, se achava na mesa a seu lado direito, confiando que aquella casa era a morada da velhice, da prudencia, da paz, da delicadeza, da cortezia e do respeito que os homens de boa sociedade se devem uns aos outros.

Quando, porém, o conselheiro João Alfredo teve de fallar, procurando defender-se, rebatendo dignamente os golpes que lhe foram desfechados na propria casa, em que esperava receber mais honrosa hospedagem, o presidente do senado lembrou-se de chamar o ministro á ordem com flagrante violação de todos os principios, com a mais clamorosa injustiça e com o mais revoltante espirito de parcialidade.

O conselheiro João Alfredo, flammejante de indignação, tolhido em seus sagrados direitos de natural defeza, sem ter a quem recorrer naquelle momento supremo, victima de brutaes aggressões no mesmo lugar onde deviam residir a reflexão e a cordura, o cavalheirismo e a prudencia, ergueu bem alto a sua voz, bradando com todas as forças de seus pulmões: — Se nesta casa, sr. presidente, ha a liberdade do insulto e da injuria, negando-se ao offendido o direito de defeza, nesse caso sento-me, lavrando assim o mais solemne protesto perante o paiz que nos ha de julgar.

Assistimos nós a essa celebre sessão do senado, da qual guardamos e sempre conservaremos a mais viva impressão, admirando a tempera rija daquelle character austero e inflexivel, que embora batido pelos vendavaes da adversidade mantém-se firme e inquebrantavel. E ainda desta vez não podemos chegar á ultima phase da gloriosa vida politica do conselheiro João Alfredo. Nos são tão gratas estas *reminiscencias*!

12 de Janeiro de 1894.

XXVI

Não se deve estranhar que tão demoradamente nos occupemos da personalidade politica do conselheiro João Alfredo, sabendo-se que foi elle o chefe, com quem mais vivemos em intimidade, honrando-nos com sua estima e distinguindo-nos com sua inteira confiança.

Tinhamos ingresso em sua casa sem etiqueta e sem cerimonia, viviamos no sanctuario do seu lar domestico, merecendo estima e confiança de todos, na mais respeitosa privança, como se estivessemos no seio da nossa propria familia.

Exercendo sobre nosso espirito decisiva e benefica influencia, o conselheiro João Alfredo encontrou sempre em nossa humilde pessoa um amigo sincero, disvelado, respeitoso e dedicado até ao sacrificio.

Sem que jamais o interrogassemos, sabendo que elle se contrariava com perguntas, esperavamos que procurasse conhecer a nossa opinião para que nos pronunciassemos com liberdade, com isenção, com independencia, dizendo-lhe com franqueza e lealdade o que pensavamos e o que sentiamos a respeito de qualquer assumpto, sobre que se dignasse ouvir nosso juizo.

Nas relações pessoasas e politicas, quer como simples cidadão, quer como deputado, nem lisonjeavamos sua vaidade para merecer suas graças, nem desobedeciamos a sua auctoridade para fazer valer a nossa autonomia.

No papel subalterno que desempenhavamos no scenario politico, nem nos curvavamos servilmente aos seus acenos de chefe supremo, nem infringiamos as rigorosas leis da

disciplina, suavizadas pelo effecto da amizade e pelo influxo da confiança.

A' primeira vista a physionomia do conselheiro João Alfredo reveste-se de uma severidade que parece impostura, carrega-se de um tom serio e grave que quasi toca os limites da *carranca*, que não faz medo, mas que estabelece a distancia respeitosa que se deve guardar á sua aproximação.

Na intimidade, porém, não ha character mais expansivo, nem mais jovial, nem mais franco, nem mais attractivo.

Não ha palestra mais interessante pelo espirito, pela variedade dos casos historicos que cita, das anedoctas que conta, das pilherias que diz, dos apologos que refere, pelo sal com que tempera suas criticas, pela pimenta com que caustica o ridiculo, pela ironia com que fere a insensatez e pela elevação de conceitos com que moralisa os homens e factos sujeitos á sua apreciação.

Quando no anno de 1887, em uma das ultimas sessões do senado, o conselheiro Antonio Prado, justificando o requerimento que apresentou sobre acontecimentos de Campinas, empiasou o gabinete a adiantar na sessão do anno seguinte a questão do elemento servil, o conselheiro João Alfredo poz-se ao lado do illustre senador paulista, proferindo notavel discurso, em que suggerindo diversos meios de solução do importante problema social, disse nessa occasião que *muitos caminhos conduzem á Roma*.

Nós que eramos então deputado, antes de partirmos para o norte depois do encerramento das camaras, dissemos ao illustrado chefe pernambucano, que, quando tivesse de formar a sua estatistica, nos contémplesse no numero dos que estavam dispostos a acompanhal-o na gloriosa campanha da abolição,

Estavamos ainda no norte quando se organisou novo gabinete a 10 de Março de 1888 sob a presidencia do conselheiro João Alfredo, a quem immediatamente dirigimos carta de felicitação, por se lhe ter proporcionado o ensejo de seguir o *caminho unico* que devia *conduzil-o á Roma, .. e á immortalidade*.

Ao voltarmos ao Rio a 26 de Abril daquelle anno, encontrámos o chefe do gabinete nadando em jubilo, vivamente preocupado com a solução do problema, que constituia o ponto cardeal de seu programma de governo, ainda que visivelmente contrariado com o projecto que o conselheiro Antonio Prado lhe enviara de São Paulo,

contendo cinco artigos que regulavam as condições de prazos curtos que estabelecia, embora o nobre paulista em sua carta declarasse que, sendo essas as suas ideias se confermaria com a decisão de seus collegas de ministerio.

Assistimos á contecção da *falla do throno*, com que devia ser aberto o parlamento na sessão legislativa desse anno, notando se o enthusiasmo que a todos dominava quando se assentou em congnar a ideia da abolição immediata e incondicional.

O conselheiro João Alfredo não cabia em si de contente na occasião em que lia o trecho do *discurso da corôa* referente á questão do elemento servil em nosa presença, e na do conselheiro Ferreira Vianna, que era ministro da justiça, visconde de Taunay, Balduino Coelho, e drs. Souza Bandeira e Franklin Tavora.

A 13 de Maio estava convertido em lei do paiz o projecto que considerava immediata e incondicionalmente livres todos os escravos do Brazil.

Quem diria, porém, que esse diadema de gloria immortal, que resplandecia fulgurante na fronte patriótica do inelyto chefe do gabinete 10 de Março, se converteria em dolorosa e cruciante corôa de espinhos para amargar-lhe a existencia?!

O despeito pela promulgação da lei da abolição fez avolumar as fileiras do partido republicano, que recebeu em seu seio o grosso contingente de quasi todos os ex senhores de escravos que se consideravam feridos em seus direitos de propriedade.

Esse facto, que assumia proporções assustadoras, parece que levou o terror panico ás altas regiões do empyrio, onde ferveram as intrigas palacianas, apontando nomes capazes de suffocar o movimento republicano, fazendo-se conchavos, combinando-se meios de combate, preparando-se successões, discutindo-se *assumptos de oportunidade*, para justificar-se a *evolução* que se tinha em vista.

A recordação dessas fraquezas e miserias nos causa tanta repugnancia que nem nos demoraremos em escrever miudamente a sua historia, limitando-nos a fazer referencias vagas e perfunctorias além de não reavivar as feridas que ainda devem sangrar no coração das victimas sacrificadas á ambição e deslealdade, e á ingratidão.

Diremos sempre, em homenagem á justiça e á verdade, que para a effectividade do pacto secretamente

feito nas altas regiões e perversamente urdido pelas intrigas palacianas, desencadeiou-se a mais tremenda e mais negra *campanha de diffamação* contra o mais completo homem de bem, que commetteu o grande e imperdoavel crime de haver concorrido com o prestigio de seu nome puro para a reabilitação de uma raça condemnada e para a glorificação de sua pátria.

A miseravel *campanha* principiada nas columnas da imprensa opposicionista estendeu-se além penetrando até no seio do conselho de Estado, convocado a tuciosamente, depois de varias promessas e de repetida segurança da concessão dos meios extremos que a constituição facultava e garantia.

O que é certo é que depois da celebre sessão do conselho de Estado, realisada, se não nos falha a memoria, no dia 30 de Maio de 1889, o conselheiro João Alfredo fôra obrigado a abandonar o poder, apresentando á corôa a demissão collectiva do gabinete 10 de Março.

Foi nessa afflictiv³ e dolorosa conjunctura que ainda mais admirámos a nobreza desse character generoso, que sabendo de onde lhe vinha o golpe que o prostrara, não teve jamais uma palavra de despeito e de imprecação contra quem o tinha vibrado!

Tão sincero, tão leal, tão nobre e tão magnanimo se mostrou no fracasso que soffrera, preparado pelas tramas que as ambições e a ingratição tinham urdido, que ouvindo nos dizer que estavamos resolvido a nos declarar republicano, vivamente impressionado e profundamente aprehensivo nos perguntou:

— E o que se dirá, á vista de nossas relações?

— Digam o que quizerem, respondemos, ficando depois todos certos de que nesse passo obedeço unicamente ás minhas proprias inspirações.

— E' inabalavel o seu proposito? tornou o conselheiro.

— Nem mesmo v. exc., a quem tanto prezo e cuja autoridade exerce em nós tão grande influencia, é capaz de fazer demover-nos de semelhante resolução.

— De que modo, acrescentou, pretende você manifestar-se?

— Na tribuna da camara dos deputados, respondemos,

quando o novo ministerio se apresentar, seja qual for a sua feição politica!

O conselheiro João Alfredo ouvindo-nos fallar com tanta firmeza e decisão, encolheu os hombros e disse:

— Faça o que entender, certo de que me contrariar em extremo com esse passo que vai dar.

Comprehendemos toda a extensão dos seus sentimentos.

Aferrado aos principios e crenças que ainda hoje professa, o conselheiro não só se incommodava com o novo rumo diametralmente opposto que tomavamos, como tambem receiava que se pudesse pensar que fôssemos nós o órgão de seus desabafos, servindo de instrumento aos seus despeitos, em vista das relações que entre nós existiam e sabendo-se que lhe eramos tão obediente e dedicado até ao sacrificio.

Correram, porém, os tempos sem diminuir a amizade que ainda hoje lhe votamos, sem enfraquecerem a estima e respeito que lhe consagramos, até que proclamou-se a Republica a 15 de Novembro de 1889.

Desde esse dia até ao de nossa retirada do Rio frequentámos sempre a casa do nosso amigo e ex-chefe, acompanhando-o na sua adversidade e admirando ainda mais a rigidez de seu character austero e inquebrantavel.

Um dia ao lusco-fusco achavamo-nos no jardim sito em frente da casa em que residia o conselheiro, quando se aproximaram o dr. Santiago e Luiz de Andrade que foram convidado para assistir ao banquete offerecido pela colonia pernambucana do Rio ao general José Simeão, que acabava de ser nomeado pelo governo provisório para o cargo de governador do Estado de Pernambuco.

O conselheiro João Alfredo respondeu com apurada cortezia e extrema delicadeza:

— Agradeço immenso aos meus illustres conterraneos a fineza com que me distinguem; espero, porém, que comprehendam que não me é licito nem me fica bem que, tendo sahido ha pouco tempo dos conselhos da corôa, tome parte directa nos banquetes e festas que se fazem em honra da Republica.

« Peço, entretanto, que particularmente, sem a solem-

nidade de brinde, transmittam ao general Simeão meus sentimentos pessoais de alto apreço a elevada consideração.»

Sahimos depois em companhia dos dous moços republicanos, que durante o trajecto não cessaram de tecer elogios á nobreza de character, dignidade e pudor do estadista pernambucano, que, dizemos nós, não queria confundir-se com a turba de especuladores que sendo monarchistas a 15 de Novembro, no dia seguinte descaradamente se apresentavam republicanos exaltados!

Outra vez estavamos a palestrar no mesmo ponto e á mesma hora, quando, no lado opposto ao em que nos achavamos, ouvimos chorar em um movimento de despedida.

O conselheiro João Alfredo, observando aquella scena que lhe compungia o coração, disse-nos tristemente commovido :

— Está vendo, padre, minha Eugeninha vae ficar sem professora, porque não tenho recursos para pagar aquella, que ora se retira de nossa casa, por serem dispensados os seus serviços.

O subsidio de senador do Imperio e o ordenado de conselheiro de Estado eram a renda que garantia a manutenção da familia, e faltando-me agora esses 13 contos que a Republica levou, não posso mais remunerar os serviços da professora de minha Eugeninha.»

E era esse homem de honra, que não se envergonhava de confessar-se pobre, contra quem na imprensa se levantou a mais torpe *campanha de diffamação*, sendo ainda alvo de atroz invectiva nas columnas do *Diario Popular*, neste Estado, dizendo-se em perfida e covarde allusão que deitavam-se cartazes nas costas dos ministros da monarchia como annuncio de suas prevaricações.

Esse infeliz, porém, que vomitava essa affrontosa calumnia, está expiando a sua ferocidade, soffrendo o mais tremendo castigo encerrado em um asylo de alienados, victima da mais abjecta das loucuras, condemnado a comer as proprias fezes, illudindo a vigilancia do guarda que sempre tem a seu lado.

O grande cidadão que com tanto brilhantismo figurou na politica do Imperio, vive hoje na penumbra a qual se recolheu dando o exemplo de verdadeiro patriota, sem nada aspirar, sem abdicar de seu passado, firme em suas crenças, intransigente em seus principios, mantendo

na obscuridade a que se condemnou, illeso e inquebrantavel o seu caracter.

Apezar da enorme distancia, que em politica hoje nos e para, cada vez mais somos seu amigo, seu entusiasta, seu admirador!

14 de Janeiro de 1894.

XXVII

Ainda não pudemos esquecer o choro *sentido* do sr. Quintino Bocayuva, sobre a desastrada morte do immortal propagandista republicano, dr. Silva Jardim!

O que falta principalmente aos homens que se proclamam e se inculcam chefes, é a sinceridade, virtude rarissima no nosso mundo politico.

Emquanto palpitava aquelle grande coração de patriota, o intrepido agitador era olhado com prevenções e desdém pelos que se arrogavam a suprema direcção do seu partido. Quintino Bocayuva detestava-o, porque encontrava naquella natureza indomita resistencias masculas, que ós poderiam ser vencidas pela perfidia, pela intriga e pela traição.

Só devem ser acreditados no pranto, que derramam pela desgraça tragica do eminente cidadão, aquelles que sinceramente lamentaram sua exclusão acintosa do seio do congresso nacional!

Sampaio Ferraz, fazendo a apologia do inditoso Silva Jardim na camara dos deputados, em um rasgo de sinceridade que o honra, declarou que todos deviam as cadeiras que occupavam naquelle recinto, ao esforço patriotico de quem tanto se empenhou pela causa da Republica.

E entretanto, para vergonha do governo provisório, de que fazia parte o sr. Quintino Bocayuva, o notavel propagandista dalli mesmo fora excluido, dando-se entrada a uma enxurrada de perfeitas nullidades, que jamais cogitaram em sua vida da possibilidade sequer de figurar no seio de uma assembléa politica!

Naquelle congresso de *designados* existem individuos,

arreiados com as insignias de representantes da nação, que não ousariam apresentar-se como candidatos, se a eleição não tivesse sido uma farça revoltante, em que figuraram a imposição e a fraude officiaes !

E foi justamente por isso que Silva Jardim não teve licença para entrar naquelle recinto, onde Sampaio Ferraz proclamou o requinte da injustiça e ingratição, de que o immortal propagandista fora victima pela inveja e pelo odio dos chefes que estavam no poder.

Agora é que se lembram de serviços relevantes prestados pelo infeliz moço á Patria e á Republica !

Hypocrita !

Como não temem mais a sombra daquelle heroe da propaganda, avelam a mascara e mostram-se pezarosos e compungidos ! Como tudo isso é asqueroso e repulsivo ! A ultima phase da vida desses homens tem sido a mais triste e mais vergonhosa, repleta de miseraveis contradicções e de revoltantes hypocrisias.

Emquanto o Generalissimo conservava os presos á mangedoura, todos formavam um coro unisono para proclamar suas glorias, exaltar suas virtudes e preconisar sua alta capacidade politica e administrativa. O sr. Campos Salles, tendo em São Paulo de apadrinhar uma creança, e perguntando-se como se chamaria, apressou-se em responder com expressivo arreganho de general de *bobagem* : — *Deodorus est nomen ejus !* O nome desta creança é Deodoro !

Que bajulação e que desfructe !

E entocaram-se canticos festivos por ter uma familia conquistado a grande e inexcedivel honra de possuir um Deodoro no seu seio !

O general Francisco Glicerio levava o seu enthusiasmo pelos meritos do Generalissimo ao ponto de declarar em um banquete politico que o heroe de 15 de Novembro, não devia ser eleito, mas sim proclamado primeiro presidente da Republica. Hoje, porém, tudo está mudado. Depois que o marechal Deodoro se aborreceu dessa gente, enjoado sem duvida de tantas humilhações vergonhosas, vendo estragados seus chibolos, que todos elles lambiam satisfeitos e felizes, não houve apodo que lhe não fosse arremessado, nem vileza que lhe não fosse atirada á face.

Nem mais se lembraram de que tinham antes glorificado a propria *crysipela* do Generalissimo, cujo nome pronunciavam com a bocca cheia, e constituia a honra e gloria

de familias privilegiadas! Enquanto mantinha os na *gamela* do poder, Deodoro era um ser unico, um verdadeiro idolo aos olhos dos que *engordavam* á sua sombra!

Só se fallava em Deodoro, a quem se attribuiam até ditos espirituosos, que faziam circular na imprensa afim de que, se perpetuando na memoria dos contemporaneos, passassem aos dominios da posteridade. Agora, porém, Deodoro é diabo, é um *cousa ruim*, maldicto e praguejado pelos mesmos que o idolatravam, prostrados a seus pés, queimando-lhe podre insenso da mais torpe bajulação.

E' certo entretanto que Deodoro ao menos uma vez teve espirito em sua vida! Quando mesmo não se queira tomar como jogo de espirito, não se pôde contestar que fuisse uma boa pilheria de velho soldado tarimbeiro. Vendo que todos se disputavam a insigne honra de lambem-lhe as plantas omnipotentes, o ma echal Deodoro quiz um dia divertir-se á custa dos bobos, que elevavam seus meritos até o setimo céu! *Enrolou os* a todos em fardas de generaes de brigada!

Mera phantazia,—simples deboche!

Depois do drama ou da tragedia vem a comedia ou a farça. E os bobos nem ao menos comprehenderam o ridiculo que o velho soldado lançava sobre suas pessoas *enfardando-os* de generaes, como a mais elevada distincção e a mais distincta honra que um cidadão possa aspirar.

E o Generalato começou a figurar no cabeçalho dos decretos do governo provisório.

Como era pomposo e retumbante o titulo que se lia então :—o general Campos Salles, o general F. Glicerio, o general Ray Barbeza, o general Quintino Barayuna!

Felizes os srs. Aristides Lobo e Demetrio Ribeiro, que escaparam ao peso enorme d'esse ridiculo, que acompanha os seus ex-collegas de governo, que foram victimas do humor tarimbeiro do então idolo e hoje diabo marechal Deodoro.

Se esses homens pensassem bem, se tivessem um momento de reflexão, recolher se-hiam ao silencio, esperando que a acção do tempo se encarregasse de desfazer a tristissima impressão que deixaram no espirito nacional, prestando-se a todos os papeis e sujeitando-se a todas as humilhações, com tanto que se mantivessem eternamente nas posições que empolgaram.

Nessa convulsiva agitação, porém, em que vivem e se debatem, pondo-se sempre em evidencia, emporcalhando agora a *gamela* em que manjavam e chamando de *cousa ruim* ao idolo que insensaram, arriscam-se a soffrer tremenda vaia, promovida pela molecagem, que, ao som de estri-dentes assobios, lhes grite bem ao pé do ouvido :

—Aos bastidores, generaes de *bobagem* !

11 de Julho de 1891.

XXVIII

Hoje em dia nem ha sinceridade nem modestia nos homens publicos.

Essas virtudes, que ornavam os cidadãos mais notaveis do paiz, desappareceram completamente entre nós do mundo politico. Todos ou quasi todos se consideram chefes e se dizem patriotas.

Quanto desembaraço e quanta protervia!

Antigamente os homens eram sem duvida mais sinceros e mais modestos! Um grande servidor do Estado, a cujo bem havia consagrado seus talentos, sua illustração, sua actividade, suas insomnias, sua dedicação e seu patriotismo, dizia se simplesmente um cidadão que cumpria o seu dever mais vulgar. Agora que a fatuidade supriu o merito e a gabolice substituiu a franqueza, qualquer sujeito se proclama patriota com a mesma facilidade e sem-ceremonia, que revelam esses *dentistas* da praça publica, que se attribuem meritos excepcionaes e se inculcam seres maravilhosos!

Até o sr. Custodio de Mello cahiu nessa trivialidade, dizendo na camara dos deputados que se lhe emprestam sentimentos de despeito, quando ao contrario se tem *mostrado patriota* perante o congresso.

Sentimos deveras que o illustre marinheiro tivesse assim seguido o exemplo das vulgaridades pretenciosas. Conhecemos individuos sem merito algum, sem influencia, sem prestigio, sem força moral, que se possuem realmente do papel de chefe que se inculcam, mostrando-se cheios de si, arrogantes e insolitos, como se tivessem o *rei na barriga!*

Os sectarios da politica dos generaes de brigada são

são insignes na representação dessa verdadeira farça ridícula e burlesca

— Na minha qualidade de chefe, diz um parvo, não é licito abandonar o meu posto de honra !

— Como chefe, acrescenta outro, tenho o dever de conduzir os amigos ao campo de combate !

— Já vê que sendo eu chefe, não me ficam bem certas cousas. .

E só se ouve por toda a parte a palavra chefe, pronunciada emphaticamente por verdadeiras nullidades, que não reúnem nem um titulo que as recomende á confiança publica !

— Antes de ser chefe, diz um tolo enfatuado, tinha eu liberdade de externar francamente meu pensamento ; agora, porém, que me acho investido do mando, cumpre-me guardar certas conveniencias.

Outr'ora os homens eram menos pretenciosos e menos tólos. Via-se um cidadão, que pelas suas virtudes, pela sua honradez, pelos seus grandes dotes de espirito e de coração, se constituia o centro de todos os respeitoes, de todas as considerações, de todas as homenagens que lhe rendiam aquelles, que lhe reconheciam os meritos e se subordinavam ás suas inspirações.

Esse cidadão tornava-se o verdadeiro arbitro dos destinos do lugar, pela illimitada confiança que conquistára com a superioridade de seu criterio e com a prudencia de seus conselhos.

Todos recorriam ao seu sabio j.izo, que era sempre observado como sentença proferida em ultima instancia, taes eram o prestigio de que gosava e a sabedoria de suas opiniões ! Quando, porém, algum admirador, em sincera e cordial expansão o denominava de chefe, mostrava-se o *manda chuva* incommodado, dizendo sem affectação e sem artificio :— não sou chefe ; considero-me apenas um simples companheiro de lutas, excedido por meus bons amigos em serviços e dedicação á causa do partido, que tudo lhes deve.

Era assim, mais ou menos, como se exprimiam os homens de reconhecido prestigio e indisputavel influencia nas localidades, que eram seus verdadeiros dominios feudaes !

Hoje a cousa é diferente !

Qualquer sujeito sem intelligencia, sem saber, sem virtudes, sem influencia, sem prestigio, sem força moral, sem titulo algum de superioridade, se diz chefe, se proclama

chefe, se inculca chefe, se suppõe chefe, se impõe como chefe! E aí daquelle que não o obedece nem se lhe subordina como chefe!

Quer ser chefe á fina força, alimentando-se dessa grata illusão como os loucos que têm a mania da grandeza, que se consideram millionarios e até monarchas de paizes imaginarios.

Verdadeiros chefes de palha, esses pobres diabos não comprehendem o tristissimo papel que representam no seio dos partidos! Vivem a sonhar eminencias, a que nunca pôdem chegar, porque lhes falta merecimento proprio, que é condição essencial para galgar elevadas posições.

Satisfazem-se com o prazer inglorio de dizer cheios de vento:—Sou chefe!

Mal sabem esses bobos de comedia que nem tudo que reluz é ouro, nem pabulagem é riqueza, nem barriga inchada é fartura!

Chã es de borra!

12 de Julho de 1891.

XXIX

Temos em scena o impavido general Campos Salles, que tem a louca pretensão de reformar a constituição republicana por meio de ridiculos projectinhos, que são outros tantos projectis atirados contra o regimen presidencial, de que entretanto se mostra fervoroso adepto, e cujos poderes procura e atacar por modo indirecto e impertinente.

Sempre enfatuado e contradictorio, é o proprio general quem se encarrega de destruir suas proposições de mascarando se e revelando o fundo negro de seus sentimentos anti-religiosos.

Não ha, não houve, nem haverá nesta terra de Santa Cruz ministro mais inimigo da igreja do que esse enpavesado general de *bobagem*, que se acredita a maior notabilidade do mundo politico.

Vencido no seio do Congresso que nada estabeleceu na constituição sobre precedencia das ceremonias civil e religiosa, o Pombal caricato quer agora reformar a mesma constituição, obrigando a precedencia do casamento civil e impondo penas ao sacerdote que celebrar o acto religioso antes daquella formalidade!

Na exposição, porém, que fez para justificar o seu novo projecto, o impavido general se condemnou pela triste contradicção em que cahiu e em que pretende reincidir. Diz elle que o governo provisório, estabelecendo o casamento civil, teve em vista tirar as legitimas consequencias da separação da igreja do estado, procurando principalmente que a liberdade de consciencia fizesse completa, e por isso tomando por base a tolerancia, mostrou o maior respeito a

todas as crenças, procurando não exaltar os espiritos nem apaixonar os animos.

— Foi assim, accrescenta o celebre general, que na lei se estabeleceu o principio de ser o acto civil praticado antes ou depois do religioso. E era ainda logica esta disposição da lei, porque sendo só valido para os effeitos juridicos o acto civil, *não tinha o poder publico de se preoccupar com o outro que nada valia.*

E' isso sem tirar nem pôr. Se o Estado só reconhece como valido o casamento civil para os effeitos juridicos, tirando assim as legitimas consequencias da separação da igreja do estado, como se explica essa insistencia de tornar obrigatoria a precedencia daquelle acto, restringindo tão revoltantemente a liberdade de consciencia? Se o casamento religioso nada vale aos olhos dos que desconhecem sua sublimidade, como é que se pretende prohibir uma cousa que na sua opinião insensata não existe?

Que importa ao Estado que os cidadãos dispensem as vantagens que lhes offerece a lei civil, quando nenhum prejuizo causam ao mesmo Estado, que nada perde com a preferencia dada ás vantagens espirituaes?

Já é uma verdadeira tyrannia estabelecer que só será valido para os effeitos juridicos o casamento civil, contrariando assim a consciencia catholica, que se vê violentada a sujeitar-se ao que lhe repugna para garantir os direitos civis da familia. Aos inimigos rancorosos da igreja não satisfazem essas violencias inspiradas pelo odio que votam á religião, e pelo espirito revolucionario que os arrasta a semelhantes excessos.

Os demolidores dos principios catholicos vão além, e querem impedir que os sectarios das leis de Deus e da igreja vivam como quizerem, obedecendo ás inspirações de suas crenças, aos impulsos de seus sentimentos, aos dictames de sua razão e aos estímulos de sua consciencia! O general Campos Salles, para provar que sinceramente se interessa pelos direitos e moralidade da familia, devia chegar ás ultimas consequencias de sua doutrina, propondo nesse senado de livres pensadores que se impuzesse a todos os amancebados a obrigação de se casarem civilmente!

E chega a tal ponto o furor satânico dos inimigos da religião que até nem consentem que o clero catholico cumpra seus sagrados deveres, combatendo essa politica depravada que tudo prostitue, que se pretende implantar no solo do Brazil, cujos habitantes, em sua quasi totalidade, abraçam

e seguem a religião catholica, apostolica, romana. E por que o clero comprehendendo sua missão, se põe á frente do movimento para esclarecer os espiritos e assegurar a paz das consciencias, prégando a verdadeira doutrina, surgem no senado vozes de perfeitos idiotas que o mandam emigrar para Roma e para o Papa !

E' considerado por esses parvos um grande crime que o padre aconselhe a dous nubentes catholicos que não possuem bens de fortuna, que se casem perante a igreja dispensando a formalidade civil !

Que perde o Estado e em que se sente ferida a moralidade da familia com esse conselho, quando para o crente só é valido, só é verdadeiro o casamento religioso ?

Quaes os effeitos juridicos que resultam da formalidade civil ?

Dessa cerimonia só podem decorrer direitos de successão e de herança.

Ora, desde que os conjuges catholicos nada possuem, senão o dia e a noite, pouco ou nada lhes interessa a lei civil, que absolutamente não lhes pode aproveitar.

E por isso estão no seu pleno direito de dispensal-a como cousa ociosa, sendo a maior das tyrannias impôr ao cidadão uma perfeita inutilidade nas suas relações de familia.

Admitta-se mesmo que dous nubentes catholicos, possuindo bens de fortuna, entendem dispensar o casamento civil, recebendo-se em matrimonio sómente perante a igreja.

Pela lei civil os filhos desse casal ficam privados dos direitos de herança, que só ella lhes assegura e garante. Que tem o Estado com isso, que absolutamente não affecta os seus interesses ?

E se esses individuos vivessem unidos illicitamente, os seus filhos teriam direito a cousa alguma ?

Haverá pena para quem não quer observar as leis civis, senão a privação das vantagens e dos direitos, que por ellas lhe são assegurados e garantidos ? Figure-se que dous cidadãos realisam um negocio de compra e venda sem as formalidades substanciaes, que o devem tornar valido para todos os seus effeitos.

Emquanto existe o vendedor, a sua prohibidade é a garantia unica com que pode contar o comprador, que emprega toda a sua fortuna no bem que adquiriu simples-

mente sob palavra de honra. Mas é que ambos dispensaram o instrumento de escriptura publica por desnecessário, não pagaram direitos á fazenda nacional, não observaram finalmente as leis reguladoras dessas transacções.

A venda é evidentemente nulla.

Morto o vendedor, apparecem naturalmente os seus herdeiros para reivindicar o bem que de direito lhes é restituído, ficando a familia do comprador de boa fé reduzida completamente á miseria. A culpa não pode ser do Estado que estabeleceu lei, que regulassem esses assumptos, mas sim dos que não querem observal-as, expondo-se aos prejuizos, que dessa inobservancia possam resultar. Só o cidadão tem direito e dever de zelar os seus direitos em todas as relações da vida.

O Estado nada tem que ver com a economia de sua vida intima, desde que obedecendo ás inspirações e estímulos de sua consciencia, não fere nem prejudica os interesses da communhão social.

Deixem os demolidores que os catholicos se casem como quizerem, segundo a lei de Deus ou segundo a lei dos homens. Não attentem contra sua liberdade, impondo-lhes aquillo que podem dispensar com ou sem prejuizo, pelo qual são os unicos responsaveis perante Deus e a propria consciencia.

E' tão simples e tão clara esta questão !

O catholico que não cumpre a lei civil, casando-se sómente perante a igreja, nesse caso sujeita-se á pena da privação das suas vantagens, que são a segurança e garantia dos direitos de successão e de herança !

O impavido general, porém, entende que a formalidade civil deve sempre preceder á cerimonia religiosa. Isto não é sómente uma tyrannia, é tambem desaforo !

Esse Pombal caricato pretende celebrar-se accentuando o odio que vota á igreja.

Não comprehende esse desfructavel que por esse modo está cada vez mais impopularisando esta desgraçada republica, já tão falseada e prostituida.

Se e se congresso, que votou a constituição, em que nada se dispoz sobre a precedencia das ceremonias civil e religiosa, se desvairar approvando o satanico projecto que o sr. Campos Salles acaba de apresentar, annullando a propria constituição, promettemos que ninguem nos excederá na propaganda energica, vigorosa, constante, na imprensa e na tribuna, contra os inimigos da igreja, que pretendem

fazer da Republica o instrumento vil de suas paixões abominaveis, o triste campo de suas torpes explorações.

Se o regimen republicano é isso que querem e que pregam os generaes de *bobagem*, inimigos da religião e da egreja, propondo-se extinguir no coração do povo o sentimento catholico, nesse caso não cessaremos de gritar cheios de indignação :— Diabo leve semelhante Republica !

17 de Julho de 1891.

Quando se reflecte sobre os erros commettidos e crimes praticados pelo abominavel governo provisorio, o espirito nacional sente-se revoltado até á indignação contra esses homens que assaltaram o poder, em nome de uma ideia generosa, para saciar a fome que os devorava, defraudando as rendas publicas, compromettendo os creditos do paiz, em proveito proprio e de seus apaniguados!

O sr. Campos Salles, que inspirado pelo odio que vota á egreja, tanto se esforça no senado por estabelecer pena de prisão para o sacerdote que, no cumprimento do seu ministerio, celebrar cerimonia religiosa antes da formalidade civil, devia antes, despertado pelos brados da propria consciencia, promover rigorosa penalidade para si e seus ex-collegas do governo provisorio pelos abusos, pelas violencias, pelos escandalos e pelos crimes que perpetraram durante esse periodo vergonhoso da dictadura.

Já o temos dito, e o repetiremos até á saciedade, que nenhum dos membros desse maldito governo pôde escapar ás maldições populares, que os acompanham por toda a parte, perseguidos pelo clamor publico, que os denuncia como réus de grandes crimes, que envergonham a nação brasileira e desacreditam o regimen republicano!

Todos são culpados, desde o Generalissimo até ao ultimo general de brigada, porque quem não foi réu, constituiu-se cúmplice, pelo principio geralmente conhecido de *que tanto pecca o ladrão como o consentidor!*

Houve além de tudo a circumstancia aggravante da premeditação, disfarçada por um mentiroso cartaz pregado na fachada do poder, no qual se liam cousas bonitas e

seductoras expostas com o pensamento criminoso de illudir ao pobre povo, que sempre se deixa impressionar com o bem que lhe promettem, e apaixonar pelos programmas que asseguram a grandeza e felicidade da patria.

Apenas organisou se o governo provisorio, preparou-se a encenação magica, com que os *pelotiqueiros* costumam engodar a credulidade do publico que os contempla, excitando-lhe a imaginação com os deslumbramentos do sublime e com as fascinações do maravilhoso!

O sr. Ruy Barbosa, que era o *cabça e a lingua* dos novos artistas, teve a incumbencia de organizar o *gabinete de prestidigitación*, em que se deviam realizar sortes as mais engenhosas e escamoteações as mais sorprendentes!

Pelo orgão do ministro da fazenda, verdadeiro *rei dos magicos*, o governo provisorio fez affixar no frontespicio do seu *palacio encantado* aquelle famoso cartaz, em que, recheado de legendas tão seductoras, se occultavam intuitos tão criminosos!

Eis aqui o *elixir maravilhoso* que o *grande magico* descobriu para fazer cicatrizar as feridas do organismo nacional, abertas pelas abutres da monarchia:

«*Cortemos energicamente nas despesas.* Eliminemos as repartições inúteis. Estreitemos o âmbito ao funcionalismo, reduzindo o pessoal e remunerando-lhe melhor os serviços.

«*Fortaleçamos e moralisemos a administração,* fortalecendo escrupulosamente o provimento dos cargos do Estado pela competencia, pelo merecimento, pela capacidade. Limitemos as aposentadorias aos casos taxados na lei e, fóra destes, apenas ás exigencias mais imperiosas de uma selecção severa. Não multipliquemos as pensões, em que, gotta a gotta, se pôdem avolumar torrentes de despeza arruinadora. Cinjamo-nos, na criação de serviços novos, á necessidade absoluta, forcejando quanto ser possa, para que a cada parcella na columna dos sacrificios corresponda uma verba compensadora na das economias.

«*Fujamos do filhotismo republicano,* transformação immoral e funesta do antigo nepotismo monarchico, não contribuamos para continuar a manter, sob as novas instituições, os habitos de uma nação de pretendentes. E se procedermos assim teremos meio caminho vencido para a reforma de nossas finanças, e reconstituição de nosso credito e fecundidade de nossas forças vitaes.»

Que ironia pungente, que sarcasmo revoltante, que

escarneo desavergonhado, cuspidos á face da nação escandalizada! Nunca se augmentaram tão descaradamente as despesas publicas, elevando o orçamento á fabulosa somma de tresentos mil contos, segundo os calculos do sr. conselheiro Saraiva.

Em vez de eliminar, o governo provisório creou repartições inuteis, assumindo o funcionalismo proporções aterradoras. Ainda não houve exemplo de desmoralisar-se tanto a administração, provendo-se os cargos publicos pela incompetencia e pela incapacidade!

As aposentadorias escandalosas multiplicaram-se fóra dos casos taxados na lei para encaixar-se a afilhadagem insaciavel! Concederam-se pensões a meio mundo, sem criterio, sem escrúpulos, sem previsão, sem moralidade, avolumando-se assim torrentes de despeza arruinadora!

Crearam-se serviços desnecessarios, correspondendo a cada parcella na columna da ociosidade uma verba onerosa na das dissipações.

Em tempo algum, o filhotismo imperou tão desbragadamente como no regimen immoral e funesto do governo provisório, que contribuiu impudentemente para manter, sob as novas instituições, os habitos de uma nação de pretendentes. Nas regiões do poder, não ha noticia de se haver jamais desenvolvido tão cynicamente o espirito de ganancia e de mercantilismo, que tanto tem concorrido para o descredito do Brasil.

A historia do governo provisório é a mais triste e a mais vergonhosa! E esses homens, que ainda vergam sob o peso das mais tremendas accusações, que ainda não se justificaram das imputações mais graves que lhe tem sido feitas, que ainda não explicaram a origem das fortunas que muitos ostentam, e das que fizeram seus parentes e amigos accumular: esses homens condemnados no tribunal da opinião nacional pelos crimes que no poder commetteram, perseguidos pelo clamor publico que os acompanha implacavelmente, denunciando-os como reus de feios delictos: esses homens que, em lugar de expiarem suas culpas nos lugares reservados aos grandes criminosos, affrontam a moralidade publica ostentando carruagens deslumbrantes e magnificas parelhas de cavallos de raça e habitando palacetes sumptuosos; esses homens ainda alimentam a louca esperanza de tornarem ao poder, donde sahiram cobertos de opprobrio e expostos ás maldições do povo indignado.

No dia em que esse facto se dèsse, para eterna vergonha da Republica e da Patria, todos os homens de bem deviam fugir expavoridos para bem longe, exclamando mergulhados em profunda tristeza :

— Pobre Brazil ! Em que garras cahiste e em que abysmo te precipitaste !

31 de Julho de 1891.

XXXI

Um facto curiosissimo se está passando na Capital Federal, atordoando e ponho em rebulição a população daquelle grande cidade. O espirito publico agita se e a imaginação popular encha-se de pavor diante do phenomeno estranho e mysterioso que a todos assombra!

Na rua Conde d'Eu, junto ao *chafariz do Lagarto*, de certo dia a esta parte, dá-se uma verdadeira *chuva de dinheiro*, que não se sabe donde vem nem por quem é atirado á rua. O povo agglomera-se, movido ao mesmo tempo pela curiosidade e pela ganancia, produzindo conflictos, que provocara medidas energicas por parte da policia, que julgou conveniente intervir para manter a ordem e garantir a paz e a tranquillidade publicas.

E o caso não é para menos.

Asseguram as folhas do Rio que, quando as moedas de cobre e de nikel se escóam do chafariz para o olho da rua, apinha-se a multidão no ponto em que ellas retinem, dando-se ahí triste scena de confusão e de horror. Cada um trata de si, afastando os concorrentes a cachações, a soccos e ponta pés. Nessa fome de dinheiro, que devora a quasi todos que affliem áquelle lugar, não ha *harmonia de vistas nem espirito de fraternidade*, como existiam no governo provisório, em cujo seio se operava o milagre da mais perfeita cordialidade na distribuição das *fatias gordas* entre os parentes e amigos do peito.

O *chafariz do Lagarto*, em vez de despejar agua para matar a sede aos habitantes da Capital Federal, faz jorrar dinheiro de suas torneiras para saciar a fome devoradora daquelle população faminta.

Não pôde mais dizer-se um chafariz, mas sim um perfeito banco de emissão, que opera miraculosamente sem os aparelhos engenhosos inventados pelo sr. Ruy Barbosa. Sobre essa *chuva de dinheiro* tem corrido as mais curiosas e extravagantes versões. Dizem uns que são verdadeiros garotos, que por semelhante modo se divertem, desafiando a cobiça do povo, que se mostra assuado, mas que investe sempre sobre os cobres, que cahem por encanto como um presente vindo do céu para bem da *pobreza*, que não possui carruagens, nem cavallos de raça, nem palacetes, nem baixélas de praça!

Outros mais severos ou mais maliciosos entendem que aquella mysteriosa *chuva de dinheiro* foi o meio o mais exquisito que occorreu á mente do ex-ministro da fazenda do governo provisório, para dar ao povo uma pequena amostra dos soberbos planos financeiros, que, observados com os seus mecanismos e aparelhos magicos, causam o bem estar e asseguram a felicidade de *todos*, que entram pobres e sahem pauperrimos, mas ricos de amigos dedicados entre os quaes figuram banqueiros, que generosamente lhes abrem em seus estabelecimentos de credito de primeira ordem contas correntes garantidas de centenas de contos para compra e venda de titulos na Bolsa!

Alguns ha mais finos e atilados que até chegam a acreditar que são os concessionarios de *burgos agricolas* e de *terrenos devolutos* que reunidos resolveram repartir com o povo algumas migalhas de seus thesouros, accumulados pela *fraternal* generosidade do ex-ministro da agricultura, que segundo crê, se não lhe falha a memoria, conforme pensa, encheu a barriga dos parentes e amigos, mas ficou com a sua na espinha!

Muitos, mais patriotas e mais ciosos da integridade nacional, desconfiam que aquella *chuva de dinheiro* é uma manobra dos argentinos, que assim pretendem desviar a attenção do povo para não assistir á discussão do tratado das Missões, nem testemunhar sua esperada approvação, que importará a mutilação do territorio nacional e constituirá a pagina mais negra e mais vergonhosa da historia da diplomacia brasileira!

Seja, porém, o que fór, ninguém poderá desconhecer que essa *chuva de dinheiro*, que cahe do *chafariz do Lagarto* é um symptoma auspicioso da abundancia e da fartura, a que está fadado o paiz, vivendo sob o regimen das prodigalidades e das dissipações das rendas publicas.

Não ha quem possa dizer cobras e lagartos do *chafariz do mesmo* por essa *nova especie* que faz vomitar de suas torneiras, como a nota característica da *idade de ouro*, em que uma verdadeira inundação do *dito* rebentou das torneiras perennes do governo provisório !

Infelizmente esta terra não possui ainda chafarizes, porque os *lagartos da politica larga* metteram-se nas torneiras, fazendo e rescindindo contractos, provocando reclamações e protestos, que darão em resultado, em vez de agua aos habitantes da cidade, abundante *chuva de cobres* que cairão dentro da burra dos concessionarios !

1 de Agosto de 1891.

XXXII

Não ha quem possa comprehender o que se está desenrolando no scenario politico do paiz !

As scenas são tão extravagantes e os personagens tão mal caracterizados, que o publico fica suspenso, não sabendo o que realmente se representa, pelo entreocho desconnexo da peça e pelas situações disparatadas que se succedem. Tudo é mysterioso, imprevisto, intrincado, incomprehensivel, despropositado, impossivel !

Parece que os homens, a quem cabe maior responsabilidade pelos destinos da patria, perderam a tramontana, enlouqueceram, dando por paus e por pedras, cavando abysmos e precipitando-se em despenhadeiros insondaveis ! Ninguem se entende nessa balburdia infernal !

Os estadistas que compuzeram o maldito governo provisorio estão fatalmente condemnados, irremissivelmente perdidos na opinião nacional.

Tudo que edificaram se desmorona ao sopro da verdade que os esmaga !

Nesse cataclysmo medonho, em que se afundaram todas essas consciencias pervertidas, todos esses caracteres apodrecidos, todas essas naturezas avessas ao bem, nenhum delles escapará voragem que os attrahe e os traga. Estão pagando bem caro as perseguições que moveram contra a igreja e as profanações que praticaram pretendendo polluir as cousas sagradas !

Entre nós, neste Estado, em data muito recente, deu-se um facto palpitante dessa tremenda verdade. Quando o sr. Jorge Tybiriçá autorisava que verdadeira horda de barbaros invadissem a igreja do Collegio para abater seus

altars e profanar o sanctuario com a picareta demolidora, um raio imprevisito fulminou o sacrilego tyrannete, fazendo-o rolar as escadas do Palacio em cujas poltronas se repimpava, até cahir nos braços do general das atacoadas, que lhe ergueu vivas no meio da rua como querendo resussita-lo. O satrapa não experimentou o prazer satânico de ver consummada a obra da destruição de um templo de Deus ! Não ponde vencer a on'ia de maldições que se descarregavam sobre sua cabeça amaldiçoada.

Eil-o a estorcer-se convulsamente em agonias pungentes, a debater-se desesperadamente em tristissimas conjecturas, sem saber como e porque havia cahido, sentindo apenas a pressão cruel de uma força occulta e irresistivel que o esmagava !

Nem os vivas levantados pelo general Campos Salles, nem o telegramma expedido pelo sr. Prudente de Moraes tiveram o poder de atugentar os phantasmas que povoavam sua imaginação aterrada, que implacavelmente o apavoravam, vendo-se repentina e bruscamente enxotado daquelle recinto, onde imperturbavel vomitava ordens sacrilegas e se considerava seguro e invulneravel !

E' esta a sorte reservada aos que nutrem e ostentam sentimentos de irreligião e de impiedade !

Quem reflectir um momento sobre os desastres experimentados pelos membros do governo provisorio e seus sequazes, não poderá duvidar da influencia e acção dessa força invisivel, que pesa inexoravel sobre a fronte maldita dos inimigos da igreja, abatendo o seu orgulho, aparanto seus golpes, suspendendo seu braço, paralyssando seu movimento, impedindo seus sacrilegios, despojando os dos seus gozos, confundindo sua temeridade, humilhando-os, expondo-os á execração publica, assignalando-os com o ferrete da maldição !

Os membros do governo provisorio estão sujeitos a essa pena terrivel !

Parece que uma sombra implacavel os acompanha por toda a parte, perseguindo-os, apavorando-os, fazendo-lhes soar aos ouvidos uma voz aterradora, que os amofina, os tortura e os condemna.

Não podem ter saego, nem paz, nem tranquillidade, nem confiança, nem coragem, nem esperança de salvação !

Tudo lhes sabe ao contrario do que desejam e do que pretendem.

Não se animam a defender-se quando accusados, e se tentam produzir qualquer defeza, contradizem-se consigo mesmos !

O sr. F. Glicerio, em vez de lavar-se das gravissimas imputações que lhe são feitas, elogia com enthusiasmo a pessoa do ex-Imperador, tecendo a mais fervorosa apologia de suas virtudes, encarecendo os meritos do seu reinado e exaltando o seu patriotismo, desmentindo assim o seu passado de propagandista, que descarnava os vicios da monarchia e expunha ás massas populares a incapacidade e falta de patriotismo do seu augusto representante.

O sr. Ruy Barboza encerra-se em profundo e deslelhoso silencio, quando se lhe pergunta donde provém o fausto e grandeza que ostenta com tão escandaloso e revoltante desassombro !

A posição do sr. Quintino Bocayuva offerece um ponto mais curioso e apresenta uma face mais original. O ex-ministro do Exterior do governo provisorio é enviado ao Rio da Prata, em principesca embaixada, para negociar o tratado de limites entre o Brazil e a Republica Argentina.

Depois de gozar as festas ruidosas e esplendidas, com que foi recebido em Buenos Ayres, celebrou em Montevidéu o tratado das Missões.

A imprensa argentina bateu palmas applaudindo a victoria alcançada pela sua diplomacia. O negociador brasileiro voltou ao seu paiz vergando ao peso de tremendas accusações.

O povo do Rio de Janeiro mostrou-se indignado, preparando-se para recebê-lo no caes de desembarque com estrondosa manifestação de desagrado, por ter elle cedido ao estrangeiro grande parte do territorio nacional.

O governo provisorio tomou medidas energicas para impedir esse desacato á pessoa do embaixador, que opportunamente devia explicar-se, dando conhecimento ao paiz do resultado de sua missão.

Continuou-se por todos os modos a maldizer e condemnar o negociador do tratado, nas palestras intimas, na imprensa, em toda a parte. O sr. Quintino Bocayuva, porém, acastellou-se na mais profunda reserva !

Todos os homens sinceros vian nessa attitude silenciosa o sacrificio de uma victima resignada, que se impunha o dever de calar-se, affrontando a onda da calumnia que a assoberbava, para evitar complicações, attendendo a grandes conveniencias e respeitaveis interesses do Estado.

O espirito publico agitava-se com verdadeira anciedade para conhecer as condições desse tratado, que com tanto mysterio se occultava ás vistas do povo, que tristemente se impressionava com a ideia de ter sido mutilado o sagrado solo nacional. E o sr. Quintino Bocayuva se mostrava impassivel, sereno e imperturbavel, sem querer proferir uma palavra em sua defeza!

Reunido o Congresso em sessão ordinaria, o illustre negociador foi o primeiro a provocar o governo a que submettesse o tratado á consideração do mesmo congresso nacional para julgal-o. Poucos dias depois o 1.º secretario da camara dos deputados lia uma mensagem do presidente da Republica, enviando o famoso tratado, que parecia destinado a ver então a luz da publicidade.

Engano manifesto!

A comissão eleita para estudal-o, revestiu-o ainda de mais profundos mysterios, requerendo sessão secreta, para poder discuti-lo com mais franqueza e liberdade. A opinião nacional estremeceu de horror com essas cautellas suggeridas pelo sr. Bernardino de Campos, presidente da comissão especial.

Começou esta o seu estudo, trabalhando de portas fechadas, avivando e interessando cada vez mais a curiosidade publica. Foram ouvidos os srs. Quintino Bocayuva, barão de Capanema e visconde de Cabo Frio. Travou-se renhido debate na imprensa, que sorprehendeu e revelou os mais reconditos segredos guardados no seio da comissão, cujo presidente requereu que a camara se constituísse em comissão para ouvir ainda em sessão secreta o sr. Quintino Bocayuva, que devia ser convidado para semelhante fim.

Reuniu-se a camara, trancaram-se todas as portas, taparam-se os buracos de todas as fechaduras, prohibiu-se o ingresso até aos continuos... No dia seguinte, porém, o *Jornal do Commercio* deu noticia detalhada, minuciosa, de tudo quanto lá dentro se passou!

Fez mais ainda: deu extenso extracto do discurso proferido pelo sr. Quintino Bocayuva, não se esquecendo de mencionar a lata de folha em que levára os documentos, nem da casaca que envergava, nem da compostura solemne com que se apresentára...

Declinou os nomes de todos os deputados que compareceram, dos que se retiraram quando o negociador subiu á tribuna, dos que se ausentaram no meio do seu discurso e

dos que permaneceram até ao momento em que foi interrompido para continuar no dia seguinte !

Não escapou ao velho órgão a mínima circumstancia, referindo tudo miudamente, tin-tim por tin-tim, como se o seu *reporter* lá estivesse presente !

Eis o resultado das sessões secretas...

O sr. Quintino Bocayuva fallou em tom solemne !

Que effeito produziu o seu discurso no espirito nacional ?

Foi um triumpho ou um desastre ?

Deixemos as apreciações para outra *conversa*.

1 de Agosto de 1894.

XXXIII

Foi um triumpho ou um desastre o discurso proferido pelo sr. Quintino Bocayuva, na sessão secreta da camara dos deputados ?

O correspondente do *Estado de São Paulo*, em telegramma expedido do Rio, parecia exultar de jubilo dizendo que o sr. Quintino conseguira o maior triumpho que poderia almejar na sua vida politica, proferindo em defeza do tratado de Montevidéu um discurso, que impressionou a camara, constituindo um verdadeiro successo.

As folhas da Capital Federal annunciaram que os deputados Aristides Lobo e Demetrio Ribeiro promoviam um banquete offerecido ao negociador, no qual receberia o sr. Bocayuva a sagração de chefe supremo do partido republicano do Brazil !

Por aquelle telegramma encomiastico e noticias espalhadas no Rio, todos chegaram a acreditar que o illustre senador federal houvera esmagado a calumnia, de que fôra victima, produzindo defeza completa em favor do tratado, que a opinião nacional condemnava e repellia.

A solemnidade da casaca, a exhibição da caixa de folha que conduzia os documentos, a serenidade imperturbavel que se revelava na physisnomia do negociador, o tom cathorico em que começára a orar, a fidalga compostura com que se apresentára perante a camara que tinha de julgar a sua obra, tudo indicava que a honra nacional estava salva e que tinham de ser restabelecidos os creditos do estadista e diplomata brasileiro.

Seria essa a conclusão unica a chegar, se o sr. Quintino

Bocayuva tivesse com effeito pronunciado um discurso que impressionasse a camara, fazendo verdadeiro successo, e conseguindo o triumpho mais esplendido de sua vida politica.

Que triste engano e que amarga decepção !

Aquelle telegrapha do correspondente do *Estado de São Paulo* não passava de pungentissima ironia, com que se exprimira a dolorosa impressão causada em todos os animos pelo mais lamentavel dos desastres politicos que se pôde imaginar. O que proferiu o sr. Quintino não foi uma defeza, mas uma confissão do seu erro ! Não se justificou das accusações soffridas em longo e profundo silencio, mas prostrou-se perante o tribunal da opinião publica. Não articulou argumentos, com que pudesse levar a convicção ao animo dos seus julgadores, mas soccorreu-se a argucias que produziram resultados negativos.

Não se sacrificou, como pretendeu fazer crer, por amor da Patria e da Republica, repudiando sua propria obra, mas apegou-se a um artificio grosseiro para fugir á condemnação imminente que o ameaçava de morte !

Não salvou os seus creditos, mas comprometteu-se cada vez mais. Não foi um triumpho, mas um desastre. Não foi uma victoria alcançada pela sagacidade diplomatica do negociador, mas uma triste vergonha para a politica republicana ! O sr. Quintino Bocayuva concluiu o seu famoso discurso, aconselhando a camara que rejeitasse o tratado de Montevideu, por conveniencias de momento, para quebrar essa arma, explorada e manejada pela propaganda sebastianista, que se avolumava e que era preciso reprimir por todos os modos.

Esse conselho não foi inspirado por *conveniencia de momento*, mas sim como triste *recurso de occasião* ! O negociador do tratado sentia-se esmagar sob o peso da opinião, que se avolumava e que era preciso evitar ou illudir por todos os meios, e por isso tratou de inventar essa propaganda sebastianista, que explorava essa questão como arma de guerra contra a Republica !

Seria mais bonito, mais sério, mais elevado e mais nobre, se o sr. Quintino, reconhecendo a exacerbação produzida no espirito publico pela criminosa cessão ao estrangeiro de grande parte do territorio nacional, tivesse a coragem e franqueza de confessar o seu erro, sua fraqueza ou sua incapacidade, pedindo perdão por não haver sabido corresponder á grandeza d'º seu papel e á confiança da patria,

que não deve esperar de seus filhos, senão o mais disvelado devotamento pela defeza da integridade de seu solo. Em vez dessa attitude nobre que pelo menos o honraria a seus proprios olhos, o inteliz negociador preferiu soccorrer-se a um ardil, com que não poderá salvar-se, porque todos sabem que só existe em sua imaginação escaldada essa propaganda sebastianista, que jogava contra a Republica a arma do tratado de Montevidéu.

E ainda mais ridicula se torna a posição do sr. Quintino Bocayuva, suggerindo á camara a rejeição do tratado, quando não ha quem ignore que a mesma camara condemnando-o, obedeceu ás suas proprias inspirações, sem levar em conta nem ter em consideração o recurso estrategico empregado pelo negociador, que como naufrago se agarrava a essa unica taboa de salvação!

O celebre tratado das Missões estava ha muito condemnado na opinião nacional, que se fazia sentir pela imprensa, que se manifestava no seio do congresso e que até rejeçutia nas regiões do governo. Ainda nesse ponto o sr. Quintino revelou toda a sua astucia. Tendo certeza de que a camara rejeitaria infallivelmente o tratado de Montevidéu, fingiu desconhecer esse sentimento geral e essas disposições manifestas, e por isso lembrou-se de aconselhar a rejeição, para que se acreditasse que o voto da camara fôra o resultado de suas ardilosas inspirações, e não a expressão de seus proprios sentimentos. Quanta fraqueza e quanta miseria!

E além de tudo isto, que é triste e vergonhoso, soffre o paiz o remoque insolente da imprensa argentina, que nos ridicularisa e amesquinha, dizendo em tom zombeteiro que tresentas leguas de territorio nacional não são bastantes para indemnisar as despesas feitas com as festas de recepção realisadas em honra e homenagem ao negociador brasileiro! Onde estão, pois, os resultados praticos, as vantagens colhidas dessa embaixada burlesca, em que o sr. Quintino Bocayuva figurou como *principe* da Republica, á sombra de cuja bandeira se pretendeu fazer passar o mais odioso e repugnante dos contrabandos?

Agora se vê e se comprehende que o silencio profundo e as reservas impenetraveis, em que se acastellou o negociador do tratado de Montevidéu, não eram inspirados pelo patriotismo, mas impostos pelo medo e guardados por calculo e interesse pessoal. Não se attendia a conveniencias de Estado, mas a conveniencias individuais. O sr. Quintino alimentava, se n duvida, a esperança de ver approvado

aquelle monstruoso tratado a golpes de espada pela intervenção decisiva do Generalissimo, e por isso não cessava, tratando desse assumpto, de alludir á *solidariedade* do governo provisório desde o chefe até o ultimo general de brigada.

Não quiz o infeliz embaixador comprehender que, se não foi condemnado immediatamente pelos seus proprios companheiros, deve attribuir somente ao influxo do sentimento de compaixão, para não expol-o á execração popular, que já naquelle tempo se fazia sentir por todos os órgãos da opinião publica. Não acredite o sr Quintino que conseguiu illudir o espirito nacional com seus grosseiros ardis.

Já se falla no Rio de um outro banquete, que se vai offerecer á commissão especial, pelo parecer que elaborou rejeitando o celeberrimo tratado, que teve a sorte merecida, sendo até repudiado pelo seu proprio negociador.

Esse banquete projectado para glorificar o patriotismo da commissão especial, é o *tiro de honra* disparado sobre a cabeça do sr. Quintino Bocayuva, que seria mais feliz se tivesse naufragado a bordo do couraçado *Riachuelo*, que o conduziu ao porto de Buenos Ayres, com cujas festas estrondosas se deixou atordoar, cedendo de *mão beijada* aos argentinos tresentas leguas do territorio brasileiro, que ainda assim não são sufficientes para pagar as despesas feitas com sua principessa recepção!

Nas grandes, como nas minimas cousas deste mundo, se vê sempre o dedo de Deus.

14 de Agosto de 1891.

XXXIV

Não tivemos tempo para *conversar* sobre a decretação do subsidio dos senadores e deputados do congresso federal.

É simplesmente maravilhoso o que se está passando no scenario politico do paiz!

É uma cousa triste, deprimente, vergonhosa!

Parece que os homens, a quem cabe maior somma de responsabilidade pelos creditos e estabilidade das novas instituições, timbram em cada vez mais desmoralisalas, offerecendo á nação o mais lugubre espectáculo, que o espirito mais pessimista e a imaginação mais sombria não poderiam conceber nem esperar!

Na questão de subsidio o congresso federal lavrou sua propria condemnação, confessando sua fraqueza, sua incapacidade moral, sua completa ausencia de pundonor e de patriotismo!

O que, porém, é mais engraçado é o sr. Aristides Lobo acoimar de sebastianistas aquelles que têm a coragem de denunciar esses escandalos, essas tristezas, essas misérias, essas vergonhas!

Quando se discutiu o projecto sobre subsidio, o paiz conheceu logo a nãna e má fé, reveladas pelo congresso, que pretendia fugir ás difficuldades, commettendo ao governo a tarefa de marcar o *quantum* deviam seus membros perceber diariamente.

No regimen decabido os senadores ganhavam 75\$000 e os deputados 50\$000 por dia.

A constituição federal de 24 de Fevereiro egualou o subsidio dos senadores e deputados, sem fixar a respecti-

va importancia, que ao congresso em sua sessão ordinaria competia determinar.

Ahi foi que começaram as difficuldades para essa gente que não sabia como traçar a egualdade de subsidio, se diminuindo para 50\$ ou elevando para 75\$000.

Surgiu então no espirito dos *designados* uma ideia luminosa e feliz, declinando de si a responsabilidade, que devia ser commetida ao governo para resolver sobre a *magna* questão com o *critério e sabedoria*, que só então lhe reconheceram.

Essa fraqueza imperdoavel assumiu as proporções de uma humilhação indigna e revoltante!

Para a materia do congresso esse governo nada significa, nada vale, nada exprime, não presta para nada!

O lucenissimo barão é uma invenção do compadre generalissimo, que parece conspirar contra a Republica conservando no poder esse homem fatal e maldito.

No seio do congresso atiram-se ao sr. barão de Lucena todos os epithetos affrontosos, maculando-se sua honra e deprimindo-se seu character.

O compadrissimo barão é considerado pela maioria do congresso como *tapadissimo*, incapaz e nullo.

E entretanto é ao governo dirigido pelo sr. Lucena que a maioria desse mesmo congresso confia a delicada faculdade de fixar o *quantum* devem seus membros vencer pelo trabalho de decompol-o e enxovalhal-o!

Isto não é sómente uma triste contradicção, é uma bixeza sem nome.

E não houve um chefe republicano, um cidadão inspirado pelo patriotismo, que se levantasse escandalizado no seio do congresso para condemnar essa fraqueza e verberar essa humilhação.

O sr. Lucena é *tapadissimo* para tudo, no conceito dos seus adversarios, que não hesitam em reconhecerlo *capacissimo* para fixar-lhes o subsidio.

O governo aceitando essa ignominiosa incumbencia, infelizmente não soube cumprir o seu dever.

Querendo ser generoso para com seus inimigos, tornou-se esbanjador dos dinheiros publicos, sacrificando ainda mais o thesouro nacional.

Não lhe podem valer, para attenuação de sua culpabilidade criminosa, as resalvas que tomou na sua exposição de motivos, com esse considerando de gloriosa memoria:

« Que a egualdade do subsidio só pôde realizar-se elevando a diaria dos deputados, ou diminuindo a dos senadores ; mas que a mesa do senado enviou a folha do subsidio correspondente ao primeiro mez da presente sessão consignando a diaria de 75\$000, ficando assim manifesto o pensamento dessa corporação quanto á taxa do subsidio de seus membros.»

Revelando esse desembaraço, da mesa do senado, parece que o governo se deixou arrastar por um sentimento de vingança para com aquella corporação, que tanto o tem maisnado e deprimido.

Quando a imprensa do Rio denunciou que a mesa do senado havia enviado ao governo a tolha do subsidio com a diaria de 75\$000, o sr. dr. Belfort Vieira, 4º. secretario, sahio a campo para dizer que a folha fôra remettida antes de votada a lei que auctorisava o mesmo governo a fixar o subsidio da representação nacional.

Triste e compromettedora defeza !

Pois se o subsidio ainda não estava fixado, como é que a mesa do senado se julgou habilitada a consignar a diaria de 75\$000, quando era natural e mais decente que fosse taxada em 50\$000 ?

O facto de ser enviada a folha do subsidio antes ou depois de votada a lei que auctorisava sua fixação, não diminue a gravidade do escandalo nem absolve a mesa do senado, que marcou para si e seus pares aquillo que ainda não estava determinado.

O que, porém, surprehende, admira e faz pasmar o mundo inteiro é que o sr. Prudente de Moraes é presidente dessa corporação, fazendo por isso parte dessa mesa tão esperta e tão desembaraçada.

E' possivel que o illustre presidente do senado não tivesse visto e examinado essa folha para verificar se compromettia ou não os seus creditos, se era ou não digna de sua assignatura ?

Se era ainda problematica a diaria dos representantes da nação, vacillando entre 75\$000 e 50\$000, como se explica essa impaciencia e soffreguidão, manifesta-las pela mesa do senado, da qual faz parte o sr. Prudente de Moraes, remetendo ao governo a folha de seu subsidio á razão de 75\$000 diarios, quando nada se tinha ainda resolvido a semelhante respeito ?

Poder-se-ha acreditar que o honrado e integerrimo presidente do senado tenha sido estranho á confecção dessa folha em que com tanta antecipação e inopportunidade se decretou o subsidio dos senadores á razão de 75\$000 diários ?

Será possivel que o *resto* da mesa tenha commettido grave abuso de confiança, illudindo a boa fé e comprometendo os creditos de seu illustre presidente ?

O 4.º secretario suppoz produzir uma defeza em favor da mesa do senado, e a triste verdade é que comprometteu-a cada vez mais, allegando uma antecipação que mais a desabona e condemna !

O facto é unico na historia das *espertezas parlamentares*. O que o congresso, por falso pudor, não se animou praticar, a mesa do senado resolveu despejadamente sem protesto e sem reclamação. Aquella fixação de subsidio, no maximo a que poderia chegar, foi uma verdadeira insinuação ou antes uma supplica dirigida ao governo, a quem já se sabia seria commettida a faculdade de egualar a diaria que deviam vencer os membros do congresso !

O governo devia ter feito *ouvidos de mercador* a essa supplica indecorosa, dando ao mesmo tempo *uma lição de mestre*, reduzindo a 50\$000 o subsidio dos senadores, a quem caridosamente poderia dizer para desculpar-se : — *perdoai, irmãos !*

Como se tem degradado essa infeliz corporação ! Além dos factos de ter sido rejeitado um projecto de lei por aquelles mesmos que lhe haviam prestado sua assignatura e de ter o sr. Prudente de Moraes suggerido o alvitre de *reabrir-se* discussão já encerrada na vespera, para ter lugar a apresentação de emendas, veio a mesa do senado dar o escandalo de enviar ao governo uma folha de subsidio, fixando em 75\$000 a diaria, que ainda não tinha sido determinada pelo poder competente.

E quando se denunciam e se commentam esses factos que deshonram e envergonham as novas instituições, o sr. Aristides Lobo attribue tudo isso á propaganda sebastianista que se desenvolve e explora tudo contra a Republica.

Não ! O que se estigmatiza e se condemna não é invenção do sebastianismo, que é um phantasma creado para impressionar e metter medo aos incautos, cuja attenção se procura assim distrahir, para que não vejam o abysmo de desmoralisação, a que arrastam essa pobre victima em cujo nome se praticam todos os escandalos e se com-

mettem todas as miserias. Firmem uma Republica séria, digna, honesta, pura e immaculada, e deixem-se de historias de sebastianismo, que já se vão tornando irrisoriamente ridiculas !

Sem principios de justiça, sem estimulos de honra, sem inspirações de patriotismo, sem moralidade e sem pudor, jamais se poderá estabelecer e consolidar regimen republicano capaz de impor-se ao respeito dos homens de bem e á confiança nacional.

Estejam certos disso !

20 de Agosto de 1891.

O senado federal, pelas estranhas innovações que tem feito, pela violencia das paixões por que se tem deixado mover e arrastar, tornou-se uma corporação perigosa e impossivel !

São tantos e tão graves os despropositos que ha commettido, que chegou a constituir-se, no jogo dos poderes politicos, uma temerosa ameaça para a ordem publica e um perigo imminente para a liberdade.

E' preciso dizer com franqueza que o sr. dr. Prudente de Moraes tem poderosamente contribuido para esta tristissima situação, em que se acha o senado federal, exposto a suspeitas desairosas e sujeito a juizos desfavoraveis e deprimentes.

Abusando da reputação de que goza real ou convencionalmente, o sr. dr. Prudente de Moraes tem aberto precedentes deploraveis, condemnados pelo bom senso e pela moral. O que acaba de dar-se no seio dessa corporação, não nos sorprehendeu, porque já o previamos e esperavamos.

Desde que o sr. Prudente de Moraes suggeriu o alvitre de *reabrir-se* uma discussão já encerrada para dar lugar á apresentação de emendas, abriu por esse modo a porta para todos os escandalos e para todas as violencias.

Aquella infeliz lembrança de *reabertura de discussão*, suggerida pelo proprio presidente do senado com flagrante violação do regimento, concorreu para levar essa corporação a todos os excessos, provocando contra suas apaixonadas decisões a revolta do espirito publico que se sente justamente impressionado pelos desvios e aberrações de

um dos ramos do poder legislativo, cujos actos devem inspirar-se nos principios de prudencia, de moderação e de patriotismo.

O senado perdeu todos os escrupulos, resvalando insensatamente em um perfeito abysmo de descredito, que é sua condemnação e que será a sua morte.

Não se infringem impunemente as leis da honra nem se sacrificam os principios do pudor. Ainda está bem gravado na consciencia nacional o facto vergonhoso de ter sido em primeira discussão rejeitado *unanimemente* um projecto, que fóra prestigiado com a assignatura de vinte e tantos senadores, que com incrível desassembro e impavidez concorreram com o seu voto para decapitar o seu filho adorado!

Não se desvanecerá jamais da memoria de todos a tristissima impressão produzida pelo desembaraço menos escrupuloso da mesa do senado, enviando ao governo a folha do subsidio á razão de 75\$000 diários, quando ainda o poder competente não tinha estipulado quanto deviam perceber diariamente os senadores e deputados.

Convém nunca se esquecer que era e é presidente dessa mesma mesa tão escandalosa o sr. dr. Prudente de Moraes, que se considera e é considerado o mais puro e immaculado de todos os politicos.

A vista desses precedentes, cada qual mais grave, mais triste e mais condemnavel, não admira nem sorprehende que essa corporação tocas-se ao cumulo da irreflexão e da violencia, annullando o voto de um senador, depois de conhecido o resultado da votação, para impudentemente fazer a *conta de chegar!*

Esse procedimento do senado não tem nome, nem qualificação possível, porque é pouco consideravel o implicito e pouco ajuizado chamal-o affronta brutal cuspidá á face de um de seus membros.

Toda a responsabilidade, porém, por esse attentado inaudito pesa sobre a cabeça do sr. Prudente de Moraes, que, pela auctoridade que lhe dá o regimento, tinha o rigoroso dever de evital-o, se não estivesse identificado com os anarchistas que tanto concorrem para desmoralisar as instituições.

Tendo competencia para resolver o incidente parlamentar, declinou de si essa faculdade, commettendo-a á maioria do senado, cujas disposições de espirito conhecia e cujas paixões desordenadas por semelhante modo alimentou.

A annullação do voto do senador Pedro Paulino da Fonseca, suspeitado de *interesse pessoal*, na questão em que tomou parte por ser governador do Estado das Alagoas, fez descarregar profundo golpe sobre os creditos dessa corporação, que se tornou facciosa e revolucionaria, compromettendo supremos interesses de ordem publica e ameaçando de morte as proprias instituições republicanas. E' esse o pronunciamento geral e quasi unanime da imprensa do paiz, que unisona se levanta, verberando acremente esse attentado revoltante, estigmatizando essa verdadeira indecencia parlamentar !

E porque a imprensa agitou-se, soltando brados de indignação contra esse acto de impudor praticado pela maioria occasional do senado, um dos seus membros teve a protervia de estranhar da tribuna a attitude da imprensa, attribuindo-lhe sentimentos e intuitos em que nunca se inspirou.

Foram infructiferos os esforços empregados pelo sr. Quintino Bocayuva, que em tempo procurou evitar o golpe, que o excesso da paixão pretendia desfechar sobre o decoro das proprias instituições. O mesmo sr. Ruy Barboza, autor do projecto de lei, a que o presidente da Republica oppoz o *veto*, condemnou sob todos os pontos de vista a decisão precipitada e caprichosa do senado, em carta dirigida ao sr. Quintino Bocayuva e publicada no *O Paiz*, e que em seguida reproduzimos :

« 27 de Setembro de 1891 — Meu caro amigo e sr. Bocayuva.— Não tendo comparecido, por motivo de saúde, às sessões do senado, cumpro um imperioso dictame da minha consciencia, applaudindo a sua attitude no incidente que motivou a renuncia de um senador pelo Estado de Alagoas.

« Autor do projecto a que acaba de negar a sancção o presidente da republica, eu, se estivesse presente, poria acima do meu amor-proprio e do bem exito *immediato* desse projecto, a necessidade patriótica de não concorrer presentemente para azelar as relações entre o executivo e o congresso. Mas ainda quando eu me julgasse obrigado a concorrer com o meu voto para arregimentar contra o *veto* os dois terços do senado, não acompanharia jamais a singular hermeneutica que eliminou o suffragio do sena'or Pedro Paulino.

« Essa interpretação é contraria ao direito parlamentar, às regras da boa intelligencia juridica dos textos e até do

hom senso vulgar. Ainda levando, porém, o desejo de confesccender ao ultimo extremo, isto é, admittindo, por hypothese, na especie, a existencia do «interesse pessoal» a que se refere o regimento—essa questão não podia ser suscitada senão em preliminar á votação, que, uma vez concluida, não podia alterar-se por deliberação ulterior da casa.

«Minhas congratulações, pois, ainda uma vez, e sem reserva de ordem alguma, pela sua resistencia a esse erro deploravel, que, esperamos, não subsistirá como precedente na jurisprudencia de uma instituição destinada a dar ao paiz as mais altas licções de justiça, de prudencia e de sabedoria legislativa.

«Seu amigo e collega—*Ruy Barboza.*»

E digam que essa corporação não trahi os seus fins, tornando-se escrava de suas proprias paixões e instrumento de descredito e de desmoral sacão da propria Republica!

E' um senalo faccioso e revolucio nario !

3 de Outubro de 1891.

XX XVI

O congresso nacional, filho da violencia e da fraude, não quer desmentir a sua origem, vivendo da fraude e da violencia.

O senado tem-se abysmado na desmoralisação pelas innovações escandalosas do sr. Prudente de Moraes, que ainda assim é proclamado pelos seus admiradores como o caracter mais puro e immaculado!

Pois não!

Que poderá haver de mais decente e de mais honesto do que o alvitre suggerido pelo presidente do senado de reabrir se uma discussão encerrada na vespera, para ageitar a apresentação de emendas, que não eram mais permittidas pelo regimento?

Isto que em outro qualquer seria uma immoralidade, sendo praticado pelo sr. Prudente de Moraes, torna-se uma acção meritoria e digna de encomios!

Encerra se a discussão sobre um projecto, que não foi votado immediatamente por falta de numero legal. No dia seguinte, quando se ia proceder á votação, um senador lembra-se de apresentar emendas, que não podiam ser aceitas por força de disposição regimental.

O sr. Prudente de Moraes, porém, do alto de sua cadeira de presidente, não sente o minimo acanhamento para resolver a difficuldade, suggerindo o alvitre de *reabrir-se* a discussão para poder ter lugar a apresentação das emendas.

Em que assembléa, em que parlamento, já se viu ostentar-se tanta falta de escrupulos por parte de um presidente, que suggere e aconselha aquillo mesmo, que deveria

ser o primeiro a condemnar e repellir, se alguém tivesse essa infeliz lembrança?

Essa *reabertura de discussão* poderá abonar a seriedade do homem publico mais vulgar?

Sendo, porém, suggerido esse alvitre pelo inpeccavel sr. Prudente de Moraes, assume as proporções encantadoras de extrema *finura* e de *tactica* admiravel, que certamente não acudiriam a qualquer espirito, porque constituem precioso patrimonio de *espiritos privilegiados*!

Tratava-se de marcar o subsidio que deviam perceber os membros do congresso, que praticou a fragilidade de commetter essa tarefa ao proprio governo, que era o menos competente para isso.

A constituição de 24 de Fevereiro determina expressamente que os senadores e deputados perceberão a mesma diaria que será igual para todos os membros do congresso, que calculadamente auctorizou o governo a proceder de accordo com a legislação do antigo regimen.

Ora, percebendo os senadores do imperio a diaria de 75\$000 e os deputados a de 50\$000, o governo, para que se verificasse a egualdade de subsidio imposta pela constituição federal, tinha ou de elevar a diaria de 50\$000 para 75\$000 ou de abaixal-a de 75\$000 para 50\$000.

Pois bem!

A mesa do senado, de que é presidente o sr. Prudente de Moraes, cortou a difficuldade em que naturalmente deveria achar-se o governo, enviando ao mesmo a folha de subsidio estipulando-se a diaria de 75\$000, quando coisa alguma sobre este melindroso assumpto tinha sido ainda resolvida.

Nesse caso, os entusiastas do sr. Prudente de Moraes não devem somente admirar a sua *finura* e sua *tactica*, mas principalmente a sua esperteza, que brilhantemente se revelou nessa antecipação da remessa da folha de subsidio á razão de 75\$000 diarios!

E o governo foi tão maligno que, quando decretou o subsidio dos membros do congresso elevando de 50\$000 a 75\$000, baseou o seu acto sobre a innocente folha remettida pela mesa do senado, accrescentando que parecia ser esse o sentimento daquella corporação, que antecipadamente marcara para si mesma a diaria de 75\$000.

Ora se houver um homem sério que nos convença de que o proceimento da mesa do senado é cousa decente

e digna de louvores, não seremos nós quem ha de regatear ao seu habilissimo presidente os applausos que merece pe'a sua rara espezteza; e fazendo côro com os seus fanaticos admiradores, exclamaremos pôr nossa vez nos transportes do mais ardente enthusiasmo:

— Viva o purissimo sr. Prudente de Moraes!

— Viva!!

As glorias pela annullação do voto de um senador para *fazer conta de chegar* cabem inteiras ao sr. Prudente de Moraes, que se tem revelado o mais fino, mais tactico e mais esperto de todos os presidentes conhecidos e por conhecer.

Votava-se o parecer que concluia condemnando o veto opposto pelo presidente da Republica ao projecto de lei, que estabelece incompatibilidade entre os cargos federaes e estaduais.

Segundo preceito constitucional, o parecer só podia ser approvedo por dous terços das votos presentês.

O resultado, porém, foi ter o parecer obtido 29 votos a favor e 43 contra, não havendo portanto sido approvedo.

O sr. Aquilino do Amaral, porém, fez sentir que no numero dos 43 votos contrarios estava comprehendido o do sr. Pedro Paulino, que não podia tomar parte na votação, por ser pessoalmente inteessado no seu resultado, que devia aproveitar-lhe ou feril-o na qualidade de governador do estado de Alagoas.

Por isso propoz que se annullasse o votô desse senador, declarando-se approvedo o parecer pelos dous terços da lei.

Pelo regimento essas questões podem e devem ser resolvidas pelo presidente, que para isso tem autoridade e competencia.

O sr. Prudente de Moraes, porém, que é o mais fino, mais tactico e mais esperto de todos os presidentes, enchendo-se de escrupulos que não teve para reabrir discussão encerrada, nem para enviar ao governo folha de subsidio com diaria á razão de 75\$000, declinou de si a competencia que lhe dá o regimento, e commetteu a decisão á maioria apaixonada, que se mostrava disposta a sacrificar todos os principios e a commetter todas as violencias para exercer uma vingança contra o presidente da Republica!

Essa manobra do sr. Prudente de Moraes seria inspirada pela fraqueza ou determinada por tactica

que tão habilmente sabe empregar para chegar a seus fins?

Se foi fraqueza, não ha quem possa deixar de consideral-a imperdoavel em um cidadão a quem tanto se exalta e se endeosa, e que occupa posto tão elevado.

Se, porém, foi tactica, não pôde ser mais infeliz e mais triste essa manobra, que lançou sobre o senado o maior descredito, que poderia ter sido evitado, se o sr. Prudente de Moraes tivesse sabido cumprir o seu dever.

Não se affronta impunemente o bom senso nacional, concorrendo para annullar-se, depois de conhecido, o voto de um senador, que fôra admittido a tomar parte na votação sem que alguém se tivesse lembrado de consideral-o suspeito e incompetente.

Assim pensamos com toda a imprensa do Rio, que se pronunciou unanime contra a tyrannia do senado e contra a tactica infeliz do seu presidente, que pela sua autridade teria impedido esse escandalo vergonhoso, se assumisse a responsabilidade da decisão, salvando os creditos da corporação que dirige.

Se, porém, os admiradores entusiastas dos grandes meritos do sr. Prudente de Moraes entendem que tudo isso constitue um padrão de gloria para immortalisar o nome de s. exc., nesse caso, para que não se diga que somos caprichosos, faremos sacrificio de nossas opiniões, e unindo nossas vozes a esse côro de honra que se entoam em honra do mais fino, do mais tactico e do mais esperto de todos os presidentes, gritaremos com toda a força de nossos pulmões:

— Viva o purissimo, o inimitavel, o inexcetivel cidadão dr. Prudente de Moraes!

— Ora, viva!

7 de Outubro de 1891.

XXXVII

Dissemos hontem: o congresso nacional, filho da violencia e da fraude, não quer desmentir sua origem, vivendo da fraude e da violencia.

E é tristissima verdade!

Para confirmal-a, basta referir o escandalo repugnante que se deu na camara dos deputados, por occasião de votar-se o artigo 1º. do projecto do sr. Campos Salles estabelecendo a precedencia obrigatoria do casamento civil.

O que se passou alli foi uma vergonha, uma miseria, uma indignidade!

E' o proprio *Paiz*, orgão do sr. Quintino Bocayuva, quem descreve esses episodios degradantes, que só revelam ser aquillo um *ajuntamento illicito*, que o povo devia apedrejar para vingar a moralidade publica.

Eis como se exprime:

«Votou-se depois o projecto que estabelece a precedencia do casamento civil sobre a cerimonia religiosa, invertida para isso a sessão da camara, por figurar antes na ordem das votações o orçamento do ministerio das relações exteriores. A votação foi até nominal, a requerimento do sr. Tosta.

E deu-se então o seguinte e curioso caso:—no correr da votação, notou-se de subito que já não estava na sala a maioria da deputação paulista. Pouco antes, parecera que, si se retirassem do recinto alguns srs. deputados, não haveria numero para votar: parecera tambem que o projecto ia ser rejeitado por um grande numero de srs. deputados.

Mas não foi isso o que se deu — para maior honra da camara. Ainda mesmo com a retirada dos deputados paulistas, ficou reunido numero sufficiente para votar. Então a deputação de São Paulo voltou a occupar o seus respectivos lugares, e deu o seu voto ao projecto, fazendo o depois que já tinham votado todos os srs. deputados. O sr. Henrique de Carvalho achou que isso era « um estratagemma escandaloso. »

Nó, não nos animamos a achar coisa nenhuma ; diremos unicamente que a mesa annunciou o seguinte resultado para a votação que se vinha de effectuar — 33 a favor do projecto e 36 contra. Estava rejeitada a precedencia obrigatoria do casamento civil.

Mas, nisto, chegou ao recinto e votou o sr. Belarmino Mendonça. Depois, a mesa annunciou este outro resultado — a favor do projecto 37, contra 36 srs. representantes. Estava approvedo o projecto.

A sessão, que pouco antes se tornara tumultuosa, ficou ainda pior. Ninguem se entendia, e foi no meio da maior balburdia e de tumulto maior, que o sr. presidente annunciou estar approvedo em segunda discussão o projecto estabelecendo a precedencia do casamento civil sobre a cerimonia religiosa.»

Como se vê, a maioria da deputação paulista representou o papel que lhe foi distribuido pelo general das pataccadas, cujo odio á igreja se communica assim aos que seguem suas inspiraçoens nessa triste e ingloria campanha.

Ha phenomenos, que só se acreditam, porque se impõem com a mais dolorosa evidencia.

Fazem parte da maioria da deputação paulista cidadãos, que, quando militavam no antigo partido conservador, mostravam-se incapazes de commetter um acto que pudes-se desdourar o seu character e macular a sua honra.

Filiados, porém, á escola que obedece ao principio de que os *fins justificam os meios*, revelam-se discipulos adiantados, acompanhando os chefes em todas as manobras indecorosas, em todos os manejos indecentes, em todas as tramoias vergenhosas.

O contacto com essa gente perverteu-os, arrastados pela influencia do espirito do mal que os atrahiu e subjugou.

Não pôde haver situação mais triste e mais deploravel para quem não se sente mais com força para reagir, quebrando as cadeias que o prendem e reconquistando sua autonomia e independencia.

Os deputados paulistas, ex-conservadores da monarchia, tornaram-se demolidores e incendiarios na republica!

Como se explicam esses phenomenos que implacavelmente ferem a nossa vista?

Homens de valor, submettem-se docilmente ao aceno de nullidades pretenciosas, que dominando seus espiritos e escravizando suas vontades, lhes impõem leis contrarias aos seus principios e lhes ditam normas que aviltam o seu caracter.

Lamentando, porém, de veras essa triste perversão de sentimentos que se tem operado pela influencia perniciosa do me'o em que se expandem, ainda não perdemos inteiramente a esperanza de ver esses bons conservadores do antigo regimen convertidos ás boas praticas, libertados da acção dessa força que os opprime, livres dessa tyrannia que os esmaga e inacessiveis a essa inspiração que os degrada!

Como se prestam elles a esses manejos, cujo emprego devia ferir o seu melindre e revoltar a sua propria dignidade?

Para burlar a votação, cujo resultado parecia duvidoso, o *chefe* acena e elles obedecendo, se retiram do recinto para não haver numero...

Reconhecendo-se depois que a manobra não aproveitava, visto haver numero sufficiente, faz-se novo aceno e elles voltam a occupar suas cadeiras!...

Movem-se á vontade do *improvisado* chefe, que os impelle para onde lhe convém, submissos como humildes creanças obedecendo á voz de um mestre-escola!

E ainda assim, por impericia do contra-regra, chegam tôra de tempo, quando a votação já estava concluida.

Tôra de tempo é um mod^o de dizer, porque o impudor fez sua morada naquellas regiões habitadas pelos filhos da fraude!

Para essa gente todo o tempo é tempo para commetterem-se todos os escandalos.

Depois do alvitre, suggerido no senado pelo sr. Prudente de Moraes de *reabrir se discussão já encerrada*, não ha mais votações concluidas, nem horas passadas, nem causa alguma que possa cheirar á moralidade !

A mesa da camara soberana na impudencia, resolveu que fossem aceitos os votos dos que chegaram depois de concluida a votação.

E ainda assim não se conseguiu arranjar *conta de chegar* !

O projecto fôra rejeitado por 56 votos contra 55, como foi annunciado pela propria mesa.

Horrorosa decepção para os inimigos da igreja catholica !

Era preciso então mais um esforço para inutilisar esse resultado esmagador.

Do desembaraço passou-se ao cynismo.

Depois de proclamada a rejeição do projecto, appareceu o deputado Bellarmino de Mendonça, que foi admittido a votar, com preterição de todos os principios que as assembleas honestas costumam observar.

Sendo o seu voto contrario á rejeição do projecto, o resultado deveria ser o empate—56 contra 56.

A mesa, porém, que é *filha* da fraude, quiz por sua vez constituir-se *mãe*.

E por isso, com o maior descaro, com um *sem-vergonhismo* horripilante, annunciou imperturbavel e sem corar que o projecto fôra approvado por 57 votos contra 56 !

Quem denuncia essa infamia é o proprio *Paiz*, órgão republicano, cujo redactor-chefe é o senador Quintino Bocayuva !

O projecto de lei sobre precedencia do casamento civil, inspirado pelo odio que domina o sr. Campos Salles, passou na camara dos deputados por meio da fraude mais desavergonhada de que ha noticia no parlamento.

Aquella votação manifestamente fraudulenta desmoralisou cada vez mais esse monstro, que jamais será lei do Estado !

Nessa campanha de odio contra a igreja catholica, a maioria paulista não triumphou !

Pelo contrario, aproveitando-se da *fraude*, encheu-se de lama e cobriu-se de opprobrio !

8 de Outubro de 1891.

XXXVIII

A politica inaugurada nos Estados por inspiração hoje clara e manifesta do sr. Floriano Peixoto, tem sido uma serie de golpes vibrados contra a autonomia dos mesmos Estados e contra o principio federativo, tão solemneamente proclamado na constituição republicana de 24 de Fevereiro do anno passado. Em nome da legalidade, restaurada a 23 de Novembro, depuzeram-se os governadores e desorganisaram-se os Estados.

Condemnou-se o marechal Deodoro por ter dissolvido o congresso nacional, e entretanto applaudem-se as juntas militares que annullam tudo quanto se fez sobre os mesmos moldes adoptados para a constituição republicana! Se o sr. Floriano Peixoto entenda que se deve fazer *obra nova* em todos os Estados que estão condemnados ao jugo humilhante da dictadura militar, nesse caso não se deve regatear louvores ao marechal Deodoro, que foi mais franco, mais leal e mais correcto, começando por dissolver o congresso, que realmente não exprime a vontade nacional, porque é filho da fraude, da violencia e da corrupção.

Se a constituição dos Estados tinha vicios que era preciso corrigir pela dissolução de seus congressos, não se pôde deixar de convir que esses vicios sendo *de origem* naturalmente affectavam todo o organismo politico do paiz. A *restauração da legalidade* devia trazer como consequencia infallivel a consolidação do principio federativo, tão sagrado e tão respeitavel como aquelle que se procurou salvar com o movimento de 23 de Novembro.

Restabeleceu-se o regimen constitucional na União e rasgam-se todas as constituições nos Estados!

Proclama-se a *restauração da legalidade*, e em nome desse mesmo principio planta-se a anarchia e constituem-se dictaduras militares !

O sr. Floriano Peixoto suppõe illudir a consciencia nacional inculcando neutralidade diante do pronunciamento da *vontade popular*, quando todos perfeitamente sabem que as deposições se effectuam e se formam as juntas governativas por inspiração e ordem do governo central. Não pôde mais haver duvida a semelhante respeito.

Os factos ani estão vivos e palpitantes de actualidade. Revolta-nos tanta hypocrisia revelada na realizaçã de um plano nefasto e criminoso, cujas tristes consequencias se irão sentir mais tarde, quando se reconhecer que se pretende soffocar o sentimento popular, asphyxiar o espirito democratico e aviltar a consciencia nacional. O general Floriano Peixoto tem aperfeiçoado tanto os seus processos de *restauração da legalidade* que até parece querer que se resista á sua vontade para melhor servir-se ao plano que se traçou e hypocritamente está realisando.

O que se passou nos Estados do Maranhão e da Parahyba do Norte confirma perfeitamente esse juizo que expendemos. No primeiro daquelles Estados a força publica concorre para a deposição do respectivo governador, formando-se a junta provisoria tendo como presidente o coronel José Manuel de Medeiros. Surgem as reclamações perante o general Floriano Peixoto, que immediatamente ordenou por telegramma ao coronel Medeiros que entregasse o governo a quem estivesse legalmente constituido.

O coronel Medeiros presidente da junta governativa, obedecendo á ordem recebida, chamou o vice-governador dr. Peixoto, a quem passou as redeas do governo. E immediatamente expediu telegramma ao vice-presidente da Republica, dando lhe conhecimento do facto e acrescentando que reinavam completa paz e perfeita tranquillidade !

Imaginem a contrariedade que experimentou o sr. Floriano Peixoto, quando recebeu esse telegramma por parte do coronel Medeiros, que não soube comprehender o seu pensamento, devendo antes resistir que obedecer á sua ordem.

O presidente da junta governativa do estado do Maranhão deveria ter respondido ao telegramma do vice-presidente da Republica, declarando categoricamente que se achava naquelle posto de confiança por *unanime acclamação do povo*, a cuja soberana vontade não lhe era licito resistir,

sem faltar aos altos deveres de seu patriotismo. O coronel Medeiros, porém, teve a ingenuidade de acreditar na sinceridade da ordem expedida pelo general Floriano Peixoto, passando o governo a quem legalmente construído.

E por isso o vice-presidente da Republica, em vez de telegramma, enviou-lhe um *phonographo*, representado pelo tenente Machado, que foi ao Maranhão em *missão especial*, a fim de esclarecer as cousas, fazendo ver e sentir que as ordens do sr. Floriano Peixoto devem ser entendidas e executadas pelo *acesso*.

Depois que o tenente Machado conferenciou com o governador do Estado, levantou-se de novo a *onda popular* invadindo o palacio do governo, sendo deposto o dr. Lourenço de Sá e restabelecida a primitiva junta governativa. E o coronel Medeiros foi tão simples que a principio não comprehendeu a *finura* do telegramma do primeiro magistrado da nação, que se impoz o dever sagrado de respeitar a autonomia dos Estados e a manifestação da vontade popular!

Na Parahyba do Norte repetiu-se o mesmo facto, que não surpreendeu a quantos já conhecem as vistas e tactica do sr. Floriano Peixoto.

O *povo ergueu-se em massa* e effectou a deposição do governador dr. Venancio Neiva, acclamando a junta provisoria, de que se constituiu presidente o tenente-coronel Savaget. O senador João Neiva, irmão do governador deposto, pediu providencias ao sr. Floriano Peixoto, que sem perda de tempo expediu telegramma ao tenente coronel Savaget mandando entregar o governo ao vice governador.

O presidente da junta governativa, talvez despeitado, passou as redeas do governo ao proprio dr. Venancio Neiva, que triumphante telegraphou para o Rio dizendo que nunca deixara o exercício do seu cargo!

O dr. Diogo Velho Sobrinho, desapontado com a *reentrega* que era o triste desfecho da revolução malograda, dirigiu insultos e improperios ao tenente-coronel Savaget, que o prendeu para castigo de sua audacia.

Poucos dias depois avoluma-se a *onda das coleras populares*, o dr. Venancio Neiva resolve partir para o Rio, passa o governo ao dr. Fonseca como substituto legal, sendo este logo deposto por vontade do *povo indignado* e em nome da legalidade, restabelecendo-se a mesma junta governativa, de que continua a ser presidente o mesmissimo tenente-coronel Savaget, que agora, em vez de insultos,

merecer applausos do dr. Diogo Velho Sobrinho que se acha gosando de completa liberdade.

Que diabo!

Esses militares ainda não comprehendem a *finura* do general Floriano Peixoto, que se mostra tão *leal* e se mantém tão fiel ao seu programma de respeitar a autonomia dos Estados e attender á manifestação da vontade popular!

Deus permitta que não passemos de simples visionarios, que vivemos a assustar-nos com o espectro do *militarismo*, cuja influencia se considera indispensavel para garantir e consolidar as instituições republicanas!

9 de Janeiro de 1892.

XX XIX

Infeliz governo, esse do sr. Floriano Peixoto, que ainda não achou quem se prestasse a servir de *remendo* para tapar o *rombo*, que lhe abriu no *costado* a *vaga* deixada pelo general José Simeão, que nobremente repudiou a pasta da guerra.

Não ha quem queira acceital-a, tendo sido entretanto offerecida de mão beijada a tanta gente ! Parece que o sr. Custodio de Mello *empestou* essa pasta, embrulhando-a naquellas *celebres ceroulas ensanguentadas*, famoso brasão de suas glorias e espaventoso symbolo da *legalidade*. Estamos inclinados a crer que, se outro fóra o substituto do general Simeão na pasta da guerra, não se teriam dado tantas recusas, que não se comprehendem nem se explicam por outro modo mais natural e mais *decente*...

Facilimo foi ao sr. Floriano Peixoto encontrar um Sezerdello para *serzir a rotura* causada no exterior pela passagem do sr. Fernando Lobo para a pasta da instrucção e dos correios.

Serzir é simples modo de dizer, porque nem a passagem do Lobo, nem a entrada do Serzedello, verdadeiros *pontos miudos*, foram sufficientes para encobrir o *rasgão*, aberto pela retirada do dr. José Hygino da pasta do interior. A *serzidura* do Serzedello, pois, não passa de simples *fundilho pregado* na parte *exterior das ceroulas* do sr. Custodio José de Mello, que precisa de quem o ajude a *carregar* o peso que *nellas* se encerra.

E' *especioso* esse governo do sr. Floriano Peixoto !

Está condemnado a cair sob o peso das diversas *especies* de que é formado ! Deve fatalmente acabar por

onde principiou ! O seu cadaver, collocado sobre montões de cadaveres, será amortalhado naquellas famosas *ceroulas* em que o governo se enrola como o mais expressivo synbolo da *legalidade*.

E nem o sr. Floriano Peixoto merece outro destino ! Monstruoso na ordem politica, esse homem foi phenomeno na ordem da natureza. Ninguem se admire do que fez elle ao visconde de Ouro Preto, nem ao marechal Deodoro, nem aos congressistas, nem á nação, nem á Republica, nem á federação, nem á si mesmo.

O sr. Floriano Peixoto trahiu á propria mãe que o pariu, a elle, porque fez lhe a surpresa de nascer de sete mezes, vendo pela primeira vez a luz do dia na villa de Porto Calvo. Ora precedente de *porto calvo* e tendo tanta pressa em vir ao mundo devia tornar-se um verdadeiro prodigio na... trahição.

Sendo *trahidor de nascença*, é natural que assignale sua vida publica por esse instincto que o dominou ainda no ventre materno. Por isso poder-se-ha dizer, comparando mal, que o sr. Floriano tem sido trahidor antes do parto, no parto e depois do parto. Pelas pressas, com que quiz nascer, sahio completamente torto, tanto no corpo como na alma. « *Pés tortos, alma torta* », disse Pardal Mallet.

De perfeito accordo.

Já nós tínhamos dito tambem nestas columnas que o sr. Floriano nasceu torto e torço ha de morrer. Nascendo pois, tão *assignalado*, ninguem se deve surprehender com a *politica tortuosa*, que o vice presidente da Republica tem seguido inspirando-se nas *ceroulas* do sr. Custodio José de Mello, concertadas com a *serzidura* do sr. Serzedello, que é verdadeiro fundilho do ministerio. Por isso é que ninguem se quer prestar a *servir de remendo* na pasta da guerra, que continua vaga sem duvida pela *sanjeira que interinamente a faz trescalar*. E tem carradas de rasão os generaes que rejeitam semelhante prébenda. O governo do sr. Floriano Peixoto está tristemente reduzido ás *ceroulas* do contra-almirante Custodio José de Mello que se constituiu o seu braço forte, incumbido de executar os planos sanguinarios que concebe para restaurar a disciplina militar, firmar o *regimen da legalidade*, consolidar a Republica e promover a felicidade da patria.

Todos os outros ministros desapareceram do gabinete parecendo que estão mettidos no fundilho das *ceroulas* do

contra-almirante ministro effectivo da marinha e interino da guerra.

Do *restodo ministerio* só ha noticia de se haver restabelecido na correspondencia official a celeberrima formula — *saude e fraternidade* — que é irmã gemea da irrisoria — *ordem e progresso* — que se tem praticamente traduzido na mais revoltante anarchia e no mais lamentavel regresso.

Era só o que faltava !

O sr. Custodio José de Mello lembrou-se de chamar á responsabilidade a *Gazeta de Noticias*, que ousou dizer que 37 officiaes da armada assignaram um artigo, em que se declaravam solidarios com os officiaes da flotilha do Amazonas, que desobedeceram á ordem do governo mandando depór o governador daquelle Estado.

No ominoso regimen da monarchia houve muitos governos, que se tornaram impopulares e cahiram fulminados pela opinião publica que os condemnava pelos seus erros politicos e administrativos. Naquelle nefasto dominio commetteram-se abusos, praticaram-se escandalos, perpetraram-se crimes. A imprensa levantava-se para combater esses hovernos, atacando-os muitas vezes violenta e virulentamente, sem treguas, sem hesitação, de modo cruel e implacavel.

Os governos de então, para defender sua politica e justificar os seus actos, empregavam as mesmas armas e usavam dos mesmos recursos, subvencionando órgãos em seu favor ou recorrendo ás secções livres da imprensa neutra para produzir a sua defeza. Não ha, porem, noticia de que governo algum, no tempo do imperio, tivesse o despudor de mandar imprimir um órgão particular na typographia nacional, no mesmo typo e no mesmo papel em que se imprime o *Diario Official*... E assim tambem não consta que, por mais injustas que fossem as imputações, algum governo da monarchia tivesse a infeliz lembrança de chamar á responsabilidade a folha que articulasse contra si a mais tremenda accusação.

Essas miserias estavam desgraçadamente reservadas ao governo fanfarrão do general Floriano Peixoto, que se diz o guarda do thesouro publico, e que se inspira na *tortuosidade de seus pés* e nas *ceroulas* do contra-almirante Custodio José de Mello.

Inculcando-se ridiculamente guarda do erario publico, o sr. Floriano consente que se imprima na imprensa nacional um órgão, que figura como de propriedade particular,

consumindo papel e tinta, empregando typos, utilizando todo o material e pessoal necessarios para a publicação de uma folha diaria, sendo todo o trabalho pago pelo thesouro !

E como essa folha é destinada a exaltar os seus meritos, endeosar sua pessoa, *endireitar os seus pés* e glorificar as *ceroulas* do contra-almirante, o vice-presidente da Republica abre a porta do thesouro, por onde entram os seus thuriferarios para roubar o dinheiro nacional, com que se pagam as despezas feitas com os panegyricos dirigidos á sua *alma torta* e aos furdilhos do governo.

3 de Março de 1892.

XL

Hontem sem duvida o general Floriano Peixoto foi alvo da manifestação de apreço, que seus admiradores preparavam para *surprehendel-o ferindo o em sua reconhecida modestia*.

E' possível que se invente e se inventise qualquer pretexto para cohonestar essa explosão de enthusiasmo, de que se sentem inflammadas as almas puras de verdadeiros patriotas, que não podem conter em seus peitos os brados de admiração e de reconhecimento por tantos e tão assignalados beneficios prestados ao paiz pelo vice presidente da Republica. Ha, porém, uma circumstancia que faz a gente scismar, porque é característica de quantas manifestações se dirigem aos homens que possuem os cofres das graças e que podem distribuil-as com quem e como muito bem lhes aprouver.

Não deixa de ser curioso e singular que esse furor de manifestar-se apreço ao sr. Floriano Peixoto, só tivesse nascido e despertado iustamente quando a *sentinella do erario publico cochilára*, deixando escancararem-se as arcas do thesouro para favorecer bancos arrebetados com auxilios decretados por uma lei caduca do *nefando regimen da monarchia*. Rendeu-se afinal o guarda que estava postado á porta do thesouro para impedir os assaltos dos famigerados jogadores da bolsa! Ingenuos que somos nós acreditando que já tinham sido derogadas as leis voadas no ominoso periodo do imperio!

Ainda existem, para casos especiaes, alguns narizes de cera que assentam perfeitamente em governo de qualquer regimen, sendo pregados com geito e habilidade. O sr.

Floriano Peixoto arrotou tanta vigilância á porta do thesouro, que inculcava estar trancado com sete chaves aos especuladores da praça, sem duvida para fazer crer que os auxilios, prestados a bancos felizes, na miserissima importancia de 25.000.000\$, eram favores innocentes e a cousa mais licita deste mundo...

As folhas do Rio, fazendo sentir a ausencia do dictador no palece e de Itamaraty, annunciaram que a *sentinella do thesouro* se conservava em sua residencia da Piedade entregue ao estudo de sérios negocios do Estado. Pouco tempo depois appareceu o famoso decreto concedendo auxilios aos bancos, para obviar as difficuldades da praça assoberbada por tremenda crise financeira. Nem era de esperar outro resultado dos estudos, a que se consagrara de corpo e alma o estadista de Porto Calvo, que *deixou a calva á mostra* á torça de tanto meditar sobre os apuros em que se achavam certos bancos, que só poderiam salvar-se com essa bagatella de auxilios, que não passavam de insignificante gotta de agua tirada ao oceano nacional para matar a sede devoradora aos que se dedicam ás mais licitas e honestas especulações.

O que é verdade é que o sr. Floriano Peixoto, cansado de fazer *sentinella* ao erario publico, deixou se enternecer pelas instantes choradeiras dos que pediam em seu favor a pratica de uma das obras de misericordia.

Agora acham-se escancaradas as portas do thesouro nacional. Não será por falta de auxilios que ficarão os bancos de pernas para o ar. Renascem as esperanças perdidas. A praça exulta de jubilo e então hymnos de gloria ao consummado bom senso e immaculado patriotismo do mais *calvo* de quantos estadistas Porto Calvo tem produzido.

Ferve o mais vivo enthusiasmo e fazem explosão as mais estrepitosas manifestações de merecido apreço. Erguem-se arcos de triumpho, organisam-se batalhões de admiradores, embandeiram-se bonds, accendem-se archotes, ardem fogos de bengala, toca a charanga, forma-se o prestito, que se dirige delirante de jubilo á residencia do ex-guarda do thesouro publico.

Não faltam oradores inspirados, nem discursos arrebatadores, nem commoções, nem lagrimas, nem o classico e indeclinavel *copo d'agua*!

Trocam-se brindes calorosos, tecem se pomposos encomios, exaltam-se os meritos, enche-se e esvasiam-se taças, toca-se ao excesso, chega-se ao delirio...

O general Floriano é o heroe da festa. Todos os entusiastas entre si disputam a honra de ser cada um o primeiro a beijar-lhe os *pés*, que deixam de ser *tortos*, parecendo-lhes os mais *delicados* e mais *perfeitos* que já se tem visto em corpo humano.

Sentem apenas que sejam *dous* sómente, quando podiam ser pelo menos *quatro*, para que maior numero de bem-aventurados pudesse ao mesmo tempo cobri-los de osculos por entre os mais vivos transportes de surpresa, de admiração e de reconhecimento.

Quando o general lisonjeado por tantas expansões, deixa satisfeito escapar de seus labios tremulos de emoção um riso de prazer intimo, todos os entusiastas estremeceem radiantes de felicidade por poderem, no momento *solemne*, contemplar naquella *bocca desdentada* a mais linda, a mais perfeita de todas as *dentaduras*. Seguem-se então os *vivas do estylo* correspondidos com delirante entusiasmo.

O ultimo desses *vivas* é dedicado ao ex guarda do erario publico, que, inspirado no mais *puro republicanismo* e no patriotismo mais ardente, soube reveller a legislação do imperio e dar vigor a uma lei caduca para beneficiar a bancos amigos, que para nada prestavam por estarem de pernas quebradas.

Ao lado dos bancos reconstituídos com esses mirificos auxilios, restabelecem-se as *banças magicas*, em que se fazem fortunas assombrosas. Volta-se assim ao desentfreiado regimen da *jogatina*. Encilharam o guarda do thesouro, cujas arcas ficaram expostas ás especulações da bolsa.

Nunca nos illudimos com as pacholices do sr. Floriano Peixoto, perfeito Catão caricato, que para disfarçar sua fraqueza, se irculcava sentinella vigilante do erario publico, por cuja porta não deixaria escoar-se um ceutil da fortuna nacional em beneficio dos especuladores, que pretendiam assaltal-o.

Farcista !

Ahi estão os auxilios dados aos bancos em virtude de uma lei da monarchia, e que só aproveitarão aos amigos do peito, que prostrados aos seus *pés tortos*, empunhando o thuribulo da lisonja, incensam sua vidade, endeosam sua pessoa e glorificam seus proprios crimes !

Como é farcista esse sr. Floriano Peixoto !

6 de Março de 1892.

XLI

Hontem nesta folha foi publicada a noticia de que uma pobre mulher dera á luz no mesmo dia a tres creanças, que receberam na pia baptismal os nomes de Francisco, Antonio e Benedicto.

Esse phenomeno que rarissimas vezes se reproduz, nos impressionou profundamente, despertando-nos as mais vivas apprehensões sob diversos pontos de vista. Em primeiro lugar sentimo-nos compadecidos dessa pobre creatura, que em vez de um, era surprehendida ao mesmo tempo com o nascimento de tres filhos nesta crise medonha, em que tudo anda pela *hora da morte*, comendo um pedaço de pão que o diabo amassou.

Que difficuldade em encontrar *mamadeiras* para essas creanças, quando todas já se acham occupadas pelos *felizardos* da situação! E a que perigos estão expostas essas innocentes creaturinhas, que vieram ao mundo em *lista triplice* e como que formando *triplice alliança* offensiva e defensiva!

Se o nosso collega que deu a noticia, nos tivesse antes ouvido e consultado, nosso parecer seria contrario á sua publicação, para prevenir e evitar scenas que nos podem penalisar e compungir. O governo vive sob o dominio do medo e do terror, desconfiando de tudo e vendo sombras de conspiradores por toda a parte, pôde muito bem ser considerada *alarmante* a noticia do nascimento de tres meninos nestes tempos de deposições e de juntas governativas.

O sr. Floriano Peixoto que vive assustado e tremendo de medo, talvez queirá encherger nesse phenomeno extraordinario um mau presagio de seu proximo destino.

E não é caso para surprehender se o *trahidor de sete mezes* aterrado com esse mau agouro, tomar a resolução de mandar fazer desapparecer essa innocente *trindade*, que á sua imaginação escaldada se lhe afigura a junta que o tem de substituir no poder.

O mesmo *corpo desengonçado* que envolve a *alma torta* de Judas, pôde muito bem encerrar as entranhas lerozes de Herodes. Tudo se deve esperar desse monstro, que a fatalidade designou para dirigir os destinos do paiz.

Felizmente a pobre mulher teve a inspiração de baptisar os seus tres filhos com os nomes de Francisco, Antonio e Benedicto.

Se tivesse se lembrado de pôr em algum delles o nome de Floriano, ahi, sim, estaria irremissivelmente perdida. Esse nome nefando é um verdadeiro estigma.

Conta-se que o dr. Leite de Moraes, sendo victima de um desastre que soffreu cahindo do animal que cavalgava, e em que depositava confiança, quando recbrou os sentidos que perdera com a commoção da queda, vingou-se pondo o nome de Floriano no cavallo que traçoeiramente o lançou por terra.

Encontrando-se depois com o general Francisco Glicerio, perguntou lhe este se ainda possuia o animal denominado Floriano.

— Deus me livre, exclamou o dr. Leite de Moraes ainda horrorisado; não me fará outra! Desde que puz-lhe o nome de Floriano, atirei-o ao pasto, e lá anda elle solto em Tieté repudiado por todos que o conhecem e que por isso mesmo não o querem comprar!

E tem razão o illustre cathedratico.

Além de innumeradas provas contra o character perfido, refalsado e trahidor do Judas de Porto Calvo, acabamos de ler dous documentos que desvendam os abysmos daquella *alma torta e damnada*. Os manifestos que dirigiram á nação os srs. barão de Contendas e general José Clarindo de Queiroz, aquelle governador deposto de Pernambuco e este do Estado do Ceará, são duas formidaveis metralhadoras assestadas contra o palacio de Itamaraty, que não pôde deixar de ficar reduzido a ruínas pelo tremendo fogo que aquellas boccas vomitam,

Ambas, cada um a seu modo, fazem a autopsia desse *movito de sete mezes*, descarnando-o, revolvendo-lhe as entranhas, e expondo-as aos olhos do paiz, que cheio de pasmo e de nojo as contempla, reconhecendo que são

semelhantes ás do animal, que o dr. Leite de Moraes atirou aos pastos do Tieté.

Quem lê essas duas peças, sente-se naturalmente indignado contra esse homem-abysmo, que envergonha e degrada a raça humana. Os leitores do *Correio Amparense* julgarão por si mesmos essa natureza avessa aos sentimentos de lealdade, tendo diante dos olhos os alludidos manifestos que vamos reproduzir em sua integra.

Depois de sua leitura, estamos certos de que todos atirarão o bruto ao pasto... de Porto Calvo.

13 de Março de 1892.

XLII

O dr. Fernando Lobo ainda se conserva no ministerio, depois de vencido na *Campanha*, em que seus parentes e amigos proclamaram a divisão de Minas Geraes, estabelecendo o Estado de Minas do Sul!

O actual ministro do interior não faz mysterio de suas opiniões quanto a esse importante assumpto, sabendo todos que é elle partidario exaltado da ideia da criação do novo Estado, que gorou, levando a breca a junta governativa que formou-se na cidade da Campanha. Todas as revelações feitas envolvem e compromettem o nome do dr. Fernando Lobo, que se dizia a alma daquelle movimento sedicioso. Houve quem, fazendo parte da celebre junta, dissesse pela imprensa que indo a Capital Federal conferenciar com o governo sobre o plano de divisão de Minas, encontrara a ideia o mais franco acolhimento por parte do dr. Fernando Lobo, do general Floriano Peixoto e do contra-almirante Custodio de Mello, que a applaudiram com *delirante* enthusiasmo.

O que parece é que o sr. Floriano fez mais *uma das suas*, pondo-se de acordo com o ministro do interior e mandando fuzilar os seus parentes, que se achavam á frente do movimento em favor da fundação do Estado de Minas do Sul.

O sangue da traição gira nas veias do sr. Floriano Peixoto. A principio acoroçoava a ideia de divisão para moer o sr. Cesario Alvim, que só assim poderia ser depositado pela metade. Agora *roe a corda* ao dr. Fernando Lobo para lisonjear a vaidade do dr. Cesario Alvim.

Sempre perfido e trahidor o *aborto* de Porto Calvo.

Quando, porém, se esperava que o ministro da *campanha perdida* se mostrasse escandalizado com o procedimento tortuoso do homem dos *pés tortos*, renunciando o posto em que fôra tão tristemente ludibriado,ahi está o dr. Fernando Lobo no ministerio impassivel e imperturbavel, como se nada de importante tivesse acontecido na sua vida publica.

O que desgraçadamente vai caracterizando esta republica é a ausencia de padoi naquelles que a dirigem.

Em vão o *Jornal do Commercio* do Rio lembrou ao ministro do interior o que se passára em 1833, quando Honorio Hermeto, depois marquez do Paraná, demittiu-se do cargo de ministro por ter seu cunhado promovido a deposição do presidente de Minas, tendo o governo de então, de que ainda Honorio fazia parte, dado energicas providencias no empenho de ser punido o promotor da *bernarda*.

Não obstante essa nobre attitude que provava a innocencia do ministro cunhado, Honorio Hermeto demittiu-se para arredar de sua pessoa a responsabilidade, dando assim plena satisfação a opinião publica naturalmente escandalizada.

O paiz ficou certo de que o ministro demissionario não tinha solidariedade com o plano de deposição executado pelo seu cunhado, mas nem assim deixou o nobre mineiro de cumprir o seu dever, abandonando o posto em que poderia ser suspeito de cumplicidade, e até arrastando comsigo o seu amigo intimo, conselheiro Rodrigues Torres, que acompanhou-o saindo tambem do ministerio.

E entretanto o sr. Fernando Lobo, que tem contra si circumstancias aggravantes, depois do desastre da *campanha*, entende que lhe é decoroso continuar a ser ministro do sr. Floriano Peixoto,

Honorio Hermeto retirou-se do governo, sem que algum ousasse levantar a suspeita de sua cumplicidade com seu cunhado na deposição do presidente de Minas, ao passo que o dr. Fernando Lobo se conserva no governo, apesar de serem conhecidas suas opiniões sobre a divisão do seu Estado, e além disso saber-se que foi elle quem animou os seus parentes e amigos a proclamarem a independencia de Minas do Sul de accordo com o sr. Floriano Peixoto e Custodio de Mello, que abraçaram e applaudiram essa ideia com delirante enthusiasmo !

Sejam justos e confessemos que ao menos naquelles

tempos ominosos parecia haver nos homens publicos mais brio e mais vergonha. Só pelo mais revoltante *sem vergonhismo* se poderá explicar a permanencia do dr. Fernando Lobo no governo ao lado do sr. Floriano Peixoto, que de uma só vez trahiou a meio mundo, revelando enthusiasmo delirante pela divisão, e condemnando em seguida a criação do Estado de Minas do Sul.

O que é que pôde attrahir esses dous homens que já deviam estar separados pela revolta de sentimentos de dignidade?

Porque será que o dr. Fernando Lobo não se separa do sr. Floriano Peixoto, quando nenhuma confiança podem inspirar um ao outro?

Reproduzimos um exemplo dado em Minas no tempo da monarchia, em que o ministro do interior devia inspirar-se para pautar sua conducta na presente situação. Seja mesmo em Minas que busquemos subsidio para explicar esse apego do sr. Fernando Lobo ao sr. Floriano Peixoto.

Lembramo-nos de que Silveira Martins, deixando a pasta da fazenda no ministerio de 5 de Janeiro, estranhára que o conselheiro Lafayette continuasse a ser ministro da justiça ao lado do conselheiro S nimbú, presidente do conselho. E a proposito citou este mote, que era sempre repetido por Theophilo Ottoni :

*Os juizes desta festa
Nunca podem ficar mal.*

Um poeta mineiro glosou-o do seguinte modo :

Tenho de sella uma besta
Que quer bem ao meu cavallo :
Este só podem montal-o
Os juizes desta festa.
Ella de pello não presta,
O cavallo é tal e qual ;
Quando juntos comem sal,
Couces dão, ciumes têm,
Mas como se querem bem,
Nunca podem ficar mal.

E' no seio da propria Minas que se acha tudo quauto possa ser applicado ao dr. Fernando Lobo, que se vê

abraçado ao sr. Floriano Peixoto, apesar dos *arranhões* que tem soffrido em sua dignidade.

O antigo poeta mineiro traçou naquelle tempo o quadro, que agora se reproduz com a mais perfeita actualidade. A nós só nos resta a difficuldade na applicação da glosa, e é saber, entre o sr. Fernando Lobo e Floriano, quem é a besta e quem é o cavallo.

16 de Março de 1892.

XLIII

O acto de selvageria praticado por dous fanaticos sectarios da igreja evangelica, despedaçando no dia 25 do corrente as imagens do Crucificado collocadas nas salas do jury da Capital Federal, tem merecido da parte da imprensa e da população escandalisada a mais severa condemnação.

Deus escreve direito por linhas tortas.

O fanatismo intolerante acreditou desprestigiar por modo tão brutal a religião catholica, e só conseguiu reavivar as crenças e afervorar cada vez mais o sentimento religioso, que se tem manifestado em explosões de justa indignação, pedindo a fulminação da lei sobre os miseraveis que ousaram pôr mãos sacrilegas sobre os symbolos sagrados da nossa santa religião, affrontando as crenças de quasi unanimidade da nação brasileira. Quando o porteiro do Tribunal viu os estragos feitos na sala do jury, perguntou cheio de horror a um dos ban lidos quem praticara aquelle attentado, e o sicario respondeu frio, cynico e imperturbavel :

— Está cumprida a lei !

Sejamos justos e confessemos a verdade.

O desalmado não deixava de ter sua razão. Cego pelo fanatismo de sua seita, ignorante e perverso, tinha elle além disso o exemplo que partia das regiões officiaes, onde reside o mesmo espirito e se desenvolve a mesma anarchia.

O governo mandou eliminar das escolas publicas o ensino religioso, e retirar os symbolos sagrados, como se essas escolas não fossem frequentadas, em sua quasi tota-

lidade, por creanças pertencentes a familias catholicas. O governo decretou a precedencia obrigatoria do casamento civil, cominando penas aos sacerdotes que tivessem a ousadia de cumprir o seu dever, celebrando cerimoniaes religiosas antes daquella formalidade.

O governo decretou ainda a incapacidade politica a uma corporação, prohibindo que os padres fossem votados para cargos de eleição popular. Não na muito o tenente Tasso Fragoso, famigerado inter-lente municipal do districto Federal, propoz e foi aceito que se retirasse do Paço Municipal a imagem de São Sebastião, padroeiro da cidade, assim como a imagem de Nossa Senhora da Piedade do necroterio.

Abriu-se em todos os actos da vida publica o juramento sagrado, sendo substituido pelo compromisso de honra.

Separada a igreja do Estado, entenderam os demolidores que deviam riscar do coração do povo brasileiro todo sentimento religioso, eliminar de seu espirito toda idéa de Deus, destruindo os symbolos da religião catholica e introduzindo as formulas ridiculas do positivismo, que pretende no governo do paiz traçar normas e impor leis, suffocando as creanças, violentando as consciencias, revoltando os sentimentos e abatendo os estímulos da quasi totalidade do povo brasileiro.

Foram sem duvida esses exemplos tristissimos, que impressionaram o espirito do malfeitor evangelico, que julgou-se autorizado a despedaçar as imagens do Christo, afim de que fosse cumprida a lei!

Quando sob este regimen de legalidade se commettem crimes quasi identicos por inspiração do governo e em obediencia e homenagem á manifestação da vontade e ás explorações da coheira popular, não é de admirar que um inteliz, com a mente desvairada pelo fanatismo de seita e com a razão abismada nas trevas da ignorancia, perpetre semelhantes attentados convicto de que tem o direito de fazer cumprir a lei por sua alta recreação.

Se o sr. Floriano Peixoto teve o cynismo de depor tantos governadores, dissolver tantos congressos, rasgar tantas constituições, aniquillar tantos Estados, tyrannisar tantas consciencias e commetter tantos crimes em nome da *legalidade restaurada*, não é para surprehender que um miseravel instrumento do odio de seita se arrojasse contra as imagens de Jesus Christo, espatifando-as brutalmente para saciar sua vingança.

Haverá quem possa estranhar essas cousas em um paiz e sob um regimen, em que o governo obedece infamemente á intimação que lhe fazem simples estudantes, exigindo e impondo a aposentadoria de lentes que incorrerem nas suas iras?

Tudo se tem visto no dominio dessa Republica prostituida, que deshonra a patria brazileira e envergonha os mais sinceros republicanos.

Meia duzia de officiaes reune-se por ordem do sr. Floriano Peixoto, e resolve mudar a situação de um Estado, intimando ao respectivo governador que resigne o seu cargo, e aclamando-se em nome do povo uma junta governativa para dirigir os seus destinos.

No Rio Grande do Sul, por occasião de funcionar o tribunal da Relação, discutindo uma ordem de *habeas corpus*, que fôra impetrada, alguns vagabundos interromperam ao desembargador que orava, expendendo e justificando sua opinião.

O desembargador protesta energicamente contra semelhante intervenção estranha e indebita, que concorria para perturbar a ordem dos trabalhos do tribunal.

Aquelle *povo soberano* scandalizou-se, e partindo para palacio impoz ao governador a dissolução daquelle tribunal por não merecer a sua confiança.

E o governador obedecendo docilmente á intimação e rendendo homenagem á manifestação da *vontade popular*, decretou immediatamente a dissolução do tribunal da Relação!

O sr. Floriano Peixoto nomea governadores no Rio para serem *aclamados* nos Estados pela voz do povo, que nem assiste a essas orgias, retrahindo-se triste e envergonhado diante de tanta protervia e de tanta depravação.

O unico responsavel por todos esses escandalos que se praticam e por todos esses crimes que se commettem, é esse homem fatal, perverso e sanguinario, que tem plantado a anarchia em todo o paiz, pervertendo todos os principios, açulando todas as paixões, excitando todos os odios, alarmando todas as consciencias, autorizando todos os attentados, applaudindo todos os morticínios, animando todos os crimes e armando o braço de todos os sicários para massacrar o povo e profanar todas as cousas sagradas.

Não ha crime, por mais hediondo, de que o sr. Floriano Peixoto não seja réu ou não tenha se constituido

cumplice. Sobre sua cabeça maldita pesam todos os anathemas, fulminados pelas victimas de seu genio satanico e de suas entranhas de fera.

E' preciso que o povo, para castigo desse monstro, o agarre pelas orelhas, o conduza para a praça publica e lance-lhe na face horripilante o escarro do desprezo nacional.

31 de Maio de 1892.

XLIV

O sr. general Floriano Peixoto está se revelando tal qual é, incapaz e inepto.

A publicação dos telegrammas expedidos por s. exc. ao visconde de Pelotas e ao general Barreto Leite é o testemunho mais eloquente e a mais inequívoca prova do que acabamos de avançar.

Eis os telegrammas :

« Visconde de Pelotas.—Fico inteirado de terdes assumido o governo desse estado e faço votos para que com vosso prestígio possaes, sem o menor abalo, fazer com que o Rio-Grande entre definitivamente no regimen da tranquillidade e da segurança publica. Como sabeis, achase a frente das forças federaes nesse Estado um dos nossos mais distinctos camaradas, general que ao seu reconhecido merito reune a qualidade de ser uma garantia para a Republica. Confio que elle saberá cumprir com seu dever e não intervindo na politica local e limitando se ao papel que lhe cabe nos termos da Constituição Federal.

Saudo-vos.—*Floriano.*»

« Ao general Barreto Leite.—Sentindo que vos tenhais visto na contingencia de resignar o cargo de governador desse Estado, onde tão bons serviços prestastes com o vosso espirito recto e conciliador, não posso entretanto acceitar a recriminação que fazeis ao meu governo pelo retardamento das providencias que dizeis ter pedido no empenho de manter a ordem e assegurar victoria, pensamento politico que representais.

Tenho consciencia de que para manter a ordem publica

nesse Estado, meu principal objective, nunca vos recusei meu concurso, como não recusarei a quem quer que seja que pelas alternativas da politica for collocado na direcção de seu governo; e o que farei até onde chegarem minhas attribuições. Concluindo devo vos declarar que, desprendido completamente interesses politicos, nada mais quero, nada mais aspiro do que a consolidação da Republica, o prestigio da auctoridade e o respeito á lei.—*Floriano.*»

Como se vê, o sr. Floriano Peixoto, saudando ao visconde de Pelotas, por ter assumido o governo do Estado do Rio Grande do Sul, não se sabe em nome de que principio, teve o cuidado de lembrar-lhe que á frente das forças federaes naquelle Estado se achava um general que ao seu reconhecido merito reúne a qualidade de ser uma garantia para a Republica.

Ao bom entendedor meia palavra basta.

Essa referencia lisonjeira ao commandante geral das forças federaes no Rio Grande do Sul envolve sem duvida uma ameaça ao novo governador, a quem se pretende dizer que, se não obedecer ás inspirações do centro, ficará sabendo que o general Bernardo Vasques é uma garantia para a Republica.

E' curioso e engraçado que o chefe do Estado faça votos para que o sr. visconde de Pelotas com o seu prestigio possa, sem o menor abalo, fazer com que o Rio Grande entre definitivamente no regimen da tranquillidade e da segurança publica. Isto quer dizer simplesmente que os srs. dr. Barros Cassal e general Barreto Leite não tinham prestigio para realizar esse desideratum, e por isso o Rio Grande não tinha podido entrar definitivamente no regimen da tranquillidade e da segurança publica.

Pelo telegramma expedido ao sr. Barreto Leite, vê-se que este, communicando que havia resignado o cargo de governador, fizera recriminações ao governo federal pelo retardamento das providencias pedidas para manter a ordem e assegurar a victoria do pensamento politico, que o mesmo general representava no Estado do Rio Grande do Sul. Mais um desilludido, reconhecendo a falta de sinceridade do general Floriano Peixoto, que, mandando publicar o telegramma do governador resignatario tornou publico o *sabonete* que este lhe passára, exprobando a demora das medidas solicitadas para manutenção da ordem.

O paiz ficou sabendo que a causa da retirada do general

Barreto Leite do governo foi a falta de providencias, que o sr. Floriano Peixoto não quiz tomar, afagando sem duvida o pensamento de mudar as figuras do palacio do Rio Grande, substituindo-as por outras que melhor se prestassem a seus planos de conquista.

Que se dêsse essa troca de telegrammas entre o governador resignatario que desembuchou, e o chefe do Estado que se defendeu exaltando suas virtudes, não ha que estranhar, porque cada um estava no seu direito. O que, porém, não se justifica é que o sr. Floriano Peixoto commettesse a inepticia de dar a conhecer ao publico o que se passára na intimidade por meio do fio electrico.

No manifesto dirigido ao Estado, o general Barreto Leite teve a delicadeza de occultar a causa verdadeira de sua renuncia. Entretanto o vice-presidente da Republica não teve acanhamento de apresentar-se em publico com a cara *ensaboada*, dando desculpas de *papa terra* e justificando-a com *razão de cabo de esquadra*.

O sr. Barreto Leite viu-se obrigado a resignar o poder, mas não deixou de dar uma *esfregação* no governo, tornando-o responsavel pelo retardamento das providencias necessarias para manter a ordem e assegurar a victoria do pensamento politico que representava no Rio Grande do Sul. Quem, no meio de tudo isso, se mostra quieto, como se não lhe tocasse por casa é o sr. Antão de Faria, que não se dá por achado, e que nem se lembra mais dos seus amigos que acabam de ser enxotados do poder por manobras do vice-presidente da Republica.

Seja, porém, como fór, o que não padece duvida é que a situação do Rio Grande é das mais melindrosas e arriscadas. Apesar do prestigio do sr. visconde de Pelotas, os animos não se acham tranquilllos, nem assegurada a paz naquelle Estado. Pronunciam-se certos symptomas ameaçadores, que trazem em sobresalto toda aquella população agitada.

O sr. visconde de Pelotas que aguenta-se no balanço. Se contar com a lealdade do general Floriano Peixoto, estará irremissivelmente perdido.

Esse homem está fadado a atraçoar o mundo inteiro.

Cautela, visconde!

Prepare o *sabonete*!

15 de Junho de 1892.

XLV

Impagavel Fernando Lobo !
Delicioso ministro da guarda nacional !

No furor de que está possuido de reorganisar essa milicia destinada a de'ender a Republica e garantir a integridade da patria, nem es mortos escapam á acção demolidora do incomparavel secretario da pasta de todos os negocios. Quando é necessario abrir vaga p'ra aproveitar uma vocação bellicosa, o sr. Fernando Lobo empunha a durindana da justiça e decepa a cabeça dos mesmos adversarios que já não existem.

O homem do interior, da instrucção publica, da justiça, da hygiene e de outras cousas mais, é terrivel em seu furor e inexcedivel na sua coragem !

Tinhamos lido muita cousa interessante sobre o *amnestiado* da Campanha, mas não queriamos dar credito a tudo quanto se lhe attribuia. Agora, porém, ficámos conhecendo sua força, achando que é pouco tudo que se diz a seu respeito, porque realmente o secretario do sr. Floriano Peixoto é capaz de... todas as asneiras !

Quem lê os actos officiaes do ministro *separatista*, sente se tomado de pavor, porque o *terrivel* não poupa nem os proprios mortos, reformando-os nos mesmos postos que occupavam em vida.

Que damnado !

Não se pense que inventamos para ter o prazer de *troçar* o general commandante em chefe da guarda nacional dos Estados Unidos do Brazil. Nem ao menos ha exaggeração da nossa parte. Nos ultimos actos praticados

pelo sr. Fernando Lobo lemos o seguinte que nos faz arripiar os cabellos :

« Comarca do Amparo. — Foi reformado no mesmo posto, o tenente-coronel commandante do 28º batalhão de infantaria *Antoo Pires de Godoy Jorge.*»

Esse distincto cidadão, que figurou na politica da terra como chefe do partido liberal, falleceu em Marco de 1890 ! E entretanto o furibundo ministro, profanando as cinzas do illustre morto, teve a crueldade de reformal-o no mesmo posto, sem querer dar-lhe o merecido accesso.

Que vingança pequenina !

Assim como os mortos são reformados por castigo, quantos cadaveres não serão promovidos por merecimento ! Sendo assim, pode dizer-se que a guarda nacional do sr. Fernando Lobo es'á cheirando a defuncto. Principia pelo proprio ministro, que já se acha em adiantado estado de decomposição. Não ha muitos dias o tenente-coronel Manuel Cotta deiteu-lhe uma pá de terra sobre a sepultura, á beira da qual o general Estevão Ferraz entouu-lhe uma especie de *memento*.

Como se sabe, o sr. Fernando Lobo tirou-se dos seus cuidados e suspendeu por tempo indeterminado o tenente-coronel Manuel Cotta do exercicio do commando do 8º batalhão de infantaria da guarda nacional do Districto Federal. A victima immediatamente reclamou contra a prepotencia do sanhudo ministro, a quem o sr. Floriano Peixoto dirigiu uma carta passando-lhe forte reprimenda e ordenando-lhe que reconsiderasse o seu acto.

O sr. Fernando Lobo fez-se de valente e resistiu á ordem do vice-presidente da Republica. O pobre ministro foi escovado em regra nas columnas d'*O Paiz*, que o trouxe de canto chorado.

Suppunha se que o animal tinha tomado o freio no dente e que não havia quem o pudesse conter na disparada. O sr. Floriano Peixoto, porém, geitosamente amaciou o pello do bruto, passou-lhe o barbicacho e o fez parar, *desmanchando a differença*. Quando menos se esperava, eis que apparece o decreto de 44 do corrente, reintegrando no exercicio do respectivo cargo o tenente-coronel commandante do 8º batalhão de infantaria da guarda nacional Manuel Cotta. Se o ministro tinha de ceder á intimação do chefe do Estado porque não o fez logo ?

Parece ter querido imitar aquelle animál que só liz empaca, quando é fortemente esporeado.

Agora veja-se a troça que o commandante superior general Estevão Ferraz e o tenente-coronel reintegrado fizeram quando foi publicado o acto do sr. Fernando Lobo.

O general fez baixar a seguinte ordem do dia :

« Tendo sido por decreto de hontem, publicado no *Diario Official* de hoje, reintegrado no exercicio do respectivo posto o tenente-coronel commandante do 8º batalhão da guarda nacional, sob meu commando, Manuel Cotta, congratulo-me com toda a corporação, especialmente com o referido 8º batalhão, pela satisfação com que recebe em seu seio tão dedicado e patriótico cidaão.—*Estevão José Ferraz*, general de brigada.»

O tenente-coronel Manuel Cotta, ao reassumir o commando do seu corpo, debecchou o ministro do seguinte modo :

« Commando do 8º batalhão de infantaria da guarda nacional da Capital Federal.—Ordem do dia n.—Em cumprimento da ordem do dia n. 32, publicada hoje, e determinação verbal do digno general Estevão Ferraz, commandante superior da guarda nacional, reassumo o commando deste batalhão do qual fui dispensado por decreto de 15 de Junho preterito. O patriotismo, primeiro sentimento que deve encaminhar todos os actos da guarda nacional, impõe-lhe o dever de respeitar, sem discussão, sem objecções, as auctoridades legalmente constituidas, e cumprir fielmente as ordens dellas emanadas.

« Sois testemunha de que sempre recommendei a mais completa abstenção da politicagem e a exacta observancia ás determinações dos nossos superiores, em prol da paz e tranquillidade da familia brasileira e consolidação das instituições republicanas.

« Ao reassumir o commando do 8º batalhão, confirmo todas essas minhas recommendações anteriores, aos officiaes meus amigos, que ufano-me em suppor o são todos, patenteando-lhes o meu reconhecimento pelas delicadas attentões de que me tem cercado, em todos os tempos. Com o fito sempre no bem estar de nossa querida patria, na felicidade da familia brasileira, na estabilidade e firmeza imperterrita das instituições republicanas, tendo a justiça por guia, a disciplina por norma, e a pureza de nossas consciencias por tribunal elevado, poderemos esperar que esta democratica instituição venha preencher, em época muito proxima, os seus nobres e alevantados intuitos. O honrado general, que actualmente nos dirige, nos ensina

e nos manda, sabe ensinar, sabe dirigir e sabe mandar. Sejam disciplinados, sejam patriotas, sejam cidadãos republicanos como o nosso illustre chefe.

« Camaradas! A patria precisa que vos conserveis, pelo vosso respeito ás leis, pelo vosso civismo, pelos vossos esforços, promptos a prestar-lhe qualquer auxilio que ella venha a carecer nas circumstancias penosas e difíceis da sua reorganisação.

« Viva a Republica Brasileira !

« Viva o marechal vice-presidente da Republica !

« Viva a guarda nacional !

« Viva o general commandante superior !

« Capital Federal, 12 de Julho de 1892.—*Manuel Cotta*, tenente-coronel commandante.»

Ora todos comprehendem que esses vivas, soltados com tanto enthusiasmo pelo sr. Manuel Cotta querem simplesmente dizer :

—Morra o sr. Fernando Lobo !

E é por isso sem duvida que esse ministro, que já fede a cadaver, está desenterrando os mortos para reformal-os nos mesmos postos.

Certamente ficaremos com uma guarda nacional de defunctos.

16 de Julho de 1892.

XLVI

O sr. vice-presidente da Republica recebeu da Bahia em data de 12 do corrente o seguinte telegramma :

« Posso asseverar-vos que é inteiramente falsa a publicação do jornal *O Paiz*, annunciando deposição em projecto, do governador, sendo esse acto criminoso sustentado por forças federaes. Cidade plena paz.

« As forças federaes, muito disciplinadas, só obedecem á minha voz. Não me presto a manejos politicos ; conheço minha posição e sei fazer respeitar-me, como fazeis justiça prévia ao meu character. O governador Rodrigues Lima, correcto até hoje, mantém commigo as melhores relações de estima e confiança.—Saudo-vos.—General *Lima e Silva*. »

E' bem possivel que os leitores não se lembrem mais desse general *heroe de mil batalhas*, que com tanta arrogancia diz agora não prestar-se a manejos politicos, conhecendo sua posição e sabendo fazer-se respeitar. Pois o sr. Lima e Silva é aquelle mesmissimo que no Rio Grande do Norte, como commandante do 35º batalhão de infantaria, depoz, prendeu e deportou o governador dr. Miguel de Castro, que além de tudo é deputado federal pelo mesmo Estado.

Tendo adherido ao golpe de Estado de 3 de Novembro por telegramma dirigido ao marechal Deodoro, a quem felicitava pelo acto patriotico que acabava de praticar dissolvendo o congresso, esse celebre general mantinha as mais cordeas relações de estima e confiança com o dr. Miguel de Castro, a quem na vespera de sua deposição promettera o mais decidido apoio.

E' prudente que o dr. Rodrigues Lima, governador do Estado da Bahia, não se fie muito nessas seguranças por parte do general Lima e Silva, que pôde facilmente mudar de sentimentos, quando menos se esperar, obedecendo a outros impulsos e seguindo outras inspirações.

Esse telegramma dirigido ao vice-presidente da Republica não deve tranquillisar o dr. Rodrigues Lima, porque nem o sr. Lima e Silva nem o sr. Floriano Peixoto podem inspirar confiança pelo que dizem e pelo que escrevem.

Elles lá se entendem a seu modo, sendo mais seguro que ninguém jure na palavra desses dous heroes, que quanto mais asseveram, tanto mais longe estão de ser acreditados. O sr. Lima e Silva no Rio Grande do Norte não se prestou somente a manejos politicos, serviu de instrumento áquelles que mais o depreciavam e enxevalhavam.

Foi elle quem restabeleceu no poder o dr. Pedro Velho que em outros tempos escrevia a um seu amigo, pedindo instantemente que fizesse retirar do commando do batalhão aquella verdadeira *pustula*. O sr. Lima e Silva não podia ignorar o juizo que o dr. Pedro Velho formava a seu respeito, e entretanto prestou-se a levantar sua influencia official no Estado, concorrendo com as forças federaes sob seu commando para depor o dr. Miguel de Castro, com quem mantinha as melhores relações de estima e confiança. Já se vê que a palavra de um general, que falta assim aos seus compromissos de honra, não tem valor algum, não merece fé e muito menos inspira confiança.

Desgraçadamente, porém, são esses os typos que figuram nas culminancias dessa republica podre e corrompida. Sob este regimen falsificado, é preciso repetil-o á saciedade, tem-se praticado escandalos que nunca se viram nos tempos ne'astos da monarchia.

Ainda agora no seio da camara repetiu-se um desses com a mais revoltante connivencia do governo federal. O dr. Pedro Velho, que foi elevado ao poder pela intervenção de uma *verdadeira pustula*, segundo o seu proprio juizo, entendeu que devia presentear ao seu delicioso irmão Augusto Severo com uma cadeira de deputado no congresso federal.

A eleição do irmão do governador era evidentemente nulla, porque o felizardo, no tempo do sr. marechal Deodoro, obtivera o privilegio de um engenho central com garantia de juro pelo Estado. No seio da commissão de verificação

de poderes foi allegada e provada essa incompatibilidade manifesta e incontestavel.

A maioria da commissão, porém, que é governista e como tal disposta a albardar tudo, considerou legitima essa eleição fraternal, despresando a incompatibilidade resultante do privilegio com favores pecuniarios do Estado. O deputado Milton deu parecer em separado annullando essa eleição sob todos os pontos de vista escandalosa.

Travou-se o debate no seio da camara, sendo tão brilhante a sustentação do voto em separado pelo deputado bahiano que parece ter a maioria se convencido da incompatibilidade arguida ao candidato irmão do governador.

Estando a questão nesse pé, lembrou-se um alchimista da camara de suggerir um meio de sanar as difficuldades, não menos immoral do que a propria eleição. Se o candidato *privilegiado* desistisse dos favores, que o decreto de concessão lhe assegurava, a camara poderia licitamente reconhecer o deputado, porque assim desapparecia o principio da incompatibilidade!

E o irmão Severo correu á secretaria da agricultura, *desistiu* nas mãos do sr. Serzedello, que apressou-se a lavrar o decreto de *desistencia*, enviando o ainda *fresquinho* ao vice-presidente da Republica para assignal-o e remettel-o á mesa da camara dos deputados.

No antigo regimen commetteram-se muitas patifarias em materia eleitoral, mas essa de tão grosso calibre estava reservada ao regimen da legalidade. O principio que sempre deminou, era a annullação dos votos, que recahiam sobre o candidato incompatibilisado. A incompatibilidade produzia seus effeitos no acto da eleição, e tornava-se effectiva na verificação de poderes.

Agora a hermeneutica é outra.

Qualquer *desistencia* posterior *faz alliviar* o candidato da incompatibilidade, que o tornava incapaz de receber os suffragios de seu irmão governador. O sr. Augusto é Severo no nome, mas pouco escrupuloso nos meios de occupar uma cadeira no congresso nacional. Além desse privilegio concedido pelo governo federal, o candidato irmão do governador é concessionario de outros no Estado que pretende representar.

O sr. Floriano Peixoto e o sr. Serzedello concorreram para ferir de morte a lei eleitoral, que estabeleceu a incompatibilidade para aquelles que gosavam de favores do Estado,

O candidato pouco *severo desistiu* para poder entrar na camara. *alliviado* do peso Jaquella tremenda incompatibilidade legal, que o privava de promover a felicidade de seu Estado e assegurar a gloria de sua familia privilegiada. No tempo da monarchia tivemos as camaras dos *Fagundes* e dos *Servis*, que fizeram as delicias dos amigos da troça.

Agora sob este regimen da legalidade temos a camara dos *Severos* que *desistem* antes de entrarem para o recinto !

Que a *desistencia* lhes faça bom proveito !

31 de Julho de 1892.

XLVII

E possível que haja quem nos considere exagerados, quando expomos o lado ridículo da desgraçada situação em que se acha o paiz.

Os idolatras do marechal Floriano Peixoto, no empenho sem duvida de modificar a horrivel impressão que a perversidade do despota tem {causado no espirito nacional}, arranjaram uma scena em que elle apparecesse como homem de coração, capaz de enternecer se com os infortunios alheios, amigo e protector das creanças desvaldas.

Quando lemos na *Gazeta de Noticias* a exposição desse episodio, que o *O Paiz* denominou tocante, comprehendemos logo que se tratava de uma verdadeira *farça* mal arranjada, característica do regimen da fraude e da patarçada, que por escarneo se chama *regimen da legalidade*. A estranha appareição de um menino no palacio Itamaraty, implorando a protecção do sr. Floriano Peixoto, na occasião em que a este se dirigiam felicitações pelo movimento de 23 de Novembro, mereceu da imprensa fluminense os mais pomposos encomios, que se fizeram estender á *delicadeza de sentimentos* do vice-presidente da Republica.

O *Diario de Noticias*, cheio de enthusiasmo por esse acontecimento, depois de encarecer os meritos da creança chamando-a de esbelta, alegre, intelligente e desembaraçada, que não se atrapalhava com os ceremoniaes que então se realisavam, concluiu por este modo :

« Só desejames, applaudindo o procedimento do illustre chefe do governo, que ao pequeno de hontem esteja reservado um brilhante futuro.»

Parece incrível que a nós, pobres *jornalistas da roça*.

não escapasse o lado burlesco dessa scena que á primeira vista se revelava de um ridiculo irresistivel, quando a certos órgãos illustrados do jornalismo fluminense se afigurava de uma belleza tocante e incomparavel !

O menino, porém, se encarregou de *borrar a pintura* desse quadro, que os *farcistas* tinham preparado para produzir sensação. Causou nos especie que essa creança não se tivesse assustado nem se puzesse a correr com o choque das *caricás* que lhe fizera o *bacharel* Floriano Peixoto. Menino de coragem, dissemos nós ! Agora podemos accrescentar :— menino das *arabias* !

E para que os nossos leitores não supponham que estamos a phantasiar, ridicularizando cousas sérias, vamos reproduzir o que sob o titulo—*menor que promette*—escreveu o *Jornal do Commercio*, do Rio nos seguintes termos :

« Ante-hontem, por occasião do cortejo no palacio do governo, apresentou-se um menor de nome Manuel Lucio Marques ao sr. marechal presidente da Republica, solicitando de s. exc. protecção para ser remettido para o seio de sua familia, residente no Pará, ou então para ser admittido como alumno no Collegio Militar. O sr. marechal entregando-o aos cuidados do seu official de gabinete, ordenou que elle fosse inclaido naquelle collegio. Hontem pela manhã *evadiu-se* o menor da casa do sr. official de gabinete. Mais tarde compareceu na repartição da policia Maria A. Fialho, moradora á rua do Lavradio n. 76, dizendo ser a mãe do menor Marques, cujo verdadeiro nome era Joaquim Faria Blanco. Disse Maria que seu filho havia estado em sua casa hontem mesmo, tendo-lhe subtrahido um anel e uma pequena quantia, desapparecendo em seguida. O dr. 1º dslegado auxiliar já providenciou sobre a prisão de Blanco.»

Essa creança *esbelta, alegre, intelligente e desembaraçada* não merece prisão por esses *brinquedos* proprios de sua idade.

Severo castigo merecem aquelles que a induziram e engajaram para representar esse papel. Uma das duas : ou esse menino foi indastriado para dar occasião a que se manifestassem os sentimentos delicados do sr. Floriano Peixoto, ou por si mesmo concebeu o plano de debochar as festas commemorativas do *encalhe do Riachuelo e do desastre das ceroulas* do sr. Custodio de Mello. No primeiro caso devem ser castigados os que abusaram da vivacidade da creança para illudir a ingenuidade da velhice imbecil.

Se, porém, foi o menino quem se lembrou de arranjar e pôr em execução aquella scena comica, merece elle pomposo elogio em ordem do dia, sendo até distinguido com os bordados de *general de brigada*.

E' preciso comprehender que se trata de uma creança de 10 a 12 annos de idade, que teve a inspiração de apresentar-se no palacio do governo, em occasião de cortejo official, para debicar os *maiores* da Republica, commovendo e enternecendo a todos com a narrativa de seus infortunios a ponto de arrancar afagos e caricias do coração empedernido do *bacharel* Floriano Peixoto.

Seja, porém, como fór, o que está provadissimo é que esse menino é um verdadeiro prodigio. Ou tivesse elle servido de instrumento para representar uma scena de effeito, ou tivesse obedecido a suas proprias suggestões de *trocista* prematuro, não podemos deixar de admirar o seu soberbo talento e sua assombrosa vocação para o genero debochativo.

O menino Blanco ou é um suggestionado ou um inspirado. Onde, porém, esse menino se revelou mais admiravel foi na lembrança que teve de apresentar-se no palacio Itamaraty dizendo-se natural do Pará.

Adivinhando sem duvida que o sr. Floriano, pela elasticidade de seu character, aprecia tudo o que vem da terra da *borracha*, o menino procurou tocar nessa corda sensivel inculcando-se conterraneo do sr. Sezerdello Corrêa!

Felizmente para poupar mais essa vergonha ao paiz, o corpo diplomatico estrangeiro não compareceu ao cortejo, deixando de testemunhar essa scena degradante, em que o chefe do Estado servia de ludibrio ao espirito trocista de uma creança de 10 annos!

Se o corpo diplomatico tivesse estado presente, seria o caso de dirigir ao *bacharel* Floriano Peixoto uma nota collectiva intimando o a resignar o poder por incapaz e ridiculo.

Imbecil!

Até as creanças o debocham e se divertem á sua custa!

29 de Novembro de 1892.

XLVIII

Não disfarçamos as sympathias que nos desperta o movimento revolucionario que se opera no Estado do Rio Grande do Sul.

O governo está dando o mais triste signal de fraqueza, fazendo espalhar que os patriotas que dirigem essa campanha libertadora, attentam contra as instituições republicanas, obedecendo a intuitos de restauração monarchica.

Dessas constantes imputações cavilosas têm vivido os homens da *legalidade*. Nem por sombra alludem aos massacres que tem havido no Rio Grande do Sul, causando assombro e horror á população, que fugia espavorida para a terra estrangeira afim de escapar á sanha feroz dos dominadores. Occulta-se propositalmente esta gravissima circumstancia que é a base capital da revolução, para imaginar-se planos restauradores com o fim de provocar as coleras *legalistas* contra os salvadores de sua patria opprimida.

A principio fingiam que não davam importancia aos boatos de invasão, alardeando uma força e prestigio que realmente não possuíam, e com que acreditavam poder atemorisar os federalistas que estavam se organisando na fronteira.

Além disso o governo, pelo *Diario Official*, desmentiu cathegoricamente esses boatos, affirmando que o Estado se achava em completa paz, que só na mente dos especuladores poder-se-hia considerar perturbada.

Dizia-se em tom de desprezo que os emigrados estavam desmantelados, sem armamento, sem recursos, sem elementos de qualidade alguma, accrescentando-se a circumstancia

notavel de profundas divergencias entre seus chefes, que por isso se viam impossibilitados de combinar um plano de ataque definitivo. Em quanto, porém, se divulgavam essas mentiras officiaes e officiosas, os embaixados se arregimentavam convenientemente preparando-se para a grande luta, a que eram arrastados pelo patriotismo que os inspirava.

Ainda diante dessa perspectiva de revolução, se repetiam as scenas mais desoladoras de latrocinios e assassinatos, praticados impuamente em nome da *legalidade*, lançando o susto e o terror no seio das familias rio-grandenses, victimas de brutal canibalismo, expostas ao furor dos *legalistas*, condemnadas á miseria e á deshonra, abandonadas aos instinctos ferozes de seus implacaveis perseguidores.

Nas regiões do poder não existiam nem o espirito de justiça nem os sentimentos de humanidade. Todos os olhares se voltavam cheios de confiança para os lados da fronteira, onde se agglomeravam os expatriados que deviam ser um dia os vingadores das victimas de tantas atrocidades. A onda foi crescendo, avolumando-se com as lagrimas dos desherdados da sorte, formando-se legiões de patriotas, que intrepidamente se atiraram no campo de batalha para libertar seus irmãos opprimidos, esmagar o despotismo, salvar a Republica e vingar a humanidade.

Atordoados, porém, com esse successo, com que imbecilmente não queriam contar, recorrem á velha tactica de desvirtuar os sentimentos que o inspiram e que todos conhecem, attribui-lo-o parvamente a plânos de restauração. E' preciso notar que nesse movimento patriótico acham-se empenhados muitos distinctos republicanos, que não concorreriam com os seus esforços e com a sua bravura para o aniquillamento do novo regimen e restauração da monarchia.

Despachos expedidos calculadamente denunciam que o armamento apprehendido na lancha *Carmelita* fôra comprado com dinheiro fornecido pelos monarchistas de São Paulo... Isso, além de parvo, é irrisorio. Como se poudesaber que aquelle determinado armamento fôra adquirido com dinheiro enviado deste Estado?

Outro telegramma diz que o dr. Antão de Faria chegando a Porto-Alegre, aconselhára a seus amigos que se retrahissem visto como Barros Cassal tinha descoberto no plano da revolução intuitos restauradores!

E entretanto esse despacho é desmentido pelo proprio dr. Antão de Faria !

Depois de tudo isso apparece a palavra solemne do sr. Floriano Peixoto, que respondendo á commissão de republicanos que foram ao Itamaraty offerecer seu apoio ao governo na actual emergencia, podia affirmar que os inimigos da patria, na sua maioria estrangeiros, empunhavam a bandeira restauradora !

Esta affirmação do vice presidente da Republica, além de cavilosa, é temeraria, porque, fazendo uma imputação que não é acreditavel, envolve ao mesmo tempo offensa gravissima a duas nações que pelo menos officialmente se consideram amigas. Esses estrangeiros que o sr. Floriano Peixoto affirma constituirem a maioria do movimento revolucionario, só podem pertencer ás Republicas Argentina e do Uruguay. E' engraçado attribuir a republicanos nacionaes e estrangeiros pensamento de restauração monarchica. Além de que, diga-se a verdade nua e crúa, a palavra do sr. Floriano Peixoto nem merece fé nem inspira confiança. Todos se devem recordar da repugnante farça de 12 de Abril, em que o chefe do Estado representou o papel de protagonista, simulando um plano de conspiração para pder desterrar seus adversarios.

E' por isso que sentimo nos tomados de verdadeiro assembro quando vemos o dr. Luiz Murat, pondo se ao serviço do sr. Floriano Peixoto, inspirar-se nas palavras por este pro'eridas á commissão que foi apresentar-lhe a moção *votada por mais de mil republicanos*. Convém reproduzir o que disse o dr. Murat, que enternecido foi ajcelhar-se aos *pés tortos* do vice-presidente da Republica :

« As palavras pronunciadas hontem pelo chefe do Estado á commissão encarregada de entregar-lhe a moção votada por mais de mil pessoas, deixam claramente sentir a todos os patriotas que graves acontecimentos se preparam infensos á Republica. Se s. exc. o disse é porque, de facto, os monarchistas estão machinando nas trevas.»

E é o dr. Luiz Murat quem jurando nas palavras do sr. Floriano Peixoto, chega a uma conclusão dessa ordem

Logo, concluimos tambem por nossa vez, é verdade tudo quanto o vice-presidente da Republica attribuiu ás victimas desterradas pelos acontecimentos de 12 de Abril. Se o valor moral das palavras do sr. Floriano Peixoto relativas aos movimentos do Sul é tal que faz o sr. dr. Murat renegar o seu passado para pôr-se ao serviço do governo,

nesse caso foi o illustre patriota injusto quando poz em duvida o que disse elle com relação aos *conspiradores* de 12 de Abril.

Quem o poderia prever ?

Já o marechal Floriano Peixoto serve de oraculo ao dr. Luiz Murat. E é tal o enthusiasmo que o inflamma, tão fervoroso o culto que rende ao novo idolo, que chega a acreditar no rasgo de patriotismo do chefe do Estado, declarando-se disposto a morrer pela Republica.

O dr. Luiz Murat tambem offerece em holocausto o seu sangue, contanto que as instituições se consolidem e fructifiquem, para gozo, honra e gloria do sr. Floriano Peixoto, a cujo lado se acha, e com quem abraçado deseja descer á sepultura !

Não lhe invejamos o gosto !

4 de Março de 1893.

XLIX

A última eleição precedida no Districto Federal veiu ainda uma vez demonstrar a impopularidade de que cerca o governo do marechal Floriano Peixoto.

Não ha arma mais tremenda do que a do desprezo publico, revelado nessa abstenção do eleitor do de toda a parte nos comicios eleitoraes. Como é expressiva e esmagadora essa condemnação fulminada sobre o governo federal pela população do Rio de Janeiro. Em uma cidade que conta para mais de 500 mil almas, formando uma circumscripção acima de 30 mil eleitores, só concorrem ás urnas 1500 e poucos cidadãos, obtendo o governo o ridiculo resultado de 841 votos!

Não se póde crer que no Districto Federal só existam 1500 e poucos republicanos, porque, se assim fosse, o novo regimen estaria alli redondamente condemnado. O que se deve acreditar é que os proprios republicanos do Rio não querem sancionar, em sua presença e com o seu voto nos comicios eleitoraes, os erros e crimes desse governo desprestigiado, que pretende á força impôr-se á consciencia nacional, que o detesta e o repelle.

Imagine-se por essa abstenção eleitoral o que significam as manifestações de adhesão e de apreço, que se têm feito ao sr. Floriano Peixoto, que se mostra tão ancho e tão desvanecido, quando *milhares de cidadãos* se dirigem ao palacio Itamaraty para felicitalo pela energia patriótica, com que está consolidando o regimen republicano.

Tanto entusiasmo nessas tão decantadas manifestações feitas ao chefe do Estado em *momentos solemnes* e tanta frieza nas eleições, em que rarissimos são os que se dão ao

incommodo de ir ás urnas para suffragar os candidatos do governo !

Se o marecha^l Floriano Peixoto fosse capaz de um acto de abnegação patriótica, já teria abandonado esse posto tão elevado, em que deve ter experimentado as mais tremendas decepções, vendo-se exposto ao ludibrio nacional que tantas vezes e por modo tão significativo se manifesta para condemnar a sua politica nefasta e o seu governo maldicto.

O homem, porém, nem se abala, nem se sente com a reproducção de um facto característico de seu desprestigio, que a outro qualquer de menos impudor tristemente impressionaria estimulando-o a renunciar o cargo, que só lhe tem servido para descarnar sua incapacidade e patentear a ferocidade de seus instinctos. Tres eleições successivas realisadas no Districto Federal deviam concorrer para despertar o melindre de um homem que mediocrementemente se presasse, porque todas ellas têm revelado o proposito de condemnar esse governo desmoralizado, que só se mantem no poder pela fraude, pelo terror e pela violencia, com que mystifica e intimida a nação brasileira.

Na primeira o sr. Aristides Lobo, candidato official, conseguiu apenas 4500 e tantos votos para o cargo de senador federal.

Na segunda o dr. Vicente de Souza, director do *Diario Official* foi suffragado com igual somma de votos, tendo comparecido ás urnas muito menor numero de eleitores.

Na terceira, que realisou-se a 15 do corrente, o dr. Teixeira de Souza obteve apenas 844 votos para deputado ao congresso nacional, sendo insignificantissimo o numero de eleitores que concorreram ás urnas.

Diz com muito espirito o escriptor do *Dia a dia do Jornal do Brazil* que o dr. Teixeira de Souza deve prestar relevante serviço ao governo, fingindo de representante do Districto Federal, deixando se reconhecer deputado e tomando assento na camara, para poupar ao governo de que é amigo maior fiasco em outra eleição, a que se tivesse de proceder. E na verdade, se a vontade popular se manifesta pela abstenção, e se esta augmenta em cada pleito eleitoral que se succede, não resta duvida de que todos os amigos do *regimen da legalidade* devem empenhar-se no sentido de evitar essas manifestações de desprezo publico, que contrastam com as *manifestações de apreço*, que os *interessados* phantasiam para captar as boas graças do marechal, que é

tão tolo que chega a acreditar na sinceridade dessas perfeitas comedias, que se representam para lisonjear sua vaidade e incita-o a novos *commettimentos patrioticos*.

Os exploradores, que já lhe conhecem o *fraco*, mettem o pobre disbo em lófas de grande estadista, e o idiota, sem nada comprehender ou comprehendendo demais nesse jogo reciproco de miseraveis explorações, deixa-se levar pelas cantigas dos especuladores, especulando tambem por sua vez, submettendo-se a tudo que se lhe impõe, para consolidar a Republica e para conservar-se no poder.

A's vezes estacamos na contemplação desse homem sinistro, que a fatalidade parece ter destinado para flagello de nossa patria.

A sua figura grotesca, os seus modos aparvalhados, o seu todo desengonçado, dão a essa individualidade assim uns tons de idiotismo, de inconsciencia e de imputabilidade, que causam dó e inspiram compaixão. Os seus actos, porém, manifestam-se com um caracter tão accentuadamente perverso, que immediatamente desfazem a impressão commiserativa que sua figura desperta á primeira vista. O marechal Floriano Peixoto é um mixto de inconsciente e de perverso.

Tem cara de idiota e entranhas de fera.

Estudem sua physionomia apatetada, examinem aquelles traços caracteristicos, aquella fronte acanhada, aquella bocca desdentada, aquelles olhos de *cabra-morta*, aquelles pés tortos, aquelle todo desconchavado, e reconhecerão um desses typos vulgarissimos, sem merito, sem valor, sem significação alguma.

Virem-no, porém, de dentro para fóra ou penetrem no intimo de suas entranhas, e encontrarão no fundo desse abysmo um verdadeiro horror, a expressão madonha de um caracter tortuoso, um coração de fera, uma alma damnada, uma monstruosidade moral!

Sob o ponto de vista physiologico o marechal é simplesmente uma creatura digna de compaixão ou de desprezo. Estudado, porém, psicologicamente e á luz dos factos que o denunciam, é um ser horripillante, que enche de asco e de pavor a quantos d'elle se aproximam e o contemplam de perto!

E' assim que o temos visto a dirigir caricias a um menino peralta, que foi a Itamaraty pedir sua protecção para estudar no collegio militar, mandando-o depositar em poder de seu ajudante de ordens, de cuja casa fugiu para

cahir depois nas mãos da policia como gatuno, assim como o tempo contemplado cheio de odio, dominado de furor, sedento de vingança, a mandar espingardear seus concidadãos, fazer ensopar de sangue o solo da patria, para satisfazer seus caprichos e cevar seus instinctos ferozes, fingindo que commette todos esses horrores para salvar a Republica em nome da legalidade.

Tolo e sanguinario!

Não admira, portanto, que o eleitorado do Rio de Janeiro, conhecendo de perto esse monstro se imponha o dever patriotico de a'astar-se das urnas, quando é chamado a votar, inslingindo lhe o tremendo castigo do desprezo publico. E' o unico que merecem aquelles que se assignalam pelo ferrete ignominioso da traição e do crime, e se celebrisam pela exploração do poder, pela hypocrisia de seus calculos e pela hediondez de seus instinctos ferozes.

Parabens ao eleitorado do Districto Federal, que tem sabido conlemnar a politica nefasta do marechal dos *pés tortos*.

21 de Março de 1893.

L

Os donos da Republica têm commettido tantos despropósitos e tantas patacoadas que os verdadeiros patriotas vêm-se ne triste contingencia de ou cherarem como Heraclito ou rirem como Democrito, conforme a natureza do caso e obedecendo cada um aos impulsos de seu temperamento.

Nós que não temos pretensões a *patriotadas*, contemplando o quadro ridiculo que os *republicueiros* nos offerecem todos os dias, sentimo-nos inclinados ao papel de Democrito, que fustigava com gargalhadas as tolices humanas.

A verdade é que não se pôde tomar ao sério o que fazem os *senhores* da situação, pelo tom carnavalesco que imprimem a todas as manifestações de seu *patriotico enthusiasmo*. O marechal Floriano Peixoto, que já acariciou a um menino gatuno que foi debochal-o no proprio palacio Itamaraty em *momento solemne*, é o protagonista dessa *comedia republicana* que se representa no paiz para regalo dos que sentem indizível prazer saboreando esses bons *pratinhos*. Quando os *Wanderlinos e Florambeis*, organisando uma *passeiata-protesto*, foram levar a Itamaraty a bandeira da Republica sem os symbolos com que o celeberrimo Coelho a tinha enfeitado, pedindo ao chefe do Estado que a defendesse das profanações dos seus inimigos, o marechal Floriano deitando o verbo inflammado declarou-se disposto a derramar a ultima gotta de sangue por amor á bandeira republicana, que seria sua mortalha, em falta sem duvida de uma *camisa de onze varas*.

A scena não podia ser mais irrisoria.

Quem poderia acreditar que o vice-presidente da Repu-

blica seria capaz de ligar importancia ao fructo da imaginação extravagante do famoso e nunca assás lembrado Coelho, que teve a idéa burlesca de substituir *na marca cometa* a esphera de pernas para o ar por *um dos taes com ella ou sem ella* ?

Um caso que devia ser liquidado pela policia sem ruido e sem estrepito para evitar que na rua se sentisse *mau cheiro*, não merecia as honras de uma *passeiata-protesto*, nem os rasgos de eloquencia patriotica do vice-presidente da Republica. Agora o movimento revolucionario no Estado do Rio Grande do Sul proporcionava ensejo aos mesmíssimos *Wanderlinos e Florambeis* para arrancarem ao marechal Floriano Peixoto mais ardeentes biforadas republicanas, adubadas com algumas *mentiras officiaes*.

O vice-presidente da Republica, respondendo á commissão eleita na reunião promovida pelo desfructavel official de fazenda capitão-tenente Conceição, declarou que tinha provas dos intuitos restauradores da revolução e que estava disposto a *morrer gloriosamente pela Republica como o 6º regimento em D. Pedrito*.

O que, porém, se torna notavel em todas essas fanfaronadas, é que o marechal Floriano Peixoto, desejando tanto morrer pela Republica amortalhado na bandeira *marca cometa*, em vez de expôr-se aos perigos, está *recrutando voluntarios* para em seu lugar envial-os ao theatro dos acontecimentos afim de espingardearem seus concidadãos !

Não ha quem possa conter o riso diante das scenas dessa farça, que se representa, figurando tanta gente que, desejando morrer pela Republica, se deixa ficar commodamente no *quartel de saude*. Isso tudo, porém, que se torna risivel pela face ridicula que apresenta, seria simplesmente inoffensivo provocando gostosas gargalhadas, se não tivesse como adubo a *pimenta da mentira* que se lhe accrescentou para despertar o sentimento republicano e ferir o melindre patriotico. O marechal Floriano, respondendo á commissão dos *Florambeis e Wanderlinos*, disse em tom solemne que tinha provas de que eram restauradores os intuitos da revolução, em que tomavam parte estrangeiros em sua maioria,

Este embuste proferido com tanta solemnidade pelo vice-presidente da Republica, veio realmente interromper a gargalhada nacional a proposito dos *cadaveres de bocca*, que ainda não se amortalharam na bandeira republicana.

Por felicidade, porém, o acesso passou rapidamente, porque o impagavel *almirante das ceroulas* se incumbiu de reavivar a nota comica, mandando publicar o seguinte telegramma de burlesca sensação :

« Tenho a satisfação de communicar-vos que as forças federalistas foram totalmente anniquilladas na fronteira. »

Esse bôdo da marinha nem ao menço tem consciencia da responsabilidade do importante cargo que exerce, porque, se a tivesse, nem mandaria nem consentiria publicar esse telegramma que tanto tem de grosseiramente inveridico, como de tólo e de desfructavel.

Elle, porém, o *almirante das ceroulas*, se deu publicidade a esse telegramma que mais parece uma *troça de garoto* do que uma noticia dada por amigo, é sem duvida porque teve a ingenuidade de acreditar que realmente as forças federalistas estavam com um simple *tiro de bocca* anniquilladas completamente. Serve isto apenas para provar a competencia do celebre ministro da marinha para julgar das cousas de guerra, de que entende tanto como de tactica naval, em que tornou-se para sempre memoravel no dia 23 de Novembro, deixando *encalhar* o couraçado *Riachuelo* na bahia de Guanabara.

E' preciso, porém, que se nos entenda quando soltamos nossas gargalhadas assistindo á representação da farça republicana no scenario politico do paiz.

Não é que os personagens que nella figuram, mereçam applausos pelo bom desempenho de seus papeis. Por esse lado estão inteiramente perdidos, porque só fazem direito á mais estrondosa pateada por parte dos espectadores.

O que principalmente nos provoca o riso é a encenação burlesca de que a peça se reveste, são as posições grotescas que os *typos* assumem em scena, os modos aparvalhados com que se apresentam, a entonação ridicula com que se proferem mentiras, o desconchavo do entrecho e os *pés tortos* dos *jarcistas*.

Quanto mais desengonçados se mostram em scena, merecendo pateada, tanto mais risadas despertam pela completa ausencia de *graça*.

Como *artistas* são *desgraçados*, mas isso mesmo tem sua *graça* para aquelles que, em vez de chorarem como Herachto, estão dispostos a rir como Democrito.

Seja, porém, qual fôr o merito dos comediantes como *artistas*, renunciámos de bom grado o direito de patear,

com tanto que se nos deixe livre o direito de rir, assistindo á representação da *farça republicana*.

Roubem-nos, se quizerem, todas as liberdades, mas, pelo amor de Deus não nos privem da liberdade da gargalhada!

25 de Março de 1893.

LI

Entre os personagens que figuraram na politica do imperio, conhecemos um que sempre se distinguio pelo seu grande talento, vasta illustração, finissimo espirito, inexcedivel e invejavel humor.

Reune titulos que difficilmente se encontram em um mesmo individuo, porque nem todos podem ser ao mesmo tempo notavel jurisconsulto, eminente orador e jornalista consummado. Afim de que os leitores não estejam a dar tratos á imaginação para adivinhar quem seja esse homem que se assignala por tantas qualidades apreciaveis, convém satisfazer a sua justa curiosidade dizendo sem mais rodeios que nos referimos ao conselheiro Antonio Ferreira Vianna. Consciente de sua superioridade, brilhantemente justificada pela intelligencia e pelo saber, Ferreira Vianna excede-se muitas vezes na ironia com que fere as vulgaridades enfiadas e no ridiculo com que esmaga as nullidades pretenciosas.

Como orador é admiravel tanto na tribuna judiciaria, como na parlamentar, e até mesmo na tribuna sagrada. Parece exquisito e incomprehensivel que um simples leigo se tenha feito conhecer e notabilisar nessa tribuna, cujo accesso exclusivamente pertence aos que exercem funcções ecclesiasticas no desempenho de ministerio sagrado.

O conselheiro Ferreira Vianna, porém, descobriu o segredo de revelar os thesouros de sua eloquencia prodigiosa em uma cadeira reservada aos que revestidos do character apostolico são incumbidos de missão evangelica. Irmão da Ordem Terceira de São Francisco de Assis, aos domingos, em um vasto salão do hospital da mesma Ordem,

em seu respeitavel habito, assentado em uma especie de pulpito, com sua compostura grave, ar piedoso e physionomia seraphica, o conselheiro Vianna, que se conhecia então pelo nome de *Frei Antonio*, fazia conferencias religiosas perante auditorio escolhido, que, ouvindo aquella palavra inspirada, sentia-se transportar a mundos invisiveis pelos rasgos de sua eloquencia arrebatadora e edificar pela pureza da doutrina que o novo apostolo pregava !

Conhecendo o mundo e os homens pelo estudo e pela experiencia, o conselheiro Vianna nem se altera com as pretenciosidades humanas, nem se irrita com as injustiças de que é victima.

A uns castiga com a ironia do philosopho, a outros perdoa com a placidez do christão. Além de que, o conselheiro Vianna, dispondo de um espirito admiravelmente fino, tem lembranças felicissimas, ditas impagaveis, cheios de graça inexcedivel. Depois que teve a infelicidade de perder sua virtuosa esposa, recolheu-se como que a um retiro espirital, occupando quasi habitualmente uma cella no convento de Santo Antonio, de cuja ordem é provincial seu amigo Frei João do Amor Divino Costa.

Quando, logo após a proclamação da Republica, se deu uma revolta de soldados no quartel do 4.º batalhão de artilheria, em que se descobriu a influencia mysteriosa de um personagem mythico, que se impunha á imaginação apavorada dos dominadores, a quem se afigurava um *um homem bonito usando de chapéu do Chile*, foram chamados á presença do governo provisorio muitos cidadãos suspeitos de conspiração.

Os emissarios do governo foram encontrar Ferreira Vianna mettido em sua cella no convento de Santo Antonio. Recebendo a intimação para comparecer á presença dos dominadores, o illustre varão não se perturbou, conservando aquella calma e aquelle sangue frio, que constituem á sua força irresistivel. Resignado ao sacrificio, voltou-se para os emissarios do governo com verdadeiro ar de victima innocente, dizendo mansamente : — Obedeço ás ordens de quem tudo póde, mas peço que me permitam, para garantia de minha alma, levar commigo o meu director espirital Frei João do Amor Divino.

Ferreira Vianna arrastado á presença da junta revolucionaria por suspeita de conspiração, já não contando com a vida, desejava salvar a sua alma, levando seu confessor em sua companhia.

Como tudo isso é expressivo e eloquente !

Dizem que chegando ao quartel general, onde se achavam reunidos os *donos da terra*, sem perder a calma e o espirito, tirou o relógio e perguntou com ares de ingenuidade a quem devia confiar-o para maior segurança ! Quando começaram a fazer o interrogatorio, attribuindo-se-lhe complicitade na revolta dos soldados e imputando-se-lhe o crime de conspiração, *Frei Antonio* tomado de surpresa e de horror, exclamou em tom de victima sacrificada :

— Eu conspirador ? Envolvido eu em revoltas de quartel, quando o unico *militar* com quem converso, é o sr. coronel Malvino Reis, commandante da guarda nacional ?!

Nomeado ministro do imperio no gabinete libertador, presidido pelo inclyto brasileiro conselheiro João Alfredo, *Frei Antonio*, como que *secularisando-se*, deixou o claustro em que vivia e foi residir em casa de seu genro á rua do Cattete.

As portas de sua residencia de ministro escancararam-se, dando ingresso franco a quantos o procuravam. Os *reporters* das diversas folhas estavam alli como se estivessem em sua propria casa.

Entravam e sabiam, quando lhes convinha, sem ceremonias, sem etiquetas, com a mais intima confiança e a mais completa familiaridade. Assentavam-se á mesa do ministro, comiam e bebiam regaladamente como quem está á mesa de seu sogro. Era assim nessa doce convivencia com um conselheiro da coroa que os *reporters* arranjavam os seus *constas* e redigiam suas *noticias* com facilidade que jamais lhes fôra concedida em todos os tempos.

Estranhando-se a Ferreira Vianna a intimidade com que tratava essa gente, que nem sempre corresponde á confiança que se lhe deposita, respondeu com expressivo sorriso nos labios : *os reporters são parentes do governo !*

Quantas vezes nos temos lembrado desse espirito, com que Ferreira Vianna classificava os representantes da imprensa pela familiaridade que entre uns e outros havia, quando vemos uma especie de *parentesco* que se estabeleceu entre o marechal Floriano Peixoto e seus admiradores entusiastas ?

Parece que o estadista de Porto Calvo não é chefe do Estado, mas propriamente *chefe de familia*.

Defendem-no com tal ardor contra os mais simples gracejos que lhe são dirigidos, que só podem ser inspirados pela influencia do mesmo sangue que lhes corre nas

veias. Tivemos agora a ultima prova do quanto expendemos. Tratando-se da reeleição do salvador da Republica por alguns amigos que não o podem dispensar, um illustrado orgão do Rio sahiu-se espaventosamente para salvar a responsabilidade do marechal, exaltando o seu patriotismo e abnegação, affirmando com a segurança de quem vive em estreita intimidade, que elle é incapaz de concorrer directa ou indirectamente para realisar-se sua reeleição, embora reformando-se nesse ponto o estatuto republicano.

Fez-se ao marechal uma verdadeira defeza de *parente*. Se Ferreira Vianna chamava aos *reporters parentes do governo* pela simples razão de viverem em sua intimidade de familia, não se deve levar a mal que tambem consideremos *parentes do Floriano* a todos aquelles que sahem ás vezes com *quatro pedras na mão* para provar-lhe seu amor e sua dedicação.

Quantas e quantas vezes nos havemos lembrado dos ditos de *Frei Antonio*, invejando seu espirito incomparavel e sua graça inexcedivel !

Se sob a monarchia tinhamos os *parentes do governo*, não admira que dominando a Republica nos felicitemos com os *parentes do Floriano* !

7 de Abril de 1893.

LII

A camara dos deputados, por uma maioria de 72 contra 56 votos, rejeitou em primeira discussão o projecto apresentado pelo sr. Justiniano Serpa, por parte da minoria para o fim de pacificar o Estado do Rio Grande do Sul. As razões de inconstitucionalidade allegadas por essa maioria são tão frivolas e tão irrisórias, que ninguem poderá acceitá-las senão como a expressão da mais baixa subserviência ao poder, que tudo pretende avassalar e deprimir.

Convém recordar que o sr. Felisbello Freire, ministro da fazenda, assistiu á reunião dos membros da maioria realísada para tratar dos meios de pacificação no Estado do Rio Grande, resolvendo-se ahí que o congresso não interviesse nessa questão por ter o governo asseverado que muito breve por força das armas aquelle Estado estaria pacificado.

Eis ahí a origem da inconstitucionalidade do projecto do sr. Justiniano Serpa, *estrangulado* em primeira discussão, quando ainda simplesmente se tratava de sua utilidade!

E' enorme!

Parece incrível que 72 homens se submettam tão docilmente ao aceno da tyrannia, identificando-se com a fera de Itamaraty nessa insaciavel sede de sangue, concorrendo com o seu voto para prolongar-se essa luta fratricida, que já tem custado rios de dinheiro, devorando tantas vidas e sacrificando tantas familias!

Não querem a paz, querem o extermínio!

Que miseria!

Quem é que póde amar uma Republica que só se inspira no odio, só se move pela vingança e só se alimenta

de sangue? E a maioria dos *submissos*, dos que humildemente se arrastam aos *pés tortos* da tyrannia, abdicando dos sentimentos de humanidade, declara por uma votação solemne que não é conveniente pacificar o Estado do Rio Grande do Sul! Ralado de remorsos, rodeado de espectros, apavorado com a propria sombra, o monstro de Itamaraty vive em uma agitação verdadeiramente infernal.

Repetem-se as conferencias com meio mundo, põem-se em contribuição todos os expedientes, corrompe-se, ameaça-se, jogam-se todas as armas, empregam-se todos os meios, mente-se, calunha-se, enxovalha-se para despertar adhesões, fazer proselytismo, provocar enthusiasmo e crear dedicações!

O marechal Floriano Peixoto, por mais que faça, não passará de um despresivel ambicioso, que para manter-se no poder, não recua diante dos mais revoltantes attentados. A celebridade que tem conquistado no periodo nefasto de sua administração, é tão execravel que estamos certos, elle mesmo não póde illudir-se sobre o juizo que o paiz inteiro forma a seu respeito.

Deus sabe quanto esforço estamos fazendo, pelo nosso mau estado de saude, para escrever estas linhas, que nem por sombras exprimem toda a indignação de que nos achamos possuidos, contemplando essas scenas desoladoras que se desenrolam no palco politico do paiz, em que se representa a mais tremenda tragedia, de que é protogonista o monstro de Itamaraty, dominado de odio, sedento de vingança e de sangue.

Pesem sobre a cabeça desse reprobato todas as maldições nacionaes!

O sangue de irmãos derramado tão deshumanamente nos campos gloriosos do Rio Grande do Sul, ha de salpicar-lhe as faces como um estigma de seus instinctos ferozes e de seus crimes abominaveis!

31 de Maio de 1893.

LIII

Cada vez nos causa mais repugnancia e nos desperta mais horror a catadura do vice-presidente da Republica.

Esse homem é um verdadeiro abysmo de hypocrisia e de perversidade. Os ultimos acontecimentos do Estado de Santa Catharina vieram ainda mais denunciar seus instinctos ferozes e descarnar sua physionomia horripilante. A situação creada alli foi obra exclusivamente sua, realisada por meio de instrumentos conhecidos, que obedeciam a seus planos e se moviam a seus acenos.

Um simples telegramma despedido de Itamaraty teria evitado a carnificina que se deu, poupando-se o sacrificio de tantas vidas, o luto e a desolação de tantas familias. O marechal Floriano, porém, não se impressiona com essas cousas que a seus olhos nada valem, sentindo pelo contrario immenso prazer em ver derramado o sangue de brasileiros, de que se alimenta e que faz as delicias de seu governo.

Foi em Itamaraty que se planejou aquella lugubre tragedia, que se representou em Santa Catharina, depois de ruidosa encenação, tomando parte todos os Serra Martins e Villas Boas, todos os Paula Ramos e Hercilio Luz, sinistras figuras que seguiam as inspirações do verdadeiro protagonista que se occultára para fugir á responsabilidade.

Travou-se então o conflicto sangrento, que se tornou inevitavel pela falta absoluta de medidas preventivas, que perversamente deixaram de ser tomadas, apesar dos avisos reiterados e das instantes solicitações.

A resistencia foi viva e heroica.

Em vista dessa attitude energica, que contrariava todos

planos de assalto ao poder, o monstro estremeceu, mirando-se na propria sombra, e ordenando a seus sequazes que não reconhecessem o governo revolucionario do dr. Hercilio Luz.

Deu-se immediata mutação de scena, trocando-se telegrammas de congratulações, enterrando-se os mortos e pensando-se os feridos. De Itamaraty expediu-se este despacho que já pertence á historia desta nefanda legalidade:

« Palacio do presidente da Republica. — Rio, 2, às 2 horas madrugada. — Urgente. — Vice-presidente Estado, commandante do districto e capitão do porto. — Agora mesmo, 45 minutos depois de meia noite, recebi vosso telegramma, que *encheu* ESTE VELHO CORAÇÃO do *maxi o contentamento*, por ver que está firmada a paz nesse Estado, portanto satisfeito e tranquillo povo catharinense.

Não ha vencidos nem vencedores. Muito bem! Alferes Villas Boas, meu emissario, cumpriu firmemente minhas instrucções; *è um benemerito*. Este governo tambem satisfeito per ter dado *uma prova de sua sinceridade no cumprimento do dever*, parabens todos os habitantes desse Estado! Viva a Republica! — FLORIANO. — Viva a Republica! Viva a constituição federal! Viva o povo catharinense! Viva o governo federal!»

O que se devia ter feito para impedir a carnificina, fez-se depois de consummado o attentado.

O marechal Floriano Peixoto é sempre o mesmo *homem abysmo*, sem fé, sem alma, sem entranhas, sem consciencia, *sem coração*, sem patriotismo e sem humanidade. Hypocrita refinado ousa dizer que tem o *velho coração* cheio de maximo contentamento pelo restabelecimento da paz no Estado de Santa Catharina.

Todo o mundo, porém, sabe que foi elle quem a perturbou por intermedio de seus emissarios, que desavergonhadamente chama *benemeritos*.

Que prova de sinceridade é essa no cumprimento do dever, quando se m ni'estou tardiamente, depois que seus apaniguados, obedecendo ás suas instrucções, sacrificaram tantas victimas, levando o luto e a consternação ao seio de tantas familias?

Se o desalmado ainda tem coração como inculca, está este não somente *vello*, mas *gasto* pela pratica do crime, a que se avesou, pelo fermento das traições que o estragaram.

Se alguma cousa produziu-lhe maximo contentamento,

não foi certamente o restabelecimento da paz que pouco ou nada lhe importa, mas sim a effusão do sangue brasileiro, que tem jorrado durante todo o periodo de sua abominavel dominação.

Esse espectáculo, sim, alegra a vista do animal feroz, que se alimenta de carniça humana e que urra de *maximo contentamento*, quando as victimas estrebucham entre suas garras. *Muito bem*, porque (em Santa Catharina, *não ha vencidos nem vencedores*, repete satanicamente o *velho monstro* do Itamaraty na expansão de *maximo contentamento* que enche seu *velho coração* !

Não ha vencidos !

Escarneo revoltante cuspido sobre a sepultura ainda fresca dos que perderam a vida lutando pela autonomia do Estado, assaltado por uma horda de salteadores que se moviam pelas inspirações do *velho coração* da fera do Itamaraty. E não serão vencidos os orphãos e as viuvas, que ainda choram inconsolaveis a perda dos entes que lhes eram tão charos na vida ?

Desgraçado !

29 de Agosto de 1893.

LIV

Que bella e adoravel Republica!

O ultimo movimento naval contra o governo do marechal Floriano Peixoto vem coroar a obra de desmoralisação do regimen proclamado a 15 de Novembro de 1889 pelo exercito e armada em nome do povo... *bestialisado*.

O contra-almirante Custodio José de Mello aos nossos olhos não passará de um ambicioso vulgar, que tudo empenha e arrisca tudo para figurar no scenario politico do paiz, tomando de assalto as posições que não pôde conquistar nem pelo talento nem pelo patriotismo.

Parece que a idêa que principalmente o preoccupa, é *lavar* aquellas celebres *ceroulas*, que a 23 de Novembro de 1891 ficaram *estampilhadas* no *encalhe* do *Riachuelo* junto ao porto da Armação.

Não nos inspira sympathias nem nos desperta enthusiasmo a attitude que agora assumiu o contra-almirante, que no governo da *legalidade* se tornou cumplice dos erros e dos crimes commettidos pelo tyranno de Itamaraty, que desde o principio contrariou os Designios do movimento de 23 de Novembro, atirando-se despejadamente á politica nefanda de deposições de governadores, de dissoluções de congressos, e de subversão geral de principios de ordem e de liberdade.

O governo do marechal tem sido uma serie de attentados praticados em sua maxima parte de accordo com o ex-ministro da marinha, que agora se rebella contra o monstro que todos conhecem e á cuja vontade esteve subordinado. Outro qualquer official da armada poderia promover e dirigir esse movimento revolucionario, que visa a deposição

do marechal Floriano Peixoto, menos o contra-almirante Custodio José de Mello, que foi seu cúmplice nos crimes commettidos, que ora condemna e pretende castigar antes de ter expiado suas proprias culpas.

Se nos deixassemos inspirar por paixões inconfessaveis e mover por interesses mesquinhos de partido, o movimento de 6 do corrente seria caso para encarecer e aplaudir, porque, estamos convencidos, deve concorrer fortemente para a queda da tyrannia, que tanto tem compromettido a Republica e aviltado a nação brasileira.

Como, porém, felizmente não somos especuladores que exploram as migalhas do poder, sentimo-nos revoltar e ao mesmo tempo entristece, diante desse spectaculo, que vem offerecer-se aos olhos da nação e do mundo como a mais tremenda condemnação do regimen republicano, sacrificado pelos odios e ambições dos que se inculcam seus apologistas e defensores.

O marechal Floriano, temos dito e repetiremos, não está na altura de dirigir os destinos do Brazil. Faltam-lhe todos os títulos para desempenhar as elevadas funcções da suprema magistratura do paiz. Não possui nem talentos, nem seriedade, nem patriotismo.

Para manter-se no poder, é capaz de tudo, sobrando-lhe a mais requintada perversidade e o cynismo mais revoltante. Apoiado pelo *jacobinismo feroz*, que vergonhosamente o explora tem no governo percorrido a escala de todos os crimes, procurando annullar todos os poderes da nação, abster todos os caracteres, suffocar todos os estímulos, perverter todas as consciencias, sequestrar toda a liberdade, violar todas as leis, esbanjar todo o dinheiro do Estado, absorver toda a soberania nacional, suprimir todas as garantias, aniquillar toda vontade e sentimento populares, para fazer sobressahir erguida sobre essas ruinas aquella figura physicamente desengonçada e moralmente repulsiva. Apenas subiu ao poder pela influencia do movimento naval de 23 de Novembro, concebeu e realisou o plano nefasto de demolir tudo que constitucionalmente estava feito e estabelecido no paiz, tendo como braço forte o contra-almirante Custodio de Mello, que com todos esses crimes se tornou solidario.

Reformou de uma só vez 43 generaes do exercito e da armada, que tiveram a ousadia de lembrar-lhe o cumprimento do preceito constitucional, que manda proceder á eleição de presidente da Republica, quando a vaga se abre

antes de dous annos de exercicio do respectivo cargo. Inventou a farça de 10 de Abril para eliminar todos os elementos de opposição, reformando, demittindo, prendendo e desterrando a todos aquelles que na tribuna e na imprensa patrioticamente hostilisavam o seu governo, estigmatizando os seus erros e denunciando os seus crimes. Em todos esses actos de prepotencia teve granpe parte o sr. Custodio de Mello, que agora liga-se ás suas victimas para combater a tyrannia que por longo tempo o teve ás suas ordens e ao seu serviço.

O almirante Wandenkolk e capitão-tenente Retumba foram reformados dictatorialmente sendo o sr. Custodio ministro da marinha do governo da *legalidade* !

Como é que ora apparecem identificados para debellar o despotismo que feriu aquelles servindo-se deste como instrumento ?

Se o almirante Wandenkolk ou outro general da armada estivesse á frente desse movimento, haveria alguma razão, senão para applaudil-o porque grandemente prejudica os creditos da Republica, ao menos para attenuar essa expansão violenta de sentimento e de espirito de classe, tão humilhada, tão abatida e tão enxovalhada pela vontade omnipotente de um homem desvairado pelo odio e pela vingança.

O marechal Floriano Peixoto, que empolgou o poder pela influencia da armada, ostentou o maior desprezo por essa classe gloriosa, caprichando em azesquinhar-lhe os meritos e diminuir-lhe o brilho com successivos actos, que só revelavam o proposito de desmoralisal a e abatel-a.

Ainda ha pouco se accentuou perfeitamente esse sentimento do vice-presidente da Republica para com a illustre corporação. Quando o Supremo Tribunal Federal exigiu a presença dos 48 presos civis do paquete *Jupiter*, em favor dos quaes o dr. Ruy Barboza impetrou ordem de *habeas-corpus*, o marechal Floriano negou-se ao cumprimento desse dever, allegando frivolos motivos de ordem publica.

Quando, porém, foi pelo mesmo Tribunal exigida a presença dos tres officiaes de marinha reformados, o governo não hesitou em mandal-os apresentar ao Tribunal, quando o almirante Wandenkolk podia despertar mais interesse e levantar mais ruido em seu favor do que os 48 presos que não tinham a mesma influencia e o mesmo prestigio.

O intuito do marechal estava evidente. Quiz assim expôr os officiaes de marinha á espectação e curiosidade

publicas para inflingir-lhes mais essa humilhação. E não contente de haver dado a espectáculo as tres victimas de seu odio furioso, ostentou ainda mais o seu desprezo, mandando conduzir o almirante Wandenkolk em um carro de praça de numero 112, ordinario e *reles*, como disse a *Gazeta de Noticias*, ao passo que aos outros dous foram offercidos carros de 1.^a ordem.

Essa ignobil vingança exercida contra uma alta patente da armada, devia provocar da parte dessa illustre classe um movimento de justa indignação para desaffrontar os seus brios e desaggravar a sua honra. tão insolitamente espesinhados na pessoa de um de seus chefes.

Todos esses actos de violencia e desprezo, praticados pelo marechal Floriano, contra a nossa marinha de guerra, podem ser considerados como motivos plausiveis e sufficientes para justificar a explosão de hostilidades por parte da corporação offendida. O que, porém, não podemos comprehender é que o contra-almirante Custodio de Mello, que tanto concorreu para o rebaixamento de sua classe, inspirando e referendando actos de prepotencia e de humilhação, se puzesse á frente de um movimento reivindicador, declarando, em sua proclamação, que a *nação aneia por ver-se livre de um governo que a humilha, e que a epocha é de reconquista de direitos e de liberdades que foram conculcados e opprimidos*.

Quem é que pôde acreditar nessas expansões partidas de quem tanto sabe conculcar direitos e opprimir liberdades, tornando-se algoz de seus proprios companheiros de classe?

Além do que, não conhecemos nem descobrimos as vantagens que possa colher o regimen republicano da repetição desses movimentos militares de terra e mar. O poder passa da ponta da espada para a bocca do canhão, dando-se agora ainda mais a circumstancia aggravante de ter sahido dos *fundilhos das ceroulas estampilhadas* do sr. Custodio para voltar ao mesmo ponto de sua origem.

Os especuladores, que applaudiram a revolução de 23 de Novembro que lhes aproveitav>, hão de condemnar a de 6 do corrente, que lhes contraria os calculos concorrendo para arrancar-lhes a teta, em que gozam as delicias da *legalidade*.

Nós, porém, que não vivemos de politica para *mamar*, como sinceros republicanos condemnamos todos esses movimentos, que fatalmente contribuem para o descredito do

paiz e desmoralisação das instituições. Desejamos ardentemente a queda do monstro de Itamaraty, contra o qual se levanta a consciencia nacional, mas mediante o esforço patriotico daquelles que feridos em seus direitos e privados de sua liberdade, atiram-se no campo da honra, expondo a propria vida, vestidos da blusa de patriotas, sem espirito e ambições de classe, que só se impõe pela força, suffocando o sentimento nacional.

Estamos fartos de levantes de quarteis e de bordo de navios que tanto nos tem abatido e envergonhado.

Gumercindo, Tavares, Salgado e seus companheiros de luta serão os salvadores da república e da patria. Nesses herces da liberdade estão depositadas as nossas mais ardentes e vivas esperanças. A' sua approximação triunfante o proprio Itamaraty estremece em seus fundamentos e os idolatras da tyrannia presagiam sua proxima ruina.

Preferimos a liberdade reconquistada pela acção do patriotismo á que nos possã ser imposta pela espada ou pelo canhão. Aquella exprime a pureza do desinteresse e da abnegação que nos animam e consolam, esta significa um presente outorgado pela força que nos humilha.

13 de Setembro de 1893.

LV

Cada vez nos convencemos mais de que a pobre Republica tem sido um vasto campo de ignobéis explorações, sacrificada aos caprichos de uns, á ganancia de outros e aos sentimentos de odio e de vingança de quasi todos, que pela oppressão pretendem consolidar a no espirito nacional, que cada vez mais a condemna e repelle.

Não ha quem os entenda pelas constantes contradicções em que todos os dias estão cahindo, deprimindo hoje o que hontem elogiaram, despedaçando idolos que levantaram, desfzendo glorias que exaltaram e amesquiando heroismos que glorificaram.

No auge do enthusiasmo que os transporta, não admittem que alguém cuse quebrar a harmonia dos hymnos que entoam em honra e homenagem aos seus heroes, dizendo o que pensa e o que sente sobre as virtudes com que artisticamente são adornados e sobre os meritos que por convenção se lhes attribuem.

Isto se dá enquanto estão merecendo os seus favores e desfructando as suas graças.

Se, porém, as cousas mudam de aspecto e os homens idolatrados assumem posições que lhes contrariam os calculos, então, sim, despeja-se o sacco de verdade, que cuidadosamente se guardavam para não *desmanchar a differença*.

Foi justamente o que aconteceu ao contra-almirante Custodio José de Mello, que se acha atado ao poste de todas as invectivas e baldões por parte dos mesmos que já exaltaram os seus meritos e proclamaram as suas glorias. Todos conhecem o juizo que formamos e temos sempre

externado sobre o contra-almirante, que acaba de revolucionar a esquadra nacional contra o governo do marechal Floriano Peixoto.

Não retiramos uma só linha de tudo quanto temos escripto a seu respeito.

E' esta a nossa força, que nasce da superioridade do ponto de vista em que nos collocamos, apreciando as cousas como realmente são e julgando os homens como effectivamente merecem.

O que, por isso mesmo, não podemos tolerar é que agora o cubram de improperios aquelles mesmos que com tanto entusiasmo enleosaram o chefe do movimento naval de 23 de Novembro.

Não se explica e nem se comprehende que, sem incorrer em palpavel contradicção, somente nesta e'nergencia que condemnamos como bons republicanos, se digam as verdades que sempre denunciámos e que foram ardentemente combatidas pelos idolatras da *restauração do regimen da legalidade*.

Felizmente para confusão dos especuladores, continuamos em nosso papel estigmatizando os erros e crimes que se commettem em nome e à sombra da bandeira republicana, já tão es'rangalhada pelos que se dizem seus defensores.

Vejam os leitores como se exprime o *Paiz* :

« De todas as insubordinações tramadas até hoje contra a ordem constitucional da Republica, nenhuma como esta revestiu character tão sordido e desprezivel, nenhuma revolveu tanto o lodo das paixões inconfessaveis, nenhuma tão amaldiçoada no coração brasileiro, educado na liberdade e no amor.»

Se a 23 de Novembro de 1891 o marechal Deodoro tivesse organizado resistencia ao movimento naval, á cuja frente se achava o mesmissimo Custodio de Mello, essas maldições teriam réchido sobre a cabeça do velho soldado, que soube resgatar os seus erros, resignando o poder para poupar o derramamento de sangue de seus irmãos.

Naquelle dia o contra-almirante Custodio de Mello era elevado até aos céus da luita, proclamado heroe, o restaurador do regimen da legalidade, o vingador do golpe de Estado, o salvador da Republica, o libertador da patria.

Hoje é isso que estamos vendo, na opinião do *Paiz* :

« Ainda bem que a armada não está amortalhada na historia com o manifesto do contra-almirante Custodio. Ainda bem que ella não se empecenhou na bibugem da vaidade desse salteador do poder, desse homem fatal, cuja adhesão á Republica tem sido a causa de tanto mal, de tanto erro e de tanto luto, figura de dandy com entranhas de hyena, insaciado devorador de vilas e que só pode golgar as culminancias do poder juncando funebremente de cadaveres o terreno que a patria queria ver estrellado risonhamente de flores.

Inspirador sinistro das deposições a metralha, oppressor da liberdade de pensamento na jornada lamentosa de Abril; injuriador da sua nobre classe, sobre cuja face cuspiu a affronta da reforma dos almirantes e da caça nas brenhas da Gavea ao illustre e generoso Wandenkolk: responsavel perante a historia pelas 120 vidas que elle roubou á patria para dar em banquete ás ondas do oceano no esquife do *Solimões*, faltava ainda á sua voluptuosidade de Cesar, aos seus requintes de autocrata, essa aclamação festejada com um bombardeio, essa façanha de bloquear o povo da sua terra, obrigando-o pelas contracções peristalticas a aceitar livremente o seu codigo de despota. Grande homem, illustre patriota, magnanimo brasileiro — a patria que se roje aos seus pés como os abyssinios na adoração do sol, cobrindo de bençãos o solo que ensopa de lagrimas e de sangue!»

Tudo isto dissemos nós opportunamente, incorrendo na colera da turba-multa dos idolatras do contra-almirante, que de thuribulo em punho incensavam com mil ductos o heroe de 23 de Novembro exaltando suas virtudes, encarecendo o seu valor e proclamando a sua gloria.

Já o almirante Wandenkolk, que ainda se acha preso, de piratá que foi considerado começa outra vez a ser illustre e generoso!

Não será para admirar que o contra-almirante Custodio de Mello, que de benemerito a 23 de Novembro passou a ser salteador do poder a 6 do corrente, se torne novamente salvador da republica e libertador da patria, quando dirija algum movimento em favor dos que tanto estremecem pelas vantagens do poder.

Entre Deodoro e Floriano a differença é enorme.

Sendo ambos dictadores, aquelle se distinguiu pela magnanimidade do coração, sem nodoar o solo da patria

com o sangue de seus irmãos, ao passo que o marechal Floriano tem revelado instinctos ferozes, concorrendo frescamente para multiplicar o numero de victimas sacrificadas ás suggestões de seu odio furibundo e ás inspirações de sua hedionda perversidade.

Estamos certos de que, no momento em que o monstro, tocado de lucidez patriótica, se disse pudesse ser susceptivel, entregasse á nação o poder que tanto tem aviltado, se desencadeariam contra elle todas as maldições por parte dos que hoje o festejam e applaudem ouvindo as duras verdades que ora se occultam por interesses mesquinhos e paixões inconfessaveis.

O marachal Deodoro teve a mesma sorte, que aguarda a todos que não estiverem mais dispostos a satisfazer as ambições do *jacobinismo*, que só acha bom e patriótico aquillo que corresponde aos seus calculos e lhe aproveita. Deodoro foi a principio considerado o mais elevado vulto da patria, o fundador da Republica, proclamando-se em todos os pontos e em todos os tons suas excelsas virtudes, endoosando-se o seu patriotismo, exaltando-se sua abnegação, glorificando-se até sua *erysipela* !

Desde, porém, que dispensou os serviços dos primeiros membros do governo provisorio, foi rebaixado do pedestal de gloria a que o haviam elevado, reduzindo-o ao simples papel de *cabo de esquadra* na proclamação da Republica !

Os mesmos que de joelhos aguardavam os seus acenos e submissos lhe beijavam as plantas, considerando-o primeiro estadista do paiz, o heroe de mil batalhas, o Deus da Republica, cobriram-no de improperios, enxovalharam o seu nome e vilipendiaram as suas glorias !

O velho soldado, que sem duvida mal inspirado por seus ministros commetteu tantos erros, resgatados aliás em um momento de inspiração patriótica, resignando o poder a 23 de Novembro, desceu ao tumulo cruelmente torturado pelas ingratidões, que soffrera por parte dos mesmos que humildemente se rojavam a seus pés, implorando uma migalha de sua confiança.

E' este o destino reservado aos considerados *grandes* da Republica, cujo vulto se amesquinha e se rebaixa ao nivel dos instrumentos imprestaveis, desde que não se prestam mais a servir os interesses e satisfazer as ambições do *jacobinismo* insaciavel.

Não admira, pois, que o contra-almirante Custodio de

Mello seja hoje estigmatizado como salteador do poder, quando por identico movimento a 23 de Novembro foi proclamado salvador da Republica e benemerito da patria.

Para nós, porém, que sabemos guardar a mais rigorosa coherencia, porque nada aspiramos e nada pretendemos, senão a consolidação do regimen republicano e a felicidade da patria, o contra-almirante é hoje o que foi hontem, e será amanhã o que tem sido até hoje!— simplesmente um ambicioso vulgar.

14 de Setembro de 1893.

LVI

O marechal Floriano Peixoto, que para ostentar sua força, decretou o estado de sitio a 25 do mez ultimo, ao terminar o prazo de suspensão de garantias não teve escrupulos de affrontar a consciencia nacional, fazendo correr mundo no dia 10 deste mez um manifesto que nada vale e nada exprime, a não ser a manifestação acintosa de seu desprezo pelas desgraças que inexoravelmente pesam sobre a familia brasileira!

Quando a mais triste e afflictiva situação se accentua no seio da patria, pela revolta da esquadra que ousadamente domina a bahia do Rio de Janeiro bombardeando a cidade, immolando victimas, zombando da força de um governo que se diz prestigiado pela opinião nacional, levando o sobresalto e vivas apprehensões a todos os angulos do paiz, fazendo estremecer todos os Estados, onde os dominadores do dia ostentam um desusado apparatus bellico, parece incrível que o vice-presidente da Republica se desprentesse das graves preoccupações que devem actuar no seu espirito para dirigir a nação um manifesto felicitando-a pelo dia da niciação dos trabalhos preliminares para as proximas eleições federaes!

E para cumulo de escarneo pelos soffrimentos do povo que paga tão caro a loucura dos homens que se inculcam seus defensores, o marechal Floriano tem o desplante de dizer que esse facto deve *alegrar o coração* de todos os patriotas, porque é a primeira phase do phenomeno social, em que por excellencia se manifesta a vitalidade da consciencia de uma nação, e nas circumstancias extraordinarias que tanto emocionam a Republica, nelle se condensam por

certo as mais fundadas esperanças da consolidação nacional. Comprehendemos que no empenho de *animar as tropas*, o vice-presidente da Republica se mostre calmo, apresentando-se em palacio fardado e armado para qualquer emergencia, visitando, acompanhado do senador Cunha Junior ou de seu estado maior, os pontos fortificados do littoral.

Tudo isso se explica naturalmente pelo interesse de communicar ás forças que o sustentam o sangue frio e confiança, de que se mostra revestido o chefe do Estado.

O que, porém, não se comprehende e muito menos se justifica é que, para affectar serenidade na effervescencia da luta que o assoberba e convulsiona todo o paiz, o marechal Floriano Peixoto tenha a ousadia de escarrecer do sentimento nacional, figurando uma situação que não existe, e fallando-lhe de eleições, quando todos sabem que é simplesmente impossivel a manifestação do voto popular!

Em um paiz que não goza de paz, em que o governo se arma para resistir, em que o espirito publico se acha sobresaltado, não pôde haver expansão de liberdade, e onde não ha liberdade não ha suffragio, e onde não ha suffragio, não ha eleição.

O marechal Floriano diz que o *comparecimento ás urnas* para a formação da um congresso eleito sob a influencia constitucional de uma *lei amplamente garantidora da verdade do suffragio* e o criterio patriótico da escolha dos representantes, serão a solução da crise que nos está depauperando o organismo social.

Comparecimento ás urnas e lei amplamente garantidora da verdade do suffragio, quando o paiz inteiro se acha convulsionado, quando os amigos do governo, nas vesperras das eleições, se aprestam para a guerra, se militarizam, se arregimentam, se armam, sem duvida para defender as urnas e garantir a liberdade do voto popular!

Esse documento que o vice-presidente da Republica affrontosamente atirou á face da nação brasileira, seria recebido ao som de estrepitosa gargalhada, se o paiz não estivesse mergulhado em profunda tristeza pelos sinistros infortunios do presente e pelas pungentes apprehensões do futuro.

O marechal Floriano, assignando-o e fazendo-o publicar, pretendeu sem duvida apparentar calma e segurança no meio das ondas tempestuosas que se accumulam sobre sua cabeça, mas em verdade só revelar a mais lamentavel

perturbação de seu espirito pelos choques violentos de tantas contrariedades que profundamente o abalam.

Não temos noticia de que nenhum chefe de Estado no momento critico em que se vê abarbadado com movimentos revoltosos, que não tem podido abafar, que crescem, se avolumam, se estendem, se ramificam, assumindo proporções temerosas, se tirasse de seus cuidados para fallar á nação de eleições, a proposito de trabalhos preliminares, para tratar de *cousas impossiveis* nas terriveis conjuncturas em que se acha o paiz

Estava reservada essa cerebrina novidade ao marechal Floriano Peixoto, que terminou o seu manifesto com esta tirada enormemente tranquillizadora :

« Julguei-me obrigado, nesta occasião em que *actuum, sem restricção alguma, todas as garantias constitucionaes, (salta, Martinho !)* a dirigir-vos a palavra para vos offerecer, neste momento de heroica provocação porque está passando a Republica, *o penhor seguro, inabalavel e desinteressado de toda a minha lealdade politica.*

E' preciso que todos os cidadãos amigos da patria firmemente creiam e tenham cóga confiança na palavra honrada de quem não faltou *uma só vez á sua lealdade politica.*

Tranquillise-se o paiz, por esse tom cathgorico em que o marechal se exprime, alludindo á occasião em que *actuum, sem restricção alguma, todas as garantias constitucionaes, (grita, Martinho !)* ficando certo de que as proximas eleições serão a manifestação mais livre e patriótica da vontade popular !»

As urnas estarão escancaradas no dia 30 do corrente, defendidas por bayonetas caladas para que não sejam violadas... pelos votos dos adversarios do governo.

O marechal Floriano garantiu que o voto será livre, e é preciso crer, porque quem não acredita na sua palavra honrada, e não aceita o *penhor seguro, inabalavel e desinteressado de toda a sua lealdade politica,* pelo menos arrisca se a ser considerado como inimigo da Republica e da patria !

14 de Outubro de 1893.

LVII

Houve tempo, em que na antiga provincia do Pará a imprensa partidaria desceu até ao extremo da depravação.

Dava-se publicidade nos orgãos de maior circulação a factos imaginarios com o intuito perverso de deprimir o character e ferir a reputação de adversarios ou desaffectedos. Um dia sahio publicada na parte editorial do *Diario do Grão Pará* a seguinte noticia :

« Hontem um credor do conego Siqueira Mendes procurou-o para cobrar uma divida. Negando-se, porém, o conego a pagar-lhe, o credor deu-lhe quatro bofetadas e retirou-se satisfeito.»

Pouco depois lia-se no noticiario da *Constituição* :

« Ante-hontem á noute houve festa em casa do dr. Pinheiro, a que estiveram presentes muitas senhoras e cavalheiros, reinandó a mais completa cordialidade e alegria. Quando, porém, estavam todos no melhor da festa, appareceu no salão, envolvido em um *robe de chambre*, o sogro do dr. Pinheiro, inteiramente embriagado, dando taes cambalhotas que afinal espichou-se sobre o soalho, cahindo-lhe a peruca, provocando essa burlesca attitude a mais estrondosa gargalhada.»

Tudo isso era tristemente imaginario.

Decorrido algum tempo, porém, o dr. Pinheiro passou pelo transe doloroso de, em menos de 15 dias, perder tres innocentes filhinhos.

A *Constituição*, dando noticia desse deploravel acontecimento, assim se exprimiu :

« Acabam de fallecer, em menos de quinze dias, tres filhos do dr. Pinheiro.

Parabens á sociedade que assim viu-se livre de tres futuros bandidos.

Um certamente impunharia a galúa para alta noite penetrar nas casas e roubar a seu salvo sem ser presentido ; outro brandiria o punhal assassino para fazer victimas sacrificadas aos seus instinctos ferozes ; o ultimo manejaria o bacamarte para covardemente assaltar nas estradas aos que passassem incautos.

Ainda uma vez : parabens á sociedade, que assim viu-se livre de tres futuros bandidos.»

A imprensa partidaria do Pará tocou ao requinte do horror, revolvendo-se no charco putrido da abjecção, inventando infamias para deprimir, ou profanando o tumulto dos innocentes com a babugem nauseabunda de repugnante hydrophobia.

Agora na bella cidade de Mogy-mirim de:gracadamente inaugurou-se o mesmo systema despresivel, covarde e repulsivo nas columnas editoriaes da *Tribuna*, orgão anonymo dos jacobinos.

Reproduzimos a miseria, para que os homens de bem vejam o abysmo de vileza e de covardia, a que desce uma alma suja, que sente-se feliz em macular a honra de quem nem por sombra jamais a offendeu, aceitando e dando circulação á noticia de um factu perversamente imaginario.

Em seu numero 64, de 5 do corrente, a *Tribuna*, de Mogy-mirim, diz o seguinte sob a epigrapha — *Padre João Manuel* :

« Pessoa, vinda do Amparo contou-nos: Que no dia 1 de Novembro, por occasião da missa parochial, aquelle sacerdote quiz fazer retirar da igreja uma senhora de nacionalidade italiana, afim de dar o lugar que ella occupava a outra brasileira, de posição elevada na sociedade amparense.

A senhora italiana respondeu ao padre João Manuel que na igreja todos eram iguaes, quer fossem ricos ou pobres e que por isso não deixava o lugar em que estava.

Insistindo o padre pela retirada da alludida senhora, alguns italianos dirigiram-se a elle e declararam não consentir que se realisasse aquelle intento ; nessa occasião um delles deu duas bofetadas no mencionado padre.

— Lastimamos profundamente o acontecimento e fazemos votos para que na florescente cidade do Amparo não se reproduzam factos identicos ao que fica narrado.»

E' até onde pôde chegar a torpeza de uma imprensa prostituida e depravada!

8 de Novembro de 1893.

LVIII

De diversas folhas que temos á vista vamos, em des-
empenho do nosse compromisso, extrahir as opiniões,
protestos e reclamações sobre o lugar do nascimento do
vice presidente da Republica.

Importantes orgãos da imprensa, advogando os interes-
ses de suas localidades, disputam com fervoroso enthusias-
mo para cada uma, cujos interesses representam, a grande
honra de terem como seu conterraneo o glorioso *restaurador*
da legalidade, o benemerito *salvador da Republica*.

O *Pharol do Rio das Equas*, folha que se publica na
Bahia, assim se exprime :

« Temos guardado prudente silencio sobre a *naturali-*
dade do marechal Floriano Peixoto.

Não desejavamos passar por egoistas nem por invejosos,
e por isso nunca nos apresentámos disputando a Porto
Calvo a gloria que se arroga de ter servido de berço ao
maior vulto civil e militar, que jamais illuminou o sol do
Brazil.

E' preciso que o mundo inteiro fique sabendo que o
marechal Floriano Peixoto, como provaremos com docu-
mento esmagador, não nasceu em Porto Calvo, mas sim
neste abençoado *Rio das Equas*, onde somos o *Pharol* que,
com os clarões da verdade, illumina o lugar do venturoso
nascimento da gloriosa *sentinella do thesouro*, que, si se
esvasia, é porque outros, abusando de sua cegueira, empre-
gam todos os meios para arrombal-o.

Não consentiremos que por mais tempo nos seja
roubada essa gloria, certos como estamos de que Floriano
Peixoto aqui nasceu, aqui creou-se e daqui sahio já taludo

para constituir-se o nosso orgulho, galgando as culminancias do poder, consolidando a Republica e felicitando a patria.»

O proprio sr. Floriano Peixoto, ao ler este protesto tão vehemente e tão cathorico, ficará perplexo sem saber si realmente nasceu em Porto Calvo, ou si, como affirma o *Pharol*, teve por berço de seu nascimento o famoso *Rio das Eguas*. Depara-se-nos agora o *Correio da Cacaria*, que semanalmente se publica no Estado de Minas Geraes, exprimindo-se assim :

« Não é possivel suffocar por mais tempo os estímulos do nosso patriotismo, que manda reivindicar para nossa terra a felicidade de ter sido o lugar, em que viu pela primeira vez a luz da vida o benemerito marechal Floriano, que é o nosso 29, a nossa honra e gloria, o nosso orgulho, o nosso desvanecimento.

Não é humilhação ter nascido em terra tão obscura, e nem se póle dizer que seja um *caco* ou cousa de *cacacá* quem tenha nascido na *Cacaria*. E quando não existissem nos archivos de nossa terra valiosos documentos que provam á evidencia o lugar de sua origem, bastava a circumstancia de ter o illustre marechal se posto de guarda á porta do thesouro para fazer em *cacos* todas as pretensões extravagantes e menos licitas, para mostrar que é filho benemerito da heroica terra da *Cacaria*.

Nem se confunda esse heróe, pela sua origem, com o *Cacos* da mythologia, esse gigante monstruoso, que vomitava turbilhões de labaredas e de fumo, e que tendo furtado a Hercules umas vitellas, metteu se em sua *cova* no monte Aventino, onde Hercules penetrou á força, fazendo cahir os enormes penedos que entulhavam a entrada, esmagando o dentro do proprio antro.

Não ! O sr. Floriano Peixoto, apezar de ter nascido na *Cacaria* e só ter na bocca poucos *cacos* de dentes, não se esconde nas *covas de Cacos*, nem teme as coleras dos Hercules da opposição, ainda mesmo que clamem terem sido roubados nos seus direitos, nas suas liberdades, que são as mais preciosas *vitellas*.

Perdoamos a Porto Calvo a aspiração de querer continuar no gozo dessa honra, porque até aqui tem estado na mansa e pacifica posse de tão inestimavel thesouro. Não podemos, porém, tolerar que o *Rio das Eguas* venha disputar-nos essa gloria.

Não ! Floriano Peixoto não pertence a Porto Calvo nem ao *Rio das Equas*, é filho legitimo da *Cacaria* !»

Eis como se complicam as cousas, podendo até dar lugar a levantamentos sediciosos, perturbando-se a paz e a ordem publicas !

A *Voz do Canhotinho*, que se publica em Pernambuco, e que se occupa do mesmo assumpto, mostra-se mais razoavel e mais comedida, fazendo o seu protesto nos seguintes termos :

« Lendo nós em diversas folhas a disputa, que se trava na imprensa, para saber-se com certeza em que lugar nasceu o sr. Floriano Peixoto, tivemos a curiosidade de recorrer ao testemunho de pessoas desta terra para ver si por acaso nos podia caber essa grande felicidade. Cidadãos de peso e medida, de mór valia e acima de toda a suspeita, entre os quaes se destaca o modernissimo commandante superior da guarda nacional, nos asseveraram que aqui nasceu um menino, que recebeu na pia baptismal o nome de Floriano, filho legitimo de Custodio Peixoto, retirando-se já crescido para o interior das Alagoas.

Accrescentaram mais que esse menino tinha os *pés tortos* e nunca soube o que era *dentadura*. Ainda em tenra idade tornou-se o terror da vizinhança, que era victima de suas malversações.

Revelando maus instinctos, era um perfeito flagello para as creações dos vizinhos, depennando as gallinhas, torcendo o pescoço aos pintinhos, queimando os gatos, martyrisando os carneirinhos e commettendo toda a sorte de maldades. O menino deleitava-se com a pratica do mal, sentindo prazer satânico quando via sangue derramado.

Ficou sendo conhecido pelo *canhotinho*.

Foi essa a tradiçção que ouvimos sobre o menino Floriano, filho de Custodio Peixoto.

Ora estando no governo pessoa do mesmo nome e cognome, revelando os mesmíssimos instinctos, tendo os mesmos signaes, obedecendo ás inspirações do verdadeiro *canhoto*, não se nos deve estranhar que acreditemos ser elle nosso conterraneo, que se distinguia em pequeno pela maldade, pelos *pés tortos* e pela *bocca desdentada*.

Isto não pôde ser tido de nossa parte como uma pretensão, mas simplesmente como uma revelação para a historia.»

O *Jornal d'Agua Choca* é mais positivo e mais intran-²sigente na reivindicação dessa gloria.

Eis como se expressa :

« Não admittimos que outra terra se arrogue a honra de ter sido o berço do marechal Floriano Peixoto. Os mais velhos deste logar são a tradição viva desse austoso acontecimento.

Todos repetem com segurança e são capazes de jurar, si preciso fôr, que o sr. Floriano Peixoto nasceu, banhou-se, cresceu e creou-se na *Água Choca*.

Foi aqui que elle bebeu todas as inspirações de suas futuras façanhas, vivendo desde pequeno no *choco*, a fazer calculos, a levantar castellos, a imaginar elevações, a combinar planos, a sonhar ruínas, a premeditar traições. Mergulhado n'*Água Choca*, sentiu-se que se lhe *entortavam os pés e cahiam-lhe todos os dentes*.

Torto e desdentado, distinguu-se pelo arrote *choco*, mostrando-se sempre *chuco* desembestando pelo mundo afóra

Esse marechal que está *montando guarda ao thesouro*, que arrota tanta *honestidade*, que promete derramar a ultima gotta de sangue em defesa do pavilhão *illeso* dos positivistas, todos o conhecem aqui como filho legitimo d'*Água Choca*, que não foi sómente o berço, mas a fonte de todas as suas... perversidades!»

A *Gazeta de Meia Pataca* tambem trata desse momentoso assumpto do seguinte modo :

« O sr. Floriano não deve envergonhar-se de reconhecer e confessar a terra de seu nascimento. *Meia Pataca* orgulha-se de possuir um filho, que tanto illustra o nome e as tradições historicas de sua mãe.

Si o vice presidente da Republica, deslumbrado pelos esplendores do Itamaraty, desdenhar a terra de sua origem, negando que nasceu em *Meia Pataca*, nesse caso restar nos a o direito de proclamar bem alto que o filho degenerado não *vale quatro vintens nem mesmo dez réis de mel cuado*.

Póde o pretencioso marechal considerar se filho da lua e neto do sol, julgando-se até descendente do *Celeste Imperio*, mas fique certo de que esta *Gazeta* continuará a repetir que s. exc. é genuinamente filho de *Meia Pataca*.»

A *Sentinella do Cuó*, semanario que se publica no centro do Rio Grande do Norte, exclama por sua vez :

« O sr. Floriano Peixoto illude-se ou pretende illudir ao paiz quando faz crer que nasceu em Porto Calvo.

O illustre marechal não póde ignorar sua origem,

quando não ha cão nem gato nesta terra, que não saiba que a *Sentinella do thesouro* abriu pela primeira vez os olhos no *Cuó*, que é a sua verdadeira patria, e que está disposto a disputar a tiro de canhão essa honra incomparavel, essa gloria inexcedivel !

O *Cuó* não ficará atraz na reividicação de seus direitos irrecusaveis.

E' preciso que o sr. Floriano Peixoto se convença de que a *Sentinella* não cessará de bradar com toda a força de seus pulmões, chamando ás armas :

O *restaurador da legalidade* nasceu, creou-se, cresceu e appareceu no *Cuó* !»

Seria fastidioso enumerar a longa serie de opiniões, que a imprensa de diversas localidades tem expendido quanto ao lugar do nascimento do sr. Floriano Peixoto. De todas essas que ahi ficam reproduzidas, nenhuma nos impressionou.

A que mais peso causou em nosso espirito foi a manifestada pôr uma folha da *Parahyba* do Norte, de larga circulação e altamente conceituada.

O *Echo da Bahia da Trahição* assim se exprime :

« Fez-nos rir a leitura do *Pharol do Rio das Eguas*, do *Correio da Cacaria*, da *Voz do Canhotinho*, do *Jornal d'Água Choca*, da *Gazeta de Meia Pataca*, da *Sentinella do Cuó*, disputando renhidamente o brazão de terem sido o berço do sr. Floriano Peixoto.

O proprio marechal, mettendo os pés na consciencia, consultando os seus botões e vasculhando o seu passado, bem sabe o lugar em que nasceu, bem conhece o signo que presidiu ao seu nascimento, sentindo a influencia irresistivel e fatal, que sobre o seu ser exerce o ambiente sob que se formou, obedecendo ás influições tradicionaes da terra que lhe serviu de berço.

Sabe e conhece tudo, e si guarda silencio è para não desmentir sua propria origem. E' bom não repetir que o sr. Floriano Peixoto nascera em Porto.. Calvo, quando a verdade é que o seu *mau successo* teve lugar na *Bahia... da Trahição*.

Esta è a sua verdadeira patria.

Foi sob esta inspiração que se gerou o seu sangue, que sua alma se formou, que se constituiu o seu ser. Quem vive da tração, não pôde ter por patria senão a *bahia da tração*. Sua vida o tem provado em todas as phases, em todas as conjuncturas.

Foi na *Bahia da Traição* que respirou as primeiras auras da perfidia, se banhou nas aguas impuras da dobrez e da hypocrisia. Si não existisse uma terra, em cuja denominação o sr. Floriano pudesse achar o fundo do seu caracter, seria elle capaz de emprestar-lhe esse nome pelos actos de sua vida.

Nós que representamos a opinião publica deste lugar, temos o direito de proclamar que o marechal aqui nasceu, aqui formou-se, aqui viveu, e que só retirou-se por achar que a *bahia* era muitissimo estreita para conter a enormidade de seu caracter.

Reflicta-se bem e se reconhecerá que o maior trahidor só poderia ter como patria a *Bahia da Traição*!»

E' assim mesmo !

CONCLUSÃO

Alguns desaffectedos, não podendo quebrar minha altivez nem diminuir minha inependencia de character, no triste empenho de enxovalhar minha reputação, não têm hesitado em lançar-me em rosto um facto que se deu comigo a 18 de Abril de 1873 e que indignamente deturpam para ferir me e magoar-me.

Felizmente, porém, possuo um documento em original que prova evidentemente os estímulos e energias de minha dignidade pessoal.

Já uma vez para rebater a insania de um adversario ignobil, fiz publicar na *Gazeta de Noticias*, de 13 de Fevereiro de 1884, esse documento que conservo como um precioso thesouro, porque com elle estou habilitado a affrontar todos os ataques que se dirijam contra minha honra e a confundir meus calumniadores.

O facto de que se servem para abater-me, se me é desagradavel, não me desdoura nem me deshonra, tendo eu consciencia de que nessa lamentavel conjunctura tive coragem bastante para reagir contra a aggressão covarde, de que fui victima, com a circumstancia aggravante da surpresa e da emboscada.

A commissão de policia, composta dos membros da mesa da camara dos deputados, sob as vivas impressões de momento, lavrou o seu parecer, que importa minha plena justificação, porque dá testemunho de que não me acovardei, quando accommettido de surpresa por meu adversario traiçoeiro e covarde.

Esse documento que providencialmente veio parar ás minhas mãos, é firmado pelos membros daquella commissão. 47

Reproduzindo-o fielmente, espero que meus amigos o leiam attentamente para que fiquem certos de que não tenho motivos para envergonhar-me, nem para sómente merecer complacencia, mas sim impôr-me á estima e respeito dos homens de bem.

A' vista desse documento, posso ainda erguer bem alto a minha frente, encarando com firmeza e superioridade aquelles que procurarem desvirtuar o meu character, macular minha honra e ferir minha dignidade, referindo-se a um acontecimento, que tal qual se deu não pôde fazer-me corar de pejo uem impellir-me a baixar a vista.

Eis o documento em sua íntegra :

« A commissão de policia, repassada de profundo sentimento, vem dar conta a esta augusta camara, na forma do art. 224 do Regimento, das investigações a que procedeu e do que poude colher em relação á lamentavel occurrencia entre os dous srs. deputados Francisco Belizario Soares de Souza e padre João Manuel de Carvalho, no dia 18 do corrente. Tão deploravel occurrencia prende-se sem duvida ao incidente que houve entre os referidos deputados em uma das sessões anteriores.

No dia 18 do corrente o sr. deputado Belisario, contra o seu costume, entrou mais cedo no edificio da camara, e conforme declarou o empregado Pedro Gomes de Alcantara, que serve como porteiro, entrou de sobrecasaca abotoada de modo que exteriormente não trazia consigo instrumento ou objecto que revelasse as intenções que nutria e os planos que visava realisar. Notou-se que por frequentes vezes o sr. deputado Belisario dirigia-se a algumas das janellas das ante-salas, como quem espreitava alguma cousa.

Infelizmente chegou o momento que elle ancioso esperava. Aproximando se do edificio os srs. deputados padre João Manuel e Rocha Leão, e sendo isso observado de uma das janellas pelo sr. deputado Belisario, dirigiu-se este para a escada, collocando-se na volta da mesma, de modo tal que difficilmente poderia ser visto por quem entrasse desprevenido ; e quando o sr. deputado João Manuel começava a subir, foi accommettido por elle, munido então de um instrumento,

A posição desvantajosa do aggreddido, que subia inerte, e a superioridade do aggressor, que lhe ficou a cavallo em lugar de sua escolha, são faceis de comprehender-se ; accrescendo, força é dizel-o, que deu-se uma especie de

surpreza, sendo que esta *triplice ordem* de circumstancias *aggrava* o facto, que todos nós deploramos.

No ponto indicado *travou-se uma luta entre os dous referidos deputados*, resultando dell, que *ambos cahiram* e que o sr. deputado João Manuel *soffresse na queda* algu nas contusões que são visiveis e foram observadas peia commissão. A commissão ouviu a algumas pessoas presentes ao acontecimento, e de seus depoimentos se collige que *levantando-se ambos da queda, travou-se nova luta, que não proseguiu por effeito da intervenção das mesmas pessoas*.

Limitando se as funcções da commissão de policia ao conhecimento do facto e à sua exposição á camara, competindo a esta determinar o que deve praticar-se (art. 221 do Regimento) a commissão julga ter cumprido a sua missão, *expondo o facto em sua nudez*, com as circumstancias que se deram, afim de que esta augusta camara, em sua alta sabedoria, resolva o que melhor entender.

Sala das commissões, em 21 de Abril de 1873 — INNO-CENCIO MARQUES DE ARAUJO GÓES, presidente.—DR. JOAQUIM JOSE DE CAMPOS DA COSTA DE MEDEIROS E ALBUQUERQUE, 4.º secretario.—MARTINHO DE FREITAS VIEIRA DE MELLO, 2.º secretario.—LUIZ EUGENIO HORTÁ BARBOZA, 3.º secretario.—CARLOS PEIXOTO DE MELLO, 4.º secretario.▶

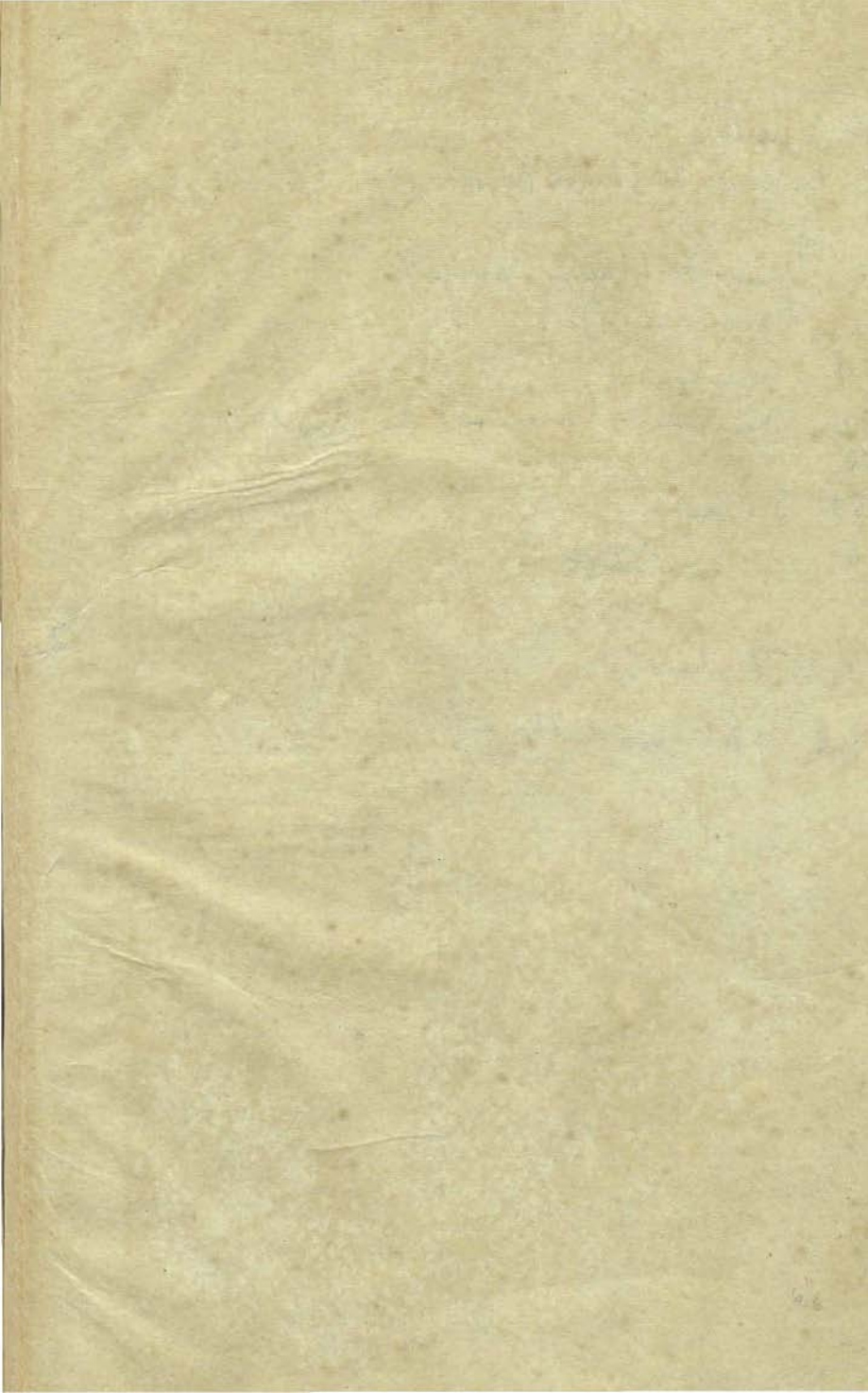
A' vista dessa exposição nua e crúa, não creio que possa haver alguem que seja capaz de condemnar um homem, que estando inerte e sendo aggreddido de surpresa e de emboscada, não se acovarda, lutando energicamente com o seu aggressor, cujos planos sinistros consegue frustrar quando ambos precipitam-se pela escada abaixo, e que pisando depois sobre terreno firme, agarra-se de novo ao adversario, dominando-o e procurando castigal-o severamente, quando se deu a intervenção das pessoas que se achavam presentes. E' preciso notar que a commissão de policia deixou de mencionar uma circumstancia importantissima, e é que o meu infeliz aggressor, apenas viu-se livre de minhas mãos que o subjugaram com firmeza e decisão, fugiu precipadamente sem chapéu pela rua da Assembléa até encontrar um tilbury em que se metteu.

Poucos dias depois da lamentavel occurrencia, compareci ás sessões da camara com a mesma altivez de character e com a consciencia de que nessa triste emergencia não desmereci do conceito nem tornei-me indigno da estima, confiança e respeito dos homens de bem.

Quem dispõe de coragem para repellar uma aggressão, de dignidade para lutar em condições desiguaes, tem direito a andar de cabeça levantada, encarando altivo e desassombrado as pessoas de honra.

So os covardes merecem o desprezo publico.

FIM



- 7 - J. Martins
- 2 - Camara de iheros de curbeidos.
- 7 - J.A.
- 18 - Brasil de Estacao - astupido
- 42 - Zacarias e J. D.
- 54 - Saulino
- 62 - Montanha em Camara - F da Cunha
- 70 - S I
- 86 - T. Bastin
- 80 - J. Bonfina
- 91 - Cratoni
- 98 - JA - no C Mercantil

